

O PONTO DO CAOS

"Este livro mudará o mundo."
James O'Dea, presidente do Institute of Noetic Sciences

CONTAGEM REGRESSIVA
PARA EVITAR O COLAPSO GLOBAL
E PROMOVER A RENOVAÇÃO DO MUNDO

ERVIN LASZLO

Prefácio de Sir Arthur C. Clarke

Cultrix

Ervin Laszlo

O PONTO DO CAOS

CONTAGEM REGRESSIVA PARA EVITAR O COLAPSO GLOBAL E PROMOVER A
RENOVAÇÃO DO MUNDO

Tradução

ALEPH TERUYA EICHEMBERG

NEWTON ROBERVAL EICHEMBERG



Editora Cultrix

São Paulo

Título original: *The Chaos Point*.

Copyright © 2006 Ervin Laszlo.

Copyright da edição brasileira © 2011 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado originalmente em inglês por Hampton Roads Publishing.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Coordenação editorial: Denise de C. Rocha Delela e Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Roseli de S. Ferraz

Revisão: Liliane S. M. Cajado

Diagramação: Join Bureau

Design da capa: Marjoram Productions.

Imagens digitais da capa: Fractal © Phil Kestell/cortesia de Shutterstock.com; earth © Antonio Petrone.

Resumo: “O *Ponto do Caos* revela que nós estamos num ponto crítico da história, um ponto no qual os recursos estão sendo rapidamente esgotados, centenas de milhões de pessoas vivem em pobreza esmagadora, e escolhas locais exercem impacto global. Laszlo diz que a sociedade pode colapsar ou se projetar, num avanço revolucionário, rumo a um novo futuro ao fazer diferentes escolhas - escolhas essas que ele delineia neste livro.” - Fornecido pelo editor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laszlo, Ervin

O ponto do caos : contagem regressiva para evitar o colapso global e promover a renovação do mundo / Ervin Laszlo ; tradução Aleph Teruya Eichemberg, Newton Roberval Eichemberg. - São Paulo: Cultrix, 2011.

Título original: The chaos point

ISBN 978-85-316-1139-1

1. Civilização moderna - Século 21 2. Cooperação internacional 3. Evolução social 4. Século 21
- Previsões I. Título.

11-07096

CDD-909.83

índices para catálogo sistemático:

1. Previsões : Século 21 : Civilização : História 909.83

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: 2066-9000 — Fax: 2066-9008

E-mail: atendimento@editoracultrix. com. br

<http://www.editoracultrix.com.br> que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Foi feito o depósito legal.

Sumário

Prefácio por Sir Arthur C. Clarke

Apresentação

Prólogo: Dois caminhos para o futuro

Parte um: As marés da transformação

1. Pensamento novo para um novo mundo
2. O nascimento de um novo mundo
3. Os condutores do caos
4. Parâmetros de uma transformação positiva
5. A imagem de uma nova civilização

Parte dois: A construção da nova civilização

6. Os fundamentos emergentes
7. O que você pode fazer hoje
8. A perspectiva

Pós-escrito: O fundamento científico

Apêndice A. Como eu me envolvi com questões globais e o Clube de Budapeste - Uma nota autobiográfica

Apêndice B. Comentários por membros e parceiros do Clube de Budapeste

Apêndice C. A respeito do Clube de Budapeste e dos documentos do Clube de Budapeste

Referências e leituras complementares

O caos na moderna teoria sistêmica define o estado de um sistema no qual seus ciclos e processos estáveis dão lugar a um comportamento complexo, aparentemente desordenado, governado pelos chamados atratores estranhos ou caóticos. Nesse estado, o sistema responde até mesmo a minúsculas flutuações, às vezes imensuravelmente pequenas.

Uma janela do caos - no contexto humano, uma “janela de decisão” - é um período transitório na evolução de um sistema, durante o qual um input ou influência qualquer, por menor que seja, pode “se amplificar” gerando mudanças nas tendências existentes e desencadeando novas tendências e processos.

Um ponto do caos, por sua vez, é o ponto inicial da mudança irreversível na evolução de um sistema no qual as tendências que levaram esse sistema ao seu estado atual colapsam e ele não pode mais retornar aos seus estados e modos de comportamento anteriores: ele é lançado irreversivelmente em uma nova trajetória que leva ou ao colapso ou a um avanço revolucionário em direção a uma nova estrutura e a um novo modo de operação.

O Clube de Budapeste

O Clube de Budapeste, fundado em 1993 por Ervin Laszlo, é uma associação informal de líderes de opinião globalmente, bem como localmente, ativa em vários campos da arte, da ciência, da religião e da cultura, dedicados à evolução de nossos valores, de nossa ética e da nossa consciência com o intuito de evitar uma crise global e de criar uma civilização pacífica e sustentável. Ele edita livros e relatórios, conduz levantamentos, concede prêmios, realiza o World Wisdom Council, uma organização de pensadores, e a Wisdom Academy *on-line*, e está criando uma rede de organizações de mentalidade semelhante (a Wisdom Alliance), bem como séries de televisão e de rádio filiadas.

O Clube de Budapeste tem sede em Budapeste com uma secretaria internacional em Hombroich, na Alemanha, e tem seções nacionais nos Estados Unidos, Canadá, México, Brasil, Argentina, França, Alemanha, Itália, Holanda, Áustria, Hungria, Turquia, Índia, Japão, China e Samoa.

Os membros honorários do Clube de Budapeste

Robert Muller, educador/ativista Gillo Pontecorvo, cineasta Mary Robinson, líder política e de direitos humanos Mstislav Rostropovich, diretor de orquestra Peter Russell, filósofo/ futurista, Karan Singh, estadista/ líder espiritual indiano Sir Sigmund Sternberg, líder ecumênico Rita Süßmuth, líder política, Liv Ullmann, atriz de cinema/cineasta Richard von Weizsäcker, estadista, Elie Wiesel, escritor/ ganhador do Prêmio Dobei da Paz Betty Williams, ativista/ganhadora do Prêmio Dobei da Paz Prof. Muhammad Yunus, economista/líder financeiro, Krishna Gopala, líder empresarial por um comércio justo Mikhail Gorbachev, líder político, Václav Havel, escritor estadista Hazel Henderson, ativista/economista Bianca Jagger, ativista de direitos humanos e ambientalista Miklós Jancsó, cineasta Ken-Ichiro Kobayashi, diretor de orquestra Gidon Kremer, músico Prof. Shu-Hsien Liu, filósofo, Eva Marton, cantora de ópera, Federico Mayor, cientista/ativista, Zubin Mehta, diretor de orquestra, Edgar Mitchell, cientista/astronauta, Edgar Morin, filósofo/sociólogo, Chingiz Aitmatov,

escritor Oscar Arias, estadista, ganhador do Prêmio Dobei da Paz A. T. Ariyaratne, líder espiritual budista Maurice Béjart, dançarino/ coreógrafo Thomas Berry, teólogo/ cientista, Sri Bhagavan, líder espiritual indiano Sir Arthur C. Clarke, escritor, O 14^Q Dalai Lama, estadista/líder espiritual Riane Eisler, historiadora feminista/ativista Vigdis Finnbogadottir, líder político Milos Forman, cineasta Peter Gabriel, músico Rivka Golani, violista Arpád Göncz, escritor/ estadista, Jane Goodall, cientista/ ativista.

Prefácio

por Sir Arthur C. Clarke

Qualquer pessoa que esteja tentando escrever sobre o futuro deve se prevenir contra todos os erros do passado. Até mesmo no campo restrito da tecnologia, que é o único no qual qualquer tipo de previsão é possível, o sucesso tem sido muito limitado. E em questões geopolíticas, ele praticamente inexistente: alguém por acaso previu os acontecimentos da última década na Europa?

Por isso, Ervin Laszlo, cientista, fundador e presidente do Clube de Budapeste, propõe neste livro uma abordagem de importância vital: o futuro não deve ser previsto, mas *criado*. O que fazemos hoje decidirá a forma que as coisas terão amanhã. Em especial, a maneira como percebemos os desafios que nos esperam, e a visão que desenvolvemos para responder a eles com sucesso. Seu livro fornece diretrizes essenciais à criação de um cenário positivo para o nosso futuro comum: para o novo pensamento e para a ação que ele convoca.

Deixo para mais tarde as ideias de Laszlo, suas profundas e aguçadas percepções e suas prescrições. Quero fazer uma breve abordagem de questões sobre *hardware* tecnológico, que é a área mais próxima de meus interesses. Também aqui algumas das advertências que Laszlo nos faz são muito importantes: por exemplo, quando ele nos exorta a não obedecer ao imperativo tecnológico. Nem todas as coisas que podem ser produzidas deveriam, evidentemente, ser produzidas de fato. Mas há muitas coisas fascinantes que podemos produzir, e provavelmente o faremos - e essas merecem nossa cuidadosa atenção.

Os malogros das pessoas em prever os desenvolvimentos futuros recaem em duas categorias: a desesperadamente pessimista e a excessivamente otimista. Pode ser que isso se deva ao fato de que os nossos processos lógicos são lineares, enquanto o mundo real obedece a processos não lineares, frequentemente com leis exponenciais. Por isso, tendemos a exagerar o que pode ser feito em curto prazo, mas subestimamos desesperadamente possibilidades extremas. Ao longo dos anos, eu acumulei alguns exemplos favoritos desse fenômeno.

Quando as notícias da nova invenção de Alexander Graham Bell

alcançaram a Grã-Bretanha, o engenheiro-chefe do departamento de correios exclamou soberbamente: “Os americanos têm necessidade de telefone, mas nós não temos. Nós temos uma profusão de mensageiros”. Isso é o que eu chamo de falta de imaginação.

Aqui, ao contrário, o que aconteceu foi uma falta de ousadia relacionada à mesma invenção. Quando o prefeito de uma certa cidade dos Estados Unidos ouviu a respeito do telefone, ele se mostrou inflamadamente entusiasta: “Posso imaginar o tempo”, exclamou, “em que cada cidade terá um deles”. O que ele teria pensado se alguém lhe dissesse que algum dia muitos lares teriam vários?

Muito recentemente, topei por acaso com outro exemplo de erro cômico, cometido por um homem determinado a não deixar que o futuro lhe passasse a perna. Por volta do final do século XIX, o presidente da Carriage Builders Association da Grã-Bretanha, numa palestra que proferiu aos seus colegas a respeito da invenção recente do carro motorizado, declarou: “Seria um tolo qualquer um que negasse o fato de que o carro motorizado tem um importante futuro. Mas ele seria um tolo ainda maior se sugerisse que isso teria qualquer impacto sobre o cavalo e o transporte de elite por carruagens”.

No entanto, não posso deixar o assunto da previsão tecnológica sem citar Norman Augustine (que proferiu a palestra Arthur Clarke em 2004), ex-CEO da Martin Marietta e autor de um livro sábio e inteligente, *Augustine's Laws*. Há pouco tempo, ele apontou para aquilo a que chamou de “Coolidge's Revenge” [Vingança de Coolidge], esperada por volta do ano 2020. Aparentemente, quando a administração de Calvin foi presenteada com uma quantia estimada em cerca de 25 mil dólares para a compra de uma dezena de aviões, o presidente indagou irritado: “Por que eles não podem comprar apenas um, e deixar os aviadores fazerem turnos para voar nele?” Bem, Norman calculou que, extrapolando o atual custo crescente dos aviões e da eletrônica, no século XXI o orçamento norte-americano de fato seria capaz de se dar ao luxo de comprar apenas um avião!

Estamos agora no meio de uma das maiores revoluções tecnológicas da história, e se as bifurcações nas áreas da economia, da ecologia e da política delineadas neste relatório forem adequadamente administradas, o fim, em lugar algum, estará ao alcance da visão. Quem poderia ter imaginado que algo do tamanho de uma unha, construído por meio de uma tecnologia que

era inconcebível há apenas algumas décadas, poderia mudar a face do comércio, da indústria e da vida humana cotidiana? Embora nós, escritores de ficção científica, admitíssemos que os computadores desempenhariam um importante papel no futuro (Olá, HAL!), ninguém sonhava que algum dia a população mundial de computadores excederia a de seres humanos.

Estamos agora nos aproximando de uma época, para melhor ou para pior, em que seremos capazes de fazer qualquer coisa que não desafie as leis da física. Depois de ler os relatos deste livro a respeito dos discernimentos profundos proporcionados pela nova física, podemos perceber que não conhecemos essas leis tão bem quanto achávamos que conhecíamos.

Entre as muitas coisas que são possíveis, nem todas são *desejáveis*. Ao contrário da percepção popular, nós, escritores de ficção científica, não *prevemos* o futuro; nós tentamos *impedir* que futuros indesejáveis venham a se concretizar.

Uma dessas áreas é a clonagem humana, a cujo respeito eu não tenho competência para discutir - embora suspeite que ela será considerada perfeitamente normal pelos nossos netos: eles se perguntarão por que se fazia então tanto estardalhaço a respeito. De fato, eu tinha um clone como protagonista principal do meu romance de 1976, *Imperial Earth*, cuja história ocorre em 2276 e envolve uma colonização humana em Titã, uma das luas de Saturno.

Recentemente, tive uma experiência misteriosa: numa um tanto irônica “breve história que se passa no século XXI”, que eu escrevi em 1999 (Veja a minha coleção de ensaios *Greetings, Carbon-based Bipeds!* [Saudações, Bípedes Baseados no Carbono!] St Martin's Press, NY, 1999), eu situei o primeiro clone humano (publicamente admitido) em 2004. Foi exatamente nesse ano que cientistas sul-coreanos decidiram tornar públicas suas declarações sobre clonagem humana.

Agora que eu tenho a sua atenção, quero partilhar com vocês algumas de minhas próprias extrapolações em algumas áreas da tecnologia e da engenharia para as próximas décadas.

1. Novas fontes de energia

Em 1973, quando a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) começou a impor grandes aumentos sobre os preços do petróleo, ousadamente previ: “A era da energia barata acabou - a era da energia

gratuita ainda está 50 anos à frente.” Três décadas depois, há sinais promissores de que logo nos aproximaremos desse ideal. Há uma possibilidade real de que o acontecimento mais importante do início do século XXI será o advento de quantidades ilimitadas de energia limpa. Será que realmente importa se a fusão do hidrogênio ou a fusão nuclear ou outra tecnologia finalmente nos libertará de nossa atual dependência com relação aos combustíveis fósseis?

Acredito que a descoberta de novas e revolucionárias fontes de energia, possivelmente baseadas na energia do ponto zero ou nas flutuações quânticas, ocorrerá nas próximas décadas. O campo do ponto zero do vácuo quântico, como Laszlo assinala, emerge como um dos elementos de importância mais crucial do universo, e poderá nos trazer várias surpresas no futuro próximo. Essa série de desenvolvimentos começou há 15 anos com a brincadeira da “fusão a frio” e agora se estendeu à física quântica dos campos. Eu tenho 99% de certeza de que o fim da era dos combustíveis fósseis/fissão nuclear está hoje ao alcance da visão, com tremendas consequências políticas e econômicas, bem como algumas muito desejáveis - tais como o fim das atuais ameaças do aquecimento global e da poluição.

2. Supermateriais e elevador espacial

Já vimos o desenvolvimento de materiais super-resistentes (por exemplo, os nanotubos de carbono) que provocarão impactos nos transportes, na construção de edifícios e, especialmente, nas viagens espaciais, reduzindo a massa estrutural dos veículos espaciais a uma fração de seu valor atual. Embora esses materiais venham a ter numerosas aplicações na vida cotidiana e nos processos industriais, uma das aplicações mais espetaculares será o Elevador Espacial.

Concebido pela primeira vez por um engenheiro russo chamado Yuri Artsutanov, em 1960, o Elevador Espacial se baseia num conceito simples, embora ousado. Os satélites de comunicações atuais demonstram como um objeto pode permanecer em equilíbrio numa posição fixa sobre o Equador ao igualar sua velocidade com a de rotação da Terra, 42.000 km abaixo dele.

Agora, imagine um cabo que ligue o satélite ao solo. Cargas úteis poderiam ser içadas até ele por meios puramente mecânicos, alcançando a órbita sem qualquer uso de energia de foguetes. O custo para se lançar cargas úteis em

órbita poderia ser reduzido a uma minúscula fração dos custos atuais.

O Elevador Espacial foi o tema central do meu romance de ficção científica de 1978, *As Fontes do Paraíso*. Quando o escrevi, eu o considerei pouco mais do que um fascinante experimento de pensamento. Naquela época, o único material com o qual ele poderia ser construído - o diamante - não era facilmente disponível em quantidades suficientes de megatoneladas. Essa situação agora mudou com a descoberta da terceira forma de carbono, o C60, e suas substâncias aparentadas, os buckminsterfullerenos. Se esses puderem ser produzidos em massa, a construção de um Elevador Espacial seria uma proposição de engenharia perfeitamente viável.

O que torna o Elevador Espacial uma ideia tão atraente é seu custo - benefício, ou sua rentabilidade. Uma passagem para colocar alguém em órbita custa hoje dezenas de milhões de dólares (como os turistas espaciais milionários pagaram). Mas a energia efetiva necessária, se você a comprar em sua empresa local de utilidade pública, que pode lhe cobrar um preço favorável, acrescentaria apenas cerca de 100 dólares à sua conta de luz. E uma viagem de ida e volta custaria apenas cerca de um décimo desse valor, uma vez que a maior parte da energia poderia ser recuperada no caminho de volta!

3. Novos sistemas de propulsão

Por mais evidentemente útil que viesse a ser, o Elevador Espacial é apenas um degrau até a órbita da Terra. A partir daí, precisaremos encontrar meios de impulsionar nossa espaçonave para explorar as longínquas distâncias do espaço. Não podemos fazer muita coisa com os foguetes barulhentos, ineficientes e francamente perigosos. Eu pessoalmente creio que o foguete tem tanto futuro no espaço quanto os trenós puxados por cães o têm para uma exploração séria da Antártida.

Em um prazo entre médio e longo, a resposta é um “propulsor espacial” - o sonho dos escritores de ficção científica desde há longo tempo. Há várias sugestões na física fantástica a respeito de como tal dispositivo poderia operar, e eu estou contente por ver que alguns cientistas estão trabalhando nesse campo. Quando forem aperfeiçoados, eles nos abrirão ao sistema solar, assim como os navios a vela nos abriram este planeta durante o primeiro milênio.

4. Contato/deteccção de extraterrestres

Esta é a questão imprevisível: ninguém pode prever quando acontecerá, mas eu me surpreenderia se isso não ocorresse durante as próximas décadas, pois as nossas tecnologias estão se desenvolvendo rapidamente. A recente excitação provocada por supostos micróbios de Marte indica o interesse que esse assunto desperta na mente do público.

5. Vigilância espacial

Agora, as más notícias. Sabemos hoje (especialmente depois do espetacular impacto do cometa Shoemaker-Levy 9 contra Júpiter) que vivemos numa vizinhança perigosa. Pergunte aos dinossauros, se conseguir encontrar um deles. Embora as estatísticas estejam sendo vigorosamente debatidas, poucos negariam que na próxima segunda-feira, ou daqui a mil anos, um Objeto Próximo da Terra - OPT (cometa ou asteroide) causará estragos catastróficos em algum lugar deste planeta. O mínimo que deveríamos fazer é começar um levantamento de OPTs potencialmente perigosos. É justamente isso que eu propus em *Encontro com Rama* (1973), e fico contente em dizer que há hoje várias fundações e projetos de Vigilância Espacial que tentam manter vigília sobre perigos vindos do espaço.

O que deveríamos fazer se vissemos uma Grande Rocha Muda se encaminhando em direção à Terra é uma questão que já tem dezenas de respostas; algum dia, teremos de escolher uma delas.

A essa altura, talvez eu deva obedecer à recomendação de Shelley:

*Basta - não drenes até o fundo a urna
Da amarga profecia!*

No entanto, embora a profecia seja, sem dúvida, a maneira mais conveniente de lidar com o futuro, não é a única maneira. A obra *The World, the Flesh and the Devil*, de J. D. Bernal, um dos melhores livros já escritos sobre a previsão do futuro, abre-se com uma frase notável: “Há dois futuros, o futuro do Desejo e o futuro do Destino, e a razão humana nunca aprendeu a separá-los”. O futuro do Destino não será desvelado até que se desdobre, mas a razão, como é exposta neste livro, nos diz que o futuro do

Desejo pode ter importância crucial para esse desdobramento.

Para citar outro poeta inglês, Robert Bridges, a vida bem-sucedida depende da “administração do imprevisto, realizada com mão de mestre”. Tal administração é agora, na janela de decisão que leva a um ponto do caos e à transformação da civilização que Laszlo chama de “*macroshift*” (macro- mudança ou macrotransição), mais importante do que jamais o foi antes. Precisamos alcançar o mundo que o nosso gênio tecnológico criou - atualizar a maneira como o percebemos, a maneira como o valorizamos e a maneira como agimos nele. Felizmente, esse não é um mero exercício teórico, pois, como este livro mostra claramente, o resultado de uma transformação da civilização é sensível a mudanças em nossas percepções e comportamentos.

É aqui, no crítico ponto do caos, que o Futuro do Destino e o Futuro do Desejo se cruzam - no qual o desejo, transformado na administração do imprevisto realizada com mão de mestre, faz uma escolha entre um cenário de colapso e um cenário de avanço revolucionário. Deixo o leitor com este relatório do fundador e presidente do Clube de Budapeste, Ervin Laszlo, para que ele veja como o aparente paradoxo entre imprevisibilidade e escolha consciente pode ser resolvido, como a mudança civilizacional de hoje pode ser propositadamente e efetivamente navegada.

Está perfeitamente bem que o futuro real tenha de ser criado e não apenas previsto - pois, se pudéssemos conhecê-lo, qual seria a razão de viver?

Colombo, Sri Lanka
1º de fevereiro de 2006

Apresentação

Este livro não foi criado intencionalmente; com certeza, eu nunca pretendi escrevê-lo. Como Topsy, ele não nasceu, mas apenas cresceu. O fato de *que* ele o fez é digno de nota, pois ele poderia projetar luz sobre o *porquê* ele o fez - e isso, por sua vez, poderia nos dizer algo a respeito do mundo em que vivemos atualmente.

Durante a maior parte do ano 2000 e os primeiros meses de 2001, eu estava trabalhando em um livro intitulado *Macroshift: Navigating the Transformation to a Sustainable World*. Ele foi publicado por uma conceituada editora com sede em San Francisco na primeira semana de setembro de 2001. Assim como o presente livro, ele tentou apreender a natureza da transformação que estamos vivendo e oferecer pensamentos a respeito de como orientá-la numa direção humanamente desejável. Ele continha declarações vigorosamente enunciadas a respeito da futilidade da guerra e do uso de exércitos nacionais, mesmo para a defesa, isso para não mencionar o tipo de agressão que mais tarde se tornou conhecido como “guerra preventiva”. Alguns dias depois, aconteceu o 11 de Setembro. O livro foi recebido com um silêncio maciço: até onde eu fiquei sabendo, nem uma só discussão ou resenha apareceu sobre ele nos Estados Unidos. Porém, ele foi traduzido em vários idiomas (holandês, francês, alemão, português do Brasil, russo, turco, e também em chinês e em japonês), e ele foi bem recebido em outros lugares: na Alemanha, foi considerado o melhor livro sobre futuros publicado em 2003.

No outono de 2004, amigos e associados que leram a edição original sugeriram que deveria aparecer em uma nova edição, uma vez que as ideias que oferecia poderiam agora ser discutidas. Sua importância, em vez de ter diminuído com a passagem do tempo, na verdade se intensificou. No fim de janeiro de 2005, eu me sentei para fazer a revisão do texto e verificar em quais lugares ele precisava ser atualizado. Revisei os dados estatísticos e inseri as mais recentes cifras disponíveis - isso foi fácil, pois eu tinha o texto no meu computador - e enviei a versão revisada para o meu bom amigo e agente literário Bill Gladstone, da Waterside Productions. Ele entrou em contato com o editor de San Francisco, bem como com outras

editoras, e verificou quem estaria interessado em publicá-la. Pensando que, até onde eu deveria me preocupar, as coisas estavam bem encaminhadas, eu me voltei para meus outros compromissos.

Mas esse não foi o fim da história. Alguns dias depois, um relatório de pesquisa que alguém me enviou por e-mail apresentava informações que eu sentia que seria bom inserir no texto e assim o fiz. Nas semanas e meses que se seguiram, isso voltou a acontecer, não uma vez, mas com frequência cada vez maior. De algum modo, os dados e relatórios de que eu necessitava apareciam com regularidade surpreendente em meu computador. Materiais suplementares me chegavam às mãos durante encontros e discussões, e inseridos se tornou quase uma tarefa de tempo integral. Pessoas que não tinham conhecimento do que eu estava fazendo falavam comigo a respeito de problemas com que eu estava lidando e apresentavam ideias relevantes e materiais originais importantes. Em consequência, o que começou como uma edição revisada e atualizada de *Macroshift* transformou-se em *O Ponto do Caos*, um livro substancialmente novo.

Outras “coincidências” conspiraram para que eu trabalhasse neste livro. O mais recente desses acasos felizes e inesperados ocorreu um dia antes que estas linhas fossem escritas: eu estava pegando um avião em Budapeste para ir a um encontro na Suíça e planejei fazer uso dessa curta viagem para revisar minhas notas de leitura. Acabei de fazer isso no saguão de espera, e quando o voo foi anunciado, embarquei com a consciência de ter feito a coisa certa. Mas quando tomamos os nossos lugares, o capitão anunciou que, como tantas vezes acontece, a partida foi adiada por causa do tráfego intenso - precisávamos esperar em nossos lugares por quase uma hora. Entretanto, ele acrescentou, telefones celulares e laptops podiam ser usados. Eu não tinha intenção de usar os meus, mas procurei papel para escrever. E aconteceu novamente: um item de tamanha importância direta que eu acabei recorrendo ao meu laptop. Eu estava justamente me perguntando como poderia trabalhar no meio de um grupo de turistas japoneses que batiam papo alegremente quando a aeromoça se aproximou e me disse que eles haviam reservado assentos em excesso, e eu fui transferido para a cabine frontal. Lá os assentos estavam vazios, com exceção de um casal de japoneses idosos sentados silenciosamente num canto. Fui acomodado na fileira da frente, recebi um copo de vinho, e tive à minha disposição condições de trabalho praticamente perfeitas. Quando chegamos, incluí o novo material no texto e o anexei a um e-mail a Frank DeMarco, meu

paciente e empático editor, com a declaração, no momento difícil de se acreditar, de que aquele (com exceção do prefácio que estou escrevendo agora) era o texto final.

Isso me levou ao contato igualmente feliz e inesperado com Frank e a equipe editorial encabeçada por Sarah Hilfer e, agora, por Tania Seymour, da Hampton Roads Publishing. Alguns meses antes, Frank havia respondido à pergunta de Bill Gladstone a respeito do interesse em meu projeto com tamanho entusiasmo e compreensão que Bill aconselhou-me - e eu concordei - que não precisávamos procurar mais. Dificilmente eu poderia ter desejado, e dificilmente poderia ter o direito de esperar, a combinação de Frank de habilidade e compromisso, e de apreensão do que eu quis comunicar. A forma final deste livro traz a marca do meu trabalho com ele, a mesma que a da colaboração de meus poucos conhecidos e muitos desconhecidos auxiliares.

Em retrospecto, não posso deixar de pensar que, talvez, eu não apenas não tinha a intenção de escrever este livro como, efetivamente, não o escrevi - com certeza, não por mim mesmo. Posso apreciar que o tempo para escrevê-lo havia chegado, mas quem ou o que estava facilitando a sua redação eu posso apenas adivinhar. Poderia ser o mesmo *Zeitgeist* ou orientação emergente que está hoje ajudando a curar o planeta com um renascimento espiritual de âmbito mundial e o surgimento de um senso de responsabilidade mais profundo? Tudo o que eu posso dizer é que, seja o que for, eu estou contente por relatar que isso funcionou para o “crescimento” deste livro. Espero que continue a funcionar quando chegar a ocasião em que o produto acabado dará a sua modesta, mas talvez não insignificante contribuição à emergência desse nível crucial de percepção e solidariedade de que nós, tão urgentemente, precisamos para enfrentar os desafios que nos esperam.

Prólogo

Dois caminhos para o futuro

Um provérbio chinês adverte: “Se nós não mudarmos de direção, é provável que acabemos chegando exatamente no mesmo lugar de onde partimos”. Aplicado à humanidade contemporânea, isso seria desastroso. Sem uma mudança de direção, estamos a caminho de um mundo no qual a pressão populacional e a pobreza serão cada vez maiores; um mundo de potencial cada vez mais explosivo para o conflito social e político; de expansão do pensamento independente e da guerra organizada; de aceleração da mudança climática; de escassez de alimentos, de água e de energia; de agravamento da poluição industrial, urbana e agrícola; de aumento da destruição da camada de ozônio; de aceleração da redução da biodiversidade; e da perda contínua do oxigênio atmosférico. Também corremos o risco de sofrer megadesastres causados por acidentes nucleares e vazamentos de lixo nuclear, por inundações devastadoras e furacões produzidos pela mudança climática, e por problemas de saúde em grande escala provocados por catástrofes naturais, e também ocasionados por fatores humanos como o acúmulo de toxinas no solo, no ar e na água.

Para onde estamos nos encaminhando não é para onde queremos ir.

- Há níveis mais altos de frustração e de descontentamento quando a riqueza e o poder se tornam mais concentrados e aumenta a lacuna entre os detentores da riqueza e do poder e os segmentos pobres e marginalizados da população. (Oitenta por cento do produto interno do mundo pertence a um bilhão de pessoas, e os 20% restantes são partilhados por 5 bilhões e meio de pessoas, um desequilíbrio que só tende a piorar, uma vez que os países pobres estão pagando 38 bilhões de dólares a mais a cada ano em juros do que estão recebendo em ajuda para o desenvolvimento.)
- Um em cada três moradores urbanos no mundo vive em cortiços, cidades ou bairros constituídos de casas ou barracos de madeira, favelas e guetos urbanos - mais de 900 milhões de pessoas são agora classificadas como moradoras de cortiços. Nos países mais pobres,

78% da população urbana subsiste sob tais circunstâncias que ameaçam a vida.

- Embora mulheres e meninas em maior número estejam sendo mais instruídas agora do que nos anos anteriores, em muitas partes do mundo menos mulheres têm empregos e mais mulheres são forçadas a equilibrar seus orçamentos no “setor informal”.

- Há uma tendência maior em muitas partes do mundo para recorrer ao terrorismo e a outras formas de violência a fim de se corrigir as injustiças, ou pelo menos para chamar a atenção para as injustiças observadas. Há um aprofundamento da insegurança tanto em países ricos como pobres.

- O fundamentalismo islâmico está se espalhando por todo o mundo muçulmano, o neonazismo e outros movimentos extremistas estão vindo à tona na Europa e o fanatismo religioso está aparecendo em todo o mundo.

- À medida que alguns governos procuram conter formas não convencionais de violência por meio de guerra organizada, conflitos reacquecem o Oriente Médio, a Ásia, a América Central e outras áreas potencialmente explosivas.

- Em 2005, os gastos militares em todo o mundo aumentaram pelo sexto ano consecutivo, subindo em 5% até 1,04 trilhão de dólares, sendo que apenas os Estados Unidos responderam por 455 bilhões de dólares ou quase metade da cifra mundial. Os países do G8, juntos, estão vendendo mais de 12 bilhões de dólares em armas aos países mais pobres.

- Há uma queda na autossuficiência de alimentos na maior parte das economias do mundo, ameaçadoramente acoplada com a diminuição dos recursos alimentícios internacionalmente disponíveis.

- Há também uma diminuição da quantidade de água potável disponível por meio de poços em mais de metade da população mundial. Mais de 6 mil crianças morrem a cada dia por falta de água potável.

- Equilíbrios vitais estão continuamente se degradando na atmosfera do mundo, nos oceanos e nos sistemas de água potável, e também nos solos produtivos. As consequências incluem o efeito estufa com a resultante mudança do clima, e uma redução da produtividade dos mares, lagos, rios e terras agricultáveis. Alguns processos se

realimentam e já estão fora de controle: quando o gelo ártico derrete, o mar absorve mais calor, que provoca mais derretimento; à medida que o *permafrost* siberiano desaparece, o metano liberado da turfeira que ele cobre exacerba o efeito estufa e provoca mais derretimento e, portanto, a liberação de mais metano.

Há tendências persistentemente preocupantes no país mais rico do mundo, e única superpotência remanescente.

- A pobreza e a fome estão em ascensão. De acordo com medidas oficiais de pobreza, em 2003, 12,5% da população total dos Estados Unidos vivia na pobreza; 10 milhões de lares - 31 milhões de indivíduos, dos quais 12 milhões eram crianças - corriam o risco de ser vitimados pela fome ou enfrentavam insegurança alimentar; e 3,1 milhões de lares - que incluíam 2 milhões de crianças - sofriam de fome real.
- Como nos mostraram as consequências do furacão Katrina, o segmento mais pobre da população norte-americana é constantemente negligenciado quando a Administração concede fundos e dá prioridade à luta por interesses econômicos no estrangeiro, em vez de garantir condições de vida decentes para os pobres de seu país. Objetivos ambientais que poderiam interferir com o crescimento econômico são persistentemente evitados.
- O segmento mais rico da população está ficando ainda mais rico, mas a riqueza malogra em assegurar segurança financeira: uma pesquisa de opinião realizada pelo Private Bank dos Estados Unidos mostrou que, no ano 2000, 64% dos norte-americanos ricos, com uma riqueza média de 38 milhões de dólares, se sentem financeiramente inseguros.
- Em nome da defesa da segurança nacional, restrições crescentes têm sido impostas às liberdades civis, inclusive à liberdade da palavra e à liberdade de expressão na imprensa e na Internet, e indivíduos suspeitos de constituir uma ameaça à segurança são detidos sem julgamento e às vezes submetidos à tortura.
- Está ocorrendo uma retirada contínua de fundos destinados à mídia nos casos em que essa encoraja um questionamento aberto das atuais políticas da Administração, com uma retirada paralela de fundos destinados a instituições e programas de educação pública.

Se tais tendências continuarem, nós seremos projetados num caminho que levará não apenas ao colapso nacional, mas ao colapso global.

Um cenário de colapso

A comunidade internacional se torna cada vez mais polarizada, com uma lacuna crescente e um crescente ressentimento entre aqueles que se beneficiam da globalização dos sistemas econômicos, financeiros e informacionais do mundo e aqueles que são impedidos de ingressar nessa condição. A marginalização de Estados, grupos étnicos e organizações os torna cada vez mais frustrados. Eles tiram vantagens do ambiente de informação de alta velocidade para fazer contato uns com os outros, e começam a cooperar. São formadas alianças estratégicas hostis à globalização e ao poder dos principais Estados e empresas globais.

Grupos terroristas, agentes que promovem a proliferação nuclear, narcotraficantes e crime organizado encontram um ambiente fértil para perseguirem suas metas. Eles formam alianças com empresários inescrupulosos e expandem a escala e o âmbito de suas atividades, realizando ataques suicidas com homens-bomba, corrompendo líderes, infiltrando-se em bancos e negócios instáveis, e cooperando com rebeldes para controlar mais e mais território. O contrabando de estrangeiros, mulheres e crianças e o tráfico de narcóticos, de resíduos perigosos e de materiais tóxicos se juntam ao tráfico de armas biológicas, químicas e nucleares ilícitas.

Um aumento acelerado dos gastos militares desvia dinheiro da assistência à saúde e da proteção ambiental, agravando a situação de populações pobres e piorando a condição do meio ambiente. As consequências são níveis de produção menores, maior privação e mais conflito, aumentando a necessidade de medidas militares em um círculo vicioso que se retroalimenta.

À medida que padrões meteorológicos desfavoráveis limitam as colheitas, e que as produções são reduzidas ainda mais por causa de uma escassez de água não poluída, a fome e as doenças se espalham em meio aos mais pobres entre os que já são pobres. Migrações em massa ocorrem à medida que as pessoas se mudam de áreas onde os impactos são mais severos para áreas em condições ainda relativamente suportáveis.

Os governos estão sob pressão crescente; um após outro recorrem a medidas militares para reforçar fronteiras que se desagregam, para garantir ao seu povo o acesso a recursos básicos e para “varrer” de seu território populações indesejáveis. Nos países mais pobres, com as populações mais privadas de recursos, o poder militar se concentra nas mãos de agentes do poder constituído, de ditadores e de juntas militares.

A “guerra contra o terror” envolve populações inteiras, inflama guerras civis e catalisa mais atos de terrorismo. Antes que transcorra muito tempo, líderes sedentos de poder, amedrontados ou simplesmente inescrupulosos recorrem ao uso de armas de destruição em massa, inclusive armas nucleares - havia mais de 30 mil dessas armas em arsenais nacionais em 2005. À medida que as crises sociais, econômicas e ambientais se juntam com contramedidas militares, há uma escalada da violência, e o sistema global é exposto a tensões intoleráveis. Antes que transcorra muito tempo, ele colapsará.

Tendências não são destino: elas podem ser mudadas. O colapso é apenas um dos futuros possíveis à nossa frente. Ainda não fomos definitivamente projetados no caminho do colapso. Se despertarmos para a necessidade de enfrentar em condições de igualdade os perigos com que nos defrontamos e de incorporar um sentido de urgência para viver e agir responsabilmente com um sentido de compromisso uns para com os outros e para com o nosso futuro compartilhado, ainda podemos mudar a direção dos nossos passos para um caminho de avanço revolucionário.

O cenário do avanço revolucionário

Ao se defrontar com problemas crescentes e ameaças compartilhadas, grupos de cidadãos interessados juntam forças, formam associações e redes, e perseguem objetivos compartilhados de paz e de sustentabilidade.

Líderes de negócios reconhecem a grande onda da mudança no pensamento e nas expectativas de seus clientes e fregueses, e respondem com bens e serviços que satisfazem a mudança procurada.

As mídias de notícias globais e de entretenimento exploram perspectivas revigoradas e inovações sociais e culturais emergentes. Uma nova visão do eu, dos outros e da natureza vem à tona na Internet, na televisão e nas redes de comunicação de empresas, comunidades e grupos étnicos.

Em consequência, uma nova cultura de responsabilidade e solidariedade emerge na sociedade. Há um apoio crescente a planos públicos de ação política que manifestem preocupações sociais e ecológicas. Fundos e capital são retirados de aplicações militares e de aplicações em defesa e canalizados para suprir as necessidades das pessoas que constituem a parte principal da sociedade. São implementadas medidas destinadas a proteger o meio ambiente, criar um sistema eficiente de distribuição de alimentos e de recursos, e desenvolver e pôr em ação tecnologias sustentáveis de produção de energia, de transportes e de produção agrícola.

Um número cada vez maior de pessoas ganha acesso a alimentos, empregos e educação. Mais e mais pessoas entram na Internet como parceiras de diálogo ativas. A comunicação entre elas reforça a solidariedade e revela áreas em que todos ganham (*win-win*), nas quais interesses mútuos podem ser conjuntamente promovidos.

Responsáveis pela tomada de decisões na esfera das economias nacional e internacional mudam seus princípios operacionais de se viver com base no “capital natural” para se viver com base na “renda natural”. (O capital natural consiste nas riquezas acumuladas da terra, que são usadas e descartadas, como no caso da queima de combustíveis fósseis. Quando esse capital se esgota, os sistemas econômicos que se baseiam nele vão à falência - eles são insustentáveis. A renda natural, por outro lado, consiste em recursos naturais quase infinitamente disponíveis - acima de todos, a radiação solar - e em recursos eficiente e efetivamente reabastecíveis e recicláveis. Sistemas econômicos que vivem na dependência da renda natural são intrinsecamente sustentáveis.)

No mundo dos negócios, uma mudança correspondente obtém seus lucros com relação à maneira pela qual os recursos naturais são empregados. O objetivo emergente não consiste em otimizar a produtividade da *mão de obra* (que tem sido a principal meta e preocupação do mundo dos negócios durante a maior parte do século XX), mas em aumentar o nível da produtividade dos *recursos*. Isso significa planejar processos de produção e criar bens de consumo de modo a usar a quantidade mínima de recursos não renováveis e maximizar a parcela de recursos indefinidamente disponíveis ou recicláveis.

Sustentadas por esses desenvolvimentos, as desconfianças nacional, internacional e intercultural, as lutas étnicas, a opressão racial, a injustiça econômica e a desigualdade entre homens e mulheres dão lugar à confiança

e ao respeito mútuos, e a uma boa vontade para formar parcerias e para cooperar. Em vez de colapsar no conflito e na guerra, a humanidade irrompe num avanço revolucionário em direção a um mundo sustentável de comunidades, empresas, Estados e regiões autoconfinantes, mas cooperadores.

Que caminho iremos tomar nos próximos anos? A resposta ainda não está ao nosso alcance; ainda temos uma janela no tempo. Nosso destino está agora em nossas mãos.

Parte Um

As Marés da Transformação

1. Pensamento novo para um novo mundo

Einstein nos disse que não podemos resolver os problemas significativos com que nos defrontamos se para isso usamos o mesmo nível de pensamento em que estávamos quando criamos os problemas. Ele estava certo: Os problemas com que nos defrontamos hoje não podem ser resolvidos com o mesmo nível de pensamento que lhes deu origem. No entanto, estamos tentando fazer justamente isso. Estamos combatendo o terrorismo, a pobreza, a criminalidade, o conflito cultural, a degradação ambiental, os problemas de saúde, e até mesmo a obesidade e outras “doenças da civilização” com o mesmo tipo de pensamento - os mesmos meios e os mesmos métodos - que, logo de início, produziram os problemas. Dois exemplos esclarecerão isso.

Os governos combatem o terrorismo enrijecendo a segurança. Eles combatem não tanto o *terrorismo*, mas os *terroristas*. O terrorismo, dizem eles, deve ser eliminado impedindo-se os terroristas de concretizarem seus projetos de base, e a melhor maneira de fazer isso é caçá-los, colocá-los na cadeia ou matá-los - antes que eles nos matem. Essa estratégia é análoga à tentativa de curar um organismo com câncer extirpando as células cancerosas. A cura funciona se o organismo não é afetado além do grupo de células cancerosas, o que é um caso afortunado, mas não comum. Se o organismo é afetado, outras células se tornam cancerosas e não apenas substituem aquelas que são cirurgicamente extirpadas, mas também se espalham. Por fim, é claro, elas matarão o organismo bem como a si mesmas. Se o que precisamos é curar um corpo que produz células cancerosas, faremos melhor em curar o próprio corpo, em vez de apenas extirpar as células que têm mau funcionamento. Uma cura adequada significa ir além da lógica das células que se reproduzem sem restrição; ela se estende ao processo que faz com que, logo de início, as células se reproduzam dessa maneira.

Por que as células se tornam cancerosas? A questão é precisamente análoga a esta pergunta: “Por que as pessoas se tornam terroristas?” Chefes de governo e chefes de segurança descartam a questão; eles dizem que os terroristas são simplesmente criminosos maus, inimigos da sociedade. Eles usam o mesmo tipo de pensamento usado pelas pessoas que se tornam terroristas. Os terroristas e aqueles que incitam, financiam e treinam

terroristas acreditam que os líderes das grandes potências que eles ameaçam são criminosos maus, inimigos de uma sociedade justa. Cada lado se sente justificado em matar o outro. O resultado é uma escalada do ódio que produz mais terrorismo, e não menos. Quando uma sociedade está doente, quanto mais terroristas se mata, mais pessoas se tornam terroristas.

Fazer a guerra pelo petróleo ou por Alá não é a *causa* da doença do mundo, mas seu dramático sintoma e sua trágica consequência. A causa é o pensamento velho - o pensamento errado.

Outro exemplo de pensamento velho é a chamada guerra contra a pobreza, que é combatida principalmente por meio de medidas financeiras. Os desenvolvimentos negativos das décadas passadas são atribuídos a uma falta de ajuda adequada para o desenvolvimento. As nações ricas têm oferecido ajuda em um nível médio de cerca de 0,2% de seu Produto Nacional Bruto (PNB), embora tenham formalmente concordado com 0,7% do PNB. Um projeto atual endossado pelas Nações Unidas e denominado Estratégia de Redução da Pobreza Baseada nas Metas de Desenvolvimento do Milênio (ou estratégia baseada em MDMs) pede somente 0,5% de ajuda. Isso geraria 150 bilhões de dólares por ano durante um período de 20 anos. O economista Jeffrey Sachs, consultor especial do secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, e principal autor da estratégia, sustenta que isso poderia eliminar, por volta do ano 2015, a extrema pobreza que afeta atualmente 1,1 bilhão de pessoas.

Sachs apresenta a estratégia baseada nas MDMs como um “acordo global” econômico e político, mas um olhar mais atento nos mostra claramente que essa estratégia envolve muito mais do que política e economia. Para concretizar as metas dessa estratégia, como o próprio Sachs assinala, é preciso que o mundo junte forças de uma maneira unificada e coordenada, não apenas para oferecer dinheiro, mas também, coletivamente, para combater as doenças, promover a boa ciência e difundir amplamente a educação, oferecer infraestrutura crítica e atuar em uníssono para ajudar os mais pobres entre os pobres. A ação coletiva em todos esses níveis, diz Sachs, é necessária para dar sustentação ao sucesso econômico. O sucesso na luta contra o terrorismo, assim como na guerra contra a pobreza, requer não apenas melhor segurança ou mais dinheiro, mas também um novo pensamento: mudar a própria estrutura da civilização que governa o mundo atual.

A situação é muito semelhante à de cidades e Estados que combatem a

criminalidade. Eles tentam fazer isso aumentando a força policial e o número de presídios, e impondo sentenças mais rigorosas, em vez de eliminar as condições que alimentam a criminalidade: grandes cortiços nas metrópoles, carência de empregos e a sensação de futilidade e de falta de esperança que infectam a mente de muitas pessoas, especialmente a dos jovens. Esse exemplo não é fundamentalmente diferente da luta contra a degradação do meio ambiente: esses problemas são *produzidos por* práticas ecologicamente irresponsáveis, sedentas de lucro, e são *combatidos por* práticas sedentas de lucro que alegam ser ecologicamente responsáveis - essas últimas diferem das primeiras somente pelo fato de que tornam lucrativa a faxina da desordem, em vez de criá-la. Ganhar essa “batalha” particular também exige um novo pensamento: o reconhecimento de que os fatos de conseguir lucro e obter crescimento não são os únicos critérios de sucesso nos negócios; a responsabilidade social e a responsabilidade ambiental são igualmente importantes e fazem, exatamente nessa mesma medida, parte do negócio do negócio.

Não é necessário insistir nesse ponto. Basta dizer que em quase todos os aspectos da atividade social e econômica, e no âmbito político, assim como na esfera privada, a corrente principal da sociedade contemporânea negligencia a advertência de Einstein. Ela tenta resolver os problemas gerados pela mentalidade da civilização industrial com a mesma racionalidade materialista, manipulativa e autocentrada que caracteriza essa mentalidade.

Uma mudança no pensamento que caracteriza a estrutura fundamental de uma civilização não é uma ocorrência sem precedentes; ele aconteceu em várias épocas na história. No passado, havia tempo para que um novo pensamento evoluísse. O ritmo da mudança era relativamente lento; uma mentalidade adaptada às condições que mudaram tinha várias gerações para se acomodar a essa mudança. Esse não é mais o caso. O período crítico para o novo pensamento está agora comprimido no lapso único de duração de uma vida.

Nos próximos anos, um novo pensamento e uma nova ação terão importância crucial; sem eles, nossos sistemas globalizados poderão colapsar no caos. No entanto, um colapso somente será o nosso destino se nós falharmos em apreender a oportunidade de escolher um caminho melhor.

Embora um colapso global já esteja na tela do radar, conseguir irromper

num avanço revolucionário global permanece inteiramente possível. Apreender essa alternativa exige o tipo de novo pensamento que poderia dar origem a uma nova civilização. Este livro se dedica a esboçar aquilo que esse avanço revolucionário é, e como poderemos utilizá-lo para criar um futuro melhor para nós mesmos e para os nossos filhos.

2. O nascimento de um novo mundo

Um novo pensamento começa com uma percepção mais aguçada, mais ampla e mais profunda da transformação que anuncia um novo mundo no lugar do antigo. Mas para que o novo pensamento seja eficiente, precisamos ter alguma ideia do que ele envolve. Exatamente que tipo de processo é o nascimento de um novo mundo?

Quando falamos sobre mudanças fundamentais no mundo ao nosso redor frequentemente nos defrontamos com o ceticismo. Dizem-nos que a mudança na sociedade nunca é realmente fundamental: como se expressa o ditado francês, *plus ça change, plus c'est la même chose* (quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas). Afinal de contas, estamos lidando com seres humanos e com a natureza humana, os quais continuarão a ser amanhã quase os mesmos que são hoje.

Uma variante mais sofisticada da visão predominante acrescenta que certos processos na sociedade - tendências - fazem uma diferença significativa à medida que se desdobram. As tendências locais ou globais, micro ou mega, introduzem uma medida de mudança: conforme se desdobram, há mais de algumas coisas e menos de outras. Isso ainda não é uma mudança fundamental, pois o mundo ainda é quase o mesmo: apenas algumas pessoas estão em melhor situação e outras em pior. Essa é a visão tipicamente sustentada por futuristas, prognosticadores, consultores de negócios e analistas de tendências de todos os tipos. Suas extrapolações são altamente consideradas, como é atestado pela popularidade da literatura que lida com megatendências.

Agências governamentais também se empenham em previsão de tendências. O relatório não confidencial do Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos, *Global Trends 2015: A Dialogue about the Future with Nongovernmental Experts*, foi publicado em 2000. De acordo com esse documento, o estado do mundo no ano 2015 será determinado pelo desdobramento de tendências-chave, catalisadas por condutores-chave. Essas sete tendências-chave (e condutores-chave) são a demografia, os recursos naturais e o meio ambiente, a ciência e a tecnologia, a economia global e a globalização, os governos nacional e internacional, o conflito futuro, e o papel dos Estados Unidos. A maneira pela qual essas tendências

se desdobram sob o impacto dos seus condutores pode produzir quatro futuros diferentes: um futuro de globalização inclusiva, outro futuro de globalização perniciosa, um futuro de competição regional, ou um mundo pós-polar. Os principais elementos são os efeitos da globalização - positivos ou negativos - e o nível e o gerenciamento do potencial do mundo para conflitos interestaduais e inter-regionais.

Quando as tendências se desdobram sem que haja rupturas importantes, temos o que os especialistas chamam de “cenário otimista”. Nessa perspectiva, o mundo de 2015 se parecerá muito com o de hoje, exceto pelo fato de que alguns segmentos da população (infelizmente, uma minoria que diminui) estarão em melhor situação e outros segmentos (uma maioria crescente) ficarão em pior situação. A economia global continuará a crescer, mas o seu percurso será instável e marcado pela volatilidade financeira e por uma divisão econômica progressivamente mais acentuada.

Entretanto, o crescimento econômico pode ser desfeito por meio de acontecimentos tais como uma crise financeira sustentada ou uma interrupção prolongada dos suprimentos de energia. Outras “descontinuidades” também podem ocorrer:

- Turbulências políticas violentas ocasionadas por uma séria deterioração dos padrões de vida no Oriente Médio (isso está acontecendo atualmente, com consequências dramáticas).
- A formação de uma coalizão terrorista internacional com objetivos antiocidentais e acesso a armas de alta tecnologia (que agora é uma ameaça real e crescente).
- Padrões meteorológicos em rápida mudança que causam graves danos à saúde humana e às economias (isso é agora mais iminente do que jamais o foi).
- Uma epidemia global na escala do HIV/AIDS.
- O crescente movimento de antiglobalização, até que ele se tome uma ameaça aos interesses governamentais e corporativos do Ocidente.
- A emergência de uma aliança geoestratégica - possivelmente entre a Rússia, a China e a Índia - com o objetivo de contrabalançar a influência dos Estados Unidos e do Ocidente.
- O colapso da aliança entre os Estados Unidos e a Europa.
- A criação de uma organização de oposição que poderia solapar o poder do Fundo Monetário Internacional e da Organização Mundial do

Comércio e, desse modo, a capacidade dos Estados Unidos para exercer liderança econômica global.

No ano 2000, ninguém poderia adivinhar se o mundo em 2015 seria o mesmo tipo de mundo então existente ou algo totalmente diferente. Em 2005, essa não era mais uma questão em aberto. O mundo em 2015 será muito diferente de como ele é hoje - sem mencionar o quanto ele será diferente do que foi no começo deste século.

Entretanto, o Conselho Nacional de Inteligência ainda está fazendo extrapolações lineares para saber com o que o futuro se parecerá. De acordo com outro relatório publicado no início de 2005, intitulado *Mapping the Global Future* [Mapeando o Futuro Global] e baseado em consultas com mil futuristas de todo o globo, o mundo em 2020 não será muito diferente do que é hoje. O terrorismo ainda estará presente, embora a perspectiva de guerras conduzidas pelas principais potências terá um retrocesso. É uma “certeza relativa” o fato de que os Estados Unidos continuarão a ser a nação mais poderosa sob os aspectos econômico, tecnológico e militar, embora também venhamos a nos defrontar com uma erosão possível, mas gerenciável do poder norte-americano.

Tais relatórios realçam os limites da previsão baseada em tendências. Eles ignoram o fato de que as tendências não apenas se desdobram no tempo, mas também podem se decompor e dar origem a novas tendências, novos processos e condições diferentes. Essa possibilidade precisa ser levada em consideração, uma vez que nenhuma tendência opera em um ambiente infinitamente adaptado; seu presente e seu futuro têm limites. Esses podem ser limites naturais impostos por recursos e suprimentos finitos, ou limites humanos e sociais decorrentes das estruturas, valores e expectativas em mudança. Quando uma tendência importante encontra tais limites, o mundo passa a mudar e uma nova dinâmica entra em jogo. Extrapolar as tendências existentes não nos ajuda a definir o mundo emergente.

Para saber o que acontece quando uma tendência se decompõe, precisamos de uma percepção mais profunda. Precisamos nos dirigir para além da observação das tendências atuais e seguir o seu caminho esperado - isso requer conhecer algo a respeito da dinâmica segundo a qual se processa o desenvolvimento do sistema no qual as tendências observadas aparecem e podem desaparecer. Tal conhecimento é fornecido pela moderna teoria

sistêmica, especialmente pelo ramo popularmente conhecido como “teoria do caos”. Por causa da insustentabilidade de muitos aspectos do mundo atual, a dinâmica de desenvolvimento que se aplicará ao futuro não é a dinâmica linear da extrapolação clássica, mas a dinâmica caótica não linear de evolução dos sistemas complexos.

A dinâmica da transformação: uma breve excursão na teoria do caos

Na aurora do século XXI, não podemos mais ignorar o fato de que as tendências atuais estão se desenvolvendo em direção a limiares críticos, se aproximando de alguns dos famosos (ou infames) “limites planetários”, a cujo respeito se dizia, nas décadas de 70 e de 80, que eram os limites ao crescimento. É questionável afirmar que eles são limites ao crescimento em geral, mas, claramente, eles são limites ao *tipo* de crescimento que está ocorrendo atualmente. À medida que nos movemos em direção a esses limites, nos aproximamos de um ponto do caos. Nesse ponto, algumas tendências se desviarão ou desaparecerão, e novas tendências surgirão no lugar delas. Isso não é incomum: a teoria do caos mostra que a evolução de sistemas complexos sempre envolve períodos alternantes de estabilidade e instabilidade, continuidade e descontinuidade, ordem e caos. Estamos vivendo nas fases de abertura de um período de instabilidade social e ecológica - em uma janela de decisão crucial. Quando atingimos o ponto do caos, os atratores “pontuais” e “periódicos” estáveis dos nossos sistemas serão unidos por atratores “caóticos” ou “estranhos”. Esses últimos aparecerão subitamente ou, como dizem os teóricos do caos, “*out of the blue*” (repentinamente). Eles conduzirão os nossos sistemas até o ponto crucial onde ocorrerá a escolha entre um ou outro dos caminhos de evolução disponíveis a eles.

Na atual Janela de Decisão, nosso mundo é supersensível, e por isso até mesmo pequenas flutuações produzem efeitos em grande escala. Esses são os lendários “efeitos borboleta”. Sua história diz que se uma borboleta monarca bate as asas na Califórnia, ela cria uma minúscula flutuação no ar que se amplifica cada vez mais e termina por criar uma tempestade na Mongólia.

A descoberta do efeito borboleta está ligada à arte da previsão do tempo, tendo suas raízes na forma exibida pelo primeiro atrator caótico, descoberto pelo meteorologista norte-americano Edward Lorenz na década

de 60. Quando Lorenz tentou modelar por computador a evolução supersensível da situação meteorológica mundial, ele descobriu um estranho caminho evolutivo, consistindo em duas trajetórias diferentes unidas como as asas de uma borboleta. A mais leve perturbação mudaria a trajetória evolutiva da situação meteorológica do mundo de uma asa para a outra. Pelo que parece, a meteorologia é um sistema em estado permanentemente caótico - um sistema permanentemente governado por atratores caóticos.

Subsequentemente, descobriu-se uma variedade considerável de atratores caóticos. Eles podem ser aplicados, até certo ponto, a todos os sistemas complexos e, acima de todos, aos sistemas vivos. Os sistemas vivos são sistemas notáveis; eles não se movem em direção ao equilíbrio, como o fazem os sistemas da física clássica, mas se mantêm em seu estado improvável, afastado dos equilíbrios químico e térmico, repondo constantemente as energias e matérias que consomem ao se reabastecer com energias e matérias renovadas que fluem até eles vindas dos ambientes em que vivem. (Os físicos dizem que eles equilibram a entropia positiva que produzem internamente importando entropia negativa do ambiente que os cerca.)

Os seres humanos, assim como outros organismos complexos, são sistemas dinâmicos supersensíveis que estão permanentemente à beira do caos, assim como também o são as ecologias e sociedades formadas por sistemas vivos. Esses sistemas coletivos são mais amplos e mais duradouros do que seus membros individuais, mas a dinâmica da evolução sistêmica também se aplica a eles.

A evolução dos sistemas orgânicos individuais e coletivos pode ser geralmente descrita por equações diferenciais que mapeiam o comportamento dos sistemas em referência às principais restrições sistêmicas. Isso não é exequível com relação às sociedades formadas por seres humanos; aqui, a presença da mente e da consciência complica a dinâmica evolutiva. A consciência de seus membros humanos influencia o comportamento do sistema, tornando-o muito mais complexo do que o comportamento dos sistemas não humanos.

Em períodos de estabilidade relativa, a consciência dos indivíduos não desempenha um papel decisivo no comportamento da sociedade, uma vez que um sistema social estável suprime ou amortece os desvios e isola

aqueles que desviam. Mas quando uma sociedade atinge os limites de sua estabilidade e se torna caótica, ela fica supersensível, respondendo até mesmo a pequenas flutuações, tais como mudanças nos valores, nas crenças, nas visões de mundo e nas aspirações de seus membros.

Vivemos agora num período de transformação, quando um novo mundo está lutando para nascer. A nossa era é uma era de decisão - uma janela de liberdade sem precedentes para decidirmos o nosso destino. Nessa janela de decisão, as “flutuações” - as quais, em si mesmas, são ações e iniciativas pequenas e aparentemente impotentes - abrem caminho em direção ao crítico “ponto do caos”, de onde o sistema se inclina em uma direção ou em outra. Esse processo não é predeterminado e nem aleatório. É um processo sistêmico que pode ser propositadamente dirigido.

Como consumidores e clientes, contribuintes e eleitores, e como detentores da opinião pública, podemos criar os tipos de flutuações - as ações e as iniciativas - que inclinarão o ponto do caos que se aproxima em direção à paz e à sustentabilidade. Se estivermos cientes desse poder em nossas mãos, e se tivermos a vontade e a sabedoria para fazermos uso dele, nos tornaremos mestres de nosso destino.

A dinâmica do caos na sociedade

A transformação da sociedade não é um processo acidental impulsionado pelo acaso; a teoria do caos e a teoria sistêmica revelam que ela segue um padrão reconhecível. Tipicamente, a transformação manifesta quatro fases principais.

1. A Fase do Gatilho. Inovações em tecnologias *hard* (ferramentas, máquinas, sistemas operacionais) aumentam a eficiência na manipulação da natureza para fins humanos.

2. A Fase do Acúmulo. Inovações em tecnologia *hard* mudam as relações sociais e ambientais e realizam, sucessivamente

- Níveis mais altos de produção de recursos
- Crescimento mais rápido da população
- Complexidade social crescente
- Impacto crescente sobre os ambientes social e natural

3. A Janela de Decisão. Relações sociais e ambientais que mudaram exercem pressão sobre a ordem estabelecida, pondo em questão valores e visões de mundo consagrados pelo tempo, bem como a ética e as ambições associadas a eles. A sociedade se torna instável, supersensível a todas as flutuações.

4. O Ponto do Caos. Aqui o sistema é criticamente instável. O *status quo* se torna insustentável e a evolução do sistema se inclina para uma direção ou para outra.

4a. *Evolução (“Degeneração”) em direção ao Colapso.* Os valores, as visões de mundo e a ética de uma massa crítica de pessoas na sociedade são resistentes à mudança, ou a mudam com lentidão excessiva, e as instituições estabelecidas são demasiadamente rígidas para permitir uma transformação oportuna. A injustiça e o conflito, acoplados a um meio ambiente empobrecido, criam tensões ingovernáveis. A ordem social degenera em conflito e violência.

ou

4b. *Evolução em direção ao Avanço Revolucionário.* A mentalidade de uma massa crítica de pessoas evolui com o tempo, mudando o desenvolvimento da sociedade em direção a um modo mais adaptável. À medida que essas mudanças vão se firmando, a ordem aperfeiçoada - passando a ser governada por valores, visões de mundo e ética mais bem adaptadas - se estabelece. As dimensões econômica, política e ecológica da sociedade se estabilizam em um modo não conflitual e sustentável.

Vamos agora examinar o processo das quatro fases da transformação social no contexto do mundo contemporâneo.

1. A Fase do Gatilho, 1800-1960. *Inovações em tecnologias hard (ferramentas, máquinas, sistemas operacionais) disparam mudanças fundamentais no modo como as pessoas vivem e trabalham para criar mais eficiência na organização das pessoas, dos recursos e da natureza para atingirem os fins desejados.*

Até a segunda metade do século XVIII, nos 8 mil anos que transcorreram desde a ascensão do Neolítico até o advento da Era Industrial, houve relativamente poucas inovações tecnológicas fundamentais. As ferramentas agrícolas básicas foram refinadas, mas não se modificaram

substancialmente: a foice, a enxada, o cinzel, a serra, o martelo e a faca continuaram a ser usados sob formas substancialmente imutáveis. Mudanças mais radicais ocorreram apenas com relação às tecnologias de irrigação e à introdução de novas variedades de plantas.

Por volta do ano 1800, a Revolução Industrial já fermentava na Inglaterra há cerca de meio século. No entanto, mesmo nos três países que estavam na linha de frente da revolução - Inglaterra, França e Estados Unidos - não havia telégrafo, nem estradas de ferro e rodovias pavimentadas, e nem barcos a vapor. As indústrias de ferro e de aço ainda eram embrionárias. Mas o barco a vapor foi inventado em 1802 e o petróleo foi descoberto na Pensilvânia em 1859. Em meados do século XIX, a Revolução Industrial entrou em plena atividade, pondo em cena toda uma bateria de novas tecnologias.

Os primeiros avanços revolucionários ocorreram na indústria têxtil: inovações na fiação do algodão estimularam invenções aparentadas, o que levou a máquinas capazes de produção em massa com base em fábricas. O desenvolvimento industrial logo se espalhou dos têxteis para o ferro, à medida que o ferro fundido, mais barato, substituiu o ferro forjado, mais caro.

Acompanhando bem de perto as inovações da indústria das máquinas-ferramentas, a indústria química também se desenvolveu. Muitas das tecnologias do século XX nas indústrias do automóvel, do aço, do cimento, petroquímica e farmacêutica foram produzidas na década de 1860 e nos anos que se seguiram. As modernas usinas siderúrgicas ainda são, em sua maior parte, baseadas no processo do aço Bessemer desenvolvido naquela época; o forno rotativo, patenteado por Fredrick Rancome em 1885, ainda é usado na produção atual de cimento; e os corantes sintéticos do século XVIII tiveram importância fundamental para o desenvolvimento das modernas indústrias químicas. O motor à explosão que proporciona tração aos veículos, uma inovação de suma importância para os transportes modernos, apareceu na década de 1880, simultaneamente com a lâmpada elétrica de Thomas Edison, seguida pela transmissão sem fios de Marconi e pela máquina voadora dos irmãos Wright.

Na primeira metade do século XX, essas inovações tecnológicas mudaram a produção industrial do carvão e do vapor, dos têxteis, das máquinas-ferramentas, do vidro, do aço forjado pré-Bessemer e da agricultura que exige trabalho manual intensivo para a eletricidade, o motor

de combustão interna, a química orgânica e a produção industrial em grande escala.

2. A Fase do Acúmulo, 1960 até o Presente. *Inovações em tecnologia hard acumulam e transformam irreversivelmente as relações sociais e ambientais. Elas produzem, numa taxa cada vez maior,*

- Níveis mais altos de produção de recursos
- Crescimento mais rápido da população
- Complexidade social crescente
- Impacto crescente sobre o ambiente natural

No início da década de 60, quase 160 anos depois da introdução das inovações que levaram ao desdobramento da primeira revolução industrial, surgiu um novo tipo de inovação tecnológica. A “segunda revolução industrial” substituiu a dependência com relação a *inputs* maciços de energia e de matéria-prima pelo recurso mais intangível conhecido como *informação*. No último quartel do século XX, uma quantidade de informação em rápido crescimento passou a ser armazenada em discos ópticos, e comunicada por meio de fibras ópticas, com computadores equipados com programas sofisticados para elaborar os dados. As novas tecnologias *soft* tornaram mais eficientes as clássicas tecnologias *hard*. Sofisticados sistemas de informação racionalizaram e baixaram os custos de produção e consumo e intensificaram enormemente as atividades de mineração, produção, uso e, finalmente, descarte de bens manufaturados produzidos por tecnologias automatizadas ou semiautomatizadas cada vez mais poderosas.

A difusão de tecnologias industriais para os quatro cantos do globo resultou em uma série de transformações profundas, globalizando os setores econômico e financeiro enquanto deixava abandonadas estruturas sociais localmente diversificadas e díspares. Para uma minoria, essas tecnologias trouxeram uma nova riqueza e grandes melhoramentos nos padrões de vida materiais, mas para as massas em crescimento elas trouxeram o aprofundamento da pobreza e uma marginalização aparentemente sem esperança. A globalização desigual e desequilibrada disparou uma nova corrida do ouro em busca da riqueza prometida pelos setores de serviço e de produção de alta tecnologia. A corrida irrefletida pela riqueza despedaçou estruturas tradicionais e colocou em discussão valores e prioridades

estabelecidos. Ela levou à exploração, e ocasionalmente à exploração excessiva, tanto de recursos renováveis como de não renováveis, e degradou as condições de vida dos ambientes urbanos e rurais.

3. *A Janela de Decisão, 2005-2012. A ordem social dominante fica sujeita a tensões exercidas pelas condições radicalmente alteradas que colocam em discussão valores, visões de mundo, éticas e aspirações estabelecidas. A sociedade ingressa num período de fermentação. Agora a flexibilidade e a criatividade das pessoas criam essa “flutuação” sutil, mas de importância total, que decide qual dos caminhos de desenvolvimento disponíveis a sociedade irá tomar daqui para a frente.*

Por volta do final do século XX, a globalização atingiu uma nova fase: o sistema mundial se tornou cada vez mais, e visivelmente, insustentável. Na primeira década do século XXI, a globalização progressiva da economia, articulada com o contato intensificado entre culturas e sociedades que tiveram desenvolvimento díspar, se avoluma em direção a uma época crítica na qual os nossos sistemas se tornam insustentáveis e cada vez mais sensíveis à mudança. Esse estado é desencadeado por altos níveis de tensão, que incluem o terrorismo e a guerra, conflitos na esfera política, vulnerabilidade na arena econômica, volatilidade na esfera financeira e problemas, que pioram cada vez mais, com o clima e o meio ambiente.

4. *O Ponto do Caos, 2012. Os processos iniciados no início do século XIX e que estão se acelerando desde a década de 60 se avolumam inevitavelmente em direção a uma Janela de Decisão, e em seguida em direção a um limiar crítico a partir do qual não há mais volta: o ponto do caos. Agora, o que vigora é uma regra simples: não podemos ficar parados, não podemos retroceder, precisamos continuar nos movendo. Há caminhos alternativos que podemos tomar para seguir em frente. Há um caminho que nos leva para o colapso, e há um caminho que nos leva para um mundo novo.*

Em uma concordância notável - e talvez não inteiramente fortuita - com a data prevista pela civilização maia, o Ponto do Caos provavelmente será atingido no ano 2012, ou por volta de 2012. O calendário maia indica que a “Era do Jaguar”, o décimo terceiro *baktun*, ou Longa Duração de 144 mil dias, chegará ao fim com o Quinto Sol, o último, em 22 de dezembro de 2012. Essa data, de acordo com o sistema maia, marcará o “portal” para uma nova época de desenvolvimento planetário, com um tipo de

consciência radicalmente diferente.

De fato, é provável que o ano 2012 seja um portai para um mundo diferente, mas se há de ser um mundo melhor ou um mundo desastroso, isso ainda não foi decidido. Nesse ponto, dois caminhos alternativos se abrem diante de nós:

(a) O Caminho do Colapso: Degeneração rumo ao Desastre

A rigidez e afoita de previsão levam a tensões que as instituições estabelecidas não conseguem mais controlar. O conflito e a violência assumem proporções globais, e a anarquia surge como consequência.

ou

(b) O Caminho do Avanço Revolucionário: Evolução rumo a uma Nova Civilização

Um novo modo de pensar, com valores mais bem adaptados e uma consciência mais evoluída, mobiliza a vontade das pessoas e catalisa uma irrupção revigorada de criatividade. As pessoas e instituições dominam as tensões que surgem como consequência da fascinação irrefletida da geração precedente pela tecnologia e da busca irrestrita por riqueza e poder. Por volta do ano 2025, uma nova era desponta para a humanidade.

A percepção aguçada que obtemos dessa dinâmica de transformação em quatro fases é simples e direta. Na sociedade, mudanças fundamentais são desencadeadas por inovações tecnológicas que desestabilizam as estruturas e instituições estabelecidas. Estruturas e instituições mais bem adaptadas aguardam o surgimento de uma mentalidade igualmente mais bem adaptada à maioria da população. Desse modo, na transformação do nosso mundo, a inovação tecnológica é o gatilho. O elemento decisório, entretanto, não é mais a tecnologia, mas a emergência de um novo pensamento - novos valores, percepções e prioridades - em uma massa crítica de pessoas que constituem a maioria da sociedade.

3. Os condutores do caos

A escolha que enfrentamos atualmente é entre a degeneração rumo à crise e ao colapso, e a evolução rumo a um novo mundo. Entraremos em um ou no outro caminho, pois o mundo como ele é hoje não é sustentável. Vamos agora examinar os fatores que nos conduzem até essa encruzilhada decisiva.

As insustentabilidades econômicas

O primeiro condutor: a insustentabilidade da atual distribuição de riqueza no mundo. O crescimento econômico continua vigorando no mundo, mas ele é precário e injusto. Seus benefícios dizem respeito a um número cada vez menor de pessoas e marginalizam um número cada vez maior. Centenas de milhões de pessoas vivem em um padrão material de vida mais elevado, mas milhares de milhões são pressionados a viver em uma situação de pobreza abjeta, morando em barracos de madeira, favelas e guetos urbanos nas sombras da ostentação da afluência. A renda dos 20% mais ricos é 90 vezes maior que a dos 20% mais pobres, eles consomem 11 vezes mais energia, ingerem 11 vezes mais carne, têm um número 49 vezes maior de telefones e são donos de um número 145 vezes maior de carros. O patrimônio líquido de 500 bilionários equivale ao patrimônio líquido de metade da população mundial. Isso não é apenas injusto e indefensável - é altamente explosivo.

A privação absoluta de mais de um bilhão de pessoas e a pobreza relativa de dois terços da população do mundo constituem uma condição arbitrária; não se pode atribuir a culpa disso a um planeta finito. Se o acesso aos recursos físicos e biológicos da Terra fosse distribuído de maneira uniforme, todas as pessoas no mundo poderiam viver com um padrão material decente. Por exemplo, se os suprimentos de alimentos fossem compartilhados de maneira justa, cada pessoa receberia cerca de cem calorias a mais do que as necessárias para repor as 1.800 a 3.000 calorias que ela gasta por dia (uma dieta saudável requer um ingresso de cerca de 2.600 calorias por dia em nosso corpo). Mas as pessoas nos países ricos da América do Norte e da Europa Ocidental e no Japão obtêm não apenas

100%, mas 140% das suas 2.600 necessidades calóricas, enquanto as pessoas nos países mais pobres, tais como Madagáscar, Guiana e Laos, estão limitadas a 70%. Os norte-americanos gastam apenas 10% de sua renda com alimentos, e ainda assim compram tanto que desperdiçam 15% deles. Os haitianos, que vivem cerca de 965 quilômetros ao sul, assim como três quartos de todos os africanos, gastam mais de metade de sua renda em alimentos e são subnutridos. Esse é um problema estrutural. Levantamentos realizados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação indicam que 87 países atualmente não produzem alimentos suficientes para sustentar sua população e nem têm dinheiro para importar de outros lugares a quantidade que lhes falta.

O padrão mundial do consumo de energia é igualmente disparatado. A quantidade média de energia elétrica comercial consumida pelos africanos é de meio quilowatt-hora (kWh) por pessoa. A média correspondente para os asiáticos e os latino-americanos é de 2 a 3 kWh; e os norte-americanos, europeus, australianos e japoneses usam até 8 kWh. Abrigando 4,1% da população mundial, os Estados Unidos sozinhos consomem 25% da produção mundial de energia, desperdiçando grande parte dela - por exemplo, aquecendo lares no inverno com ineficientes aquecedores a gás ou radiadores elétricos, deixando ligados no verão condicionadores de ar durante longos períodos, e usando vans, picapes e utilitários esportivos que consomem muita gasolina para o transporte cotidiano. O norte-americano médio queima cinco toneladas de combustível fóssil por ano - em contraste com a quantidade de 0,8 tonelada consumida pelo chinês médio e com as, até certo ponto ainda modestas, 2,9 toneladas gastas pelo alemão médio.

Ao longo dos 80 anos ou mais de expectativa de vida de uma criança nascida em uma família de classe média nos Estados Unidos, ela consumirá 800.0 quilowatts de energia elétrica. Além disso, ela também consumirá 2.500.0 litros de água, 21.000 toneladas de gasolina, 220.000 quilos de aço, a madeira de mil árvores, e gerará 60 toneladas de lixo municipal. Com essas taxas, a criança norte-americana média produzirá ao longo de sua vida o dobro da carga ambiental de uma criança sueca, três vezes mais que uma italiana, 13 vezes mais que uma brasileira, 35 vezes mais que uma indiana e 280 vezes mais que uma haitiana.

O segundo condutor: A insustentabilidade do consumo afluente. Mesmo que o crescimento econômico global continuasse além dos próximos anos

(o que, como veremos, é questionável), ele provavelmente estaria muitíssimo concentrado, aumentando principalmente nos países ricos, nas corporações ricas e entre pessoas em posições de poder. Mesmo em um cenário de crescimento global, por volta de meados do século XXI, cerca de 90% das pessoas do mundo viverão em países pobres, e a grande maioria delas será, ela própria, constituída de pobres. Se a atual distribuição de riqueza, altamente desigual, não for retificada, é difícil perceber como essas pessoas poderiam satisfazer até mesmo suas necessidades mais básicas. Como disse Gandhi, embora o mundo tenha o suficiente para suprir as *necessidades* de todas as pessoas, ele não tem o suficiente para suprir a *ganância* sequer de uma única pessoa.

Nos países ricos do mundo, a ganância ainda é dominante. Em nome do livre mercado, muitas pessoas usam não apenas aquilo de que necessitam, mas também tudo o que elas podem obter. Pessoas afluentes usam 80% da energia e das matérias-primas do mundo e contribuem com a parte do leão para a sua poluição. O ser humano médio precisa de cinco litros de água por dia para beber e cozinhar, e de 25 litros para higiene pessoal, mas o norte-americano médio usa 350 litros por dia - 80 litros apenas para dar descarga no banheiro - e o europeu e o japonês médios, de 130 a 150 litros. Ao mesmo tempo, muitos africanos caminham mais de três quilômetros para conseguir água potável, se de fato podem consegui-la; 48% deles não têm acesso a uma água que seja segura para beber e para cozinhar.

A ganância também é evidente na maneira como as pessoas comem. O inglês médio consome a cada mês seis sacos de batatas fritas, seis barras de chocolate, seis sacos de doces, três sanduíches, duas tortas, dois hambúrgueres, uma rosquinha e um espetinho enquanto está sentado ao volante. Em uma base anual, os norte-americanos, preocupados com a obesidade, gastam 30 vezes mais tentando emagrecer do que todo o orçamento das Nações Unidas para mitigar a inanição. Pessoas afluentes consomem tais quantidades de carne vermelha que toda a produção de grãos do mundo seria insuficiente para alimentar todo o gado que seria necessário se as pessoas mais pobres do mundo adotassem uma dieta semelhante. No entanto, as pessoas pobres estão tentando fazer exatamente isto: o consumo de carne nos países em desenvolvimento triplicou entre 1980 e 2004, passando de 50 para 150 milhões de toneladas. E, de acordo com a Food and Agriculture Organization (FAO), espera-se que ocorra um aumento de outras 110 milhões de toneladas por volta de 2030.

O consumo afluente não é a única causa da insustentabilidade do mundo moderno; a maneira como os povos pobres tentam obter os recursos necessários para sua sobrevivência também é um problema; 1,1 bilhão de pessoas que, de acordo com estimativas obtidas pelo Banco Mundial, vivem na ou abaixo da linha de pobreza absoluta (definida como o equivalente a um dólar por dia ou menos) destroem o meio ambiente do qual elas dependem. Seja nas metrópoles ou no campo, a pobreza faz uso excessivo das terras produtivas, contamina rios e lagos, e abaixa o nível dos lençóis freáticos. Isso cria um círculo vicioso. A pobreza encoraja altas taxas de natalidade, pois as crianças ajudam as famílias de subsistência a reunir os recursos necessários à sua sobrevivência. O crescimento da população cria mais pobreza, e um maior número de pobres destroem mais o seu meio ambiente.

Com a degradação dos ambientes rurais, as pessoas abandonam suas terras e aldeias natais e fogem para as metrópoles. Os complexos urbanos estão experimentando crescimentos explosivos: uma em cada três pessoas vive hoje em uma metrópole, e por volta do ano 2025, tem-se a expectativa de que duas em cada três farão o mesmo. Por volta desse ano, haverá mais de 500 metrópoles com populações de mais de um milhão de habitantes, e 30 megametrópoles com populações que excederão 8 milhões de habitantes. Tais metrópoles são intrinsecamente insustentáveis. Quanto maiores elas são, maior é sua dependência com relação ao seu meio ambiente já excessivamente explorado.

Pessoas abastadas usam em excesso os recursos do planeta e pessoas pobres fazem mau uso deles. O planeta tem 6,5 bilhões de pessoas; os 2 bilhões de “desenvolvidos” consomem e desperdiçam mais do que a sua quota, enquanto os 2,5 bilhões de “subdesenvolvidos” fazem mau uso do pouco que lhes é deixado. Para piorar as coisas, muitos dos 2 bilhões do meio, as massas “em desenvolvimento”, esperam adotar os modos de vida e os padrões de consumo dos 2 bilhões de “desenvolvidos”. Porém, essa ambição é maior do que os recursos e ecossistemas do planeta podem satisfazer.

Um exemplo particularmente notável é a curva de consumo na China. Em seu todo, o consumo de grãos e de carne, assim como o de carvão e de aço, é hoje maior na China do que nos Estados Unidos. Esse crescimento não pode continuar sem que ocorram consequências desastrosas para o planeta. De acordo com cálculos realizados pelo Earth Policy Institute, se o

nível de consumo pela China se elevar até o nível norte-americano de consumo por pessoa, a demanda seria maior do que os recursos da Terra poderiam satisfazer. Por exemplo, se os chineses forem consumir os 935 quilos de carne por pessoa que os norte-americanos consomem anualmente (os chineses consomem hoje 291 quilos de carne), por volta de 2031 eles precisariam de dois terços da atual produção mundial de grãos (181 milhões de toneladas) para alimentar seu gado. Se eles passarem a queimar carvão no atual nível dos Estados Unidos, eles usarão mais carvão em um único ano do que toda a produção anual de carvão nos dias de hoje. E se os chineses forem usar o petróleo com a mesma intensidade com que os norte-americanos o usam hoje, eles usarão mais petróleo do que jamais se julgou provável que o mundo viesse a produzir: 2,8 bilhões de toneladas por ano, enquanto a atual produção mundial já atingiu o pico de 2,5 bilhões de toneladas por ano.

Na China, assim como em todo o mundo em desenvolvimento, os estilos de vida das pessoas abastadas são admirados e imitados. Por causa do fato de que os 2 bilhões de “desenvolvidos” vão trabalhar, fazem compras e passeiam com seus carros particulares - até mesmo em cidades onde o transporte público está disponível - os 2 bilhões “em desenvolvimento” esperam possuir e usar carros pelas mesmas razões e com os mesmos propósitos. Uma boa parcela desses 1,3 bilhão de chineses estão em vias de realizar essa ambição. No centro da “cidade milagrosa” Shenzhen quase não há bicicletas, mas há carros particulares em abundância, inclusive modelos de luxo - juntamente com congestionamentos de tráfego e poluição do ar. Grande parte da mesma tendência à imitação ocorre com relação aos hábitos alimentares. Pelo fato de que as pessoas nos países industrializados têm preferência por bifes e hambúrgueres, as pessoas na China e em outros países em desenvolvimento aspiram ao mesmo tipo de dieta. Lanchonetes de hambúrgueres e restaurantes *fast-food* estão se espalhando por toda parte nos países pobres e nas regiões do hemisfério Sul. Até mesmo os esquimós no hemisfério Norte bebem Coca-Cola e comem hambúrgueres.

Suponha, então, que os 2 bilhões de “desenvolvidos” decidam viver de uma maneira mais responsável. Será que isso faria uma diferença para as aspirações dos 2 bilhões de esperançosos indivíduos “em desenvolvimento”, e para a condição dos 2,5 bilhões dos quase desesperadamente “subdesenvolvidos”? É muito provável que faria. Estilos

de vida mais simples e escolhas mais responsáveis liberariam uma parcela significativa dos recursos do planeta para serem consumidos por todas as pessoas que o habitam. É necessário um campo de 190 metros quadrados de terra e não menos de 105 mil litros de água para produzir um quilo de carne de gado alimentado com grãos. Mas para produzir um quilo de grãos de soja, são necessários apenas 16 metros quadrados de terra e 9 mil litros de água. A mesma quantidade de terra que produz um quilo de carne poderia produzir quase 12 quilos de grãos de soja ou 8,6 quilos de milho. E os agricultores economizariam 96 mil litros de água escolhendo soja e 92.500 litros de água plantando milho. Em vista da rápida erosão de muitas terras agricultáveis e da carência de água que se aproxima, essa diferença pode ser crucial.

Os sofismas do consumo excessivo: Os casos do comer, fumar e dirigir

O consumo mundial de carne aumentou mais de cinco vezes nos últimos 50 anos. Um número cada vez maior de pessoas exige carne, embora a carne que elas consomem não seja a carne segura que suas avós compravam em 1950. Ela pode conter progesterona, testosterona, avoparcina e clembuterol - substâncias químicas que os fazendeiros injetam no gado para engordá-los e mantê-los saudáveis. Esteroides anabólicos, hormônios do crescimento e beta-agonistas transformam a gordura em músculo; antibióticos estimulam o crescimento e protegem os animais sedentários contra doenças que eles não contrairiam se fossem mantidos em condições mais naturais.

Uma dieta pesada de carne não é apenas insalubre; é também imoral: ela cede à satisfação de uma fantasia pessoal à custa de esgotar recursos essenciais para alimentar toda a população humana. A carne vermelha vem do gado, e o gado precisa ser alimentado. Os grãos que o alimentam são subtraídos dos que estão disponíveis para o consumo humano. Se as vacas restituíssem uma nutrição equivalente sob a forma de carne, sua ração não seria desperdiçada. Mas a energia calórica fornecida pelo bife equivale a somente um sétimo da energia da ração. Isso significa que no processo de converter o grão em bife, as vacas “desperdiçam” seis sétimos do valor nutricional da sua ração. A proporção é um tanto mais favorável nas aves de criação, mas o frango médio ainda usa para si mesmo dois terços do valor nutricional da ração que ele consome.

É verdade que uma terra muito pobre para o cultivo de plantações pode ser utilizada para o pastoreio de animais de criação. No entanto, não há grãos em quantidade suficiente para alimentar os animais que seriam necessários ao fornecimento de carne para as mesas de todas as pessoas do mundo. O número gigantesco de criações de gado e o infindável número de fazendas de aves de criação necessitariam de mais grãos do que a produção total das terras agricultáveis do planeta - de acordo com alguns cálculos, aproximadamente o dobro. Em vista da quantidade de terra disponível para a agricultura e dos métodos agrícolas conhecidos e usados atualmente, a duplicação da produção atual de grãos necessitaria de investimentos economicamente proibitivos. A solução racional e moral consistiria em interromper gradualmente a produção em massa de gado e de aves de criação - não pela matança maciça, mas pela criação de menos animais e com uma alimentação mais saudável.

As necessidades nutricionais de toda a população humana poderiam ser satisfeitas ingerindo-se mais verduras e grãos e menos carne, utilizando- -se para isso, em primeiro lugar, a produção do próprio país, região e ambiente em que se vive. A autoconfiança em alimentos baseados em grãos e plantas fornece uma dieta mais saudável, e permite que as terras agricultáveis de todo o mundo e que podem ser exploradas economicamente sejam cultivadas para satisfazer às necessidades de toda a família humana.

O que é verdadeiro para o hábito de comer carne também o é para o hábito de fumar. O fato de que fumar é perigoso para a saúde de quem fuma e de outras pessoas pode ser constatado lendo-se as informações que há em cada maço de cigarros, mas não é de conhecimento geral que o cultivo do tabaco para exportação deixa milhões de pessoas pobres despojadas de terras férteis nas quais elas poderiam cultivar cereais e verduras. Enquanto existir um mercado para as exportações de tabaco, agronegociantes e agricultores sedentos de lucros continuarão a cultivar tabaco em vez de trigo, milho ou soja. E o mercado para exportações de tabaco permanecerá atraente enquanto um grande número de pessoas continuar a fumar. O tabaco, juntamente com outras plantações cultivadas para venda direta, como o café e o chá, domina uma parcela considerável das terras férteis do mundo e, no entanto, tais produtos não respondem a uma necessidade real.

Reduzir a demanda pelo tabaco - e pelo café, pelo chá e por plantações semelhantes cultivadas para venda direta (sem mencionar a papoula, de onde se extraem o ópio e a heroína, e outras plantas psicodélicas) -

significaria uma vida mais saudável para todos os que conseguem reduzir o seu uso (ou romper sua dependência com relação a ele) e ao mesmo tempo uma oportunidade de proporcionar uma alimentação adequada para os pobres. Um melhor padrão de uso da terra permitiria alimentar oito ou até mesmo 10 bilhões de pessoas sem conquistar novas terras nem empreender experimentos arriscados com variedades de plantas manipuladas geneticamente. Porém, com os padrões de consumo atuais, as terras agricultáveis do mundo mal conseguem alimentar os 6,5 bilhões de pessoas que vivem atualmente. É necessário apenas um acre (cerca de 4.047 m²) de terra produtiva para satisfazer às necessidades relacionadas à agricultura de um indiano médio, mas para satisfazer às necessidades de um norte-americano típico são necessários 12 acres completos. Fazer com que 12 acres de terra produtiva se tornem disponíveis para fornecer alimentos a 6,5 bilhões de pessoas exigiria mais dois planetas do tamanho da Terra.

Também devemos considerar o uso - e o uso excessivo - dos automóveis particulares. De acordo com uma estimativa obtida pelo Banco Mundial, por volta de 2010 o número de veículos motorizados atingirá um bilhão. A menos que haja uma mudança rápida para novas tecnologias de combustível - possíveis, mas difíceis de serem adotadas em âmbito mundial - duplicar o atual monopólio de veículos motorizados duplicará o nível dos componentes (mistura de neblina e fumaça) e dos gases de efeito estufa. Carros e caminhões entupirão as ruas das metrópoles do terceiro mundo e as artérias de transporte das regiões em desenvolvimento. Mas a forma atual e o nível de uso de veículos motorizados não são necessidades nem no mundo industrializado nem no mundo em desenvolvimento. Para o transporte de mercadorias, ferrovias e rios poderiam ser utilizados de maneira mais eficiente, e para os moradores de metrópoles, o transporte público poderia ser compelido a realizar um serviço em larga escala, reduzindo o número de veículos particulares.

Sabemos que a expansão urbana criada pelo uso difundido de automóveis particulares é indesejável, que os engarrafamentos são frustrantes e contraproducentes e que o motor de combustão interna a gasolina gasta recursos finitos e contribui para a poluição do ar e para o aquecimento global. Também sabemos que existem alternativas perfeitamente boas para o automóvel padrão: carros que funcionam com gás natural ou hidrogênio líquido, para mencionar duas. Mesmo que essas tecnologias estejam se tornando mais amplamente conhecidas, e as

tecnologias para a sua produção econômica estejam sendo mais desenvolvidas, a maior parte da população consumidora ainda exige carros que usam a tecnologia convencional. Enquanto essa demanda se mantiver, as indústrias não introduzirão as tecnologias alternativas disponíveis e as metrópoles e Estados não criarão sistemas de transporte coletivo mais limpos e mais eficientes.

O terceiro condutor: a insustentabilidade de desenvolvimentos atuais no sistema financeiro global. Num nível superficial, a insustentabilidade do sistema financeiro global não é evidente. Apesar dos problemas e das crises e choques periódicos, o crescimento econômico, medido em termos monetários, continua. Perspectivas futuras parecem brilhantes: seguindo-se à constatação do melhor crescimento global em 30 anos, ocorrido em 2004, o Fundo Monetário Internacional previu que o crescimento econômico continuará numa taxa de 4,3% nos anos seguintes.

Porém, se olharmos mais de perto, fica evidente que os atuais padrões de crescimento - concentrados nos Estados Unidos, na China e em algumas outras economias asiáticas - não são sustentáveis. Eles desequilibram seriamente o sistema financeiro internacional. Em termos mais simples, os Estados Unidos consomem muito e exportam muito pouco, enquanto a China e outros países asiáticos consomem muito pouco e exportam muito. Como resultado, o déficit comercial dos Estados Unidos é cada vez maior: o valor dos bens que eles importam é muito superior ao dos bens que eles exportam. Ocorre o oposto no caso da China e de outras economias asiáticas: elas têm um excedente comercial crescente, uma vez que o valor de suas exportações está acima do valor de suas importações. O déficit em conta corrente dos Estados Unidos no momento em que escrevo este livro é de 760 bilhões de dólares, mais do que 6% do seu Produto Interno Bruto. Ao mesmo tempo, as reservas acumuladas por bancos centrais asiáticos aumentaram de 509 bilhões de dólares há dez anos para 2.300 bilhões no final de 2004, em grande parte por causa do acúmulo de dólares mantido na China (as reservas chinesas cresceram de 213 bilhões de dólares no início de 2002 para 704 bilhões de dólares no final de julho de 2005).

Os dólares norte-americanos são uma moeda corrente valiosa: mais de dois terços das reservas globais são mantidas em dólares. Desse modo, por enquanto o débito atualmente registrado pelos Estados Unidos pode ser financiado por mais empréstimos em dólares. Bancos centrais que têm grandes reservas de câmbio exterior, como a China, o Japão e outros países

asiáticos, permanecem cativos da política fiscal norte-americana. Eles reconhecem que, se recusassem esse acúmulo progressivo - e ainda com maior razão, se reduzissem seus títulos e ações em dólares - isso empurraria o dólar para baixo, provocando grandes perdas em suas reservas. Além disso, um dólar com menor poder de compra reduziria suas exportações para os Estados Unidos, e isso produziria desemprego e poderia levar à ameaça da recessão. São perspectivas indesejáveis. Mas por quanto tempo o mundo financiará o gasto excessivo dos Estados Unidos? O desequilíbrio financeiro está aumentando, e é apenas uma questão de tempo antes que atinja um ponto em que precisará ser corrigido.

Os banqueiros dos bancos centrais sabem que a alternativa para um ajuste gradual e doloroso é o passo radical de optar por outra moeda corrente de reserva. Se os Estados Unidos fizerem isso, eles não serão mais capazes de financiar seu déficit em dólares, e a economia norte-americana enfrentará um choque semelhante àquele que levou a economia argentina ao colapso. Isso teria repercussões no mundo todo.

A *Economic Outlook* de 2005, do FMI, observou que não se trata mais de uma questão de saber se a economia mundial irá se ajustar, mas sim apenas de *como* ela se ajustará. Se as medidas necessárias para um ajuste gradual se atrasarem, o ajuste será “abrupto”. Ele será uma parte, ou talvez um gatilho, do Ponto do Caos que toda a economia mundial enfrentará.

As insustentabilidades sociais

O *quarto condutor: a insustentabilidade das estruturas sociais estabelecidas*. As tensões dentro das comunidades humanas estão se aproximando de atingir um ponto crítico: as estruturas sociais tradicionais estão entrando em colapso. Isso é uma consequência parcial, mas não total, do crescimento explosivo da população. A população mundial em 1900 era de cerca de 1,5 bilhão de pessoas. Em 2005, ela era de aproximadamente 6,4 bilhões de pessoas - um aumento de mais de quatro vezes em apenas pouco mais de 100 anos. A população ainda está aumentando a uma taxa de 90 milhões de pessoas por ano. Estimativas de médio prazo realizadas pelas Nações Unidas preveem cerca de 7,85 bilhões de seres humanos por volta de 2025 e 9,1 bilhões por volta de 2050.

Espera-se que cerca de 98% do crescimento da população mundial ocorra nos países em desenvolvimento. A menos que a inanição e condi-

ções de vida desumanas dizimem as populações, os centros de pobreza se expandirão radicalmente: a população dos países menos desenvolvidos aumentará de 800 milhões de habitantes atualmente para 1,7 bilhão em 2050, com a população triplicando em vários países: Afeganistão, Burkina Fasso, Burundi, Chade, Congo, Timor Leste, Guiné Bissau, Libéria, Mali, Nigéria e Uganda.

Por outro lado, a população dos países industrializados será reduzida ou, no máximo, permanecerá constante. Por volta de meados do século, espera-se que as taxas de fertilidade no Japão, na Rússia, na Índia, na Alemanha e na Itália não sejam superiores a três quartos do nível necessário para sustentar a população existente. Em todo o mundo industrializado, a idade média aumentará de 26 anos para 37 anos, e a expectativa de vida média aumentará de 65 anos para 75 anos. Haverá mais pessoas que terão 60 anos ou mais do que pessoas com 15 anos ou menos.

Entretanto, a insustentabilidade das condições sociais no mundo de hoje não pode ser inteiramente atribuída a padrões desequilibrados de crescimento populacional. As estruturas familiares estão se desfazendo. Nos países industrializados, criar filhos num ambiente acolhedor está se tornando mais difícil; a taxa para primeiros casamentos que acabam em divórcio nos Estados Unidos é de 50%, e cerca de 40% das crianças crescem em famílias nas quais são criadas apenas por um dos pais durante pelo menos uma parte de sua infância. Um número crescente de homens e mulheres encontra mais satisfação e companheirismo no trabalho do que em casa. Depois que as crianças “voaram do ninho”, está se tornando normal para os casais buscarem realização com outros parceiros em vez de reestruturarem seu relacionamento familiar numa casa sem crianças.

Em todas as partes do mundo, famílias fazem juntas suas refeições com frequência cada vez menor, e quando o fazem, é provável que a TV seja o centro das atenções. A exposição das crianças à mídia televisiva, aos *video games* e a temas “adultos” - um eufemismo para programas de conteúdo violento e sexualmente provocador - está aumentando. Pesquisadores descobriram que a exposição a tais imagens os conecta com comportamento violento e de exploração sexual. Adolescentes enfrentam o desafio por um sexo “mais livre”, em que ligações sem compromisso, que duram uma só noite, estão começando a ser vistas como normais, e a construção de relacionamentos emocionais profundos com parceiros sexuais é considerada obsoleta.

Muitas das funções da vida familiar estão sendo desempenhadas por grupos de interesse externos. A educação das crianças é, cada vez mais, confiada a jardins da infância e a centros de assistência comunitária ou empresarial para o período diurno. As atividades nos períodos de lazer são dominadas pelos resultados dos esforços de marketing e de relações públicas de empresas comerciais, e a provisão de alimentação diária está mudando da cozinha da família para os supermercados, indústrias de alimentos preparados e cadeias *defast-food*.

Em países em desenvolvimento, as exigências de sobrevivência econômica estão destruindo a família extensa tradicional. À medida que as mulheres são obrigadas a deixar seus lares em busca de trabalho, a pobreza dilacera até mesmo a família nuclear. As mulheres são extensamente exploradas, aceitando trabalhos de empregada doméstica por um baixo salário. O ingresso de crianças no mercado de trabalho é um problema ainda pior. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho, atualmente 50 milhões de crianças em todo o mundo (a maioria na África, na Ásia e na América Latina) estão trabalhando. Elas são empregadas por um salário insignificante em fábricas, minas e trabalhos com a terra, e muitas são forçadas a se aventurar em situações de perigo de vida nas ruas como vendedores autônomos ou apenas como mendigos.

Uma consequência ainda mais deplorável da pobreza familiar é a que a leva a se abandonar à própria sorte, e às vezes à venda irrestrita de crianças para a prostituição. A UNICEF chama isso de “uma das formas mais abusivas, exploratórias e perigosas de trabalho infantil”. Somente na Ásia, acredita-se que 1 milhão de crianças trabalhem como prostitutas juvenis, exploradas por uma indústria altamente lucrativa de pedohlia, mantida em atividade pelo turismo sexual internacional.

As insustentabilidades ecológicas

O quinto condutor: a insustentabilidade da carga humana sobre a natureza. Relações insustentáveis também se desenvolveram entre as sociedades humanas e a natureza. Isso é uma consequência de duas tendências básicas:

- A demanda rapidamente crescente pelos recursos físicos e pela riqueza biológica do planeta.

- O *esgotamento* acelerado dos recursos físicos e da riqueza *biológica* do planeta.

Como resultado, a curva ascendente da demanda está agora cruzando a curva descendente dos suprimentos. A humanidade consumiu mais recursos da Terra nos 60 anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial do que em toda a história anterior a essa época. As produções de petróleo, peixe, madeira serrada e outros recursos básicos já atingiram seus picos. Metade das florestas do mundo e 25% dos recifes de coral já desapareceram, e cerca de 9,4 milhões de hectares de florestas são perdidos anualmente.

O crescimento contínuo da população, aliado à exploração dos recursos naturais do planeta, deixa insatisfeitas as necessidades básicas de um número cada vez maior de pessoas. Essa é uma situação sem precedentes. Durante a maior parte da nossa história de 5 milhões de anos, a demanda da humanidade foi insignificante em relação aos recursos disponíveis; com tecnologias primitivas e populações menores, os recursos planetários pareciam ilimitados. Mesmo quando as tecnologias empregadas exauriam um ambiente local e esgotavam os recursos locais, sempre havia outros recursos e ambientes para explorar. Mas nos últimos 50 anos, a família humana cresceu mais do que em toda a sua história anterior.

O crescimento populacional desequilibrado é um problema, mas ele não responde pela insustentabilidade das relações humanas com a biosfera mais do que pela insustentabilidade das relações entre as pessoas. Os 6,4 bilhões de seres humanos da atualidade são apenas 0,014% da biomassa da vida na Terra, e 0,44% da biomassa dos animais. Esse pequeno fragmento não deveria ser uma ameaça para toda a biosfera. No entanto, a humanidade é uma ameaça aguda; seu impacto está inteiramente fora de proporção com seu tamanho.

Numerosas organizações internacionais documentaram o dano ambiental maciço causado pelo consumo intensivo de combustíveis fósseis, produtos agrícolas, produtos florestais, suprimentos de água potável e outros incontáveis recursos naturais. O motor do “consume e descarte” que impulsiona esse consumo é um empreendimento complexo, cujos elementos incluem subsídios para a extração de metais, de madeira e de outros materiais virgens, a propaganda que identifica o valor pessoal com a posse de bens, e os planos de ação política para o uso da terra que promovem a

expansão urbana, a qual faz uso intensivo de materiais.

Índices quantitativos têm sido desenvolvidos para calcular o nível de impacto da humanidade sobre a natureza. Um desses índices é a “pegada ecológica”: a área de terra necessária para sustentar uma comunidade humana. Se a pegada de um povoado for maior do que a área desse povoado, ele não é independentemente sustentável. As metrópoles são intrinsecamente insustentáveis, pois é pequeno o número de recursos naturais usados por seus habitantes e vindos de dentro de suas fronteiras; a maioria deles vem do interior do país, de terras distantes e de represas, que fornecem às metrópoles alimentos, água e outros recursos. As metrópoles também dependem de locais fora delas para o descarte do lixo. Porém, regiões e países inteiros poderiam muito bem ser sustentáveis - a pegada ecológica deles não precisa se estender além de suas fronteiras.

Um levantamento pioneiro encomendado pelo Conselho da Terra, uma organização não governamental com sede em Costa Rica, examinou as pegadas ecológicas de 52 países, e constatou que as pegadas de 42 deles ultrapassam seus territórios.

O nível sustentável ideal de produção de recursos agrícolas - em que a perda de solo arável é reduzida e finalmente interrompida - é de 1,7 hectare (4,2 acres). Mas a pegada *per capita* média dos países examinados chegou a 2,8 hectares (6,9 acres). Se essa carga média fosse alcançada pelos mais de 190 países do mundo, a pegada ecológica da população humana seria maior do que toda a biosfera. A única razão pela qual isso não acontece atualmente é porque as pessoas nos países pobres têm pegadas muito inferiores a 1,7 hectare - por exemplo, meio hectare (pouco mais de um acre) por pessoa em Bangladesh, contrastando com 10,3 hectares (25 acres) nos Estados Unidos.

A insustentabilidade da carga humana sobre a natureza é agravada pelo prejuízo progressivo dos equilíbrios ecológicos, um processo degenerativo que não era geralmente reconhecido até que Rachel Carson publicou seu livro pioneiro *The Silent Spring* em 1962. Desde essa época, o ambiente que dá suporte à vida se tornou perigosamente degradado. A agricultura mecanizada e quimicamente acionada aumenta o rendimento por acre e torna mais acres disponíveis para o cultivo, mas também aumenta o crescimento de algas que sufocam os lagos e os cursos de água navegáveis. Produtos químicos como o DDT [Dicloro Difenil Tricloroetano] são inseticidas eficazes, mas envenenam populações inteiras de animais,

pássaros e insetos.

Robert Muller, que passou mais de 40 anos nas Nações Unidas, muitos deles no gabinete do secretário-geral, advertiu que a cada minuto 21 hectares (52 acres) de floresta tropical são perdidos, 50 toneladas de terra arável fértil desaparecem e 12 mil toneladas de dióxido de carbono são acrescentadas à atmosfera, principalmente quando 35.725 barris de petróleo são queimados como combustível industrial e comercial. A cada hora, 685 hectares (1.693 acres) de terra firme produtiva se tornam desertos, e a cada dia 250 mil toneladas de ácido sulfúrico caem como chuva ácida no hemisfério norte.

A remoção do lixo contribui para o processo de deterioração da natureza. Descartamos muito mais no meio ambiente do que nossos resíduos domésticos. Injetamos um número estimado de 100 mil compostos químicos na terra, nos rios e nos mares; descarregamos milhões de toneladas de material de esgoto, lixo industrial e resíduos sólidos nos oceanos; liberamos bilhões de toneladas de CO₂ no ar; e aumentamos o nível de radioatividade na água, na terra e no ar. Os resíduos descartados no meio ambiente não desaparecem; eles voltam para infestar aqueles que os produziram, assim como outras comunidades próximas e afastadas. O lixo despejado nos mares retorna para envenenar a vida marinha e infestar regiões litorâneas. A fumaça que sobe das chaminés e das fábricas não se dissolve e desaparece: o CO₂ liberado permanece na atmosfera, afetando as condições meteorológicas do mundo. Nos países ricos, enormes quantidades de produtos químicos produzidos pelas indústrias estão borbulhando através dos sistemas de lençóis freáticos; em países pobres, os rios e lagos têm um nível de poluentes até cem vezes maior que o aceitável. Até recentemente, a água do Rio Klang da Malásia continha mercúrio suficiente para funcionar como pesticida.

Está ocorrendo um aumento maciço de alergias tanto no ambiente urbano como no rural. Os nomes dos efeitos ambientais tóxicos constituem todo um novo vocabulário: há a SQM (sensibilidade química múltipla), a síndrome adquirida por exposição a conservantes de madeira, a intolerância a solventes, a disfunção imunológica associada a produtos químicos, a síndrome de ecologia clínica, a síndrome de fadiga crônica, a fibromialgia e a síndrome dos edifícios doentes, entre outras doenças.

Marcos da degradação da natureza

A água, o ar e o solo são usados em excesso e também mal usados, e não podem mais se regenerar o suficiente para satisfazer às demandas de uma população em crescimento. Estatísticas realizadas pela UNESCO, pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação e por outras corporações das Nações Unidas e de todo o mundo mostram os detalhes dessa degradação com clareza impressionante.

A água

Quatro quintos da superfície do planeta são constituídos de água, e a ideia de que a humanidade poderia ficar sem água parece absurda. Mas a água para o uso humano precisa ser potável, e a água salgada nos oceanos e mares constitui 97,5% do volume de água total do planeta. Dois terços da água restante se concentram nas calotas polares e no subsolo. A quantidade de água potável renovável potencialmente disponível para o consumo humano - a água dos lagos, rios e reservatórios - não é superior a 0,007% da água existente na superfície da Terra. Esse relativo “gotejamento” é essencial: uma pessoa pode sobreviver por cerca de um mês sem se alimentar, mas não vive mais que uma semana sem água.

No passado, as reservas de água disponíveis eram mais do que suficientes para satisfazer às necessidades humanas. Em 1950, havia em todo o planeta uma reserva potencial de cerca de 17.000 m³ de água potável para cada mulher, homem e criança. Mas a taxa de extração de água é maior do que o dobro da taxa de crescimento populacional e, por isso, em 1999 essa quantidade de água em reserva diminuiu para 7.300 m³. Se as tendências atuais continuarem, no ano de 2025 haverá somente 4.800 m³ de reservas por pessoa. Isso criará sérios racionamentos de água em muitas partes do mundo.

Há 50 anos, nenhum país do mundo havia enfrentado situações de escassez catastrófica de água. Hoje, cerca de um terço da população mundial vive sob condições quase catastróficas, e por volta de 2025 dois terços da população terão de enfrentar tais situações de escassez. A Europa e os Estados Unidos terão metade das reservas *per capita* de que dispunham em 1950, e a Ásia e a América Latina terão apenas um quarto das suas. Os países mais atingidos serão os da África, do Oriente Médio e das regiões sul e central da Ásia. Neles, os suprimentos disponíveis poderão cair para

menos de 1.700 m³ por pessoa.

O solo

Com exceção dos desertos arenosos e das altas montanhas, a superfície dos continentes está coberta com solo, mas o solo de qualidade adequada para a agricultura é relativamente escasso. A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação estima que há 3.031 milhões de hectares (cerca de 7.490 milhões de acres) de terras de alta qualidade próprias para cultivo atualmente disponíveis, 71% das quais se encontram no mundo em desenvolvimento. É um recurso precioso, desesperadamente indispensável para suprir as necessidades agrícolas e de alimentação de uma população humana crescente. No entanto, pressões exercidas pela atividade humana produzem a erosão do solo, a desagregação, a compactação, o empobrecimento, a dessecação excessiva, o acúmulo de sais tóxicos, a drenagem de elementos nutritivos pela ação da água, e a poluição inorgânica e orgânica ocasionada por lixo urbano e industrial.

A degradação do solo se alimenta de si mesma: cientistas da Universidade de Cranheld, na Inglaterra, descobriram que os solos do Reino Unido estão perdendo o carbono que eles contêm numa taxa acelerada. À medida que as temperaturas sobem, a decomposição da matéria orgânica se acelera, e isso causa mais aquecimento e, portanto, mais decomposição. Terras degradadas até condições semelhantes às dos desertos reduzem a produção alimentícia e agrícola mundial durante séculos; a natureza precisa de 100 a 400 anos para criar dez milímetros de solo arável produtivo. Para produzir uma camada de solo arável de 30 centímetros de espessura ela precisa de um tempo entre 3 mil a 12 mil anos. No seu competente estudo *World Agriculture and Environment*, Jason Clay observou que “há um aumento constante no consumo de alimentos e de fibras produzidas pela agricultura, ao mesmo tempo em que ocorre um declínio constante da qualidade e da produtividade do solo ao redor do mundo. As duas tendências estão em rota de colisão”.

Em algumas partes do mundo, a escassez e a degradação do solo arável prenuncia grande escassez de alimentos. A China, por exemplo, tem uma população cinco vezes maior que a dos Estados Unidos, mas apenas um décimo a mais de terra cultivada. Ela alimenta 24% da população mundial sobre 7% da terra agricultável do mundo. A China conseguiu essa façanha

empregando um enorme contingente de trabalhadores agrícolas - estimado em 40% do total mundial - e bombeando enormes quantidades de fertilizantes químicos e outros produtos químicos no solo. Isso tem sérias consequências. Dos 100 milhões de hectares de terra cultivada da China, um décimo está altamente poluído, um terço está sofrendo de perda de água e de erosão do solo, a décima quinta parte está salinizada, e quase 4% estão em processo de conversão em deserto. Por causa da expansão urbana e da construção de estradas e de fábricas, 15 milhões de hectares de terra cultivada da China foram destinados a uso não agrícola - uma área equivalente às terras agrícolas da França e da Itália juntas.

Em todo o mundo, a humanidade está perdendo de cinco a sete milhões de hectares de terra agricultável por ano. Se este processo continuar, cerca de 300 milhões de hectares estarão perdidos por volta de meados deste século, deixando apenas 2,7 bilhões de hectares para sustentar mais de nove bilhões de pessoas. Isso corresponde a uma média de 0,3 hectare (ou 0,74 acre) por pessoa, o nível de subsistência da produção de alimentos para toda a população humana.

O ar

De início, a ideia de que poderíamos explorar em excesso a atmosfera que circunda o planeta parece improvável. Afinal de contas, ela é um invólucro de cerca de 20 quilômetros de espessura, estendendo-se uniformemente desde as calotas polares até o Equador tropical. A quantidade de ar de que os seres humanos, ou até mesmo todos os organismos vivos em seu conjunto, têm necessidade é minúscula em comparação com esse imenso suprimento. Porém, assim como acontece com a água, não é uma questão do quanto nós precisamos, mas de que tipo de ar nós precisamos. É uma questão de qualidade e não de quantidade. Água salgada ou água poluída não é de grande utilidade quando se trata de garantir a sobrevivência da população humana, e o ar poluído de qualidade pobre também é de pouca utilidade. No entanto, nós estamos mudando a composição da atmosfera do planeta. Estamos reduzindo seu conteúdo em oxigênio e aumentando seu conteúdo de dióxido de carbono e de outros gases de efeito estufa.

Evidências provenientes de tempos pré-históricos indicam que o conteúdo de oxigênio da atmosfera era muito maior do que os atuais 21%

do volume total. O oxigênio do ar diminuiu em tempos recentes principalmente por causa da queima de carvão, que começou em meados do século XIX. O conteúdo de oxigênio da atmosfera caiu atualmente para 19% sobre áreas impactadas, e é ainda mais baixo, de 12 a 17 %, sobre as grandes metrópoles. Esse nível é insuficiente para manter as células, os órgãos e o sistema imunológico do corpo em funcionamento com plena eficiência; é provável que vários tipos de câncer e outras doenças degenerativas se desenvolvam. Em níveis de oxigênio de 6 ou 7% do volume de ar, a vida não pode mais ser sustentada.

O impacto humano sobre a atmosfera está reduzindo o seu conteúdo de oxigênio e aumentando a proporção de outros elementos. O aumento do teor atmosférico de gases de efeito estufa como o dióxido de carbono é particularmente importante. Duzentos anos de queima de combustíveis fósseis e de desmatamento de grandes áreas de florestas aumentaram o conteúdo de dióxido de carbono na atmosfera de cerca de 280 partes por milhão para mais de 350 partes por milhão.

A afluência de gases produzidos pela atividade humana é acompanhada pela afluência crescente de gases vindos da natureza, e essa afluência se deve hoje, em grande medida, à atividade humana. Na Sibéria, uma área de permafrost que se estende por um milhão de quilômetros quadrados, o tamanho da França e da Alemanha juntas, começou a derreter pela primeira vez desde que se formou, no fim da última era do gelo, há 11 mil anos. Pesquisadores russos descobriram que aquilo que era, até recentemente, uma extensa área estéril de turfa congelada está se transformando numa paisagem recortada de zonas de lama e de lagos, alguns com mais de um quilômetro de extensão. A área, a maior turfeira congelada do mundo, está produzindo metano desde que se formou no fim da última era do gelo, mas a maior parte desse gás foi aprisionada sob o permafrost.

A turfeira do oeste siberiano pode conter 70 bilhões de toneladas de metano, um quarto de todo o metano armazenado sob os solos ao redor do mundo. Cálculos mostram que o derretimento da turfeira poderia liberar cerca de 700 milhões de toneladas de carbono na atmosfera a cada ano, aproximadamente a mesma quantidade que é liberada anualmente de todas as áreas de terra saturadas de água e de todas as atividades agrícolas do mundo. Isso duplicaria os níveis atmosféricos desse gás, levando o aquecimento global a aumentar de 10% para 25%.

O clima

Mudanças na composição química da atmosfera desencadeiam alterações no clima. A mudança climática já alcançou um ponto perigoso. Um relatório publicado em 2005 pelo Institute for Public Policy Research no Reino Unido, pelo Center for American Progress nos Estados Unidos, e pelo Australia Institute especificou o ponto a partir do qual não há mais volta: o Ponto do Caos. Para além dele, a mudança da temperatura global traz consequências maciçamente desastrosas. Trata-se de um aumento na temperatura média global de 2°C acima da média do ano 1750. Pode parecer uma mudança pequena para produzir consequências tão vastas, mas os modelos de clima indicam que ela poderia produzir colapsos nas colheitas em todos os lugares, escassez de água, aumento da disseminação de doenças, elevação do nível do mar e a extinção das principais florestas. Em fevereiro de 2006, James Lovelock, o cientista que formulou a “hipótese de Gaia” (segundo a qual toda a biosfera é semelhante a um sistema vivo, autorregulador), referiu-se ao ponto a partir do qual não há mais retorno: ele declarou que, para todos os efeitos, a biosfera não pode mais se regular. O ponto a partir do qual não há mais volta já foi atingido.

Já é uma certeza o fato de que as temperaturas globais atualmente subiram 0,8°C, e o aquecimento tende a se acelerar. Em dezembro de 2005, especialistas em clima observaram que dentro de dez anos poderá ocorrer um aumento de um grau Celsius. As temperaturas no oeste do Ártico estão no nível máximo atingido em 400 anos; e em setembro de 2005, imagens de satélites constataram que a extensão da calota do Ártico estava 20% abaixo da média de longo prazo para o mês de setembro. Se essa tendência continuar, o Oceano Ártico estará completamente livre de gelo antes do fim do século. Esta é uma perspectiva realista, uma vez que o processo de aquecimento se realimenta: à medida que o gelo desaparece, a superfície do mar se torna mais escura, absorvendo ainda mais calor.

A redução progressiva da calota polar altera toda a situação meteorológica do mundo. Ela ameaça, em primeiro lugar, a Europa, uma vez que o volume de água doce que deságua no Atlântico Norte acabaria por desviar a Corrente do Golfo. Isso inundaria a Europa Ocidental com águas geladas, criando invernos de frio siberiano sobre a Inglaterra e grande parte do continente.

Enquanto a Europa é ameaçada com um clima mais frio, a maior parte

do planeta ficará sujeita a temperaturas crescentes. Se nada de decisivo for feito para impedir a tendência do aquecimento, os danos à pluviosa floresta amazônica, que já são evidentes, se tornarão irreversíveis. Haverá uma destruição em larga escala de recifes de coral, a flora alpina da Europa e da Austrália desaparecerá, e também haverá sérias perdas de florestas latifoliadas da China.

A mudança no clima desencadeada por temperaturas mais altas provocará devastações na produção das terras agrícolas. Embora em regiões frias, com épocas de plantio e germinação mais curtas, essa mudança possa aumentar a produção agrícola, ela diminuirá as colheitas nas áreas tropicais e subtropicais, nas quais essas colheitas já estão próximas do limite de sua tolerância ao calor. Esses efeitos não podem ser previstos com precisão: o aquecimento global não é um processo gradual e distribuído, mas um processo diferenciado, que tem efeitos de aquecimento e de resfriamento em diferentes partes do globo. Mas, em sua totalidade, essas alterações no clima ameaçam um número incontável de espécies vivas. Elas também são uma ameaça ao suprimento de alimentos e, conseqüentemente, à própria sobrevivência das comunidades humanas em todo o mundo.

4. Parâmetros de uma transformação positiva

Os dados que acabamos de rever nos dizem que estamos nos aproximando de uma condição crítica: nosso mundo está se tornando econômica, social e ecologicamente insustentável. A persistência nos valores e práticas da civilização racionalista e manipuladora do mundo moderno criará abismos cada vez mais profundos entre ricos e pobres, jovens e velhos, instruídos e marginalizados, e poderá tornar a biosfera inóspita para a maior parte da humanidade. Para sobreviver em nosso lar planetário, precisamos criar um mundo mais bem adaptado às condições que nós mesmos criamos.

Mas será que podemos criar um mundo mais bem adaptado? Essa questão pode ser enunciada com mais precisão. Será que a civilização da Era Industrial, orientada para o poder e a riqueza, pode ser efetiva e suficientemente transformada de modo a garantir a sobrevivência e o bem-estar de toda a população humana? As civilizações não são eternas; elas estão sujeitas à mudança, e até mesmo a transformações fundamentais. As civilizações do passado têm se transformado ao longo de toda a história; será que a nossa também poderia se transformar?

Transformações na história

Em seu manual clássico *Civilization Past and Present*, os historiadores da civilização Walter Wallbank e Alastair Taylor observaram que todas as vezes em que nossos antepassados desenvolveram alguma forma de cultura e alguma forma de ordem social, mudanças periódicas nas relações entre si e com a natureza eram acompanhadas por mudanças correspondentes em seu pensamento. Juntas, essas mudanças “objetivas” e “subjetivas” produziam transformações em todo o sistema - mudanças na civilização. Antes de olhar para a exequibilidade de uma transformação positiva em nossa própria civilização, precisamos rever as transformações mais importantes que ocorreram nas civilizações no passado. Elas podem abrigar lições importantes para a transformação que enfrentamos atualmente.

A transformação de Mythos em Theos

Há cerca de um milhão de anos, os primeiros bandos de cinco a 80 nômades, consistindo em uma ou mais famílias extensas, espalharam-se da África para a Eurásia. Esses povos paleolíticos mantinham território em comum e tinham uma liderança informal baseada na personalidade, na força e em habilidades de luta. Todos, inclusive crianças, pilhavam alimentos, e os machos adultos se entregavam à caça. As tecnologias que usavam eram simples, mas eficientes. Consistiam em objetos improvisados como ferramentas ou armas, e mais tarde na modelagem propositada de objetos (tais como machados manuais) de acordo com a tradição. Esses objetos serviam para a caça e a guerra, para fazer e controlar o fogo, para adaptar e construir abrigos, e para ritos e rituais ligados com o nascimento, a maturidade e a morte.

Por volta de 11.000 a.C., no Crescente Fértil, na região antigamente verdejante que se estendia do Oriente até a Pérsia (hoje Irã), o número de membros de grupos humanos aumentou, e esses grupos formaram tribos de várias centenas de pessoas que viviam em colônias fixas. Isso se tornou possível graças à concentração de recursos, tais como cereais silvestres. Nos grupos humanos maiores e mais complexos da Era Neolítica, tecnologias adicionais entraram em uso, inclusive o cultivo de plantas, o uso econômico de animais, a tecelagem e a olaria.

A cultura dos nossos antepassados passou por uma mudança correspondente. Os povos neolíticos tinham um rico conhecimento zoológico e botânico, e eram especialistas em algumas formas de agricultura e pastoreamento. Sua imaginação não parava nos limites de sua vida cotidiana; sua visão de mundo era abrangente em suas dimensões e animista e espiritualista em sua substância. O espírito não estava separado da matéria, nem o mundo real estava separado do mundo onírico. As forças da natureza eram também as forças dos espíritos incorporados nos objetos, plantas, animais e pessoas. O mundo todo tinha uma dimensão sagrada. Forças externas aos seres humanos e acima deles atuavam no mundo e sobre o mundo, exercendo impacto sobre a natureza assim como sobre as comunidades humanas. As pessoas se viam pertencendo a um universo dinâmico, juntamente com forças e entidades visíveis e invisíveis. Em consequência disso, as comunidades paleolíticas podiam obter um alto nível de integração. O indivíduo era uma parte essencial do clã ou tribo que, por sua vez, estava encaixado na natureza e era governado por forças cósmicas.

A natureza não existia separada dos seres humanos, e muito menos em oposição a eles.

As variedades dos sistemas de crença “líticos” eram convenientes aos modos de vida das pessoas e às suas relações com a natureza. No estágio paleolítico de coleta de alimentos e de caça-pesca, o princípio masculino dominava, o que é consistente com as prioridades de sobrevivência e com as necessidades da época. Subsequentemente, no estágio neolítico da produção de alimentos, baseado na agricultura, o princípio feminino se tornou dominante, refletindo as novas relações que o pastoreador e o agricultor passaram a manter com o solo e com a Terra. A fecundidade e a fertilidade orientadas para a Terra, o simbolismo sexual e os ritos mágico-religiosos eram notavelmente semelhantes entre povos separados por longas distâncias. Eles encontraram expressões análogas no Velho Mundo da Ásia e do Oriente Médio e no Novo Mundo da Mesoamérica.

A duração aparentemente ilimitada das sociedades da Idade da Pedra chegou ao fim quando o aperfeiçoamento gradual de suas tecnologias baseadas em ferramentas mudou as relações das pessoas com a natureza. Os povos neolíticos se concentravam principalmente em vales dos maiores rios, onde o uso que faziam de grandes quantidades de água em sistemas de irrigação melhorados gerou aumentos maciços de colheitas. Metais como o cobre e o bronze entraram em uso, novos métodos para medir as fronteiras das terras foram descobertos, e calendários para marcar o tempo e a escrita para registrar e comunicar mensagens foram inventadas. Isso levou ao crescimento da população e a uma complexidade maior da organização social, e também colocou uma carga maior sobre o meio ambiente.

Em algumas regiões do Crescente Fértil, como a Suméria, as árvores eram derrubadas, o solo era usado em excesso e o clima se tornou árido. Mas as comunidades neolíticas se espalharam, trabalhando extensões de terra mais vastas e extraíndo os recursos de maiores áreas do meio ambiente. Muitas aldeias cresceram e se tornaram cidades. Com o tempo, algumas se converteram em impérios com estruturas administrativas e de poder estendidas. Uma nova elite passou a habitar os centros urbanos. O círculo tribal de comunidades da Idade da Pedra acabou produzindo a pirâmide estratificada do Estado formalmente organizado, que se caracterizava por uma estrutura hierárquica e pela obediência a uma disciplina estrita. Tais eram os impérios que apareceram na Babilônia, no Egito, na China e na Índia.

As novas estruturas e ordens espelhavam, e por sua vez reforçavam, a transformação dos valores e das visões de mundo das pessoas. Quando uma ênfase renovada foi investida na dominância masculina, em alinhamento com uma estratificação socioeconômica de maiores proporções, a Mãe Terra ficou subordinada aos “deuses do céu”. Os direitos territoriais passaram a dominar sobre os laços de parentesco tradicionais, refletindo uma preocupação crescente com a propriedade individual e comunal e uma divisão de trabalho mais complexa.

A visão de mundo emergente respondia pelas origens e justificava as ordens dessas civilizações arcaicas. Pensava-se que o mundo passou a existir como ordem que emergiu do caos. Isso foi seguido por uma Destilação Suplementar de ordem nos céus, espelhada por ordens emergentes sobre a Terra. O cosmos era um sistema político orgânico em si mesmo, dotado de soberania e poder, e mantendo ordem e harmonia ao longo de toda a amplitude do universo. Seus poderes foram criados e eram controlados por um ser supremo, ou então por uma hierarquia de divindades.

As pessoas se voltavam para os céus e não para a terra à procura de orientação. Elas eram governadas por reis que alegavam descendência divina e estavam relacionados com as esferas celestiais povoadas por um panteão de divindades. As ordens celestiais em cima exigiam uma ordem teocrática embaixo. Com base no princípio “o que está em cima é como o que está embaixo”, a vida humana se expandiu em uma rede de relações que se estendia desde as camadas mais profundas da natureza viva e da não viva até as mais elevadas esferas dos céus.

Nas sociedades teocráticas, os reis, governando por decreto divino, incorporavam e legitimavam o exercício de um poder autorizado por via celeste. A divindade cósmica e a realeza terrestre estavam unidas no propósito de manter uma ordem abrangente na qual a ordem embaixo refletia a ordem que as pessoas acreditavam que reinasse em cima. Nessas sociedades, a meta suprema era a manutenção do equilíbrio essencial do universo por meio de uma ordem social arraigada em princípios cósmicos. Esses elementos, com variações apenas locais, apareceram no antigo Egito, na Mesopotâmia, na Índia e na China, bem como na Mesoamérica. Eles consolidaram a transformação, que durou séculos, de *Mythos*, que imperou na Idade da Pedra, em um mundo orientado para a busca da ordem divina: o mundo de *Theos*.

A transformação de Theos em Logos

Mesmo que a civilização de *Theos* fosse apoiada e alicerçada por uma cultura completa, elaborada e fortalecida com uma visão de mundo, com valores e com uma ética reverenciados como tesouros preciosos, ela iria produzir, com o tempo, uma outra civilização, dominada por diferentes crenças e guiada por diferentes valores.

Essa transformação teve origem na introdução da tecnologia do ferro nas civilizações teocráticas. No segundo milênio a.C, povos indo-europeus equipados com a tecnologia do ferro se espalharam em várias direções a partir da Ásia Central. Alguns atravessaram o Desfiladeiro de Khyber em direção à Índia, onde puseram fim a uma já enfraquecida civilização do vale do Indo. Outros se deslocaram para o sudoeste, para onde então era a Pérsia, e ainda outros penetraram em direção ao Mar Negro e à Europa Oriental, migrando para o norte ao longo do Volga ou para oeste ao longo do Danúbio e do Reno. Outros ainda se estabeleceram na costa setentrional do Mediterrâneo, nas penínsulas grega e italiana. Com o tempo, as colônias deram lugar às cidades-Estados gregas e à civilização greco-romana. As primeiras se estenderam, sob Alexandre, até os limites do mundo então conhecido, e a última, sob os imperadores, se estendeu da Bretanha até o Tigre- Eufrates e o Saara.

As tecnologias dessas civilizações desencadearam mudanças em sua estrutura social, e essas mudanças se refletiram em mudanças correspondentes nos valores e nas crenças. Na Grécia clássica, os grandes filósofos da natureza desenvolveram uma nova visão do mundo. Eles substituíram conceitos míticos por teorias baseadas na observação e elaboradas pelo raciocínio. Os pensadores pré-socráticos desenvolveram a “mente heroica”, presente em Homero e nos primeiros épicos, na mente visionária e na mente teórica, em um processo que culminou com Sócrates na mente racional, que foi então tomada como exemplo ideal por Platão e Aristóteles. *Logos* - um termo que originalmente significava “palavra”, mas passou a significar discurso racional e, até mesmo, a própria racionalidade - se tornou o conceito central, presente no cerne da filosofia, bem como da religião. Junta-

mente com o conceito de medida quantitativa, *metron*, ele forneceu à civilização do Ocidente o fundamento intelectual sobre cujo alicerce ela

seria construída durante quase dois milênios e meio.

O *Logos*, como foi incorporado pela civilização greco-romana, não correspondia a uma visão de mundo puramente quantitativa, destituída de elementos qualitativos. Os seres humanos, e até certo ponto todas as criaturas, tinham um valor ou virtude especial, *areté*, que não podia ser considerado apenas com base em propriedades quantitativas. A combinação de *logos* e de *metron* com *areté* constituía uma visão de mundo, uma ética e um sistema de valores que era totalmente diferente da civilização *Theos* dos impérios arcaicos. O homem era a medida, e o desdobramento dos potenciais humanos era a meta. Essa noção básica, com muitas variantes sofisticadas, veio a florescer nos sistemas filosóficos dos pensadores helênicos e foi aplicada na organização das cidades-Estados gregas. Muitos dos seus elementos foram transferidos para a civilização romana, que era dotada de uma orientação pragmática articulada com a poderosa manutenção da ordem por meio do exercício ordenado do poder.

Depois da queda do Império Romano Ocidental e da fundação do Império Romano Oriental (ou Império Bizantino) no ano 476 d.C., uma nova mudança ocorreu nos modos de vida, na cultura e na organização das sociedades europeias. A ascensão do cristianismo modificou a cultura clássica do *Logos*. O cristianismo acrescentou aos conceitos tradicionais uma fonte divina que se acreditava ser o criador do mundo, o primeiro motor, bem como o juiz supremo. O *Logos* foi incorporado na Santíssima Trindade e encarnado no homem. O *Logos* medieval, cujos elementos principais foram elaborados por Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, constituiu a característica distintiva da civilização europeia até o advento da era moderna.

Uma outra mudança ocorreu na mentalidade da Europa nos séculos XVI e XVII. Ela se fundamentava na racionalidade dos gregos, emprestada e elaborada pelos romanos. Essa racionalidade foi conservada em feudos e principados medievais, não obstante a adição de elementos cristãos. Ela encontrou expressão fora dos mosteiros medievais na criação e no uso de dispositivos mecânicos, como relógios, moinhos de vento, moinhos de água, implementos agrícolas puxados por animais e carruagens puxadas por cavalos.

No século XVII, o *Logos* de ênfase mecanicista culminou na concepção de Galileu do mundo como uma máquina gigantesca. A demonstração matemática por Newton da universalidade das leis do movimento

confirmou o conceito de Galileu e forneceu uma base para uma visão de mundo abrangente que se tornou a característica decisiva do mundo moderno. O novo conceito tomou conta do continente europeu, bem como das Ilhas Britânicas. Ele explicava o comportamento dos corpos sobre a Terra, bem como o movimento dos céus, com base em princípios mecânicos. O universo era um mecanismo de relojoaria divinamente planejado que fora posto em movimento por um primeiro motor, passando a funcionar harmoniosamente por toda a eternidade. Acreditava-se que ele operava de acordo com as estritas leis da natureza, e se dizia que um conhecimento dessas leis permitia à mente racional conhecer todas as coisas passadas, presentes e futuras. O lugar de Deus nesse sistema estava restrito ao fato de ele ser o seu “primeiro motor”. Como o matemático francês Pierre-Simon de Laplace teria respondido a Napoleão: “Deus é uma hipótese da qual não se tem mais nenhuma necessidade”.

De início, havia um conflito aberto entre o *Logos* teísta medieval imposto pela Igreja e o *Logos* mecanicista e naturalista que emergiu na sociedade leiga. Mas a investigação da natureza do mundo independentemente do dogma religioso logo levantou voo. A Igreja e a ciência aprenderam a coexistir; uma acomodação foi alcançada. A Igreja reivindicava para si mesma o domínio da “filosofia moral” (que abrangia o que mais tarde passou a ser chamado de ciências sociais e humanidades) e a ciência ficou com o campo da “filosofia natural” (que correspondia ao conceito contemporâneo de ciência natural). Essa acomodação foi um desenvolvimento socialmente útil, pois a concepção do mundo natural como um mecanismo gigantesco e confiável era um contrapeso à desunião dos principados aguerridos. Ela oferecia uma orientação mais segura às aspirações humanas do que aquilo que Galileu chamou de “as paixões que dividem a mente dos homens”.

Na Europa e na América do século XIX, a visão de mundo científica tornou-se a característica dominante da civilização. A teoria da evolução de Darwin completou a concepção mecanicista da física newtoniana; ela respondia pela evolução da vida desde suas origens simples por meio do mecanismo das mutações aleatórias expostas ao teste da seleção natural. A visão de mundo que emergiu era “purificada” e “objetiva”, e se acreditava que estivesse livre de preconceitos subjetivos e emocionais. Na influente herança do filósofo francês René Descartes, a consciência humana é a única realidade indubitável (*cogito ergo sum* - penso, logo existo). Somente a

consciência é indubitável: ela é a *res cogitans* (substância pensante). O mundo natural é apenas inferido: ele é a *res extensa* (substância extensa). Daí se segue que nós, seres humanos, as únicas entidades dotadas de mente e de consciência, somos livres para explorar o mundo mecânico, meramente extenso, ao nosso redor para nossos próprios propósitos. Nas palavras de Francis Bacon, somos livres para arrancar à força os segredos do seio da natureza para o nosso benefício.

Esse *Logos* mecanicista-materialista se espalhou nos séculos XVIII e XIX da Europa para a América, e no século XX da América para o restante do mundo.

O que podemos aprender com essas transformações da civilização ? Vemos que cada tipo de civilização tinha seu próprio tipo de cultura e de consciência. A era de *Mythos* tinha como característica distintiva a consciência mítica; a era de *Theos* uma mentalidade teísta; e a Idade Média europeia um *Logos* de inclinação teísta. A era moderna, por sua vez, desenvolveu um *Logos* mecanicista e manipulativo. Essas culturas e aparelhos mentais pre- conceituais foram úteis e funcionais em sua época. Na verdade, a razão pela qual a civilização pôde se desenvolver em vez de afundar é o fato de que melhores formas de pensamento surgiam de tempos em tempos. Naturalmente, elas não surgiam por toda parte e em todos os tempos: incontáveis civilizações não conseguiram sobreviver, vítimas de condições que mudaram e às quais elas não puderam se adaptar. Mas as civilizações que sobreviveram tinham uma nova mentalidade.

Einstein estava certo: os problemas criados pela maneira de pensar predominante não podem ser resolvidos pela mesma maneira de pensar. Essa é uma percepção de importância crucial. Sem renovar a nossa cultura e a nossa consciência, não seremos capazes de transformar a civilização dominante dos dias de hoje e superar os problemas gerados pelo seu pensamento mecanicista manipulativo e míope.

O desafio da próxima transformação

O caminho em que nos encontramos está na iminência de se dividir. No curto período dos próximos anos, a evolução de nossa civilização tomará uma nova direção. Podemos garantir que o rumo que ela tomará será bom?

Descobrir uma direção positiva para a próxima transformação da civilização é uma tarefa desafiadora, mas não insuperável. Sabemos que

uma nova civilização viável precisa desenvolver uma cultura e uma consciência muito diferentes da mentalidade que caracterizou a maior parte do século XX. A civilização inspirada no *Logos* foi materialista e manipulativa, impulsionada pela procura de riqueza e poder. A alternativa a ela é uma civilização centralizada no desenvolvimento humano, e no desenvolvimento das comunidades e ambientes nos quais os seres humanos vivem suas vidas.

Dois tipos de crescimento

A mudança de direção de que precisamos pode ser apreendida com referência ao tipo de crescimento ao qual uma civilização e suas pessoas se dedicam. O crescimento não é necessariamente mau, nem mesmo limitado: o que torna um crescimento desejável e lhe garante um futuro depende do *tipo* de crescimento no qual nós estamos nos envolvendo. O crescimento irrestrito, puramente quantitativo, da produção e do consumo de energia e de materiais não é possível em um planeta finito com uma biosfera delicadamente equilibrada - em última análise, ele está destinado a se converter em um crescimento de um tipo canceroso. Mas há outras formas de crescimento que nós podemos almejar. Podemos distinguir dois tipos principais: um é o “crescimento extensivo” e o outro o “crescimento intensivo”.

O crescimento extensivo se move ao longo de um plano horizontal sobre a superfície do planeta: ele sempre conquista mais territórios, sempre coloniza mais pessoas, e impõe a vontade das camadas dominantes sobre mais camadas da população. O crescimento intensivo, por outro lado, está centralizado no desenvolvimento dos indivíduos, e das comunidades e ecologias nas quais eles vivem. O crescimento extensivo gera insustentabilidade: ele impulsiona o mundo para o caos. O crescimento intensivo poderia produzir a sustentabilidade: ele poderia impulsionar as sociedades contemporâneas para um novo modo de funcionamento - uma nova civilização.

Os fins e os meios dos crescimentos extensivo e intensivo são radicalmente diferentes. A finalidade básica do crescimento extensivo é a extensão do poder humano sobre áreas cada vez maiores. Tradicionalmente, o meio para conseguir isso tem sido a conquista: a conquista da natureza e a conquista de outros povos, mais fracos ou menos orientados para o poder e

a dominação. A conquista bem-sucedida levou à colonização de outras tribos, nações, cidades e impérios, subjugando-os às ambições e interesses dos conquistadores. Durante a maior parte da história registrada, isso foi realizado pela força das armas. Desde a segunda metade do século XX, o crescimento extensivo também tentou realizar isso por meios econômicos, usando o poder dos Estados ricos e das empresas de negócios globais para impor sua vontade e seus valores sobre largas camadas da população.

Para os Estados, a meta do crescimento extensivo é a soberania territorial, inclusive a soberania sobre os recursos humanos e naturais dos territórios. A meta correspondente para as empresas globais consiste em gerar demanda para o consumo, com frequência sem muita consideração pelas consequências sociais e ambientais.

O objetivo supremo do crescimento extensivo pode ser resumido em três Cs: *conquista*, *colonização* e *consumo*. Servem a esse objetivo vários meios correspondentes: primeiro, as tecnologias que usam e transformam a matéria, as tecnologias de *produção*; segundo, as tecnologias que geram o poder de operar as tecnologias que transformam a matéria, as tecnologias *geradoras de energia*; e terceiro, as tecnologias que estimulam o apetite das pessoas, criam demanda artificial e mudam os padrões de consumo, as tecnologias da *propaganda*, das *relações públicas* e da *publicidade*. O primeiro desses tipos de tecnologia construía habitações com redes de transporte e comunicação, e estruturas de produção progressivamente mais poderosas para uma variedade crescente de produtos. A segunda aproveitava as forças da natureza para acionar essas tecnologias. E a terceira produzia as imagens que provocam demanda e os meios sutis ou não tão sutis por intermédio dos quais os produtores de produtos e serviços impõem sua vontade sobre clientes e fregueses.

No crescimento intensivo, a finalidade é muito diferente. Ela pode ser entendida por meio de três outros Cs: *conexão*, *comunicação* e *consciência*.

Vamos considerar primeiro a conexão. Um dos grandes mitos da Era Industrial é o da separação dos indivíduos - para cada um dos quais a pele é o seu limite - com relação aos outros indivíduos, e a disjunção dos seus interesses com relação aos interesses dos outros. O primeiro desses dois aspectos de tal mito foi legitimado pela visão de mundo baseada na física clássica. Como os pontos materiais de Newton, os seres humanos pareciam estar contidos em si mesmos, pedaços de matéria organizada mutuamente independentes e apenas externamente relacionados uns com os outros e com

o seu ambiente. A economia clássica reforçou esse mito ao conceber o indivíduo como um ator econômico autocentrado, perseguindo seus próprios interesses com base na confortadora suposição de que eles se harmonizavam com os interesses de outros indivíduos graças ao funcionamento do mercado. Porém, como veremos no Capítulo 6, as ciências contemporâneas não comportam mais essas visões. Hoje se sabe que cada quantum está sutilmente conectado com cada outro quantum, e cada organismo com outros organismos no ecossistema. Por sua vez, os economistas sabem que há uma conexão direta entre os interesses dos indivíduos, dos Estados individuais, e das empresas individuais e o funcionamento do sistema internacional globalizado. Em nosso mundo, essas conexões abrangentes evoluem com rapidez, e uma das finalidades do crescimento intensivo é ordená-las, criando estrutura coerente em vez de proliferação aleatória.

O segundo objetivo do crescimento intensivo, diretamente ligado ao primeiro, aprofunda o nível de comunicação e eleva o nível de consciência dos comunicadores.

A comunicação se desdobra em níveis múltiplos. Em primeiro lugar, precisamos nos comunicar com nós mesmos, cuidando de nossa consciência e de nossa personalidade e as desenvolvendo. Pessoas que estão “em contato com elas mesmas” são mais equilibradas e mais capazes de se comunicar com o mundo ao seu redor. Também precisamos estar em comunicação com aqueles que compõem o contexto imediato de nossas vidas - família, comunidade e colegas de trabalho ou colegas profissionais. São igualmente necessários níveis ainda mais amplos de comunicação: comunicação com outras pessoas, próximas ou distantes, em nossa própria comunidade e em outras comunidades, países e culturas.

A comunicação exige conexão, mas no plano humano entra em jogo mais do que conexão: a comunicação também envolve a *consciência*. O pleno potencial da comunicação humana se desdobra quando os comunicadores apreendem os fios de conexão por meio dos quais eles se comunicam. Um alto nível de comunicação requer um alto nível de consciência, que permite às pessoas fazer uso dos muitos - às vezes extremamente sutis - fios de conexão que os ligam uns aos outros e ao seu meio ambiente. A consciência dessas conexões eleva o pensamento humano do nível centrado no ego, e que se tornou obsoleto, à dimensão urgentemente necessária centralizada na comunidade, na ecologia e no

planeta.

A evolução focalizada no crescimento da conexão, da comunicação e da consciência poderia criar uma mudança fundamental na civilização que domina a vida sobre este planeta. Ela poderia impulsionar a próxima transformação em uma direção positiva: do *Logos* para o *Holos*.

5. A imagem de uma nova civilização

Se nós mudarmos da forma extensiva de crescimento para a forma intensiva, o Ponto do Caos que atingiremos por volta do fim de 2012 não levará ao colapso. O *Logos* mecanicista-manipulador da civilização industrial, obsoleto e contraproducente num grau cada vez maior, será substituído por uma mentalidade mais bem adaptada. No caso ótimo, isso levará a uma civilização que merece o nome de *Holos* (“totalidade” no grego clássico). A civilização *Holos* será uma civilização planetária que terá como característica distintiva uma espécie de pensamento que permite às pessoas ver não somente as árvores à sua frente, mas também a floresta que é agora seu habitat planetário.

Com o que se pareceria uma civilização holística - como seria viver nela? Eis aqui uma imagem das visões de mundo, dos modos de vida, da moralidade, dos processos de tomada de decisões e das estruturas de segurança e, por último, mas não menos importante, da consciência que caracterizaria a civilização holística que poderíamos criar neste planeta por volta do ano 2025.

Data: 2025

Visões de Mundo 2025

Nessa terceira década do século XXI, as visões que as pessoas têm de si mesmas, da natureza e do cosmos ainda são caracterizadas por inclinações culturais e, portanto, são diversificadas. No entanto, todas elas estão unidas pelo consenso de rejeitarem o conceito mecanicista e fragmentado do mundo e do eu, que foi a herança da Era Industrial. Uma nova visão está surgindo. Os seres humanos são totalidades orgânicas dentro de uma biosfera orgânica no amplexo de um universo que evolui organicamente. A visão emergente é apoiada pela experiência de pessoas que procuram totalidade em seu desenvolvimento pessoal, do mesmo modo que em suas relações sociais e comunitárias e em suas relações com a natureza.

A nova visão de mundo é acentuadamente contrastante com a visão que dominava a Era Industrial. As pessoas não acreditam mais que elas sejam

livres para manipular o ambiente ao seu bel-prazer, na esperança de que as consequências se resolverão por si mesmas ou serão resolvidas por meio de novas tecnologias. Elas também não acreditam que a vida é uma luta pela sobrevivência, na qual a aptidão é recompensada de maneira justa pela riqueza e pelo poder. E a visão mecanicista clássica da realidade é igualmente transcendida: as pessoas compreendem que o universo não é um pano de fundo passivo para as ações humanas, e que as ações individuais exercem um impacto imediato, mesmo que não seja evidente de imediato, sobre o meio ambiente. As pessoas sabem que laços sutis ligam os seres humanos uns aos outros, à biosfera e ao cosmos como um todo. Elas sabem que aquilo que fazemos aos outros e à natureza também fazemos a nós mesmos.

Modos de Vida 2025

As pessoas vivem de maneira mais simples do que aquelas que se davam ao luxo de desfrutar o estilo de vida exuberante vivido no final do século XX e início do século XXI. Estilos de vida mais simples não são impostos pela pobreza, e não são consequência de regras e legislações ou de altos impostos, embora tais medidas tenham funcionado de início como incentivos e continuem a funcionar como salvaguardas. Eles são o resultado voluntário de uma mentalidade diferente. As pessoas compreendem que um alto padrão de vida material não significa necessariamente uma alta qualidade de vida. Garagens cheias de carros de luxo, armários entupidos de roupas que raramente são usadas e pilhas de CDs que não são tocados não são precondições de felicidade. Muito pelo contrário: um estilo de vida suntuoso com frequência se comprovava ser estressante e insalubre. Ele envolvia “manter o mesmo nível ou padrão de vida do vizinho” em uma corrida que era independente do quanto já se tinha conseguido: as pessoas queriam ainda mais.

E quando se tratava de tirar proveito dos benefícios da afluência, uma vida de luxo raramente era um caminho para a boa vida. Tomar ociosos banhos de sol, fumar um cigarro, bebericar um daiquiri, mastigar sonoramente um hambúrguer e conversar ao telefone celular eram atividades esbanjadoras e perigosas: essas práticas aumentavam as chances de se contrair câncer de pele, câncer de pulmão, cirrose do fígado, altas taxas de colesterol e lesão cerebral. Elas não representavam um melhoramento

destinado a amenizar a rotina de se trabalhar sob alta pressão, fazendo-se pausas para fumar a cada hora, bebendo-se martinis para relaxar e dormindo-se em frente do televisor.

Hoje, as pessoas entendem que há meios mais satisfatórios para passar as horas de lazer. Ajudar amigos e vizinhos, fazer trabalho voluntário na comunidade em que se vive, desfrutar a natureza, visitar locais de interesse natural, histórico ou cultural, passear a pé, nadar, andar de bicicleta, ler, escutar música ou se interessar por literatura ou teatro são ocupações satisfatórias e que não envolvem um alto nível de consumo material e de energia, e não requerem muito dinheiro. No entanto, elas são mais saudáveis para os seres humanos e melhores para o meio ambiente do que o modelo da Era Industrial de sucesso, afluência e luxo.

Os indivíduos em 2025 são mais saudáveis e têm vidas mais longas, mas não provocam um crescimento adicional da população. Eles compreendem que é irresponsável produzir famílias além do nível de reposição: o tamanho de família indicado na maioria dos lugares do globo não ultrapassa duas crianças. O crescimento da população está se estabilizando em um nível sustentável. Isso traz notáveis benefícios: com uma família de tamanho modesto, os pais são capazes de cuidar melhor dos seus filhos, garantir que eles cresçam como indivíduos saudáveis com recursos suficientes e educação para viver bem e responsavelmente.

Os modos de vida estão se tornando ecologicamente sustentáveis. As pessoas são reorientadas dos seus objetivos prévios, de crescimento exterior, para se concentrarem no crescimento interior, mudando suas metas, que antes eram de conquista e consumo, para o anseio de promover a evolução dos seus pensamentos e comportamentos e o desenvolvimento de suas comunidades. Por isso, as necessidades de energia e de materiais se tornaram mais modestas, e o uso da energia e dos materiais se tornou mais eficiente. As pessoas trabalham juntas para aperfeiçoar seus espaços compartilhados de vida e de trabalho - a vida comunitária desfruta um renascimento. Há também um renascimento da espiritualidade; mulheres e homens estão redescobrando uma dimensão superior ou mais profunda de suas vidas e de sua existência.

Moralidade 2025

A diversidade também se integra à unidade na área da moralidade. À

medida que as preocupações éticas se movem das margens dos sermões dos feriados e das discussões de fins de semana para o centro da vida cotidiana, considerações morais informam as decisões que as pessoas tomam na esfera privada, bem como na esfera dos negócios e da profissão.

A ética do comportamento pessoal ainda é avaliada à luz dos valores e crenças de sua comunidade e cultura, mas, além da diversidade das concepções morais, há uma unidade mais profunda: as pessoas concordam que é imoral viver de maneira a reduzir o acesso de outras pessoas aos recursos necessários para uma vida de dignidade e bem-estar básicos. A nova moralidade está arraigada em um princípio universal: “Viva e aja de maneira a permitir que outras pessoas também vivam igualmente bem”. Não viva necessariamente da mesma maneira, mas com uma possibilidade real de satisfazer às necessidades básicas e de procurar as finalidades do bem-estar e da felicidade.

Seguindo o exemplo da natureza considerada como um sistema integral que autoevolui em vez de reconhecê-la como uma arena para uma luta de vida ou morte, a nova ética substitui a competição degoladora pela rivalidade bem animada no contexto dos valores e interesses compartilhados. Isso ajuda a tornar possível um comportamento de consumidor mais consciente e responsável, que prefere produtos com baixo conteúdo material e alto conteúdo de informação, e a promover serviços que guiem e facilitem o desenvolvimento pessoal. Isso traz um melhoramento na qualidade de vida sem criar um incremento nas exigências materiais da vida.

Processos de tomada de decisões e estruturas de segurança 2025

O mundo político está globalizado, mas é localmente diversificado; ele é estruturado em rede, mas não é monolítico. As nações-Estados soberanas, a herança da era moderna, deram lugar a um sistema transnacional organizado como uma caixa chinesa de fóruns de tomada de decisões, em que cada fórum tem sua própria esfera de autoridade e responsabilidade.

A tomada de decisões nos diferentes níveis não está subordinada a um nível mais elevado ou ao mais elevado. Em algumas áreas - inclusive comércio e finanças, informação e comunicação, paz e segurança, e proteção ambiental - as decisões são tomadas no nível global. Porém, isso ainda permite uma autonomia significativa nos níveis local, nacional e

regional. O sistema mundial de 2025 não será uma hierarquia, mas uma “heterarquia”: uma estrutura integrada e sequencialmente multinivelada de tomadas de decisão distribuídas. Ela tem por meta a coordenação global combinada com a autodeterminação regional, nacional e local.

O novo sistema é constituído por uma sequência de comunidades autônomas ligadas por múltiplas linhas de comunicação e cooperação. Cidadãos e grupos de cidadãos modelam e desenvolvem conjuntamente suas comunidades. As comunidades locais participam de uma rede mais ampla de cooperação que inclui o nível dos Estados nacionais, mas não termina nesse nível. As nações-Estados são parte de federações sociais e econômicas regionais, reunindo-se na Organização dos Povos Unidos, a corporação mundial resultante da reforma das Nações Unidas. Seus membros não são nações-Estados, mas as federações continentais e subcontinentais que integram os aspectos importantes e os interesses compartilhados das nações. As corporações regionais incluem a Federação Europeia, a Federação Norte-Americana, a Federação Latino-Americana, a Federação do Oriente Médio Norte-Africano, a Federação Africana Subsariana, a Federação da Ásia Central, a Federação do Sul e do Sudeste Asiático, a Federação da Austrália e a Ásia-Pacífico.

No novo sistema de tomada de decisões, o princípio da subsidiariedade é observado: as decisões são tomadas no nível mais baixo no qual elas são efetivas.

O *nível global* é o mais alto nível de tomada de decisões, e no entanto ele é também o mais baixo nível no qual a paz e a segurança podem ser garantidas e o fluxo global de bens, dinheiro e tecnologia podem ser monitorados. É o nível que coordena a informação que flui nos canais de comunicação que se estendem sobre o globo, e o nível no qual os planos de ação política regionais e nacionais destinados a salvaguardar a integridade da biosfera podem ser harmonizadas.

O *nível regional* é indicado para decisões que coordenam as aspirações e interesses sociais e políticos das nações dentro das regiões que as compõem. As organizações econômicas e sociais regionais fornecem o fórum para que os representantes eleitos das nações-membros considerem e harmonizem os interesses e as aspirações de suas populações.

O *nível nacional* é apropriado para a maioria das funções tradicionalmente realizadas por governos nacionais, mas sem reivindicarem soberania absoluta para sua nação-Estado e com a devida consideração

pelas decisões tomadas em outros fóruns, acima bem como abaixo do nível de seu Estado.

O *nível local* de tomada de decisões reúne os representantes eleitos das comunidades urbanas e rurais. Eles coordenam as operações e o funcionamento das instituições sociais e políticas de pequenas cidades, vilas e regiões rurais em consultas diretas com seus habitantes.

A responsabilidade pela segurança está investida nas federações regionais. Os grandes e dispendiosos exércitos nacionais com imensos e perigosos arsenais foram abolidos. Cada federação mantém um pequeno exército estável recrutado e financiado pelos seus Estados-membros. Na ausência de exércitos nacionais, o perigo de que um Estado ataque outro diminuiu, e forças conjuntas de manutenção da paz podem lidar com qualquer situação potencialmente ameaçadora.

Os governos nacionais permanecem encarregados da segurança interna, que eles garantem por meio de forças policiais e de guardas nacionais. A segurança externa é confiada às federações conjuntamente constituídas por nações em suas regiões. Isso libera consideráveis recursos humanos e financeiros para fins socialmente e humanamente benéficos. Os benefícios de tais “dividendos para a paz” foram conhecidos durante décadas, mas não podiam ser obtidos até que a ameaça à segurança diminuísse. Em primeiro lugar, os países menores e mais prósperos abraçaram o projeto da manutenção da paz conjunta, em seguida os países mais pobres, e por fim também as ex-potências nucleares: Rússia, China, Inglaterra, França e Estados Unidos.

Consciência 2025

Há muitas coisas que diferenciam as pessoas no ano 2025: crenças religiosas, herança cultural, desenvolvimento econômico e tecnológico, clima e meio ambiente. Mas uma nova consciência lhes permite concordar quanto aos princípios que realmente interessam:

- Que é imoral para qualquer pessoa viver de uma maneira que prejudique as oportunidades de outras pessoas conseguirem uma vida de bem-estar básico e dignidade humana.
- Que é melhor exercer a administração responsável das fontes de riqueza humanas e naturais deste planeta do que explorá-las para

benefício estreito e de curto prazo.

- Que a natureza não é um mecanismo para ser tecnologicamente manipulado e comercialmente explorado, mas um sistema vivo que permite a nossa existência, que nos alimenta e, em vista dos nossos poderes aterradores de exploração comercial e de destruição, está agora confiada aos nossos cuidados.
- Que a maneira de resolver problemas e conflitos não consiste em atacar uns aos outros, mas em entender uns aos outros e cooperar de maneira que todos sirvam ao interesse compartilhado.
- Que os direitos universais adotados por pessoas prescientes no século XX - o direito à liberdade de expressão, à liberdade de eleger nossos líderes e à liberdade com relação à tortura e a outras restrições arbitrárias à liberdade pessoal, bem como o direito à alimentação, a abrigo, à educação e ao emprego - aplicam-se a todas as pessoas no mundo e merecem ser respeitados acima e além de considerações de egoísmo pessoal, étnico e nacional.

Parte Dois

A construção da nova civilização

6. Os fundamentos emergentes

Vivemos numa época em que temos um poder sem precedentes - e por isso uma responsabilidade sem precedentes - de decidir nosso destino. Enfrentamos o espectro de um colapso global - econômico, social e ecológico mas não estamos condenados a ele: temos a opção de tomar um caminho mais favorável. Temos uma janela no tempo, alguns anos para impedir o colapso e construir uma civilização capaz de trazer a paz, a sustentabilidade e um nível aceitável de bem-estar para todas as pessoas neste planeta.

Nada nos impede de mudar nosso caminho evolutivo em direção a uma civilização pacífica e sustentável, a não ser a nossa vontade e a nossa visão. A corrente principal da sociedade ainda não reuniu esses recursos humanos essenciais, mas isso não significa que eles estejam ausentes. O tipo de fundamento de que necessitamos para criar uma nova civilização holística já está surgindo nas fronteiras criativas da sociedade.

O holismo nas novas culturas

A palavra “cultura” significa aqui o conjunto dos valores, visões de mundo, aspirações e costumes que caracterizam um povo e o distinguem de outros povos. É isso o que queremos dizer quando nos referimos à cultura ocidental, às culturas indígenas, às culturas orientais, e também a uma cultura holística, ou a uma cultura de não violência. Quando definimos cultura dessa maneira, é evidente que várias novas culturas estão em alta. Elas são “subculturas” (ou “culturas alternativas”) pois diferem da cultura veiculada pela corrente principal. Esse fato não é excepcional: as sociedades só raras vezes são monolíticas culturalmente. Em épocas de inovação e de intensa atividade social, um grande número de culturas alternativas pode coexistir com a cultura do *establishment*.

Uma das culturas alternativas nas sociedades industriais é particularmente digna de interesse. Ela é constituída de pessoas que estão repensando suas preferências, prioridades, valores e comportamentos, mudando do consumo baseado na quantidade para a seletividade em vista

da qualidade definida como relacionamento amistoso com o meio ambiente, sustentabilidade, e ética de produção e de uso. Nessa cultura, os estilos de vida de ostentação, que desperdiçam matéria e energia, estão mudando para modos de vida cuja característica distintiva é a simplicidade voluntária e a busca de uma nova moralidade e de harmonia com a natureza.

Essas mudanças nos valores e nos comportamentos, embora geralmente sejam negligenciadas ou subestimadas pelos que tomam decisões, são rápidas e revolucionárias. Elas estão ocorrendo em todos os segmentos da sociedade, porém, mais intensamente nas margens. Nelas, vários movimentos populares estão optando por não participar da corrente principal e estão se reformando. Esses grupos raramente são visíveis, uma vez que, em sua maior parte, seus membros se ocupam com seus empregos sem tentar converter outras pessoas ou sem chamar a atenção para si mesmos. Eles subestimam seu próprio número e carecem de organização social e de coesão política. No entanto, as mais sérias e sinceras dessas culturas merecem reconhecimento. Diferentemente das culturas e seitas esotéricas, os membros dessas culturas não se empenham em atividades antissociais, não se entregam ao sexo promíscuo nem procuram isolamento. Em vez disso, eles repensam as crenças, os valores e modos de vida aceitos e rumam em direção a novos caminhos de comportamento pessoal e social procurando o melhor de sua percepção e possibilidade.

As pessoas que se juntam a esses grupos são unidas pela aspiração de viver uma vida mais simples, saudável, plena e ética. Elas estão horrorizadas pelo que veem, como a impessoalidade insensível e a destrutividade estúpida da sociedade estabelecida. A ascensão da pobreza e da violência no centro decadente das metrópoles, a tendência para a anarquia e a intolerância étnica, a impotência das medidas policiais e militares para lidar com ela, a dissolução do contrato social entre sociedade e trabalhador, e o aumento do desemprego e do número de sem-tetos os incitam a mudar de pensamento e de prioridades.

O Instituto de Ciências Noéticas da Califórnia descobriu que as mudanças que ocorrem na esperançosa subcultura da América incluem estas mudanças nos valores e no comportamento:

- A mudança da competição para a reconciliação e a parceria.
- A mudança da ganância e da escassez para a suficiência e a generosidade.

- .A mudança da autoridade exterior para a autoridade interior - da confiança em fontes externas de “autoridade” para fontes internas de “saber”.
- .A mudança de sistemas mecanicistas para sistemas vivos - de conceitos do mundo modelados em sistemas mecanicistas para perspectivas e abordagens arraigadas nos princípios que informam os domínios da vida.
- E, talvez o mais significativo disso tudo, a mudança da separação para a totalidade - um reconhecimento revigorado da totalidade e da interconexidade de todos os aspectos da vida e da realidade.

Tais mudanças na cultura de um número crescente de pessoas merecem uma séria consideração. No entanto, a corrente principal da sociedade raramente diferencia entre os elementos mais e os menos sinceros e sérios das culturas alternativas, vendo-os com desconfiança. Os rótulos “esotérico” e “Nova Era” são frequentemente aplicados a pessoas que apoiam valores e estilos de vida alternativos; o *establishment* os estigmatiza como marginais ou, se os leva a sério, os considera uma ameaça à lei e à ordem. Isso é lamentável. Repudiar e desconfiar de pessoas que não aceitam o sistema de valores predominante e as visões de mundo e estilos de vida a eles associados é ingênuo e indiscriminado. É verdade que algumas culturas alternativas são escapistas, introvertidas e narcisistas, mas as mais genuínas entre elas têm um núcleo de valores e prioridades que é altamente promissor, podendo contribuir para um resultado positivo do Ponto do Caos que se aproxima. Descartar essas culturas é jogar fora o bebê com a água do banho.

Nos Estados Unidos, no centro do mundo industrializado, uma cultura alternativa holisticamente orientada está crescendo rapidamente. Essa é a surpreendente conclusão de uma série de pesquisas de opinião recentemente realizadas por organizações e indivíduos que pretendem rastrear a evolução do pensamento e da ação de norte-americanos.

O Fund for Global Awakening com sede na Califórnia, implementou um levantamento destinado a elucidar os valores e crenças comuns sustentados por pessoas que vivem sob condições sociais e culturais diversificadas. Realizado dentro dos parâmetros do “In Our Own Words 2000 Research Program, o levantamento distinguiu oito “tipos norte-americanos”. Ele constatou que dos 1.600 respondentes - selecionados de modo a representar

um grupo representativo da sociedade norte-americana - 14,4% estão centralizados em um mundo material, 14,2% estão desligados de preocupações sociais, 12,1% abraçam valores tradicionais, e 10% são cautelosos e conservadores. Esses constituem metade da população dos EUA: são os conservadores, a metade tradicional. Outros 11,9% procuram conectar-se a outros por meio da autoexploração, 9,4% persistem através da adversidade, 11,6% procuram a transformação da comunidade, e 16,4% trabalham por aquilo que o levantamento define como uma “nova vida de totalidade”. Esses constituem a metade mais criativa e (pelo menos em parte) orientada para a mudança. Aqueles que procuram a transformação da comunidade e trabalham por uma nova vida de totalidade constituem 28% das pessoas.

As descobertas do Fund for Global Awakening, são equiparáveis aos resultados de outro levantamento sobre os estilos de vida e padrões de consumo nos EUA, o American Lives Survey, que é realizado periodicamente desde o início da década de 90. O pesquisador principal, Paul Ray, chama de “criativos culturais” os membros da cultura alternativa particularmente esperançosa da América. A cultura dos criativos contrasta com a cultura dos “tradicionais”. Estes são pessoas que querem optar por não participar da corrente principal, tomando como referência os tempos de outrora.

A corrente principal da população norte-americana é constituída daqueles que Ray chama de “modernos”. Os modernos são decididos apoiadores da sociedade de consumo; sua cultura é a das torres dos escritórios, das fábricas de grandes negócios e dos bancos e mercados de ações. Seus valores são os ensinados nas mais prestigiosas escolas e faculdades da América. Em 1999, essa era a cultura de cerca de 48% do povo norte-americano: 93 milhões entre cerca de 193 milhões de adultos, mais homens do que mulheres. A renda familiar desse setor era de 40 mil dólares a 50 mil dólares por ano, o que situa os modernos na faixa dos que têm renda média a alta.

Os modernos

Os *modernos* têm muitas virtudes e valores positivos típicos dos norte-americanos: honestidade, a importância da família e da educação, a crença em Deus e um pagamento diário justo por um dia de trabalho justo. Porém,

eles também têm valores e crenças que os distinguem das culturas norte-americanas alternativas. Esses valores e crenças incluem:

- .Ganhar ou ter muito dinheiro.
- .Subir a escada do sucesso com passos mensuráveis em direção às próprias metas.
- .“Ter boa aparência” ou ser estiloso.
- .Estar no topo das últimas tendências e inovações.
- . Ser entretido pela mídia.

Em sua maior parte, os modernos acreditam que:

- .O corpo se parece muito com uma máquina.
- .As organizações também são muito parecidas com máquinas.
- .O grande negócio ou o grande governo está no controle e conhece melhor.
- .O maior é melhor.
- .O que pode ser medido é o que é feito.
- .Analisar coisas - dissecar as partes - é a melhor maneira de resolver um problema.
- .Eficiência e velocidade são as principais prioridades (tempo é dinheiro).
- .A vida pode ser compartimentalizada em esferas separadas: trabalho, família, socialização, fazer amor, educação, política e religião.
- .Preocupar-se com a espiritualidade e com as dimensões interiores da vida é “entediante” e imaterial diante dos assuntos reais da vida.

Os tradicionais

Em 1999, os *tradicionais* constituíam 24,5% da população norte-americana: 48 milhões de adultos. Eles provêm de vários ambientes socioeconômicos e étnicos, com rendas familiares na faixa relativamente baixa de 20 mil dólares a 30 mil dólares por ano, o que se deve, entre outras coisas, à renda reduzida dos muitos aposentados que há entre eles. Demograficamente, eles são mais velhos e menos instruídos do que os outros dois segmentos da população norte-americana. Mais de dois terços

são conservadores religiosos que se opõem ao aborto. A política dos regimes Bush1 e Bush2 inchou as suas fileiras encorajando o crescimento da controvertida mentalidade conhecida como fundamentalismo cristão.

O pensamento dos tradicionalistas é muito diferente do pensamento dos modernos. Os tradicionais se sentem ultrajados com o desaparecimento do modo de vida das pequenas cidades do qual eles afirmam se lembrar, e para o qual agora voltam o pensamento. Alguns entre eles adotam a postura comercial de Main Street das cidades pequenas contra a ética dos grandes negócios de Wall Street; outros abrigam o ressentimento tradicional da classe trabalhadora diante das grandes e opulentas corporações. Sua cultura tem um elemento de nostalgia pelos valores e estilos de vida que eles acreditam ter caracterizado a América do Norte no passado. Seus valores e crenças incluem:

- Os patriarcas devem dominar a vida da família.
- “Feminismo” é uma blasfêmia: os homens precisam manter os seus papéis tradicionais, e as mulheres os delas.
- Os homens devem se orgulhar em servir o seu país no exército.
- A liberdade para carregar armas é essencial para todos.
- A família, a igreja e a comunidade são os lugares ao qual todos pertencem.
- A versão conservadora de qualquer religião à qual alguém pertença é a correta.
- Toda a orientação de que alguém precisa na vida pode ser encontrada na Bíblia.
- Modos de vida habituais e familiares deveriam ser mantidos.
- A vida rural e nas pequenas cidades é mais virtuosa do que a vida nas grandes metrópoles e a vida suburbana.
- O sexo deveria ser regulado; isso inclui pornografia, sexo adolescente e sexo extraconjugal.
- O aborto é um pecado contra a vida.
- O país deveria fazer mais para apoiar o comportamento virtuoso.
- Restringir e punir o comportamento imoral são mais importantes do que garantir liberdades civis.
- Estrangeiros e coisas estrangeiras são uma presença indesejável.

Os criativos culturais

Os *criativos culturais*, a cultura alternativa norte-americana verdadeiramente promissora, consistem em pessoas que vêm das classes média e abastada, incluindo mais mulheres do que homens. De acordo com Ray, na virada do século, a parcela dessa cultura era de 23,4% da população norte-americana adulta - ligeiramente inferior aos 28% constatados subsequentemente pelo levantamento In Our Own Words (IOOW).

Os criativos culturais são unidos menos pelo que eles pregam do que pelo que eles praticam, pois eles raramente tentam converter outras pessoas, preferindo se preocupar com seu próprio crescimento pessoal. Seu comportamento, especialmente suas escolhas de estilos de vida, os diferencia das outras culturas.

Livros e rádio: Os criativos culturais (CCs) compram mais livros e revistas e escutam mais rádio, de preferência notícias e música clássica, e assistem menos a programas de televisão do que qualquer outro grupo.

Artes e cultura: Muitos CCs são firmes consumidores das artes e da cultura; eles provavelmente saem de casa à sua procura e se envolvem com elas seja como amadores ou como profissionais.

Autenticidade: Os CCs querem bens e serviços reais, “autênticos”. Eles têm conduzido a rebelião do consumidor contra produtos considerados falsificações, imitações, descartáveis, clichês ou simplesmente produtos da moda.

Consumo seletivo: Os CCs não compram por impulso, mas pesquisam o que consomem, lendo rótulos e se certificando de que estão obtendo o que querem. Muitos são consumidores típicos da “indústria da experiência”, que oferece experiências intensas, esclarecedoras e estimulantes em vez de um produto material específico (*workshops* de fins de semana, reuniões espirituais, experiências de crescimento pessoal, férias experimentais, e assim por diante). Com relação a produtos não experimentais, eles preferem bens ecologicamente saudáveis e eficientes ao mero estilo e conforto (por exemplo, carros recicláveis de alta quilometragem e ecologicamente saudáveis com serviço de máxima excelência ao cliente).

Inovação soft: Os CCs não compram simplesmente os mais recentes dispositivos eletrônicos no mercado; muitos criativos são lentos para avançar na Internet. Eles tendem a ser inovadores e líderes de opinião para produtos intensivos em conhecimento, tais como revistas, vinhos e alimentos finos.

Hábitos alimentares: Os criativos são “aficionados por comida” ; eles gostam de falar sobre alimentos, experimentar novos tipos de alimentos, comer fora ou cozinhar com amigos, experimentar pratos de *gourmet* e comidas étnicas naturais e saudáveis.

Estilos de lares: Os CCs compram menos casas novas do que as pessoas com o seu mesmo nível de renda, mas que pertencem a outros grupos, porque consideram as habitações disponíveis inadequadas ao seu estilo de vida. Em vez disso, em sua maior parte, compram casas revendidas e as consertam conforme seu gosto. Evitam exibir *status* erguendo colunas e vãos de entrada impressionantes e preferindo espaços com vista interna escondida por cercas e arbustos. Querem que sua casa seja um “ninho”, com muitos cantos e nichos interessantes. Os CCs gostam de trabalhar em casa e frequentemente convertem um dormitório ou um cubículo do tipo despensa num escritório caseiro.

Informações sobre “todo o processo” Os CCs querem a história de “todo o processo” de tudo o que lhes caia nas mãos: desde caixas de cereais e descrições de produtos até artigos de revistas. Eles não gostam de propagandas e descrições de produtos superficiais, pois querem saber como as coisas se originaram, como foram feitas e o que acontecerá com elas quando forem descartadas.

Ativismo social: Os criativos veem a si mesmos como sintetizadores e agentes de cura, não apenas no nível pessoal, mas também nos níveis comunitário e nacional, e até mesmo no nível planetário. Eles aspiram a criar, nos valores pessoais e nos comportamentos públicos, mudanças que poderiam deslocar a cultura dominante para além do mundo materialista e fragmentado dos modernos.

Holismo: A característica mais fundamental da cultura dos criativos é o seu holismo. Isso fica evidente na sua preferência por alimentos naturais integrais, assistência à saúde holística, experiência interior holística, informações sobre todo o sistema, e equilíbrio holístico entre trabalho e lazer, consumo e crescimento interior.

Os modernos constituem o segmento mais populoso e resistente a mudanças da população norte-americana. O segmento dos tradicionalistas está encolhendo: à medida que os membros mais idosos morrem, eles não estão sendo repostos por um igual número de pessoas mais jovens como acontecia anteriormente. Em contraste, a população dos criativos culturais está crescendo. Há 20 anos, os CCs constituíam menos de 3% da população

norte-americana total, mas, na virada do século, eles totalizavam cerca de 50 milhões de pessoas - e seu número parece estar crescendo.

O crescimento da subcultura CC é, ao mesmo tempo, o crescimento da mentalidade holística nos Estados Unidos, e presumivelmente também em outros países. Um levantamento realizado no fim de 2005 pela sucursal italiana do Clube de Budapeste constatou que cerca de 35% dos italianos vivem e agem como criativos culturais. É provável que cifras semelhantes venham à luz quando o Clube de Budapeste completar seus levantamentos na Alemanha, na Holanda e no Japão.

Em um artigo publicado na edição de maio-junho de 2005 da revista *Resurgence*, William Bloom, chefe da Holistic NetWork, com sede no Reino Unido, observou: “A abordagem holística está se tornando rapidamente uma das principais forças culturais. Há evidências substanciais e rigorosamente pesquisadas de que a maioria da população do Reino Unido e de outras nações industrializadas e democratizadas está adotando uma visão de mundo holística.” De uma maneira moderna, disse ele, o holismo cativa os instintos espirituais mais profundos: tornar-se um ser humano realizado e total; criar comunidades locais e globais saudáveis e totais; incluir e cuidar de todos os elementos e dimensões; conectar-se com o significado e o mistério totais da existência e sentir-se parte desse significado e desse mistério.

A ascensão da subcultura holística é um sinal vital de esperança em nossos tempos críticos. Ela indica a emergência de um fundamento sólido para uma nova civilização sustentável - uma civilização na qual as pessoas pensam e se comportam como cidadãos responsáveis de nosso planeta lar.

O holismo nas novas ciências

A visão emergente do homem, da natureza e do universo pela ciência é caracteristicamente holística. Ela converge com o holismo intuitivo das culturas alternativa e completa e complementa os fundamentos emergentes de uma nova civilização.

O holismo emergente na ciência capta as ideias desbravadoras do estadista e filósofo sul-africano Jan Smuts. Em seu livro de 1926, *Holism and*

Evolution, Smuts escreveu que o holismo é “o princípio que elabora a matéria-prima ou as unidades de energia desorganizada do mundo, as utiliza

e organiza, dotando-as de estrutura específica, caráter e individualidade, e finalmente de personalidade, e cria para elas beleza, verdade e valor”. Neste sentido, o holismo, disse Smuts, é “a base de uma nova *Weltanschauung* [visão de mundo] dentro do arcabouço geral da ciência”.

Na época de Smuts, a ciência era materialista e atomista: seu principal método de pesquisa consistia em reduzir os sistemas que ela investigava em suas partes componentes e examinar isoladamente essas partes. Então, os cientistas se esforçavam para reconstruir o sistema todo com base nas inter-relações de suas partes. No caso de sistemas complexos - e até mesmo um átomo com mais de um elétron em órbita ao redor de seu núcleo é um sistema dinamicamente complexo - essa tarefa se defrontava com dificuldades indóceis. Mais de 50 anos tiveram de transcorrer antes que as limitações desse empreendimento com relação à maior parte dos sistemas de interesse científico, dos átomos aos organismos e às galáxias, conseguissem deixar uma impressão no *establishment* da ciência.

Hoje, o holismo está presente não apenas como uma filosofia, “dentro do arcabouço geral da ciência”, para usar a frase de Smuts, mas também como um novo paradigma fundamental: uma característica distintiva básica das próprias teorias científicas. Isso aproxima significativamente as novas ciências das subculturas auspiciosas na sociedade, uma convergência que é tanto mais significativa quanto mais abre caminho para uma civilização na qual o pensamento holístico abrange todas as coisas da natureza e da sociedade.

A convergência da ciência e das culturas emergentes marca uma nova época na história. A mentalidade mecanicista e materialista da era moderna criou um abismo profundo entre a ciência e os modos intuitivos de visualizar e pressentir o mundo. Ele forçou as pessoas a acreditar *ou* na ciência *ou* na sabedoria intuitiva ou revelada do misticismo e da religião. Esse abismo surgiu no mundo ocidental na aurora da era moderna. Como já se observou, a ciência tinha legitimidade aos olhos da Igreja no fim da era medieval se ela se limitasse à “filosofia natural”, deixando a “filosofia moral” - todas as coisas que têm a ver com valores, ética, mente e alma - à teologia cristã. Giordano Bruno foi queimado na fogueira por transgredir esse divisor de águas, enquanto Galileu conseguiu escapar por conseguir fazer uma distinção cuidadosa entre “qualidades primárias”, tais como a solidez dos corpos, sua extensão, figura, número e movimento, e qualidades secundárias, tais como cor, sabor, beleza ou feiura. Ele reivindicou

liberdade para a ciência apenas para a investigação das primeiras.

A separação entre a tarefa científica de investigar o mundo material e as reflexões sobre o mundo da mente e do espírito não impedem grandes cientistas de procurar uma relação entre elas. Os fundadores da ciência moderna foram pensadores integrais. Bruno, Galileu, Copérnico, Kepler e o próprio Newton tinham profundos veios intuitivos, e até mesmo místicos, assim como a intuição não faltou nos gigantes da ciência do século XX. Como seus escritos nos dão testemunho, ela era um dos principais elementos do pensamento de Einstein, Erwin Schrödinger e Niels Bohr, bem como de Wolfgang Pauli e Carl Jung, para mencionar apenas alguns.

Hoje, o holismo emergente das novas ciências oferece não apenas possibilidades revigoradas para superar o incômodo divisor de águas que o historiador inglês da cultura C. P. Snow chamou de as “duas culturas” da civilização ocidental, mas também por emprestar peso ao tipo de pensamento que poderia orientar nosso mundo caótico para uma civilização mais pacífica e sustentável.

7. O que você pode fazer hoje

Não é provável que uma nova civilização chegue a tempo se você ficar sentado de braços cruzados, esperando que o holismo convergente das novas culturas e o das novas ciências assentem os alicerces para isso. Uma massa crítica de pessoas na sociedade precisa desempenhar um papel ativo. Isso significa você e eu, e outros ao nosso redor.

Há coisas decisivas que você e eu podemos fazer para promover a mudança rumo a uma civilização pacífica e sustentável. Elas incluem: descartar crenças obsoletas, adotar uma nova moralidade, visualizar o mundo como você gostaria de vê-lo e desenvolver e expandir a sua consciência.

Descartar crenças obsoletas

O mundo atualmente está cheio de práticas irracionais. Em sua Declaração de Dezembro de 2004, o World Wisdom Council, criado por iniciativa do Clube de Budapeste, indagava:

Onde está a sabedoria em um sistema que:

- Produz armas mais perigosas do que os conflitos que elas se destinam a resolver?
- Cria uma superprodução de alimentos, mas não é capaz de torná-la disponível para os famintos?
- Permite que metade das crianças do mundo viva na pobreza e milhões delas sofram de inanição aguda?
- Malogra em apreciar e fazer uso da sensibilidade, do cuidado e do senso de solidariedade que as mulheres trazem para suas famílias e para a comunidade, e poderiam trazer para a política e para as atividades comerciais?
- Se defronta com uma gama de tarefas e desafios e, no entanto, coloca mais e mais pessoas fora do trabalho?
- Dá plena prioridade à maximização da produtividade da mão de obra (mesmo que milhões de pessoas estejam desempregadas ou

subempregadas) em vez de melhorar a produtividade dos recursos (não obstante os fatos de que a maior parte dos recursos naturais é finita e muitos deles são escassos e não renováveis)?

- Exige crescimento econômico e financeiro incessante apenas para funcionar e não se despedaçar?
- Se defronta com problemas estruturais e operacionais de longo prazo e, no entanto, baseia seus critérios de sucesso em períodos contábeis de curto prazo, e no comportamento diário das bolsas de valores?
- Avalia o progresso social e econômico em função do Produto Nacional Bruto e deixa fora do cálculo a qualidade de vida das pessoas e o nível de satisfação das suas necessidades humanas básicas?
- Combate o fundamentalismo religioso, mas reverencia o “fundamentalismo de mercado” (a crença em que a competição irrestrita no mercado pode corrigir todos os erros e resolver todos os problemas)?
- Espera que as pessoas sejam fiéis, em sua esfera privada, à regra de ouro “trate os outros como você espera ser tratado” e, no entanto, ignora esse princípio elementar da imparcialidade e da equidade na política (trate outros Estados como você espera que esses o tratem) assim como nos negócios (trate seus parceiros e competidores como você espera que seus parceiros e competidores tratem sua empresa)?

As práticas irracionais da atualidade estão arraigadas em crenças obsoletas e em concepções defeituosas, como é ilustrado pelo breve catálogo que se segue.

Um catálogo de crenças obsoletas e concepções defeituosas

A ordem por meio da hierarquia: A ordem na sociedade pode ser obtida somente por meio de regras e leis e por sua imposição adequada, e isso exige uma cadeia de comandos que é reconhecida e obedecida por todos. Algumas pessoas no topo (em sua maioria homens) fazem as regras, elaboram as leis, dão as ordens e asseguram o consentimento com elas. Todas as pessoas devem obedecer às regras e ocupar o seu lugar dentro da ordem social e política.

Cada pessoa é única e separada: Somos todos indivíduos únicos e

separados encerrados pelo invólucro da nossa pele e perseguindo nossos próprios interesses. Como nos casos da nossa atividade comercial e do nosso país, só podemos contar com nós mesmos; todas as outras pessoas são amigos ou inimigos, no melhor dos casos ligados a nós por laços de interesse mútuo (mas, em sua maioria, infelizmente de curto prazo).

Tudo é reversível: Os problemas que nós experimentamos são interlúdios de perturbação temporários, após os quais tudo volta ao normal. Tudo o que precisamos fazer é administrar as dificuldades que surgem usando métodos de soluções de problemas experimentados e testados e, se necessário, administrar a crise. Negócios incomuns evoluem de negócios comuns e, mais cedo ou mais tarde, reverterão para esses.

Por que essas crenças são obsoletas não é difícil de se ver.

As hierarquias dominadas por homens não funcionam bem nem mesmo no exército e na igreja, e muito menos nos negócios e na sociedade. Gerentes de negócios bem-sucedidos aprenderam as vantagens de estruturas e equipes de trabalho enxutas mas, em sua maior parte, as instituições sociais e políticas ainda operam no modo hierárquico tradicional. Como resultado, os governos tendem a ser mãos pesadas, e seus modos de trabalhar são embaraçados e ineficientes.

Olhar para nós mesmos como indivíduos está ótimo, mas considerar a nós mesmos separados dos mundos social e natural em que vivemos distorce impulsos naturais e nos leva a procurar nossa própria vantagem em uma luta míope entre competidores cada vez mais desesperados e desiguais. Esse é um caminho perigoso de ser seguido, tanto por indivíduos como por Estados e atividades comerciais.

Se permanecermos convencidos de que os problemas que encontramos são apenas perturbações temporárias num *status quo* que não apresenta mudanças e que talvez seja imutável, nenhuma experiência de problemas mudará o nosso pensamento e o nosso comportamento.

Subjacentes a essas crenças obsoletas, mas persistentes há várias concepções defeituosas. Elas incluem: a racionalidade econômica; o culto da eficiência; a tecnologia é a resposta; o novo é melhor; é o meu país, esteja ele certo ou errado; e o futuro nada tem a ver com o nosso negócio.

A racionalidade econômica: O valor de tudo, inclusive dos seres humanos, pode ser calculado em termos monetários. Todos querem ficar ricos. O resto é conversa ociosa ou simples fingimento.

O culto da eficiência: Precisamos tirar o máximo de cada pessoa, de

cada máquina, de cada organização, independentemente do que é produzido e de se tal produto serve ou não a um propósito útil.

A tecnologia é a resposta: Qualquer que seja o problema, a tecnologia pode oferecer uma solução, ou pode ser desenvolvida até ser capaz de oferecê-la.

O novo é melhor: Qualquer coisa que seja nova é melhor do que (quase) tudo o que é do ano passado.

É o meu país, esteja ele certo ou errado: Aconteça o que acontecer, só devemos obediência a uma bandeira e a um governo.

O futuro nada tem a ver com o nosso negócio: Por que deveríamos nos preocupar com o bem da próxima geração? Cada geração tem de cuidar de si mesma.

Podemos explicar detalhadamente por que essas concepções são defeituosas.

A redução ingênua de tudo e de todos a valores econômicos pode nos ter parecido racional durante épocas em que uma grande recuperação econômica transtornou todas as cabeças e empurrou tudo o mais para os bastidores, mas é tola e imprudente em uma época em que as pessoas estão começando a redescobrir valores sociais e espirituais profundamente enraizados e a cultivar estilos de vida de simplicidade voluntária.

A procura da eficiência sem se levar em consideração aquilo que é produzido e quem ela beneficiará leva a uma escalada do desemprego, supre as demandas dos ricos negligenciando-se as necessidades dos pobres e polariza a sociedade em setores “monetarizados” e “tradicionais”.

A tecnologia pode ser poderosa e sofisticada, mas permanece uma ferramenta: sua utilidade depende de como ela é usada. Até mesmo a melhor das tecnologias é uma faca de dois gumes. Os reatores nucleares produzem um suprimento de energia quase ilimitado, mas seus produtos residuais, bem como sua desautorização, colocam problemas insolúveis. A engenharia genética pode criar plantas resistentes a vírus e ricas em proteínas, melhorar os procedimentos de criação de animais, enormes suprimentos de proteínas animais e micro-organismos capazes de produzir proteínas e hormônios e melhorar a fotossíntese; mas também pode produzir armas biológicas letais e micro-organismos patogênicos, destruir a diversidade e o equilíbrio da natureza e criar insetos e animais anormais e anormalmente agressivos.

As tecnologias da informação podem criar uma civilização globalmente

interativa, mas localmente diversificada, permitindo que todas as pessoas se conectem, quaisquer que sejam as suas cidadanias, culturas e origens étnicas. Porém, quando as redes de informação são dominadas pelos grupos de poder que as levam a existir, elas servem apenas aos interesses estreitos de uma pequena minoria e marginalizam o restante. No modo comercializado, a Internet, a televisão e a mídia impressa suprem apenas aqueles que podem entrar no mercado, e negligenciam o restante. Elas também servem a elementos criminosos, propagando a pornografia e o crime.

Quanto à afirmação de que o novo é sempre melhor, simplesmente ela não é verdadeira. Com frequência, o novo é pior do que aquilo que é substituído - mais caro, mais complexo e menos manejável, e mais desperdiçador, prejudicial à saúde, poluidor, alienador ou estressante.

O *slogan* chauvinista “é o meu país, esteja ele certo ou errado” ignora os laços culturais, sociais e econômicos crescentes que se desenvolvem entre as pessoas em diferentes partes do globo. Ele pede às pessoas para lutarem por causas que seus governos defendem e mais tarde podem repudiar, e para adotarem os valores e as visões de mundo de um pequeno grupo de líderes políticos. Nada na mente humana saudável proíbe a expansão da lealdade para cima do nível de um único país; nenhum indivíduo é obrigado pela sua constituição emocional a jurar obediência exclusiva a uma única bandeira. Podemos ser leais a vários segmentos da sociedade sem sermos desleais a nenhum deles. Podemos ser leais à nossa comunidade sem desistir da lealdade à nossa província, ao nosso Estado ou à nossa região. Podemos ser leais à nossa região e nos sentirmos em unidade com toda uma cultura e com a família humana como um todo. Os europeus são ingleses, alemães, franceses, espanhóis e italianos, assim como são europeus. Os americanos são membros da Nova Inglaterra, texanos, sulistas e habitantes do noroeste do Pacífico, assim como são americanos. As pessoas em todas as partes do mundo possuem identidades múltiplas e podem desenvolver lealdades múltiplas que os acompanham.

Finalmente, viver sem um planejamento consciente para o futuro - embora isso possa ter sido suficiente em dias de crescimento precipitado, quando cada nova geração podia tomar conta de si mesma - não é uma opção responsável em uma época em que as decisões que tomamos hoje exercerão um impacto profundo no bem-estar das próximas gerações.

As crenças particularmente perigosas

A natureza é inexaurível. Esta é a crença em que a natureza ao nosso redor é uma infinita fonte de recursos, e um infinito depósito de lixo e de entulhos. Suas origens remontam aos impérios arcaicos. Dificilmente teria ocorrido aos habitantes dos antigos impérios da Babilônia, da Suméria, do Egito, da Índia ou da China que o meio ambiente ao seu redor poderia ser exaurido, deixando de lhes fornecer as necessidades básicas da vida - plantas comestíveis, animais de criação, água potável e ar respirável -, ou entupido por depósitos de lixo e de entulhos. O meio ambiente deve ter parecido a eles, de longe, demasiadamente vasto para ser muito afetado pelo que os seres humanos faziam em seus pequenos povoados e nas terras que os circundavam. Essa crença comprovou ser uma ilusão perigosa. Com o tempo, ela acabou convertendo o Crescente Fértil da época bíblica no Oriente Médio de hoje: uma região com áreas enormes de terras áridas e estéreis. Porém, naqueles dias, as pessoas podiam se mudar para novas regiões, colonizando novas terras e explorando recursos virgens e cheios de vigor. Hoje, não nos foi deixado lugar algum para irmos. Em uma civilização industrial que se estende por todo o globo empunhando poderosas tecnologias, a crença na inexauribilidade da natureza dá rédeas livres ao uso excessivo, prejudicando imprudentemente os recursos do planeta e sobrecarregando irrefletidamente as capacidades autorregeneradoras da natureza.

O mundo é um mecanismo gigantesco. Esta crença perigosa data do início da era moderna, uma ideia transferida da visão de mundo galileana-newtoniana, de acordo com a qual causas simples têm efeitos diretos e simples. A ideia de que o mundo é um mecanismo gigantesco se adaptava bem à criação e operação de tecnologias medievais como moinhos de água e moinhos de vento, bombas, relógios mecânicos e arados e carroças puxadas por animais, mas fracassa quando chegamos às turbinas dos jatos, aos reatores nucleares, aos computadores em rede e às plantas e micróbios criados por engenharia genética. Tecnologias sofisticadas não funcionam como máquinas newtonianas, e não têm efeitos diretamente calculáveis.

No entanto, persiste a crença em que o mundo ao nosso redor pode ser projetado e montado como uma máquina. A noção básica é a de que se fizermos uma coisa, podemos sempre contar com o fato de que isso levará previsivelmente a outra coisa - assim como o ato de pressionar uma tecla

numa velha máquina de escrever faz com que um braço imprima a letra correspondente numa folha de papel. Esse não é mais o caso nem mesmo para o computador, em que programas sofisticados interpretam as informações que nele ingressam pelo teclado e decidem o resultado. O conceito mecanicista é ainda pior quando trabalhamos na interface entre nossas tecnologias e a natureza. A maneira como um gene transplantado se expressa em uma planta é previsível com relação a essa planta, mas é problemática quando estudamos a interação dessa planta com seu meio ambiente - e com os seres humanos que a consomem. O mesmo gene que produz o efeito previsível e desejado na planta modificada pode produzir efeitos imprevisíveis e indesejáveis em nós e em outras espécies.

Não obstante, a civilização industrial do século XX persistiu em tratar tanto a sociedade como a natureza como um mecanismo que pode ser tecnologicamente projetado e reprojetado. O resultado disso é a progressiva degradação da água, do ar e do solo; a modificação do clima; e o prejuízo dos ecossistemas locais e continentais. A crença em que a natureza é um mecanismo, embora não seja tão antiga quanto a crença em que ela é inexaurível, é igualmente obsoleta.

A vida é uma luta na qual apenas os mais bem adaptados sobrevivem. Essa ' crença data do século XIX, e é uma consequência do entendimento popular da teoria da seleção natural de Darwin. Esse conceito afirma que na sociedade, assim como na natureza, “o mais bem adaptado sobrevive”, significando que, se nós quisermos sobreviver, teremos de nos adaptar à luta existencial - de ser mais bem adaptados do que os outros ao nosso redor. Em um contexto social, a boa adaptação não é determinada por genes, mas se diz ser uma característica pessoal e cultural, por exemplo, a inteligência, a esperteza, a ousadia, a ambição, e os meios políticos e financeiros para colocá-las em ação.

Transpor o darwinismo do século XIX para a esfera da sociedade é perigoso, como nos mostrou o “darwinismo social” adotado pela ideologia nazista de Hitler. Ela justificava a conquista de territórios em nome da criação de mais *Lebensraum* (espaço vital) e da subjugação de outros povos em nome da aptidão e da pureza raciais. Em nossos dias, as consequências do darwinismo social vão além da agressão armada para uma luta mais sutil mas, em alguns aspectos, igualmente impiedosa, de competidores no mercado. A competição sem barreiras para refreá-la produz lacunas, que se alargam cada vez mais, entre ricos e pobres, e concentra a riqueza e o poder

nas mãos de gerentes corporativos e de financistas internacionais. Ela relega Estados e populações inteiras aos papéis de clientes e consumidores e, se eles são pobres, os descarta como fatores marginais nas equações que determinam o sucesso no mercado global.

O mercado distribui benefícios. Esse princípio está diretamente relacionado com a crença em que, na luta existencial, somente os mais bem adaptados sobrevivem; na verdade, ele serve como sua justificativa. Diferentemente do que acontece na natureza, em que a consequência da “aptidão” é a difusão e a dominância de uma espécie e a extinção ou a marginalização de outras, na sociedade se diz que há um mecanismo que distribui os benefícios em vez de acumulá-los apenas nas mãos dos “bem adaptados”. É esse o mercado que é governado por aquilo que Adam Smith chamou de “mão invisível”. Ele atua equitativamente: se eu faço o bem para mim mesmo, eu benefico não apenas a mim mesmo, a minha família e a minha empresa, mas também a comunidade. Na economia como um todo, a riqueza “goteja” do rico para o pobre. Uma maré montante, no final de tudo, deveria levantar todos os barcos.

O mito do mercado é reconfortante: não é de causar surpresa o fato de que ele é frequentemente citado por aqueles que se beneficiam dele. Infelizmente, ele deixa de levar em conta uma cláusula que já foi notada pelos economistas clássicos: o mercado distribui benefícios apenas sob condições de competição quase perfeita, em que o campo de jogo é nivelado e todos os jogadores têm um número mais ou menos igual de fichas. No mundo real, o campo de jogo nunca é nivelado e a distribuição de riqueza é altamente tendenciosa.

Ninguém tem, nem jamais teve, uma experiência de primeira mão de um mercado que trabalhe equitativamente para todos. No mundo de hoje, o mercado favorece os ricos à custa dos pobres. Na atualidade, a riqueza de algumas centenas de bilionários iguala os rendimentos somados de metade de todas as pessoas do mundo, enquanto os 40% mais pobres da humanidade são deixados com 3% da riqueza global.

Quanto mais você consome, melhor você é. Esta é a crença segundo a qual há uma estrita equivalência entre o tamanho da sua carteira - como é demonstrado, por exemplo, pelo tamanho do seu carro e o tamanho da sua casa - e o seu valor pessoal como dono da carteira (e do carro e da casa).

A equiparação do valor humano com o valor financeiro tem sido intencionalmente estimulada pelos negócios. Em anos anteriores, as

empresas não hesitavam em apregoar o consumo ilimitado como uma possibilidade realista e o consumo conspícuo como o ideal. Victor Lebov, um analista do varejo que escreveu pouco depois da Segunda Guerra Mundial, expressou a filosofia consumista em palavras com reminiscências de um mito: “Nossa economia enormemente produtiva”, disse ele, “exige que nós façamos do consumo o nosso modo de vida, que nós convertamos as compras e o uso de bens em rituais, que nós procuremos a nossa satisfação espiritual, a satisfação do nosso ego, no consumo. A economia precisa de coisas consumidas, incineradas, desgastadas, repostas e descartadas em uma taxa cada vez maior” (citado por Alan Durning em *How Much Is Enough?*, Norton, 1992). O mito do consumo era, e até um certo ponto ainda é, extremamente poderoso. De acordo com algumas estimativas, em dólares constantes, o mundo moderno consumiu tantos bens e serviços desde 1950 quanto em todas as gerações anteriores reunidas.

Não apenas há mais consumidores do que jamais houve no mundo, como também cada consumidor consome mais do que nunca. Desde 1960, a proporção de lares norte-americanos com lava-louças subiu de 7% para 50%, a proporção de lares com condicionadores de ar subiu de 15% para 73%, e a posse de carros duplicou. Essa tendência, evidentemente, não é sustentável, seja nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar. As consequências e os efeitos colaterais do consumismo não eram conhecidos há 50 anos, mas não podem ser ignorados atualmente. O consumo excessivo esgota recursos preciosos e afeta negativamente tanto a saúde física como o equilíbrio mental, e piora o desequilíbrio estrutural na economia do mundo. No entanto, o mito segundo o qual uma pessoa é melhor, e na verdade superior, quando ela possui mais e usa mais é persistente. O consumo conspícuo ainda é um indicador de *status* social. Isso não é tão francamente admitido hoje quanto o era no passado, mas de muitas maneiras o marketing de casas, carros e bens de consumo ainda conta com ele - e, pelo que parece, por uma boa razão.

Quanto mais dinheiro você tem, mais feliz você é. A grande maioria das pessoas no mundo industrializado acredita que há uma ligação entre ter dinheiro e se sentir bem. Pesquisas de opinião realizadas pelo Gallup constataram que três entre quatro norte-americanos jovens que ingressam na faculdade consideram “essencial” ou “muito importante” ficarem muito bem de vida financeiramente. Indagados sobre o que constitui para eles uma boa vida, uma pesquisa de opinião realizada pela Roper em 1996 constatou

que 63% disseram: “Ter muito dinheiro”.

No entanto, a crença em que há uma ligação entre riqueza e felicidade não se limita às experiências das pessoas. Se essa crença fosse verdadeira, os cidadãos de nações ricas deveriam ser mais felizes que os de nações pobres. Esse não é o caso. Um levantamento realizado por Ronald Inglehart em 43 países indica que quando um país alcança um nível em que o nível do PIB *per capita* é de cerca de 10 mil dólares, aumentos na riqueza da nação não produzem aumentos na sensação de bem-estar de seus habitantes. Os búlgaros não são prósperos nem estão satisfeitos, e os escandinavos e alemães ocidentais mais que eles, mas os irlandeses alegam estar tão satisfeitos quanto os alemães e os escandinavos, embora a Irlanda tenha menos da metade do PIB que eles têm. Além disso, indivíduos ricos deveriam ser mais felizes do que os pobres, e os super-ricos deveriam ser os mais felizes de todos. Mas um levantamento da *Forbes* dos 100 norte-americanos mais ricos mostrou que os milionários experimentam apenas uma felicidade ligeiramente maior do que o indivíduo médio.

Desde 1957, o PIB dos Estados Unidos mais do que duplicou, mas o nível médio de felicidade diminuiu: aqueles que relataram ser “muito felizes” constituem apenas 32% da população. Ao mesmo tempo, a taxa de divórcios duplicou, a taxa de suicídios entre os adolescentes mais do que duplicou, o número de crimes violentos triplicou, e mais pessoas do que nunca dizem estar deprimidas.

O psicólogo social David Myers deu a isso o nome de “síndrome da riqueza que voa alto e do espírito que encolhe”. Mais do que nunca, observou ele, temos casas grandes e lares partidos, renda alta e baixa disposição de ânimo, direitos assegurados e civilidade reduzida. Primamos em ganhar a vida, mas fracassamos em viver a vida.

Parece que o dinheiro pode comprar muitas coisas, mas não compra a felicidade nem o bem-estar. Ele pode comprar sexo, mas não amor, pode comprar atenção, mas não afeição, informação, mas não sabedoria. Embora o dinheiro seja necessário para cobrir necessidades humanas essenciais, além delas há outros fatores que ajudam a tornar possível a felicidade e a boa vida - o amor e a afeição dentro da família, amizades íntimas e laços emocionais estreitos com outras pessoas no local de trabalho e na comunidade, sensação de pertencer ao próprio país e à própria cultura, realizar trabalho que é significativo e produtivo, ter contato com a natureza, e nos entregar a atividades de lazer que empenham nossas habilidades e

nossos interesses e abrem espaço à nossa criatividade.

Fins econômicos justificam meios militares. Os antigos romanos tinham um ditado: “Se você aspira à paz, prepare-se para a guerra”. Isso combinava com suas condições e sua experiência. Os romanos tinham um império mundial, com povos e culturas rebeldes em seu interior e tribos bárbaras na periferia. A manutenção desse império exigia um exercício constante do poder militar. Hoje, a natureza do poder é muito diferente, mas a crença na guerra é exatamente a mesma. Assim como Roma na época clássica, os Estados Unidos constituem um poder global, mas um poder que é econômico e não político. No entanto, a segunda administração Bush sustentava que a manutenção do domínio econômico dos Estados Unidos no mundo justificava “enviar os fuzileiros navais”.

A violência que se seguiu à Guerra do Iraque mostrou que tentar obter fins econômicos por meios militares é uma estratégia pobre. No mundo do século XXI, no qual a humanidade é mais interativa e mais interdependente do que jamais o foi, e no qual sistemas sociais, econômicos e ecológicos estão operando à beira do caos, a guerra não é uma maneira de se obter paz ou qualquer objetivo, seja ele político ou econômico. A guerra é moralmente indefensável e, como o Vietnã, o Afeganistão e o Iraque testemunham, ela é raramente justificada pelos seus resultados. É com boa razão que uma declaração do Clube de Budapeste (reproduzida no Apêndice C) declarava: “Considerando que a guerra moderna mata civis inocentes, inflige sérios danos ao ambiente de suporte de vida e pode causar uma escalada até uma conflagração global, travar uma guerra é um crime contra toda a humanidade. Ela precisa ser reconhecida como tal. Nenhuma nação-Estado deveria ter o direito legítimo de declarar guerra contra qualquer outra nação-Estado.”

Abandonar as crenças obsoletas da atualidade não significa desistir de *todas* as crenças. As crenças comumente aceitas por uma sociedade ajudam a explicar o mundo, guiam as aspirações individuais e coletivas e fornecem uma orientação compartilhada. Mas as crenças podem sobreviver à sua utilidade, e depois disso se tornam inúteis e até mesmo perigosas. Quando isso acontece, é de interesse da sociedade se livrar delas. Incontáveis crenças que outrora foram funcionais e florescentes se tornaram obsoletas. Na América Central, dezenas de templos maias jazem abandonados. No Peru, monumentos incas estão espalhados em ruínas. Montes de pedra celtas em Gales, estátuas no Khmer em Kampuchea, zigurates sumerianos

no Iraque e cabeças de pedra gigantes na Ilha de Páscoa são todos testemunhas mudas de sistemas de crença que outrora floresceram e desapareceram quando crenças de maior poder dominante apareceram em seu lugar.

Adote uma nova moralidade

Em uma sociedade saudável, os membros partilham de uma moralidade comum: eles percebem o que é certo e o que é errado, o bom e o mau de maneiras basicamente semelhantes. Sem uma moralidade compartilhada, as pessoas não podem distinguir com facilidade entre o que deveriam considerar certo e errado, moral e imoral. No entanto, além das fronteiras de uma nação e de uma cultura, a moralidade que mantém as pessoas juntas malogra em fornecer orientação. O que é moral em uma cultura e em uma sociedade pode ser inaceitável e talvez repreensível em outra. O resultado disso é tensão e conflito internacionais e interculturais.

Em um mundo interativo e interdependente, há uma necessidade urgente de uma moralidade que possa ser aceita por todas as pessoas, onde quer que elas vivam. Essa moralidade não precisa nivelar a diversidade de pessoas e culturas contemporâneas e não precisa colocar em questão suas sensibilidades morais. Uma moralidade realmente universal liga os diversos povos e culturas de hoje, e é baseada em crenças e objetivos que eles podem compartilhar e adotar. Ela respeita a moralidade pessoal dos indivíduos e os princípios morais de suas culturas, mas acrescenta a eles valores e princípios mais abrangentes.

Nossa moralidade *pessoal* varia com a personalidade, as ambições e as circunstâncias de cada um de nós. Ela reflete a singularidade de nosso pano de fundo, de nossa herança e nossa família, e de nossa situação comunitária. Nossa moralidade *cultural* seleciona os valores que precisamos compartilhar com outras pessoas para que a nossa comunidade possa manter o nível de coesão de que ela precisa para funcionar. Essa moralidade combina com a cultura, a estrutura social, o desenvolvimento econômico e o ambiente de nossa comunidade. Uma moralidade *universal* soma a essas moralidades local e regional uma dimensão internacional e intercultural. Ela não prescreve a natureza da moralidade individual, nacional e cultural; ela apenas garante que essas moralidades não gerem comportamentos que sejam prejudiciais para a comunidade global e seu ambiente de suporte de

vida.

Como poderia uma moralidade universal surgir e se espalhar pela sociedade? Tradicionalmente, estabelecer as normas da moralidade era tarefa das religiões. Os Dez Mandamentos dos judeus e cristãos, as Provisões para o Fiel do islamismo, e as Regras do Viver Correto dos budistas são exemplos. Hoje, o domínio da ciência reduziu o poder das doutrinas religiosas para regular o comportamento humano, e muitas pessoas procuram a ciência para obter orientação prática. No entanto, a ciência clássica não poderia produzir princípios que fornecessem uma base para a moralidade universal. Saint-Simon, no fim da década de 1700, Auguste Comte, no início dos anos de 1800, e Émile Durkheim, no fim de 1800 e início de 1900, tentaram desenvolver princípios “positivos” baseados na observação e no experimento científico para obter uma ética significativa e publicamente aceitável. Porém, esse empreendimento era tão alheio ao compromisso da ciência clássica em valorizar a neutralidade que não foi levado em consideração pela grande maioria dos cientistas no século XX.

Na década de 1990, cientistas, bem como líderes políticos, começaram a reconhecer a necessidade de princípios que estabelecessem normas universais para o comportamento. Em abril de 1990, na “Declaração Universal de Responsabilidades Humanas”, o InterAction Council, um grupo de 24 ex- -chefes de Estado ou de governo, declarou: “Pelo fato de a interdependência global exigir que devemos viver uns com os outros em harmonia, os seres humanos precisam de regras e restrições. A ética se constitui nos padrões mínimos que tornam possível a vida coletiva. Sem a ética e a resultante autor- restrição, a humanidade reverteria para a sobrevivência do mais bem adaptado. O mundo necessita de uma base ética sobre a qual possa permanecer.”

A Union of Concerned Scientists, uma organização de importantes cientistas, concorda. “Uma nova ética é necessária”, afirmava uma declaração assinada em 1993 por 1.670 cientistas de 70 países, inclusive 102 premiados com o Nobel. “Essa ética precisa motivar um grande movimento, que convença líderes relutantes, governos relutantes e povos relutantes a efetuar as mudanças necessárias.” Os cientistas observaram nossa nova responsabilidade para cuidar da Terra e advertiram que “é necessária uma grande mudança em nossa administração da Terra e da vida para evitarmos uma enorme miséria humana e para impedirmos que o nosso

lar global sobre este planeta seja irrecuperavelmente mutilado”. Os seres humanos e o mundo natural, disseram eles, estão em rota de colisão. Isso poderá alterar a tal ponto o mundo vivo que ele será incapaz de sustentar a vida como a conhecemos.

Em novembro de 2003, um grupo de premiados com o Nobel da Paz reunidos em Roma afirmou: “A ética nas relações entre nações e nas políticas dos governos tem importância suprema. As nações precisam tratar outras nações como elas querem ser tratadas. As nações mais poderosas precisam se lembrar de que aquilo que elas fizeram, outras também farão.” E em novembro de 2004, o mesmo grupo de laureados declarou: “Somente se reafirmarmos nossos valores éticos compartilhados - respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais - e observarmos princípios democráticos, dentro dos países e entre países, o terrorismo poderá ser derrotado. Precisamos nos dirigir à raiz das causas do terrorismo - a pobreza, a ignorância e a injustiça - em vez de responder à violência com a violência”.

Sem dúvida, chegou o tempo de prestar atenção seriamente a uma moralidade que pode ser abraçada por todas as pessoas independentemente de seu credo, religião, raça, sexo ou crença secular. Ela precisa ter um apelo intuitivo, dirigindo-se ao instinto moral básico presente em todos os indivíduos saudáveis. Isso merece um pensamento adicional. Agora que as prescrições morais de Marx, Lênin e Mao falharam na prática dos países comunistas, a moralidade mais amplamente adotada no mundo é o liberalismo, a herança conceitual de Bentham, Locke e Hume, da escola de filosofia britânica clássica. As pessoas não devem ser impedidas de perseguir seu interesse próprio contanto que observem as regras que permitem a vida na sociedade civilizada. “Viva e deixe viver” é o princípio liberal. Você pode viver de qualquer maneira que lhe agrada contanto que não transgrida a lei.

No mundo de hoje, o liberalismo clássico se move em direção a uma forma de tolerância inapropriada. Deixar que cada um viva como lhe agrada contanto que se mantenha dentro da lei acarreta um sério risco. Os ricos e os poderosos poderiam (e de fato o fazem) consumir uma parcela indiscriminada de recursos aos quais os pobres também têm um direito legítimo, e ambos, ricos e pobres, poderiam infligir (e de fato o fazem) danos irreversíveis ao meio ambiente do qual todas as pessoas precisam compartilhar.

Em vez de “viva e deixe viver”, precisamos de uma moralidade universal tão intuitivamente significativa e instintivamente atraente como o liberalismo, porém mais bem adaptada às condições nas quais a humanidade se encontra atualmente. Tal moralidade substitui o “viva e deixe viver” do liberalismo pelo “viva mais simplesmente, de modo que outros possam viver mais simplesmente” de Gandhi.

Seguir o conselho de Gandhi é ainda mais urgente hoje do que o foi na sua época. E é também mais fácil seguir o seu conselho. Hoje, nós entendemos que viver com simplicidade não representa uma perda nem uma queda. Pelo contrário, a vida simples é fruto de uma livre escolha que leva a um maior bem-estar pessoal e a um sentido mais profundo de significado na vida. É viver de uma maneira que seja social e ecologicamente sustentável e, desse modo, responsável para com todas as coisas que há hoje na Terra e para as gerações que virão.

Naturalmente, a consideração-chave não é a simplicidade intrínseca do nosso estilo de vida, mas o impacto da nossa vida sobre a sociedade e a natureza. Esse impacto não deve exceder a capacidade do planeta para prover as necessidades básicas de todos os seus povos. Por isso, o princípio indicado de moralidade universal é: *“Viva de uma maneira que permita a todas as outras pessoas viverem igualmente”*.

A mudança para uma moralidade universal é lenta; o preceito, inicialmente nobre, mas agora obsoleto, “viva e deixe viver”, persiste. No entanto, se todas as pessoas usarem em excesso carros particulares, fumarem, ingerirem dietas pesadas em carne e fizerem uso de uma miríade de implementos que acompanham o estilo de vida afluyente, os recursos essenciais do planeta ficarão rapidamente esgotados e seus poderes autorregeneradores serão drasticamente reduzidos.

Se os chineses, os indianos, os africanos, os latino-americanos e outras populações dos países em desenvolvimento continuarem a queimar carvão para produzir eletricidade e madeira para cozinhar, a serem tolerados por políticas econômicas clássicas, a adquirirem padrões de vida e de uso de automóveis, e a adotarem hábitos de consumo ocidentais, os limites planetários também serão ultrapassados. Somente se ambos, os ricos e os pobres, adotarem uma moralidade universal, teremos a oportunidade de ingressar num caminho positivo rumo ao nosso futuro compartilhado.

Thomas Jefferson disse que se você acredita que as pessoas não são suficientemente informadas para exercer poder na sociedade, a solução

democrática não consiste em tirar o poder de suas mãos, mas em informá-las. Esse não é um empreendimento quixotesco. Se as pessoas entenderem que um princípio de moralidade universal é necessário para assegurar a sobre- vivência da humanidade, e que aceitá-la e ser fiel a ela não exigem sacrifícios desarrazoados, elas responderão.

A necessidade de uma moralidade universal é real, e pode se tornar evidente. A sobrevivência da humanidade está intimamente ligada à solidariedade e à cooperação na comunidade global e ao respeito pela integridade da natureza. Se nós continuarmos a agir como fazemos agora, a atual janela de decisão nos levará para um Ponto do Caos no qual os nossos sistemas se inclinarão para um caminho degenerativo. As sociedades serão abaladas pelo terrorismo e pelo crime, as relações internacionais serão dilaceradas por guerras e intolerância, e a biosfera se tornará inóspita para a vida e a habitação humanas, com a erosão de terras agricultáveis, padrões meteorológicos hostis, aumento dos níveis dos oceanos e proliferação de micro-organismos incompatíveis com a nossa espécie.

Também podemos tornar claro que a adoção de uma moralidade universal não acarreta sacrifícios desmedidos. Viver de uma maneira que permite a todas as outras pessoas viverem igualmente bem não significa que estamos nos autonegando: podemos continuar a lutar por excelência e beleza, crescimento pessoal e alegria, e até mesmo por conforto e luxo. Porém, quando somos guiados por princípios morais universais, definimos os prazeres e realizações da vida em relação à qualidade da alegria e ao nível de satisfação que eles oferecem, e não em relação à quantia de dinheiro que eles custam e à quantidade de materiais e de energia que sua produção e seu uso requerem.

Sonhe o seu mundo e aja para torná-lo real

Em 1968, quando Robert Kennedy estava concorrendo para a indicação presidencial, ele disse: “Alguns homens veem as coisas como elas são e dizem: *Por quê?*”; eu sonho com coisas que nunca existiram e digo: ‘*Por que não?*’” Sonhar com o mundo como você anseia por ver nunca é apenas se abandonar a uma fantasia ociosa. Hoje, viver em uma janela no tempo que decide o nosso futuro tem mais importância do que jamais teve.

Um conto das mil e uma noites

O poder de uma visão do mundo como nós o sonhamos é ilustrado pelo seguinte conto:

Na velha Arábia, Mamun, filho de Harun al Rashid, herdou uma cidade. Quando ele veio para tomar posse, ele a encontrou em desordem e à beira da mina. Comerciantes persas, discutindo com os cidadãos nos mercados, vendo que eles eram fracos, se encorajaram para se entregar à pilhagem e à violência.

O jovem príncipe foi aconselhado a anunciar um novo código e impô-lo. Foi o que ele fez; mas ocorreu que as disputas se multiplicaram, os cidadãos empobreceram e os comerciantes começaram a evitar a cidade. Desesperado, Mamun imaginou um estratagema. Ele reuniu em segredo alguns artesãos estrangeiros e lhes incumbiu de criar em marfim e madeiras preciosas a imagem de uma cidade insuperavelmente bela, cujo projeto ele lhes entregou. Quando completaram o trabalho, ele lhes deu uma rica recompensa e os dispensou; e levou a imagem à noite até a principal mesquita da cidade, escondendo-a atrás de uma cortina.

Em seguida, Mamun emitiu um edital informando que cada viajante e comerciante que entrasse pelos portões precisaria primeiro ser levado até a mesquita para veneração, sob a promessa de manter silêncio. Então, a imagem lhe era revelada; e se tomou evidente para os cidadãos, pelo comportamento alterado desses estrangeiros, que eles haviam contemplado uma nobre visão a respeito da qual não podiam ou não ousavam falar. Eles disseram a Mamun que também queriam vê-la - e era o que Mamun queria que eles fizessem: eles foram admitidos, um por um, nas mesmas condições.

Agora, começou a ficar evidente que o governador dos artistas foi mais bem-sucedido que o governador dos legisladores; isso porque, transformadas pela visão da imagem, as pessoas realizavam os seus negócios em paz. A ordem, a alegria e a riqueza retornaram silenciosamente ao lugar. E, quando a reconstruiu, a cidade que Mamun herdara ficou parecida com a cidade de seu sonho.

Em nossos dias, não precisamos construir a imagem de uma pacífica e bem ordenada cidade de mármore e madeiras preciosas; basta que a sonhemos, tornando a nossa visão tão concreta quanto pudermos. No

Capítulo 5, nós já tentamos “sonhar” com a natureza de uma civilização pacífica e sustentável. Sonhos que procuram prever e visualizar o futuro no longo prazo e o de toda a família humana podem ser trazidos para o aqui e agora. Essa é uma tarefa que apenas você e outros como você podem realizar. Você deve utilizar sua criatividade e sua imaginação e perguntar: “É assim que as coisas *poderiam* ser - por que elas não são assim?” Por exemplo, o que impede que a sua vizinhança, metrópole, cidade ou vilarejo seja um lugar:

- seguro para as pessoas viverem e trabalharem e para as crianças crescerem, e onde os serviços comunitários e o transporte público sejam disponíveis a todos?
- onde ninguém é marginalizado, abandonado a uma fome irremediável e desempregado, e onde não há nenhuma voz correndo pela comunidade e decidindo o seu futuro?
- onde os representantes do governo e os funcionários da cidade são honestos e bem informados, e representam os melhores interesses de todos os moradores da comunidade?
- onde as escolas e hospitais são limpos, bem equipados, competentes e capazes de servir às necessidades da comunidade?
- onde o ar é respirável, os rios e lagos não são poluídos, os parques são bem conservados e uma natureza mais prístina pode ser desfrutada por qualquer pessoa?
- onde os moradores são seletivos a respeito do que consomem e do que descartam, onde atiram lixo nos recipientes apropriados e recolhem as fezes de seus cães nas ruas?
 - e onde as pessoas têm tempo para saudar umas às outras, lhes perguntar sobre suas necessidades e seu bem-estar, e realizar seus trabalhos com cortesia?

Quando você vê as coisas como elas são e se pergunta: “*Por que elas são como são?*” - sendo provável que elas sejam muito diferentes de como você as sonhou -, você se defrontará com um labirinto de explicações complexas e um emaranhado de problemas insolúveis. Mas se você ousar sonhar, e compartilhar o seu sonho com amigos e vizinhos, e perguntar: “*Por que as coisas não são como eu as sonho?*”, você encontrará respostas

- e maneiras pelas quais você pode se reunir com eles para começar a construir um mundo que se pareça com o seu sonho.

Desenvolva a sua consciência

Margaret Mead disse: “Nunca duvide do poder de um pequeno grupo de pessoas para mudar o mundo. Nada mais tem esse poder”. Mahatma Gandhi foi ainda mais insistente: “*Seja* a mudança que você quer ver no mundo”. Eles estavam certos. Quando você desenvolve a sua consciência, você tem o poder de mudar o mundo.

Por que a consciência é tão poderosa? A explicação está à nossa frente: em uma Janela de Decisão, até mesmo pequenas “flutuações” podem mudar o destino do sistema. Uma flutuação na forma de uma consciência mais evoluída é particularmente poderosa. Uma consciência mais evoluída significa um novo pensamento, e ele é a chave para uma nova civilização. E, por sua vez, uma nova civilização é a chave para o bem-estar, e até mesmo para a sobrevivência, da humanidade.

Sabemos que quando uma espécie viva é ameaçada de extinção, ela enfrenta uma dura escolha: ou produz uma mutação viável ou se extingue. Para a espécie sobreviver, a maneira como seus membros se mantêm em seu ambiente e a maneira como se reproduzem precisa mudar. Em espécies não humanas, a maior parte do comportamento associado à sobrevivência é geneticamente codificada, e para mudá-lo é necessário uma mutação adaptativa do *pool* genético. A mutação genética é lenta, mas pode funcionar: os mutantes adaptados se reproduzem e se tornam dominantes, e os não adaptados são eliminados por seleção natural.

Com relação à sociedade humana, a situação não é exatamente a mesma. Quando a sobrevivência de uma população, cultura ou civilização é ameaçada, para não ficar sujeita à extinção, ela precisa produzir uma mudança viável na maneira como seus membros vivem e se reproduzem. Isso, porém, não exige uma mutação do *pool* genético. Embora alguns aspectos do nosso comportamento sejam geneticamente codificados, os valores e crenças que ameaçam a nossa sobrevivência são influenciados principalmente por nossa cultura. A sociedade é codificada culturalmente, e não geneticamente, e nossa cultura é mais flexível do que nossos genes: nós podemos induzir mutações nela se o quisermos, mas não podemos mudar nosso *pool* genético. Uma mutação cultural pode ser intencionalmente

lançada e conscientemente orientada. A orientação consciente da próxima mutação cultural - a mudança para uma nova civilização - depende da evolução da nossa consciência. Essa evolução se tornou uma condição prévia para a nossa sobrevivência coletiva.

Você pode ajudar a humanidade a sobreviver; você pode promover a evolução da sua consciência. Uma maneira de fazer isso consiste em entrar em um assim chamado EAC: um estado alterado de consciência. Nosso estado de vigília normal é apenas um dos muitos tipos de consciência que possuímos e dos muitos estados de consciência em que podemos ingressar. O ingresso nos estados alterados de consciência que são típicos da meditação profunda e da prece intensa é particularmente importante. Ele permite a você experimentar uma unicidade profunda com outras pessoas ao seu redor, assim como com a natureza. Nas culturas tradicionais, os EACs eram regularmente experimentados: eles eram altamente valorizados e estimulados por rituais repetidos. Eles são igualmente acessíveis às pessoas modernas. O psiquiatra Stanislav Grof, que induziu tais estados em milhares de pacientes, descobriu que até mesmo psicólogos altamente treinados, quando experimentam estados alterados, mudam para uma consciência que coloca a visão de mundo mecanicista, materialista e fragmentada da era moderna no contexto de uma visão holística e abrangente.

Astronautas que viajam pelo espaço e contemplam a Terra no seu esplendor vivo também experimentam um estado alterado de consciência; e também sentem uma ligação intensa com seu planeta lar, um sentimento que persiste pelo resto de seus dias. Pessoas que se aproximaram da morte em consequência de um acidente ou doença podem retornar dessa experiência informando que vivenciaram um estado alterado e passaram a ver a vida de uma nova maneira. Também passam a experimentar uma apreciação revigorada da existência e a sentir reverência pela natureza; desenvolvem profundas preocupações humanitárias e ecológicas e reconhecem que as diferenças entre as pessoas, sejam elas nas áreas do sexo, da etnia, da cor, do idioma, da convicção política ou da crença religiosa, são interessantes e enriquecedoras, e não ameaçadoras.

Pessoas que vivenciaram um estado de consciência profundamente alterado compreendem que qualquer coisa que façam para a natureza, ao mesmo tempo elas a fazem para si mesmas, e que outras pessoas - estejam elas na porta ao lado, em partes distantes do mundo ou em gerações futuras - não estão separadas delas, e que o destino dessas pessoas não é uma

questão de indiferença.

Não se pode esperar que cada pessoa se empenhe em prece ou meditação profundas, se submeta a tratamento por psiquiatras transpessoais, tenha experiências de quase morte ou seja projetado no espaço além da Terra e, no entanto, cada pessoa tem necessidade de uma consciência mais evoluída. Felizmente, há também caminhos mais acessíveis que levam a ela. Você pode treinar o seu eu interior para se tornar mais uno com seu eu exterior, obtendo maior unidade entre corpo e mente. Quando você se torna uma totalidade, você também pode começar a converter em totalidade o mundo ao seu redor.

Como podemos nos tornar totalidades? Precisamos começar com nós mesmos. Na tensão sempre crescente da vida cotidiana, estamos perdendo contato com nós mesmos, com a natureza e com o que é realmente importante na vida. Esse é um problema que existe há muito tempo no mundo moderno. Em um ensaio escrito há 150 anos, intitulado “Life Without Principle” [Vida sem Princípio], Henry David Thoreau nos pediu para que dedicássemos um tempo considerando a maneira como despendemos nossa vida. Este mundo, disse ele, é um lugar de negócios. Se um homem foi atirado para fora de uma janela quando criança e ficou parálítico pelo resto da vida, as pessoas se lamentam principalmente porque ele se tornou incapacitado para os negócios. “Se um homem caminha pelos bosques durante metade de cada dia porque os ama, ele está em perigo de ser considerado um vagabundo; mas se ele passa todo o seu dia como um especulador, ceifando esses bosques e tornando a terra desprovida de sua cobertura natural, ele é estimado como um cidadão industrioso e empreendedor.” Não existe nada, dizia Thoreau, nem mesmo o crime, que se oponha mais à vida do que essa atividade comercial incessante.

Thoreau notou que quando a nossa vida deixa de ser interior e privada, as conversas degeneram em mera tagarelice. Raramente encontramos um homem, disse ele, que possa nos informar qualquer notícia que ele não tenha lido em um jornal ou que não lhe tenha sido contada por um vizinho. Na proporção em que a nossa vida interior malogra, nós, com constância e desespero cada vez maiores, nos dirigimos ao correio. “O pobre companheiro que ganharia facilmente a competição que premia quem tem o maior número de cartas, orgulhoso de sua extensa correspondência, por um longo tempo nada ouviu que viesse de si mesmo.” Poderíamos dizer hoje a mesma coisa, e nem mesmo precisaríamos ir até o correio. Bastaria ligar o

computador.

Thoreau admitiu que ele era, mais do que o normal, cuidadoso com sua liberdade. As ligeiras obrigações que lhe permitiam um meio de subsistência eram um prazer para ele, e Thoreau não precisava ser lembrado com frequência de que elas eram uma necessidade. Porém, ele podia prever que se os seus desejos aumentassem muito, o trabalho necessário para supri-los se tornaria enfadonho. E então, dizia Thoreau, não restaria coisa alguma pela qual valesse a pena viver.

Em nossos dias, não podemos nos desembaraçar do “alvoroço das atividades comerciais incessantes”, como Thoreau conseguiu fazer mais tarde, vivendo por dois anos numa cabana nos bosques, mas podemos reservar algumas horas, e um dia ocasional, para entrar em contato com nós mesmos, com a natureza, e com as pessoas ao nosso redor. Esse é um primeiro passo, um passo vital, no caminho para o crescimento interior. Quando você dá esse passo, você já está no caminho para a evolução da sua consciência.

Outro passo que você pode dar é entrar em contato com o seu corpo. Nós usamos o nosso corpo como usamos o nosso automóvel ou o nosso computador: damos a ele comandos para que ele nos leve onde queremos ir e faça o que queremos fazer. Vivemos em nossa cabeça, com pouco tempo e inclinação para viver em todo o nosso corpo. Estamos perdendo o terreno sob os nossos pés.

Métodos sofisticados podem ajudá-lo a se ligar à terra. Eles incluem meios tradicionais como o tai chi, o qi gong, o yoga, o ayurvédico e outros métodos e exercícios holísticos, bem como novas e velhas técnicas de respiração e de relaxamento profundo. Até mesmo um simples exercício, praticado regularmente, pode ajudá-lo a entrar em contato com o seu corpo. *Sente-se durante alguns minutos, confortavelmente relaxado, com as mãos sobre os joelhos e os olhos fechados. Concentre-se no seu corpo e o sinta, pedacinho por pedacinho, começando pelas pontas dos dedos dos seus pés e terminando no topo da sua cabeça. Fique ciente da sua respiração - sinta como cada porção de ar que você aspira penetra nos seus pulmões e faz a energia correr em suas veias. Sinta os ritmos do seu corpo - o movimento sutil dos músculos, as batidas do seu coração e o funcionamento dos órgãos.* Logo você começará a sentir todo o seu corpo, e a se sentir em casa com ele. Você recuperará parte da sensação de totalidade que as pessoas modernas perderam no stress e na extenuação da vida cotidiana.

As tensões e extenuações da existência também exercem impacto sobre a nossa vida emocional, e isso necessita igualmente de atenção. Não se trata do fato de que perdemos contato com nossas emoções - nós estamos, na verdade, excessivamente cientes delas durante a maior parte do tempo. Acontece que elas são, com frequência, o tipo errado de emoções. Sentimentos negativos como raiva, ódio, medo, ansiedade, suspeita, ciúme, desprezo e indiferença dominam o teor da existência moderna. Eles resultam de experiências em nossa vida que são principalmente negativas. Com algumas exceções, até mesmo a educação infantil é baseada em reforços negativos, tais como a punição e a ameaça de fracasso. Emoções positivas de amor e de afeto são preservadas para a família e o círculo de amigos, mas esses aspectos da vida são frequentemente sacrificados à pressão do trabalho e à tensão necessária para assegurar a vida diária de cada um.

Emoções positivas também podem ser geradas por experiências íntimas com a natureza, contemplando a tranquilidade de um prado ensolarado ou de um lago sereno, a beleza de um pôr do sol, a majestade de uma montanha e a visão aterrorizante de um mar tempestuoso. Porém, para as pessoas das grandes metrópoles, essas experiências são poucas e muito espaçadas. Mesmo quando são acessíveis, como nos passeios a pé, no ciclismo ou numa partida de golfe, elas estão frequentemente subordinadas à procura de metas profissionais e aspirações sociais, como ganhar um cliente ou impressionar um amigo ou vizinho com a conversa ou com a moda mais recente.

Um círculo vicioso retém a maior parte de nós em suas garras: experiências negativas geram atitudes negativas que criam mais experiências negativas. Esse círculo precisa ser quebrado. Você precisa examinar seus sentimentos e fazer um esforço consciente para transformar as emoções negativas. Não é fácil substituir o ódio pelo amor, a suspeita pela confiança, o desprezo pelo respeito, o ciúme pela apreciação e a ansiedade pela autoconfiança, e no entanto isso pode ser feito. Todas as tradições religiosas e espirituais do mundo oferecem maneiras de fazê-lo. Há também técnicas seculares. Experiências de grupo permitem que você compartilhe seus medos e esperanças, como fazem várias psicoterapias, inclusive as que se baseiam em reviver experiências de sua infância, dos seus primeiros anos de vida, do seu nascimento e até mesmo da época em que você ainda se encontrava no útero.

Se você fizer uma tentativa sincera de purificação emocional, o círculo vicioso de experiências negativas que geram mais experiências negativas será substituído por um círculo virtuoso de sentimentos positivos por outras pessoas, gerando compreensão e empatia na família, entre os amigos, os colaboradores e a comunidade.

A recuperação dos seus laços com outras pessoas e com a natureza, a integração da sua mente e do seu corpo e a transformação das suas emoções são *fins*, e também são *meios*. Elas são valiosas em si mesmas, e também servem como passos ao longo do caminho que leva a um crescimento maior. Quando você está fundamentado no seu corpo e centralizado nas suas emoções, quando está em contato com a natureza e com outras pessoas ao seu redor, você pode abrir ao mundo o seu corpo-mente e se tornar uma parcela positiva para a transformação deste mundo.

Dez marcos de referência de uma consciência evoluída

Você possui uma consciência mais evoluída quando:

1. Vive de modo a permitir que todas as outras pessoas também vivam, satisfazendo suas necessidades sem prejudicar as oportunidades de outras pessoas para satisfazerem as delas.

2. Vive de modo a respeitar o direito à vida e ao desenvolvimento econômico e cultural de todas as pessoas, onde quer que elas vivam e qualquer que seja a sua origem étnica, seu sexo, sua cidadania, sua situação na vida e seu sistema de crença.

3. Vive de modo a proteger o direito intrínseco à vida e a um meio ambiente que dê suporte à vida para todas as coisas que vivem e crescem sobre a Terra.

4. Procura a felicidade, a liberdade e a realização pessoal em harmonia com a integridade da natureza e levando em consideração os propósitos semelhantes de outras pessoas na sociedade.

5. Exige que o seu governo se relacione com outras nações e outros povos pacificamente e num espírito de cooperação, reconhecendo as aspirações legítimas de todos os povos da família humana a uma vida melhor e a um meio ambiente saudável.

6. Exige que as empresas comerciais aceitem a responsabilidade por

todas as suas partes interessadas bem como pela sustentabilidade de seu meio ambiente, exigindo que elas produzam bens e ofereçam serviços que satisfaçam a demanda legítima sem prejudicar a natureza nem reduzir as oportunidades de estreados menores e menos privilegiados de competir no mercado.

7. Exige que a mídia pública forneça um fluxo constante de informações confiáveis sobre tendências básicas e processos de importância crucial de modo a permitir a você e a outros cidadãos e consumidores terem acesso a decisões esclarecedoras sobre assuntos que afetem sua vida e seu bem-estar, e também os deles.

8. Abre espaço em sua vida para ajudar os menos privilegiados do que você a viver uma vida de dignidade, livre das lutas e humilhações da pobreza abjeta.

9. Encoraja pessoas jovens e pessoas de mente aberta de todas as idades para que desenvolvam o espírito que poderá fortalecê-las para que tomem decisões éticas próprias sobre assuntos que, por sua vez, irão decidir o seu futuro e o futuro de seus filhos.

10. Trabalha com pessoas de mentalidade semelhante para preservar ou restaurar os equilíbrios essenciais do meio ambiente, com a atenção voltada para a sua vizinhança, o seu país ou região, e a totalidade da biosfera. Ao dirigir suas palavras para uma sessão conjunta do Congresso dos Estados Unidos em fevereiro de 1991, Václav Havel, então presidente da Checoslováquia, declarou: “Sem uma revolução global na esfera da consciência humana, nada mudará para melhor [...] e a catástrofe para a qual este mundo se encaminha - a ecológica, a social, a demográfica, ou o colapso geral da civilização - será inevitável”. Havel aponta muito bem o problema, mas não há razão para o pessimismo: o colapso da civilização pode ser evitado. A consciência humana pode evoluir. Ela já está evoluindo, e você pode ajudá-la a evoluir ainda mais.

O ex-presidente dos Estados Unidos Harry Truman observou, por sua vez: “A investida acaba aqui”, se referindo com isso à escrivania do Escritório Oval. Hoje, a investida é mais democrática: ela para não apenas na Casa Branca, mas com você e eu, e todos ao nosso redor. Ela surge sob a forma de um desafio: reexamine o seu pensamento, desenvolva a sua consciência. Se você fizer isso, o corajoso movimento por uma civilização mais holística, pacífica e sustentável, embora ainda insuficientemente

poderoso e organizado, poderá se converter num engrandecimento que abolirá a mentalidade preconceitual que gerou nossos problemas, e o orientará, e também àqueles ao seu redor, para um mundo no qual você poderá viver, e que poderá deixar para os seus filhos com uma boa consciência.

8. A perspectiva

Um ditado frequentemente repetido diz que o otimista acredita que este é o melhor de todos os mundos possíveis e que o pessimista tem muito medo de que o otimista esteja certo. Mas nem o otimista nem o pessimista fazem qualquer coisa a respeito. Eles têm uma ideia daquilo com que o mundo se pareceria, e não veem necessidade - e talvez nenhuma possibilidade - de mudá-lo. O problema é análogo quando se trata de previsões globais, sejam elas supostamente científicas ou claramente proféticas. Aqueles que acreditam que a profecia maia, a cherokee e outras profecias astrológicas relacionadas significam que o mundo chegará ao fim em 2012 dificilmente estão motivados a fazer algo a respeito; quando muito, eles se prepararão para dar um beijo de adeus nos seus filhos.

A situação é fundamentalmente diferente quando se trata da dinâmica do caos. Em um sistema caótico, o futuro não está sujeito a ser previsto: ele é aberto. Mas não é inteiramente aberto no sentido de ser aleatório ou de resultar de um puro acaso. Embora aquilo que *acontecerá* não seja determinado por aquilo que *aconteceu*, o fato futuro está ligado com seu passado, uma vez que quando as tendências predominantes desmoronam, seu colapso é uma consequência do seu desdobramento anterior. No entanto, o que acontece em seguida não é decidido por desenvolvimentos passados: é decidido apenas por uma série de flutuações - “efeitos borboleta” que afetam o sistema. Seu efeito conjunto inclina o sistema a evoluir por um caminho ou por outro.

Vivemos em um sistema caótico - mais exatamente, na janela de decisão caótica de um sistema em transformação - e não somos espectadores passivos que se encontram nas vizinhanças dos acontecimentos, mas participantes de importância crucial. Nossa tarefa não é prever o que acontecerá, mas inclinar o sistema de modo que aquilo que *venha* a acontecer corresponda, em alguma medida, àquilo que *gostaríamos* que acontecesse. O fatalismo não é a atitude indicada, nem o é o otimismo ou o pessimismo. A atitude indicada é o *ativismo*.

É nesse sentido de um ativismo que muda o sistema que nós deveríamos avaliar a perspectiva para o nosso futuro. Não podemos nos esquecer de

incluir a nós mesmos em nossos cálculos: em qualquer ocasião e de muitas maneiras, ao longo de todo o período de uma janela de decisão, os indivíduos são capazes de criar condições que, no Ponto do Caos, podem “chutar” o sistema rumo à evolução pela qual eles esperam. Evidentemente, há oportunidades boas e não-tão-boas para que essa iniciativa seja bem-sucedida. São as probabilidades para o sucesso o que devemos avaliar quando olhamos para o futuro; são esses os fatores que decidem como e em que medida podemos influenciar a maneira como o nosso mundo evolui.

Como as probabilidades se somam para que se possa obter um resultado positivo além da atual janela de decisão? À primeira vista, as chances não são nada brilhantes. A ameaça do terrorismo, que se agrava, a difusão contínua da pobreza, a degradação progressiva do meio ambiente, as mudanças crescentes no clima, assim como a guerra no Oriente Médio e em outras regiões perigosas, não são bons augúrios para o futuro.

Nós já estamos em um ponto do caos catastrófico?

James Lovelock, o cientista inglês que há 30 anos mostrou como a Terra possui um sistema de controle em escala planetária que a mantém ajustada para a vida (a “hipótese de Gaia”), diz agora que esse sistema de controle está destruído e rapidamente produzirá condições que se comprovarão fatais para a humanidade. “Penso que nós temos poucas opções”, escreveu ele em *The Revenge of Gaia* (fevereiro de 2006), “mas devemos nos preparar para o pior, e supor que ultrapassamos o limiar”. O limiar a que ele se refere é o ponto de irreversibilidade: o Ponto do Caos negativamente orientado. “É preciso considerar a condição física da Terra como seriamente doente, e logo ela entrará numa febre mórbida que poderá durar até 100 mil anos.” A principal razão disso é o aquecimento da atmosfera por meio da atividade humana; isso criará, afirma Lovelock, “um clima infernal”. A temperatura média aumentará 8°C nas regiões temperadas e 5°C nos trópicos.

Será que já alcançamos hoje um Ponto do Caos catastrófico? A revista *TIME* concorda que sim. “By Any Measure, Earth Is at the Tipping Point” [Por Qualquer Medida que se Tome, a Terra já Está no Ponto da Mudança Irreversível] proclamava o cabeçalho da matéria de capa da edição de 3 de abril de 2006. O clima global está se despedaçando, dizia o artigo; ele é uma armadilha escondida com pontos de mudança irreversível e laços de realimentação, além dos quais o lento rastejar da decadência ambiental dá

lugar a um súbito colapso que se autoperpetua. Porém, quando examinamos mais de perto os argumentos, encontramos espaço para uma avaliação mais positiva. O raciocínio com relação à dinâmica dos sistemas físicos-biológicos da Terra é sensato; porém, apesar da afirmação de que eles adotam uma perspectiva holística e olham para o sistema todo, esses escritores não reconhecem que não apenas a natureza, mas também a humanidade é um sistema dinâmico que agora se aproxima de um Ponto do Caos - e é portanto ultrassensível e capaz de uma transformação ultrarrápida.

É verdade que se a humanidade não responder a tempo, enfrentaremos um colapso irreversível que pode significar o fim da civilização humana. Mas não podemos nos esquecer de que a humanidade pode responder a tempo porque ela também está se aproximando do Ponto do Caos. Ela está ingressando atualmente em uma pequena janela no tempo, pequena, mas de importância crucial, que decidirá se o Ponto do Caos levará a um colapso e ao fim da civilização ou a um avanço revolucionário que abrirá caminho para uma nova civilização. Para esse último caso, uma percepção do perigo que se aproxima será de importância crucial. As corajosas afirmações de Lovelock e da revista *TIME* aumentam o nível de percepção, e por isso podem acabar falsificando a si mesmas. Na verdade, a “vingança de Gaia” de Lovelock poderia se converter na mais notável profecia autofalsificadora da história.

Ainda não é tarde demais

Hoje, nós ainda estamos em uma janela de decisão. Isso pode nos confortar, mas não é uma razão para complacência. O espaço para respirar de uma janela de decisão, como o olho de um furacão, não dura muito tempo. As sociedades humanas, assim como as ecologias planetárias, não são infinitamente estressáveis; mais cedo ou mais tarde, elas alcançam um ponto de mudança irreversível. Concentraremos melhor o nosso ativismo se o fizermos de modo a incliná-las para uma direção sustentável e pacífica.

Quais são as oportunidades que temos de poder fazer isso? Embora, à primeira vista, nossas chances pareçam longe de ser boas, numa segunda observação surge uma luz no fim do túnel (No original: *silver lining*, forro prateado. Referência a um provérbio que diz “toda nuvem tem um forro prateado. Olhe para o lado em que ele brilha”, isto é, mesmo que uma situação seja difícil, mesmo que a nuvem seja tempestuosa, olhe

para o seu lado positivo. N. do T.). Viver em um clima de frustrações em número cada vez maior e de problemas crescentes tem seus aspectos positivos. Isso pode parecer paradoxal, mas faz sentido. Em uma civilização que é estruturalmente instável, qualquer tentativa de impeli-la para cima somente prolonga sua condição intrinsecamente instável; e uma vez que a civilização atual não está estruturalmente adaptada às condições nas quais ela se encontra, a passagem do tempo é compelida a aprofundar sua instabilidade. Em tal situação, medidas superficialmente terapêuticas são não apenas quixotescas, mas também efetivamente perigosas - elas aplicam pensamentos velhos a problemas novos. É isso o que estamos fazendo hoje. Como resultado, nos movemos em direção a níveis mais altos de conflitos internacionais e interculturais, que trazem a agressão e a violência como acompanhantes, ampliando lacunas entre os que têm recursos e os que não têm, e promovendo ainda mais o aquecimento da atmosfera e a deterioração dos equilíbrios naturais que sustentam a vida no planeta. Uma continuação de tais tendências nos levaria de fato a um Ponto do Caos catastrófico - aos portais do dia do juízo final.

Com algumas exceções, a liderança política de hoje se recusa a tomar conhecimento desse fato. Os líderes conservadores ignoram a necessidade da mudança fundamental: ela não é “politicamente realista” e em muitos casos não é sequer “patriótica”. No entanto, no sistema atual, não é provável que medidas politicamente realistas nos afastem da crise para a qual o mundo está se encaminhando.

O forro prateado na beirada dessas nuvens de tempestade que se amontoam está no fato de que quando mais e mais pessoas se tornam cientes de que essa transformação urgentemente necessária não está ocorrendo, mais e mais pessoas despertam para a necessidade de fazer algo a respeito. Finalmente, será alcançado um ponto em que até mesmo as medidas orientadas para a transformação se tornarão politicamente realistas.

Qual é o nível crucial da crise, no qual as pessoas percebem a necessidade de uma mudança fundamental e estão prontas para fazer algo a respeito?

Não sabemos, pois uma multidão de fatores psicológicos imponderáveis entra em jogo. Esses fatores variam de época para época e de cultura para cultura. Porém, sabemos que esse limiar definitivo ainda não foi atingido. Temos uma crise iminente, mas sua percepção não basta para desencadear as medidas transformadoras necessárias para nos encaminhar para fora dela.

Políticas gradativas que criam a impressão de que a crise está sendo efetivamente administrada não irão acelerar uma percepção da necessidade da transformação. Paradoxalmente, uma estratégia retrógrada é mais útil a esse respeito: ela acelera as tendências que tornam a crise mais visível. Inadvertidamente, mas de maneira efetiva, ela motiva as pessoas a insistir na mudança radical; ela projeta na ação um número cada vez maior de pessoas na sociedade.

Quer gostemos ou não, estamos vivendo em um clima de políticas retrógradas. Em última análise, essa não é uma coisa ruim; podemos fazer dela um uso construtivo. Em vez de cair no pessimismo, ou de fazer *lobbies* por políticas que têm um valor terapêutico apenas temporário, paliativo, deveríamos trabalhar para elevar o nível de percepção de que o sistema é criticamente instável e tem necessidade urgente de uma transformação fundamental. Deveríamos promover uma “mutação cultural” oportuna em nossa sociedade. O atual clima político é propício para isso: as pessoas são extraordinariamente responsivas quando zangadas ou frustradas.

Ameaças e problemas compartilhados podem produzir solidariedade, a vontade de juntar forças. Foi esse o caso quando o cataclismo produzido pelo Furacão Katrina fez pessoas tomarem uma firme atitude e marcharem em Washington para protestar contra a política da administração, que se concentra na guerra do petróleo no Iraque negligenciando a preparação para os desastres naturais em casa e a situação dos povos mais pobres. Essa também foi uma experiência vivenciada na Segunda Guerra Mundial, quando, em países devastados pelos exércitos de Hitler, as pessoas não se preocupavam com ninharias nem brigavam umas com as outras, mas se uniam para enfrentar o inimigo comum. Nasceram incontáveis atos de solidariedade. E também foi esse o caso, em dezembro de 2004, quando o massacre de aldeões e turistas inocentes pelo tsunami asiático no sul e no sudeste da Ásia incitou atos mundiais de solidariedade, com notável grau de generosidade.

Esperamos não ter de enfrentar uma catástrofe que mate centenas de milhares ou de milhões de pessoas antes que uma massa crítica da sociedade desenvolva a solidariedade e a vontade para defrontar os problemas que todos nós teremos de enfrentar. Isso, naturalmente, não é uma questão de esperança devota; é um assunto da mais extrema urgência. Nosso tempo não é um tempo de desespero; é um tempo de ação. Não de ações paliativas de curto prazo, mas de ação destinada a produzir

transformações fundamentais.

Nossos problemas estão se tornando mais visíveis a cada dia, e cada dia que passa mais pessoas estão despertando para a necessidade de fazer algo a respeito. Em uma janela de decisão, elas *podem* fazer algo a respeito. Esse é o forro prateado, nossa oportunidade única de evitar o colapso e começar uma renovação global.

Somos os que fazem a música,
E somos os que sonham os sonhos,
Vagando por solitários quebra-mares,
E nos sentando junto a riachos desolados;
Perdedores no mundo e desertores do mundo,
Sobre quem a pálida lua cintila:
Porém, somos os que movem e que agitam
O mundo para sempre, assim parece...
Nós, nas idades estendidos No sepulto passado da Terra,
Construímos Nínive com nossos suspiros,
E a própria Babel em nosso mirto;
E os derrubamos com profecias
Que ao antigo diz o quanto vale o novo mundo;
Pois cada idade é um sonho que está morrendo,
Ou um sonho que se prepara para nascer.

- Arthur O'Shaughnessy

Pós-escrito

O fundamento científico

O holismo emergente nas ciências

As principais características do holismo que surge atualmente nos principais ramos das ciências empíricas constituem um desenvolvimento importante e esperançoso; eles merecem que nos familiarizemos mais intimamente com ele.

O holismo na nova física

A física clássica era mecanicista e reducionista; ela se apoiava sobre as incontestáveis leis da natureza formuladas por Newton e publicadas nos seus *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural), em 1687. Essas leis e o sistema no qual elas são enunciadas se tornaram o fundamento do *Logos* da era moderna, a visão de mundo mecanicista, que obteve sua expressão mais plena na civilização industrial do século XX. Elas demonstravam com certeza geométrica que os corpos materiais na Terra são constituídos de pontos materiais e se movem de acordo com regras que podem ser expressas matematicamente, enquanto os planetas giram nos céus de acordo com as leis de Kepler. Elas mostravam que os movimentos de todas as massas são completamente determinados pelas condições sob as quais esses movimentos são iniciados, assim como o movimento de um pêndulo é determinado pelo seu comprimento e seu deslocamento inicial com relação à sua posição de equilíbrio, e assim como o movimento de um projétil é determinado pelo seu ângulo de lançamento e pela aceleração. Mas a física clássica não é a física do nosso mundo cotidiano. Embora as leis newtonianas se apliquem a objetos que se movem com velocidades modestas na superfície da Terra, o arcabouço conceitual em que esses movimentos estão encaixados mudou radicalmente.

A visão clássica da natureza começou a se desagregar no fim do século XIX, quando os blocos de construção básicos do universo se revelaram não

ser assim tão básicos. O átomo supostamente indivisível, com o qual se dizia que todas as coisas do mundo eram construídas, se comprovou capaz de sofrer fissão nuclear, dividindo-se em uma desconcertante variedade de componentes. As próprias partículas “elementares” se dissolveram em um turbilhão de energia. Max Planck descobriu que a luz, como toda energia, não se propaga sob a forma de uma corrente contínua de energia, mas em pacotes discretos denominados *quanta*; Michael Faraday e James Clerk Maxwell apresentaram teorias sobre fenômenos não materiais, como os campos eletromagnéticos; e Einstein introduziu as teorias especial e geral da relatividade.

O dobre fúnebre para os conceitos clássicos soou na década de 20, com o advento da mecânica quântica, a física dos domínios ultrapequenos da realidade. Os pacotes de energia “amarrada” conhecidos como “*quanta*” se recusavam a se comportar como objetos do senso comum. Seu comportamento se comprovava progressivamente mais estranho. Einstein, que recebeu o Prêmio Nobel por seu trabalho sobre o efeito fotoelétrico (no qual uma corrente elétrica é gerada quando uma placa é irradiada por feixes de *quanta* de luz), não suspeitava, e nunca esteve disposto a aceitar, a estranheza do mundo quântico. Mas físicos que investigaram o comportamento das partículas que transportam luz, matéria e força descobriram que, até serem registradas por um instrumento de detecção ou outro ato de observação, essas partículas não têm posição específica, nem ocupam um estado único. Parece que as unidades últimas da realidade física não têm uma localização determinável de maneira única, e existem em uma superposição de vários estados potenciais ao mesmo tempo.

Talvez a característica mais notável dos *quanta* seja a sua interconexão sutil, mas constante e que aparentemente transcende o espaço e o tempo. As unidades fundamentais do mundo físico comprovam estar intrínseca e instantaneamente “entrelaçadas” umas com as outras.

O conceito de entrelaçamento foi apresentado por Erwin Schrödinger na década de 30, e desde essa época um grande número de experimentos controlados comprovou sua realidade. Ocorre que quando dois ou mais *quanta* ingressam no mesmo estado, eles permanecem instantaneamente ligados, independentemente de quão longe possam estar separados entre si. Essa estranha conexão que transcende espaço e tempo veio à luz quando um experimento de pensamento proposto por Einstein e seus colaboradores Boris Podolsky e Nathan Rosen (o chamado “experimento EPR”) foi

testado por instrumentos físicos. O experimento pioneiro foi realizado pelo físico francês Alain Aspect na década de 80 e, desde essa ocasião, foi repetido em laboratórios em muitas partes do mundo. Ele é suficientemente importante para merecer uma descrição mais detalhada.

Einstein propôs o experimento na expectativa de que ele superaria a limitação sobre a medição simultânea dos vários estados de uma partícula (conhecida como “princípio da incerteza” de Heisenberg). A ideia é considerar duas partículas no chamado estado *single to*, em que os seus *spins* se cancelam para produzir um *spin* total igual a zero. Permitimos então que as partículas se separem e viajem ao longo de uma distância finita. Medindo os estados de *spin* de ambas as partículas, superamos o princípio da incerteza, pois obtemos uma leitura de ambos os estados de *spin* ao mesmo tempo.

Quando esse experimento é realizado, ocorre uma coisa estranha: independentemente do quanto afastemos uma partícula da outra, quando medimos uma delas, a medição da outra corresponde exatamente aos resultados da medição sobre a primeira - mesmo que esse resultado não tenha sido, e não poderia ter sido, conhecido de antemão. É como se a segunda partícula “soubesse” o que está acontecendo com a primeira. A informação subjacente a esse estranho conhecimento é, pelo que parece, transmitida ao longo de qualquer distância finita, e transmitida quase instantaneamente. Nos experimentos de Aspect, a velocidade da sua transmissão foi estimada em cerca de 20 vezes a velocidade da luz; e em um experimento subsequente realizado por Nicolas Gisin, ela se comprovou ser 20 mil vezes mais rápida do que essa barreira aparentemente insuperável para as velocidades.

Recentemente, vários “experimentos de teleportação” amplamente relatados mostraram que átomos inteiros, e não apenas *quanta*, podem ser entrelaçados. Na primavera de 2004, duas equipes de físicos, uma no National Institute of Standards, no Colorado, e a outra na Universidade de Innsbruck, na Áustria, demonstraram que o estado quântico de átomos inteiros pode ser teleportado transportando-se os *bits* quânticos (“*qubits*”) que definem os átomos entrelaçados. Na Áustria, *qubits* são rotineiramente teleportados de um lado do Danúbio para o outro, ao longo de uma distância de cerca de 700 metros.

O mundo da nova física pode ser estranho, mas não é incompreensível. Sua característica particularmente importante é o entrelaçamento que

transcende espaço e tempo: a espécie de interconexão instantânea denominada *não localidade*. A nova física tem aceitado o fato de que todos os *quanta* do universo, mais diretamente aqueles que partilham ou já partilharam o mesmo estado quântico, permanecem intrinsecamente conectados uns com os outros. Esse é um fenômeno tanto microfísico como cosmológico. Ele envolve tanto as estruturas muito pequenas como as maiores do universo.

A não localidade nos diz que todas as coisas que há no mundo estão interligadas, e que todas elas são partes de conjuntos mais integrados: totalidades. Essa é a essência do holismo na nova física. Como declarou o teórico da teoria quântica Elenry Stapp, essa é possivelmente a descoberta mais profunda de toda a ciência. Não somente os domínios ultrapequenos da realidade são não locais, mas também os domínios supergrandes. Os cosmologistas Menas Kafatos e Robert Nadeau deram ao seu estudo sobre o cosmos o nome de *The Non-Local Universe* [O Universo Não Local], e o físico Chris Clarke afirmou que todo o universo é um sistema quântico entrelaçado.

O holismo na nova biologia

Durante a maior parte dos dois últimos séculos, a biologia era constantemente perturbada por elementos especulativos, que se chamava de metafísicos. Alguns biólogos advogavam o vitalismo (o conceito de que os seres vivos são permeados por uma força vital ou energia vital); outros optavam pela teleologia (a noção de que a vida e a evolução tendem para um objetivo predeterminado ou “telos”). Reagindo contra essas ideias do século XIX, os cientistas da vida do século XX se voltaram para a abordagem contrária, que consistia em emular a física clássica concebendo o organismo como um sistema complexo. Eles supunham que o organismo podia ser entendido como uma coleção de partes interagentes, tais como as células, os órgãos ou os sistemas de órgãos. As partes podem ser analisadas individualmente, e essa análise pode mostrar como a interação delas produz as funções e manifestações dos processos da vida.

A abordagem analítica deu lugar à biologia molecular e à genética moderna e encorajou a tendência atual em direção à engenharia genética. O sucesso inicial dessas tecnologias parecia fornecer provas suficientes de que a abordagem molecular estava correta, e ela passou a ser aceita como o

paradigma das ciências da vida.

No entanto, no fim do século XX, a concepção mecanicista *da vida* passou a ser cada vez mais questionada. Biólogos de primeira grandeza assinalaram que a alternativa ao mecanicismo não é um retorno ao vitalismo e à teleologia, mas a abordagem organísmica. Essa abordagem foi explorada como filosofia pelos grandes pensadores processuais do fim do século XIX e começo do século XX, notavelmente por Henri Bergson, Samuel Alexander, Lloyd Morgan e Alfred North Whitehead. O conceito, introduzido por Whitehead, de organismo como uma metáfora fundamental para todas as coisas nos domínios físico e vivo serviu como um ponto de reunião para as escolas desenvolvimentistas pós-darwinistas, a vanguarda da nova biologia.

A abordagem desenvolvimentista sustenta que o organismo tem um nível e uma forma de integridade que não podem ser plenamente entendidos apenas estudando suas partes em interação. O conceito “o todo é mais do que a soma de suas partes” se mantém, pois quando as partes são integradas dentro do sistema vivo, emergem propriedades e ocorrem processos que não são a simples soma das propriedades das partes. O organismo vivo não pode ser reduzido à interação de suas partes sem perder suas “propriedades emergentes” - as próprias características que o fazem viver.

A *coerência* é o conceito que expressa melhor a totalidade que está sendo descoberta atualmente nos domínios da vida. Um sistema organicamente coerente é integrado e dinâmico, e sua miríade de atividades auto-motivadas, auto-organizadoras e espontâneas envolve simultaneamente todos os níveis, desde o microscópico e o molecular até o macroscópico. A comunicação constante entre todas as partes do organismo permite ajustes, respostas e mudanças necessárias para manter a propagação do sistema todo em todas as direções ao mesmo tempo.

Para compreender a natureza da coerência orgânica, a biofísica Mae- - Wan Ho sugeriu que um grupo de dança ou uma banda de jazz é um bom exemplo. Em tal conjunto, os executantes estão em perfeita sintonia uns com os outros, e até mesmo a audiência se torna uma com a dança e a música. A “canção e a dança” dentro do organismo vivo variam ao longo de mais de 70 oitavas, com ligações químicas localizadas vibrando, rodas moleculares girando, microcílios batendo, fluxos de elétrons e prótons se propagando, e correntes de metabólitos e de íons dentro das células e entre elas fluindo através de dez ordens de grandeza espaciais.

De maneira semelhante à não localidade na escala ultrapequena do

mundo físico, há conexões e correlações intrínsecas e quase instantâneas no inundo da vida. Elas permitem que as mudanças se propaguem por todo o organismo, tornando vizinhos até mesmo lugares distantes. Essa é uma mudança da maior importância com relação ao conceito mecanicista, o qual considera que as partes do organismo são entidades distintas com fronteiras bem definidas no espaço e no tempo.

A coerência no domínio vivo varia desde o menor dos elementos em um organismo até o âmbito total da vida no planeta. Ela abrange complexos multienzimáticos dentro das células, a organização das células em tecidos e órgãos, o polimorfismo das espécies vivas dentro de comunidades ecológicas e toda a teia da vida na biosfera.

Se o mundo vivo é uma totalidade sutilmente, mas efetivamente interconectada, ela não é o domínio rude e severo do darwinismo clássico, onde o acaso governa a evolução das espécies, e onde cada organismo luta contra todos pela adaptação e pela sobrevivência. Em vez disso, toda a teia da vida é um sistema coerente que evolui por meio daquilo que o biólogo Brian Goodwin chama de “dança sagrada” do organismo com o seu ambiente. Sutis prolongamentos dessa dança se estendem a todas as espécies e ecologias na biosfera.

O holismo na nova psicologia

Desde a primeira metade do século XX, a psicologia da gestalt insiste na totalidade da mente humana. Os psicólogos da gestalt mostraram que a mente se esforça rumo à totalidade em todas as suas operações, procurando conclusão e completude até mesmo na percepção ordinária. Mas a totalidade que está sendo atualmente descoberta nos ramos mais recentes da psicologia vai consideravelmente além disso. Eles mostram que toda a esfera da mente e da consciência forma uma totalidade sutilmente, mas efetivamente interconectada. Esse é um afastamento radical com relação às teorias clássicas.

Na visão clássica, nossa imagem do mundo é montada com base nas percepções sensoriais. Ela dizia que tudo o que está na mente precisou antes estar no olho. Hoje, os mais importantes psicólogos, psiquiatras e pesquisadores da consciência estão redescobrendo que isso não é inteiramente verdadeiro. Às vezes, a nossa consciência também é informada por elementos não sensoriais, chamados de transpessoais.

Os laboratórios de psicologia e parapsicologia produzem evidências impressionantes de que formas transpessoais de informação atingem a mente humana. Essas evidências provêm de experimentos controlados, para os quais explicações que levam em consideração as possibilidades de pistas sensoriais ocultas, predisposições da máquina, trapaça por parte dos sujeitos, e incompetência ou erro dos experimentadores não foram capazes de responder por vários resultados inesperados, e estatisticamente significativos, chamados de paranormais.

No início da década de 70, os físicos Russell Targ e Harold Puthoff realizaram uma série de testes sobre transferência de pensamento e de imagens. Eles colocaram o “receptor” em uma câmara vedada, opaca e eletricamente blindada, e o “emissor” em outro compartimento, onde ele ficava sujeito a *flashes* de luz brilhantes disparados a intervalos regulares. Os padrões de ondas cerebrais do emissor e do receptor foram registrados em eletroencefalógrafos (EEGs). Como se esperava, o emissor exibiu as ondas cerebrais rítmicas que normalmente acompanham a exposição a *flashes* de luz brilhantes. No entanto, depois de um breve intervalo, o receptor também começou a produzir os mesmos padrões, embora o receptor não estivesse diretamente exposto aos *flashes* e não estivesse recebendo sinais perceptíveis pelos sentidos enviados pelo emissor.

Targ e Puthoff também conduziram experimentos sobre a visão remota. Nesses testes, o emissor e o receptor estavam separados por distâncias que impediam qualquer forma de comunicação sensorial entre eles. Em um local escolhido aleatoriamente, o emissor atuava como um “farol”, e o receptor tentava captar o que o emissor via. Para documentar suas impressões, os receptores faziam descrições verbais, geralmente acompanhadas de esboços. Juízes independentes constataram que as descrições e os esboços combinavam com as características do lugar visto pelo emissor em uma média de 66% do tempo.

Outros experimentos com visão remota envolviam várias distâncias, que variavam de 800 metros a vários milhares de quilômetros. Independentemente de onde esses experimentos eram realizados e por quem, a taxa de sucesso comprovou estar muito acima da probabilidade aleatória. Os mais bem-sucedidos entre os que recebem as visões são os que se encontram relaxados, atentos e meditativos. Eles relatam ter recebido uma impressão preliminar como uma forma suave e fugidia que gradualmente se desenvolve numa imagem integrada. Inicialmente, eles

experimentam a imagem como uma surpresa, tanto pelo fato de que ela é clara como porque ela é, claramente, imagem de um outro lugar.

Além de imagens, vários efeitos fisiológicos parecem igualmente disponíveis para transmissão não sensorial. Efeitos desse tipo passaram a ser conhecidos como *telessomáticos*: eles consistem em mudanças disparadas no corpo de uma pessoa-alvo pelos processos mentais de outra pessoa.

Efeitos telessomáticos lembram os processos que os antropólogos chamam de “magia simpática”. Xamãs, curandeiros e outros praticantes de magia simpática não atuam diretamente sobre a pessoa que eles têm por alvo, mas sobre uma efígie dessa pessoa, por exemplo, um boneco. Essa prática está difundida entre os povos tradicionais, inclusive entre os nativos norte-americanos. Em sua obra famosa *O Ramo de Ouro*, Sir James Frazer observou que xamãs nativos norte-americanos modelavam a figura de uma pessoa em argila e em seguida espetavam na estatueta um graveto pontiagudo ou a feriam de alguma outra maneira. Acreditava-se que o ferimento correspondente era infligido na pessoa que a figura representava. Observadores constataram que a pessoa que era alvo desse processo com frequência caía doente, ficava letárgica e às vezes morria. Dean Radin e seus colaboradores na Universidade de Nevada decidiram testar a variante positiva desse efeito telessomático sob condições de laboratório controladas.

Nos experimentos de Radin, os sujeitos criavam um pequeno boneco à sua própria imagem e forneciam vários objetos (figuras, joias, uma autobiografia e objetos pessoalmente significativos) para “representá-los”. Eles também faziam uma lista do que os fazia se sentir estimulados e confortáveis. Essas informações e outras a elas associadas eram utilizadas pelos “agentes de cura” (que funcionavam de maneira análoga aos “emissores” nos experimentos de transferência de pensamento e imagem) para criar uma conexão simpática com os sujeitos (os “pacientes”). Estes eram ligados a aparelhos que monitoravam a atividade de seu sistema nervoso autônomo - atividade eletrodérmica, batimentos cardíacos, volume da pulsação sanguínea. Os agentes de cura eram colocados em uma sala blindada acústica e eletromagneticamente num edifício adjacente. Os agentes de cura colocavam o boneco e outros pequenos objetos na mesa, na frente deles, e se concentravam neles enquanto enviavam mensagens de “cuidados” (cura ativa) e “repouso” aleatoriamente sequenciadas.

Ocorreu que a atividade eletrodérmica e os batimentos cardíacos dos pacientes foram significativamente diferentes durante os períodos de cuidados ativos e os períodos de repouso, e o volume da pulsação sanguínea foi significativo por alguns segundos durante os períodos de cuidados ativos. Tanto os batimentos cardíacos como o fluxo do sangue indicavam uma “resposta de relaxamento”, que faz sentido porque o agente de cura estava

tentando “cuidar” do sujeito, ou “nutri-lo”, por meio do boneco. Por outro lado, uma taxa mais alta de atividade eletrodérmica mostrava que o sistema nervoso autônomo do paciente estava sendo estimulado. O motivo pelo qual isso ocorria era enigmático para os experimentadores até que eles ficaram sabendo que os agentes de cura esfregavam os ombros ou acariciavam os cabelos e o rosto dos bonecos que representavam os pacientes. Isso, aparentemente, teve o efeito de uma “massagem remota” nos pacientes.

Radin e colaboradores concluíram que as ações e intenções do agente de cura são imitadas no paciente quase como se eles estivessem próximos um do outro. Como também acontece em outros experimentos transpessoais, a distância entre emissor e receptor faz pouca diferença. Isso foi confirmado por um grande número de experimentos realizados pelos parapsicólogos William Braud e Marilyn Schlitz. Eles descobriram que as imagens mentais do emissor poderiam “se estender ao longo do espaço” para causar mudanças no receptor distante. Os efeitos são comparáveis àqueles que os processos mentais da própria pessoa produzem no corpo dessa pessoa. A ação “telessomática” realizada por uma pessoa distante é quase tão eficiente quanto a ação “psicossomática” exercida pelo sujeito sobre si mesmo.

Outras evidências provêm de registros clínicos em hospitais. A pedido de pacientes, “agentes de cura espiritual” tiveram permissão de ingressar em hospitais do British National Health Service desde 1970, e são pagos pelo serviço de assistência à saúde. O psiquiatra Daniel Benor, fundador da Doctor-Healer NetWork do Reino Unido, examinou os registros de mais de 200 experimentos controlados sobre cura espiritual, principalmente de seres humanos, mas alguns deles também dirigidos para animais, plantas, bactérias, fermentos, culturas de células em laboratório e enzimas. Cerca de metade desses registros evidenciou efeitos que foram claramente documentados. Estudos rigorosos sobre cura presencial, bem como a distância em escolas de medicina, hospitais e laboratórios experimentais norte-americanos e europeus comprovam que os efeitos telessomáticos têm

um notável potencial curativo.

A experiência deste escritor com a psicóloga e agente de cura natural Mária Sági, fundadora do Instituto Koerbler, de Budapeste, e com o médico Gordon Flint, então chefe da British Psionic Medical Society, dão apoio à descoberta de Benor. Nas duas últimas décadas, este escritor foi repetidamente diagnosticado pelo método remoto inventado independentemente pela dra. Sági com base no trabalho do pesquisador austríaco de energia sutil Erich Koerbler, e 50 anos antes pelo cirurgião inglês George Laurence, fundador da Psionic Medical Society. Os diagnósticos de Sági e Flint foram com frequência realizados ao longo de distâncias consideráveis: Flint estava na Escócia, Sági na Hungria e eu em Toscana, Itália. Mesmo assim, os diagnósticos se comprovaram precisos e os remédios homeopáticos prescritos efetivos.

Esse tipo de cura “não local”, mesmo que ainda não esteja plenamente testado como medicina convencional, está comprovando seu valor. É com boa razão que o médico norte-americano Larry Dossey afirmou que nós ingressamos em uma nova era na prática médica, a Era III, a medicina não local. Ele se segue à Era II, a medicina da mente-corpo, e à Era I, a medicina bioquímica padrão.

Nossa mente parece estar sutil, mas efetivamente conectada com outras mentes e outros corpos. O renomado psicólogo Carl Jung, fascinado por esse misterioso aspecto da psique, teorizou que uma realidade superior ou mais profunda liga as mentes humanas. Ele comparou processos inconscientes em indivíduos com mitos, lendas e contos folclóricos de várias culturas em diferentes períodos da história e descobriu que os relatos individuais e o material coletivo contêm temas em comum. Isso o incitou a postular um aspecto coletivo da psique: o “inconsciente coletivo”. A esses princípios dinâmicos que recorrem nesse banco de memória extensivo a toda a espécie e que organizam o seu conteúdo ele deu o nome de “arquétipos”.

Jung formulou seu conceito de arquétipos em colaboração com o físico Wolfgang Pauli. Eles estavam impressionados com o fato de que, enquanto as pesquisas de Jung sobre a psique humana levavam a um encontro com esses “irrepresentáveis” que são os arquétipos, as pesquisas de Pauli na física quântica levavam igualmente a “irrepresentáveis” - as micropartículas do universo, entidades para as quais nenhuma descrição completa parece possível. Jung concluiu: “Quando se supõe a existência de dois ou mais

irrepresentáveis, há sempre a possibilidade - que nós tendemos a negligenciar - de que possa não se tratar de uma questão de dois ou mais fatores, mas de apenas um”. A esse fator comum Jung deu o nome de “*unus mundus*”. Em si mesmo, o *unus mundus* não é psíquico nem físico; ele se ergue acima, ou está além, tanto da *psyche* como da *physis*.

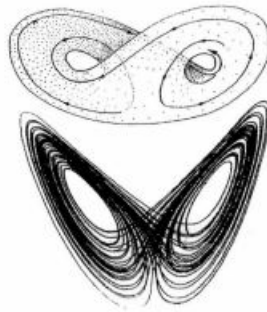
Se Jung estiver correto, nossa mente está arraigada em uma realidade mais profunda. Nem tudo o que aparece em nossa consciência provém de nossos sentidos, e nem tudo é determinado pelo nosso próprio subconsciente.

Mesmo que ainda não sejam muitas as pessoas que saibam disso, as visões de mundo inspiradas por Newton, Darwin e Freud foram ultrapassadas por novas descobertas. À luz das concepções emergentes, o universo não é um agregado sem vida e sem alma de pedaços inertes de matéria. Em vez disso, ele se parece com um organismo vivo. A vida não é um acidente aleatório, e os impulsos básicos da psique humana incluem muito mais do que o impulso para o sexo e a autogratificação. A matéria, a vida e a mente são elementos consistentes dentro de um processo global de grande complexidade, e no entanto de planejamento coerente e harmonioso. O espaço e o tempo são unidos como o fundo dinâmico do universo observável. A matéria está se desvanecendo como uma característica fundamental da realidade, retirando-se diante da energia; e campos contínuos estão substituindo partículas discretas como os elementos básicos de um universo banhado em energia. O universo é uma totalidade inconsútil, evoluindo ao longo dos éons do tempo cósmico e produzindo condições nas quais a vida, e em seguida a mente e a consciência, podem emergir.

No século XXI, a ciência está desenvolvendo uma figura holística da realidade. O holismo emergente da nova física, da nova biologia e dos mais recentes ramos da psicologia se mescla com o conceito holístico de mundo das grandes tradições culturais, e empresta a esse conceito uma legitimidade revigorada. O holismo da nova civilização de que precisamos pode ter um fundamento ao mesmo tempo científico e cultural.

O ponto do caos na perspectiva sistêmica

Dez gráficos para nos ajudar a compreender onde nós estamos e como chegamos aqui

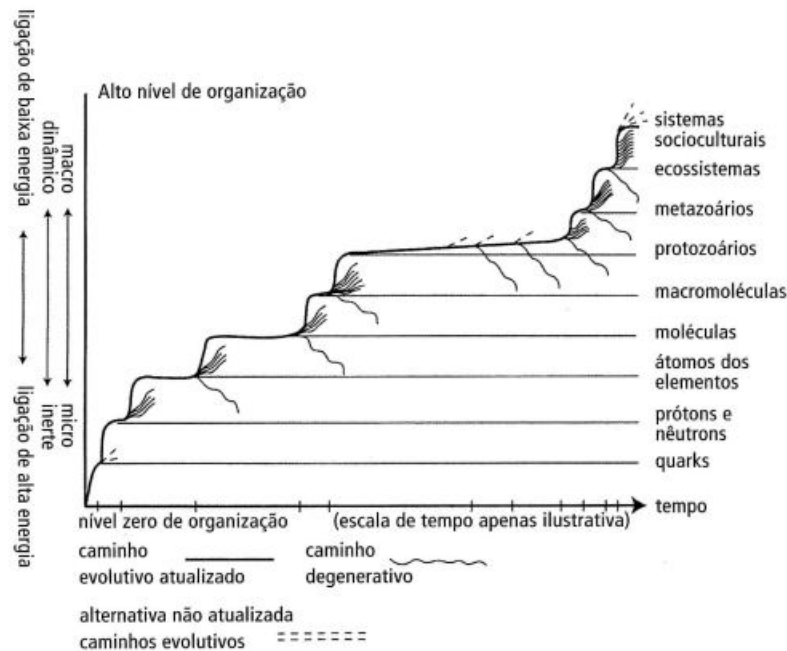


Um sistema dinâmico, quer ocorra na natureza, na sociedade ou em uma simulação de computador, é governado por *atratores*. Estes definem o “retrato de fase” do sistema: a maneira como ele se comporta ao longo do tempo. Atratores estáveis puxam a trajetória do desenvolvimento do sistema para dentro de um padrão recorrente e reconhecível, levando-o a convergir em um dado ponto (se o sistema for governado por atratores pontuais) ou a descrever ciclos através de diferentes estados (quando ele está sob o comando de atratores periódicos). No entanto, sistemas dinâmicos também podem alcançar um estado em que os atratores que emergem não são estáveis, mas “estranhos”. São os atratores caóticos. O primeiro desses atratores a ser descoberto foi o “atrator borboleta”. Ele tem esse nome por causa da forma do caminho evolutivo do padrão meteorológico global conforme foi mapeado pelo meteorologista Edward Lorenz na década de 60. (No gráfico anterior, o modelo original de Lorenz está no topo; uma projeção mais recente feita por meio de computador é mostrada abaixo dele.)

Um caminho de evolução complexo também poderia caracterizar sistemas mais estáveis, mas em um sistema caótico, uma dinâmica diferente entra em ação.



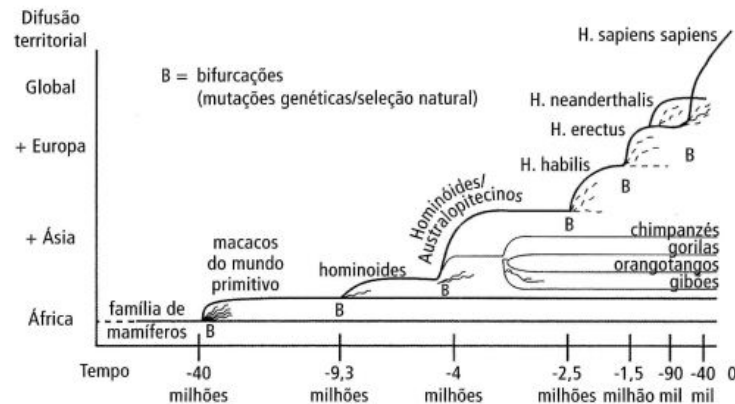
Um sistema caracterizado pelo caos tem uma ordem finamente estruturada, e o menor “empurrão” ou “flutuação” pode impelir o seu desenvolvimento para uma trajetória diferente; é por isso que a evolução da meteorologia do mundo é quase imprevisível ao longo de períodos mais extensos. Em um sistema governado por um atrator borboleta caótico, até mesmo perturbações imensuravelmente pequenas podem deslocar a trajetória evolutiva de um ciclo que flutua ao redor de uma das “asas” para o ciclo que se acumula ao redor da “asa” oposta.



Os sistemas entram em um estado de caos quando flutuações que eram, até então, corrigidas por realimentações negativas autoestabilizadoras ficam fora de controle. A trajetória do desenvolvimento torna-se não linear: tendências predominantes colapsam e em seu lugar surgem vários desenvolvimentos complexos. Raramente o caos é uma condição prolongada; na maior parte dos casos, é apenas uma época transitória entre estados mais estáveis. Quando as flutuações no sistema atingem níveis de irreversibilidade, o sistema atinge um ponto crítico em que ele colapsa em seus componentes individuais estáveis (*colapso*) ou passa por uma evolução rápida em direção a um estado que é resistente às flutuações que o desestabilizaram (*avanço revolucionário*). Se esse caminho do avanço revolucionário é selecionado, o sistema evolui para um estado no qual ele tem uma capacidade de processamento de informação intensificada e maior eficiência no uso da energia livre, bem como mais flexibilidade, maior complexidade estrutural e níveis de organização adicionais.

A alternância de períodos de estabilidade dinâmica e de instabilidade crítica é típica da evolução em toda a natureza. Ela produz um desenvolvimento progressivo de complexidade, desde o substrato físico dos *quarks* e partículas elementares, passando pelos átomos dos elementos, até as moléculas formadas por átomos e, num ambiente planetário favorável, até as macromoléculas e às células formadas por moléculas. Na Terra, o

desenvolvimento progressivo da complexidade levou a sistemas biológicos baseados em componentes macromoleculares e celulares, depois a ecossistemas formados por sistemas biológicos e, finalmente, a sistemas socioculturais formados por seres humanos.

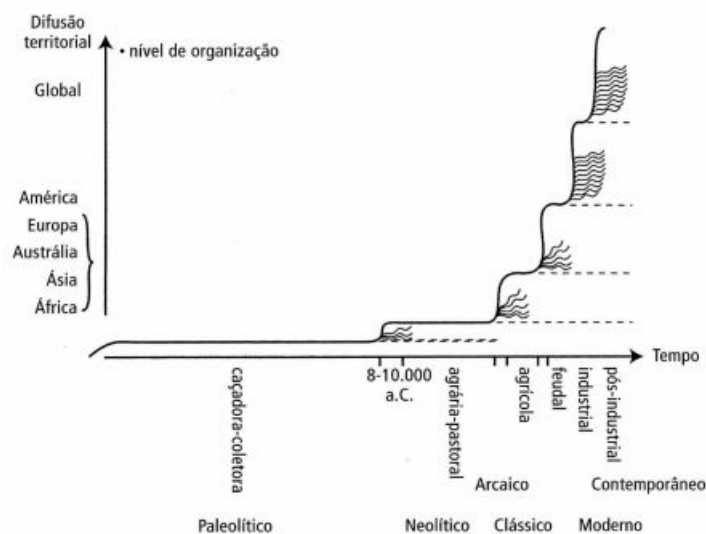


A evolução progressiva dos sistemas biológicos, embora intensamente não linear, deu lugar a uma pletora de espécies biológicas, e levou à extinção da maioria delas. Também deu origem à linhagem dos hominídeos. A família dos primatas se dividiu a partir das espécies de mamíferos então existentes por volta de 40 milhões de anos atrás. Os primeiros primatas eram os macacos do mundo primitivo que povoaram grandes áreas da Ásia e da África. Em seguida, há cerca de 9,2 milhões de anos, a família dos primatas se dividiu em dois grupos. Um deles, os pongídeos, permaneceu junto à vida arbórea e, enquanto vários ramos (tais como os *Gigantopithecus* e os *Sivapithecus*) se tornaram posteriormente extintos, os sobreviventes evoluíram nos símios modernos: chimpanzés, gorilas, orangotangos e gibões. O outro grupo se tornou bípede de base terrestre: a família dos hominídeos.

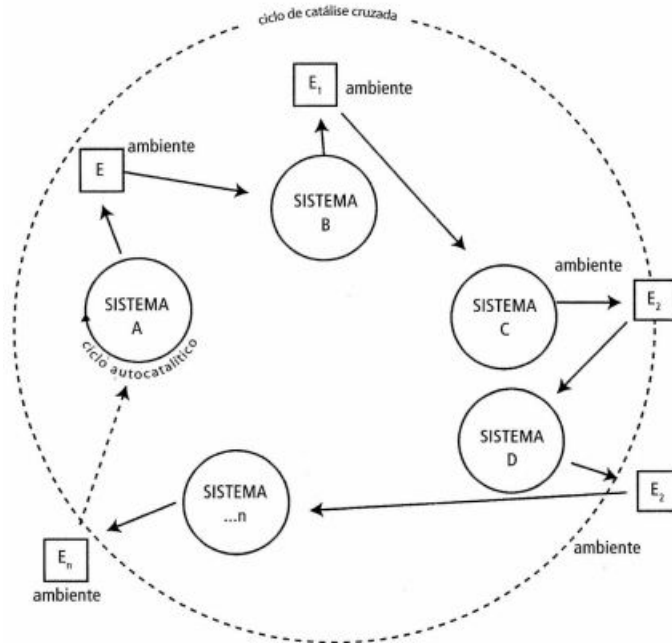
Há cerca de 4 milhões de anos, os primeiros hominídeos *Australopithecinos* se distribuíram extensamente nas regiões leste e sul da África. Vivendo em pequenos bandos, eles conseguiram sobreviver aos perigos da vida terrestre. Há cerca de 2,5 milhões de anos, eles se dividiram em diferentes ramos. Um ramo que se tornou extinto incluía numerosas subespécies, tais como a *boisei* e a *robustus*, enquanto o ramo sobrevivente levou ao *habilis* e ao *erectus*, e por fim ao *sapiens*.

Embora os detalhes da evolução hominídea não estejam definitiva-

mente estabelecidos, parece que o homem moderno, *Homo sapiens sapiens*, evoluiu de ancestrais hominídeos na África. Há cerca de 40 mil anos, os *sapiens* apareceram na Europa, provavelmente coabitando o continente com o *Homo Neanderthalis*. Esse último desapareceu por volta de 30 mil anos atrás, o que tornou o *Homo sapiens sapiens* o único sobrevivente do ramo hominídeo.



Com o *Homo sapiens sapiens*, a evolução mudou da dimensão biológica para a dimensão sociocultural. Durante os últimos 30 mil anos aproximadamente, os períodos alternantes de estabilidade e instabilidade não envolveram mais o código genético dos seres humanos, mas a sua sociedade e a sua cultura. Desde essa época, foi a organização sociocultural de grupos de indivíduos que passou por mutações: como as pessoas se relacionavam umas com as outras e com seu ambiente, que valores e éticas elas adotaram, e como elas viam a si mesmas e o mundo ao seu redor.

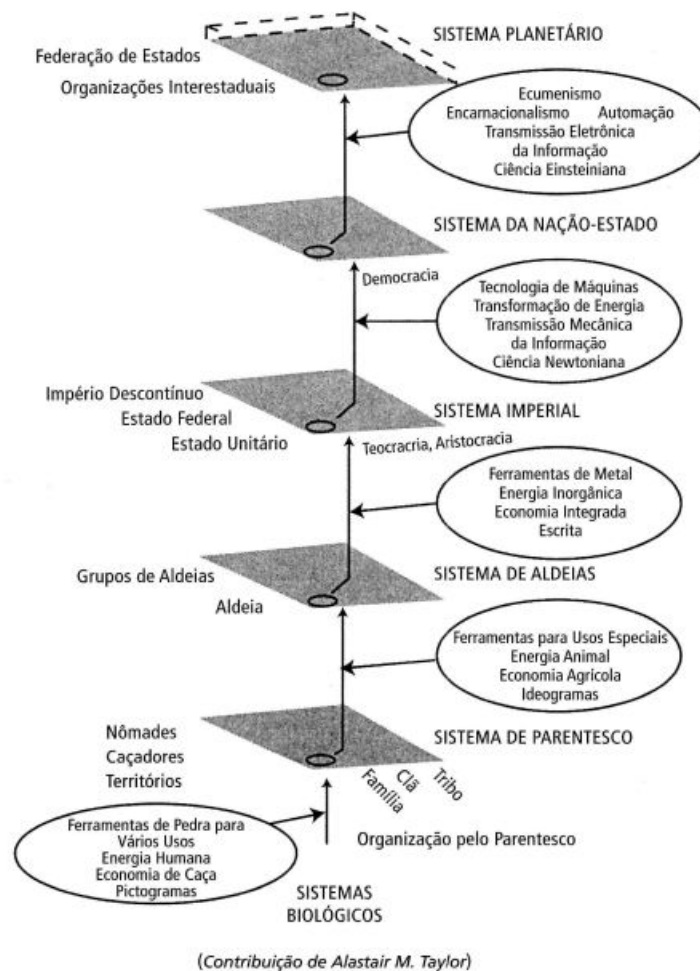


No decurso dos últimos 10 mil anos, uma série de mutações socioculturais produziu uma enorme gama de formas organizacionais, desde as tribos paleolíticas da Idade da Pedra e das comunidades agrárias neolíticas, passando pelos impérios arcaicos da Babilônia, do Egito, da Índia e da China, até os reinos e principados feudais europeus. Há mais de 300 anos, apareceu o sistema das modernas nações-Estados: nasceram as sociedades industriais. Estamos agora no limiar de uma mutação sociocultural para além do sistema da nação-Estado, para uma civilização pós-industrial mais integrada.

Cada forma emergente de organização sociocultural abrange, integra e transforma parcialmente as formas anteriores. Ela cria um sistema novo, de nível superior, do qual os sistemas anteriores se tornam subsistemas funcionais.

A formação de “suprassistemas” de nível superior por meio da interligação de sistemas que antes eram relativamente autônomos (e que são, conseqüentemente, subsistemas) é uma noção familiar na teoria sistêmica. Os suprassistemas emergem por meio da criação de “hiperciclos” nos quais os subsistemas estão ligados por ciclos que catalisam uns aos outros, os chamados ciclos de catálise cruzada. O resultado disso é que os subsistemas se tornam cada vez mais interdependentes, enquanto o suprassistema constituído conjuntamente por eles adquire estrutura e

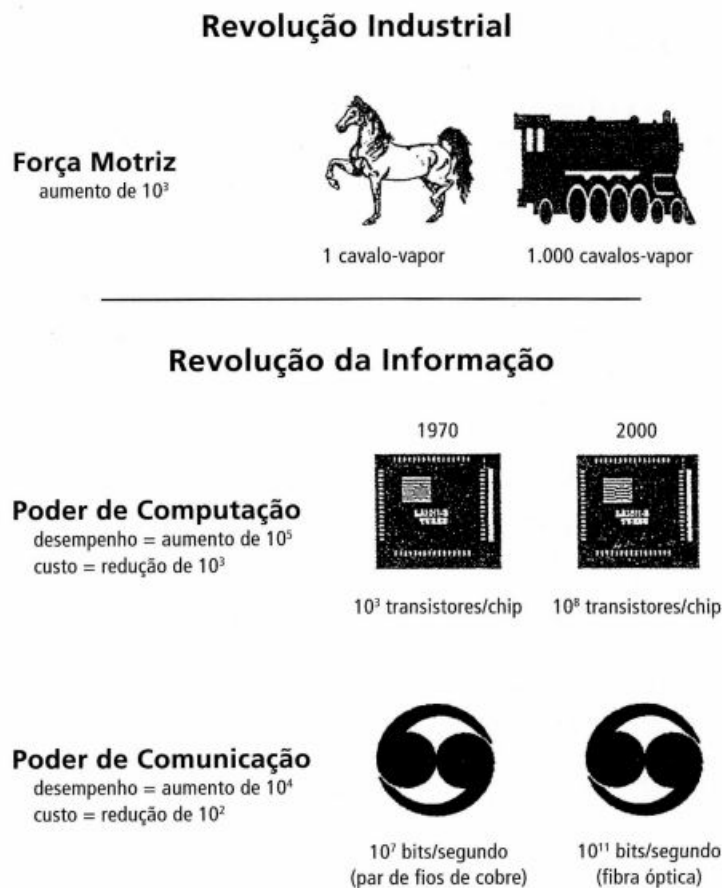
autonomia.



O físico Manfred Eigen, premiado com o Nobel, mostrou que a formação de suprassistemas por meio de ciclos autocatalíticos e de catálise cruzada é a base da evolução de toda a vida no planeta. Na rica sopa molecular dos mares primordiais, os ciclos de catálise cruzada eram selecionados naturalmente em meio a outros tipos de acoplamento; eles tinham mais estabilidade em um ambiente turbulento do que qualquer outra forma de organização molecular. O físico termodinâmico e físico-químico Ilya Prigogine ganhou o Prêmio Nobel por ter descoberto a maneira como os ciclos de catálise cruzada levam à evolução de sistemas complexos.

Os ciclos de catálise cruzada também operam na sociedade humana. Na esfera política, a intensificação dos laços entre as nações-Estados produziu mudanças progressivas do nível de organização nacional para o regional, e em seguida para o global. Formaram-se agrupamentos econômicos

regionais, como a União Europeia e a Associação das Nações do Sudeste Asiático, e elas se ligaram com organizações internacionais e intergovernamentais globais. Juntas, elas assumem agora várias funções que eram previamente desempenhadas por governos nacionais.



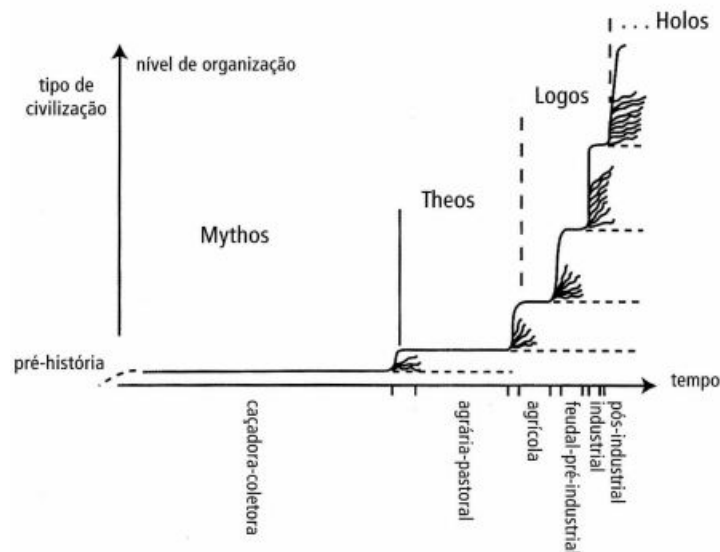
Um processo análogo se desdobra no mundo dos negócios. Por meio de fusões e aquisições, terceirizações e várias formas de cooperação e de parceria, empresas que foram inicialmente criadas no nível local se ramificam para o nível nacional, e em seguida se movem para o nível multinacional, e até mesmo para o global. O nome do produto, ou marca, dos atores globais identifica o hiperciclo que integra as várias subsidiárias, subdivisões e unidades de negócio da empresa.

A evolução das sociedades, que é não linear, mas que, em seu todo, é progressiva, é impulsionada por inovações que perturbam e eventualmente desestabilizam sistemas previamente estáveis. As inovações são *tecnológicas* no sentido de que a tecnologia é qualquer hardware ou

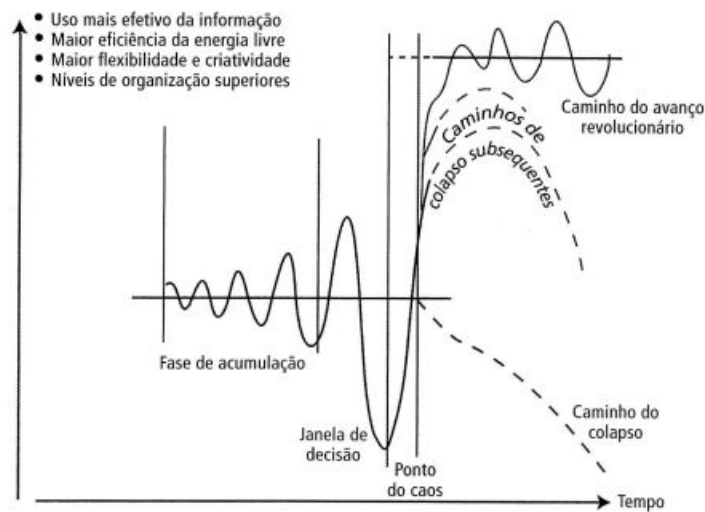
software por meio do qual as pessoas se relacionam umas com as outras e com o seu ambiente.

As inovações tecnológicas começaram quando nossos antepassados desenvolveram uma linguagem simbólica, o pensamento conceitual e o uso de ferramentas cooperativas. No decorrer da história, a série acelerada dessas inovações envolveu um número cada vez maior de pessoas e territórios progressivamente mais extensos. Hoje, ela impulsiona as sociedades em direção ao nível global.

A próxima mutação sociocultural será impulsionada por uma nova inovação tecnológica: a “revolução da informação”. As tecnologias da informação e da comunicação que estão atualmente desestabilizando as estruturas estabelecidas das sociedades industriais têm um alcance muito mais global, e as “revoluções” que elas criam desdobram várias dimensões muito mais depressa do que as tecnologias baseadas no vapor e nos combustíveis fósseis da primeira Revolução Industrial.



Impulsionada pelo vertiginoso ritmo das inovações no setor de informação/comunicação, a humanidade encontra-se no limiar de uma mutação sociocultural que a levará para além da civilização industrial clássica. Se os sistemas não colapsarem, a próxima mutação verá o nascimento de uma civilização planetária capaz de vencer as “flutuações” que abalam as sociedades, economias e empresas da era industrializada - a civilização *Holos*.



Vivemos em uma janela no tempo entre a civilização *Logos* da era industrial e uma civilização *Holos* ainda a ser construída. A realização dessa última ainda não está garantida: a atual janela permite resultados alternativos. Mas não irá demorar muito até que atinjamos um ponto de mudança irreversível global - o Ponto do Caos - e então o nosso mundo evoluirá ou por um caminho ou pelo outro. Esse ponto será atingido quando os processos críticos - conflitos e tensões na sociedade, desigualdade na distribuição de recursos na economia e a degeneração dos equilíbrios vitais na ecologia - atingirem uma fase de irreversibilidade. Nossos sistemas serão projetados em uma trajetória em direção ao colapso ou em direção a um avanço revolucionário. Qual trajetória será escolhida não é determinada de antemão; a atual janela de decisão tem um alto grau de indeterminação, e portanto de autonomia.

A indeterminação e a autonomia das mutações nos sistemas biológicos tornam imprevisível o conhecimento do resultado preciso. Em um sistema humano, por outro lado, embora a indeterminação e a autonomia da mutação cultural sejam reais, a imprevisibilidade do resultado é mitigada. Isso se deve à presença da consciência. Os membros conscientes do sistema social podem apreender a natureza dos processos evolutivos que se desdobram ao redor deles, e podem intervir propositadamente. Em uma janela de decisão, os indivíduos podem criar conscientemente as pequenas, mas potencialmente poderosas flutuações que seriam capazes de “explodir” e decidir o caminho evolutivo que sua sociedade irá adotar. Eles podem

inclinar o sistema em direção à evolução que está alinhada com suas esperanças e expectativas. Desse modo, o Ponto do Caos não precisa ser o anunciador do colapso global. Ele poderia ser o arauto de um salto para uma nova civilização.

Os dez gráficos precedentes ilustram onde nós estamos e como chegamos aqui. Eles não podem ilustrar para onde iremos a partir daqui, mas apenas para onde *poderíamos* ir. Para onde *iremos* é algo que cabe a nós decidir.

Apêndice A

Como eu me envolvi com questões globais e o Clube de Budapeste - Uma nota autobiográfica

Toda uma série de eventos, em si mesmos pouco notáveis, empurrou-me e puxou-me levando-me a me envolver com questões e problemas da comunidade mundial e de seu futuro. A série começou com uma chamada telefônica do professor Richard Falk, do Centro de Estudos Internacionais da Universidade de Princeton. Isso aconteceu no início da década de 70. Na ocasião, eu lecionava no departamento de filosofia da Universidade Estatal de Nova York, em Geneseo, nas tranquilas regiões rurais do interior do Estado de Nova York, imerso na tentativa de elucidar as implicações de se pensar com base em sistemas integrais em vez de entidades isoladas. Eu tinha apenas começado a desenvolver ideias sobre as dimensões evolutivas da teoria geral dos sistemas, movendo-me em direção àquilo que mais tarde eu chamei de “teoria geral da evolução” (isto é, uma teoria geral da evolução conforme ela se aplica aos sistemas físicos, aos sistemas vivos, à consciência e até mesmo ao universo como um sistema).

O telefonema de Dick Falk foi inesperado. Embora eu soubesse que ele realizava um valioso trabalho no âmbito do World Order Models Project eu nada sabia a respeito do que eram os modelos do mundo, até que ponto eles eram bem-sucedidos e com que problemas eles se defrontavam. No entanto, Dick pediu-me para ir a Princeton e dar uma série de seminários sobre o “sistema mundial”. Expliquei a ele que eu era ignorante no assunto, mas Dick estava irredutível: ele disse que seria suficiente que eu apresentasse minha concepção de sistemas evolutivos complexos: ele e outros membros da faculdade do Centro veriam como ela poderia ser aplicada ao sistema mundial. Eu estava indeciso, mas o desafio era intrigante, e eu aceitei.

Esse foi meu primeiro passo e, como acabou se confirmando, o passo decisivo que me levou a me envolver com o sistema mundial e seus problemas e perspectivas. Com base em meus seminários em Princeton resultou um livro, *A Strategy for the Future: The Systems Approach to World Order* (1974). Ele chegou às mãos de Aurélio Peccei, o visionário

fundador e então presidente do Clube de Roma. Na ocasião, Aurélio estava justamente se perguntando como elaborar as implicações mais imediatamente humanas do primeiro relatório do Clube, o lendário *Os Limites do Crescimento*. Ele pediu o meu conselho e, após a nossa troca de ideias inicial, pediu-me para iniciar um projeto que examinasse as aspirações das pessoas e das sociedades com relação ao futuro - e em que medida essas aspirações podem ser satisfeitas em um planeta finito.

Dentro de seis meses, reuni uma pequena, mas entusiasmada equipe de jovens universitários e ativistas iniciantes. Desenvolvemos o projeto “Metas para a Humanidade” e o apresentamos a Aurélio. Ele e Alex King, o cofundador do Clube de Roma, gostaram do projeto, e minha equipe começou a implementá-lo. Como isso exigia muitos contatos internacionais (na época, ainda não existiam e-mails nem Internet), Aurélio pediu a Davidson Nicol, o diretor-executivo do UNITAR (United Nations Institute for Training and Research), um *think-tank* (Banco de ideias e soluções.) das Nações Unidas, para que me convidasse a trabalhar no Instituto, onde estavam disponíveis instalações de comunicação em âmbito mundial. Fui designado como membro especial e me mudei para a Cidade de Nova York, levando comigo minha equipe central.

Instalamo-nos para trabalhar. Nosso *Report to the Club of Rome* [Relatório ao Clube de Roma] foi completado em cerca de um ano e publicado inicialmente em inglês, e em seguida em vários outros idiomas: *Goals for Mankind: The New Horizons of Global Community*, 1978. Uma vez cumprida a minha tarefa, retornei ao tranquilo *campus* da Universidade Estatal de Nova York, no interior do Estado, acreditando confortavelmente que eu poderia prosseguir com meu trabalho sobre teoria sistêmica, tendo concluído o meu envolvimento com o futuro da humanidade.

Porém, recebi outro telefonema algumas semanas mais tarde, dessa vez vindo de Davidson Nicol: ele me pedia para representar o Instituto na inauguração da Universidade das Nações Unidas, em Tóquio. Eu não podia recusar, e uma coisa levava a outra. Primeiro, Nicol pediu-me para chefiar as pesquisas do Instituto sobre a Nova Ordem Econômica Internacional, um ambicioso projeto mundial que seria adotado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em uma sessão especial dedicada a ele no outono de 1980. Trabalhando no Instituto no quartel-general das Nações Unidas, tive a oportunidade de criar uma rede internacional de mais de 90 institutos de pesquisa. Por volta de 1980, tínhamos publicado 11 volumes de estudos na

“NIEO Library”, uma série de livros criados para nós pela Pergamon Press, em Oxford.

O projeto NIEO foi abruptamente interrompido quando, na Sessão Especial, três das principais potências econômicas - os Estados Unidos, o Reino Unido e a Alemanha Ocidental - anunciaram que eles “não participariam” da votação para a resolução proposta. O NIEO como objetivo econômico e projeto político apoiado pelas Nações Unidas foi imediatamente abandonado.

Então, Kurt Waldheim, o secretário-geral na época, perguntou-me que ideias eu teria para relançar o diálogo entre o Norte e o Sul. Sugerir um conceito sistêmico. Não vamos tentar nos mover do nível da nação-Estado diretamente para o nível global do Norte e do Sul, eu disse, mas precisamos antes preparar o terreno ajudando o Sul a se tornar um parceiro mais bem equilibrado e menos dependente nas negociações com os países industrializados. Isso exigiria organizações que promovessem uma efetiva integração econômica e social reunindo grupos de países em desenvolvimento, seguindo o exemplo (mas não necessariamente o modelo) da Comunidade Europeia.

O projeto “Cooperação Regional e Inter-regional entre Países em Desenvolvimento” foi adotado pelo UNITAR no fim de 1980. Consegui reunir um “Painel de Pessoas Eminentes” de alto nível para apresentar as conclusões ao secretário-geral - que, por sua vez, iria apresentá-los à Assembleia Geral. Esse projeto exigiu outros quatro anos de esforços intensos. Produzimos quatro volumes de estudos básicos e um esboço de uma Declaração sobre o que chamamos de RCDC: Regional Cooperation Among Developing Countries [Cooperação Regional entre Países em Desenvolvimento]. A Declaração foi assinada e ficou pronta para ser apresentada ao secretário-geral, que na época era Javier Pérez de Cuéllar.

O sr. Pérez de Cuéllar disse-me que lera o documento e queria apresentá-lo, mas “não pôde reconhecê-lo”. Aconteceu que o secretário-geral só pode “reconhecer” documentos preparados pela Secretaria quando eles são apresentados pelo membro apropriado do seu gabinete. O subsecretário responsável pela pesquisa tinha mudado pouco antes (o prazo do subsecretário anterior havia expirado), e o novo homem não submeteu o documento com base no princípio de que se ele não iniciou e implementou um projeto, ele não merece ser promovido. O projeto RCDC terminou exatamente aí. No entanto, o esforço não foi inteiramente perdido porque

nos anos que se seguiram várias organizações regionais estudaram nossas recomendações e as implementaram na medida em que eles as consideraram economicamente exequíveis e politicamente expedientes.

Depois de sete anos enfrentando desafios, responsabilidades e intrigas nas Nações Unidas, eu não podia mais retornar à torre de marfim de minha reclusão em minha universidade; em vez disso, eu me retirei para a bucólica reclusão em minha casa de fazenda, uma quinta de 300 anos na Toscana, que eu tive a boa sorte de comprar dez anos antes. Pretendi começar um ano sabático, para atualizar meus estudos sobre os desenvolvimentos no campo da teoria geral dos sistemas e da teoria geral da evolução. Entretanto, esse ano nunca terminou desde que, primeiro o professor Kinhide Mushakoji (então vice-chanceler da Universidade das Nações Unidas) e em seguida Federico Mayor (o recém-eleito diretor-geral da UNESCO) telefonaram-me para servir como consultor, e mais tarde como colaborador. Como resultado, além de poder me dedicar à leitura e redação no campo de interesse que escolhi, pude passar um tempo considerável trabalhando para o European Perspectives Program da UNU, e desenvolver e realizar um projeto para explorar os potenciais da unidade dentro da diversidade cultural do mundo para a UNESCO.

Não me esqueci de uma promessa que fiz a Aurélio Peccei, em 1978, por ocasião do encontro em Roma para celebrar o aniversário de dez anos do Clube de Roma. Tratava-se de criar um clube irmão constituído de artistas, escritores e líderes espirituais. A razão para esse clube foi o reconhecimento de que recorrer a líderes da política e dos negócios não era suficiente para nos dirigirmos além do nível de informações da boca para fora e termos acesso efetivo a novas ideias e estratégias - pois também precisamos mobilizar o pensamento, a imaginação e a criatividade das pessoas na corrente principal da sociedade. Para isso, nós sabíamos que tínhamos de recorrer a indivíduos cujas palavras e personalidades atraem a atenção e o respeito do público.

Eu falava, de tempos em tempos, sobre a necessidade de um “clube de artistas e escritores”, mas não consegui fazer progresso: as pessoas concordavam em que era uma boa ideia, mas ninguém se ofereceu para fornecer o dinheiro necessário para iniciar sua implementação. Mas isso mudou quando apresentei a ideia no Terceiro Congresso Mundial de Húngaros em Budapeste. Jozsef Antal, então primeiro-ministro da Hungria, estava presente no evento e me chamou no dia seguinte, querendo ouvir

mais. Quando o fiz, ele, espontaneamente, se ofereceu para instalar uma secretaria para esse clube em Budapeste. Aceitei com gratidão, e concordamos em que, seguindo o exemplo do Clube de Roma (que foi batizado com o nome da cidade onde ocorreu o encontro inicial), nós o deveríamos chamar de “Clube de Budapeste”.

A ideia desse clube comprovou ser atraente, e várias personalidades famosas concordaram em se juntar a ela, a começar pelo presidente da Hungria, Arpad Goncz (ele próprio um escritor), e logo seguido pelo Dalai Lama, Yehudi Menuhin e Peter Ustinov. Por volta do fim do primeiro ano, nós tínhamos Václav Havei, Mikhail Gorbachev, Liv Ullmann, Peter Gabriel e três dezenas de nomes semelhantes em nossa lista de “Membros Honorários”.

Trabalhando numa troca de ideias em uma junta de consultores, decidi me concentrar na evolução da consciência humana como a questão-chave que o clube iria abordar. Isso foi incitado pela minha lembrança de que, ao discutir os resultados de conferências e convenções internacionais, aqueles que redigiam as agendas diziam que, embora os objetivos pudessem ser aplaudidos, eles na verdade não seriam implementados. Quando indagados por que, eles diziam que faltava vontade política. E quando indagados por que faltava vontade política, alguns diziam que a consciência do líder e a do seu eleitorado não estavam suficientemente evoluídas para perceber a necessidade. Sugeri que deveríamos começar onde outros terminaram: com o propósito de erguer a consciência das pessoas. Junto com nossos amigos e consultores, eu esbocei o Manifesto sobre a necessidade de uma nova consciência e o mostrei ao Dalai Lama. Sem se alterar, ele cancelou seus próximos compromissos e se pôs a elaborá-lo. Três horas mais tarde, nós tínhamos o texto básico daquele que os membros do Clube do Budapeste especificaram ainda mais e então adotaram: o “Manifesto sobre o Espírito da Consciência Planetária” (reproduzido no Apêndice C).

Depois disso, não houve mais retrocesso. Durante os últimos 12 anos, eu divido meu tempo e energia entre Toscana e Budapeste, trabalhando para o Clube de Budapeste criando e implementando eventos e projetos sob o lema “você pode mudar o mundo”, e pesquisando o significado das descobertas cada vez mais fabulosas que estão vindo à luz nas fronteiras das novas ciências.

Apêndice B

Comentários por membros e parceiros do Clube de Budapeste

Os comentários dos membros Peter Russell ... sobre as raízes da crise global

Como Ervin Laszlo toma claro, a crise global que estamos enfrentando atualmente é, em sua raiz, uma crise da cultura e da consciência. Com certeza, precisamos fazer tudo o que está em nosso poder para refrear o crescimento da população e reduzir o impacto que a nossa tecnologia exerce sobre os ecossistemas do planeta. Mas também precisamos indagar por que uma espécie entre milhões - uma espécie que se considera a mais inteligente sobre este planeta - pode se comportar de uma maneira que, claramente, não é do seu próprio interesse no longo prazo. Entender que nós estamos ameaçando nossa própria sobrevivência e a de muitas outras espécies, e mesmo assim continuar a exercer as mesmas atividades que estão causando o problema, é algo pura e simplesmente insano.

A raiz do problema reside em nosso pensamento, em nossas atitudes e em nossos valores. Estamos empacados numa mentalidade preconceitual obsoleta que nos diz que se queremos estar em paz, precisamos ter as coisas certas. Tal atitude pode ser importante quando a sobrevivência individual está em jogo; precisamos, nesse caso, focalizar a nossa atenção em nosso bem-estar físico. Mas esse não é um problema para a maior parte das pessoas no mundo desenvolvido. O mundo mudou além de todo reconhecimento desde os tempos pré-industriais e a maior parte das nossas necessidades de sobrevivência está hoje satisfeita. Porém, como não mudamos o nosso pensamento, continuamos a consumir e a despojar o planeta na vã esperança de que se nós apenas tivermos a quantidade suficiente de coisas certas, nós teremos a satisfação. Hoje é a nossa sobrevivência coletiva que está em jogo, e é o nosso bem-estar interior, espiritual, que precisa com mais urgência do nosso cuidado e da nossa atenção.

Esse é o desafio que temos à nossa frente neste início do século XXI: a

exploração do espaço interior - o desenvolvimento da consciência humana para se equiparar aos fantásticos progressos que fizemos em nosso desenvolvimento material.

Edgar Mitchell ... sobre o desafio, e a visão da ciência

Como uma daquelas pessoas que tiveram o privilégio de observar este magnífico pequeno planeta a partir da escuridão do espaço, eu me junto aos meus colegas do Clube de Budapeste que estão chamando em cena uma nova visão para o futuro e uma nova dedicação à administração adequada de nosso planeta.

Acima da abóbada protetora da nossa atmosfera, pode-se observar a degradação progressiva dos sistemas ecológicos dos quais todas as espécies dependem para sua sustentação. É claro, a partir dessa visão e com os dados provenientes de quatro décadas de atividade espacial humana, que nossa população em rápido processo de desdobramento, estabeleceu um curso que não é sustentável. Somos uma espécie que está incessantemente em conflito a respeito de questões mundanas enquanto ignoramos o abismo que está à frente de todos nós. Argumentamos com base no ponto de vista de nossos valores culturais tradicionais, não estando dispostos a olhar para nós mesmos de uma perspectiva global mais ampla e a dar os passos necessários para criar uma civilização mais tranquila e harmoniosa para o nosso benefício mútuo - passos que incluem algumas escolhas árduas a respeito dos nossos estilos de vida.

Nas duas décadas passadas, cientistas apresentaram um número significativo de conceitos que, quando tomados conjuntamente e aplicados ao metaproblema considerado por intermédio da teoria geral da evolução e da teoria sistêmica, fornecem uma compreensão radicalmente nova da condição humana e de nosso lugar no cosmos. Estou me referindo a experimentos na física quântica que demonstram a “não localidade” (significando interconectividade) no nível das partículas subatômicas; a “holografia quântica”, que estende essa ideia a objetos na macroescala; e trabalhos sobre a teoria do caos, que sugerem a repetição de estruturas básicas através de escalas de grandeza que vão do microscópico ao cósmico. Além disso, a teoria do caos e a teoria dos sistemas complexos sugerem a presença de laços de realimentação simples que organizam as estruturas e os processos básicos da natureza nas primorosas formas que

encontramos na matéria viva. Eu me refiro aos trabalhos dos astrônomos e cosmólogos que continuam a descobrir as maravilhas de mundos distantes, e à obra de Ilya Prigogine, a qual mostrou que os processos mais fundamentais da natureza são processos não lineares, e não os processos simples, lineares e reversíveis que os cientistas têm estudado desde a época de Newton.

O efeito de tudo isso é a visão segundo a qual vivemos em um universo auto-organizador, criativo, inteligente, um universo que aprende, que faz uso da tentativa e erro, que evolui para “conhecer” a si mesmo e que provavelmente gerou vida inteligente ao longo de toda a sua expansão. Praticamente todos os eventos numinosos relatados pelo núcleo esotérico de cada tradição cultural - eventos que servem como base para o saber religioso tradicional - podem ser atualmente entendidos em função daquilo que deveria satisfazer o mais crítico dos cientistas. As lições que essa visão oferece para a nossa época pertencem à nossa evolução como seres humanos criativos, interligados e responsáveis, que têm o destino de nosso mundo e de todas as suas espécies em suas mãos coletivas, dependendo de nossa visão e de nossa sabedoria mapearem um curso sustentável rumo ao futuro.

Nós temos o conhecimento, a sabedoria e os visionários entre nós para nos permitirem entender as questões críticas da atualidade. Precisamos agora descobrir a vontade política coletiva para implementar e acelerar os passos necessários em uma base global - ou então sofrer as consequências de não tê-lo feito.

Karan Singh ... sobre a evolução da nova consciência

Vivemos em um mundo que está encolhendo e no qual a herança do conflito e da competição, e a crescente lacuna entre o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento terão de abrir caminho para uma nova cultura de convergência e de cooperação se a rica promessa do novo milênio não estiver destinada a se dissolver no conflito e no caos.

Intervenções humanas sem precedentes no meio ambiente descontrolaram o delicado equilíbrio ecológico que permitiu à Mãe Terra - Bhavani Vasundhara na tradição indiana e Gaia na grega - sobreviver durante bilhões de anos e se tornar um crisol de importância única para a evolução da consciência. A exploração implacável de recursos naturais não

renováveis criou devastações que, se permitirmos que elas continuem, poderão resultar em uma série de grandes desastres ecológicos que provocarão rupturas na vida sobre este planeta no século XXI.

Não nos faltam recursos intelectuais e econômicos para lidar com os problemas. Avanços científicos pioneiros e engenhosidade tecnológica nos deram a capacidade para vencer todos os desafios. O que falta é a sabedoria e a compaixão para fazer isso. O conhecimento prolifera, mas a sabedoria define. Precisamos de pontes para transpor esse abismo escancarado antes do fim desta década se quisermos reverter a atual tendência para o desastre.

O assombroso sistema de comunicações que hoje envolve o globo raramente faz uso de seu tremendo potencial para difundir valores globais e promover uma consciência mais cuidadosa, uma consciência compassiva. Pelo contrário, a mídia está cheia de violência e de horror, de crueldade e de carnificina, de consumismo desenfreado e de promiscuidade descarada, que não apenas distorce a percepção dos jovens, mas também entorpece a nossa sensibilidade pelos problemas do sofrimento e da dor humanos. Portanto, o que é urgentemente necessário é uma mudança radical em nossas políticas educacionais e de comunicação. Precisamos desenvolver cuidadosamente programas estruturados em uma escala global que se baseiem, clara e inequivocamente, na premissa de que a sobrevivência humana envolve o crescimento de uma consciência planetária criativa e compassiva. A dimensão espiritual precisa, mais uma vez, receber importância em nosso pensamento, e para isso precisamos recorrer ao grande reservatório de idealismo e de valores espirituais fornecido pelas ricas tradições religiosas da humanidade.

Precisamos da coragem para pensar globalmente, para escapar dos paradigmas tradicionais e para mergulhar corajosamente no futuro. Precisamos assim mobilizar nossos recursos internos e externos de modo a poder, no século XXI, construir conscientemente um novo mundo baseado no bem-estar mutuamente assegurado, e não na destruição mutuamente assegurada.

Como cidadãos globais comprometidos com a sobrevivência e com o bem-estar humanos, precisamos estruturar um programa de educação de âmbito mundial - para crianças e adultos igualmente - que abrirá seus olhos para a realidade da era global que desponta e seus corações aos gritos dos oprimidos e dos sofredores. Não há tempo a perder, pois, juntamente com a emergência da sociedade global, as sinistras forças do fundamentalismo e

do fanatismo, da exploração e da intimidação, estão igualmente ativas.

Precisamos, então, com a máxima urgência, abrir caminho para a propagação de uma nova consciência holística baseada nas seguintes premissas:

1. Que o planeta em que habitamos e do qual somos todos cidadãos - o Planeta Terra - é uma entidade única, viva e pulsante; que a raça humana, em última análise, é uma família extensa interligada - Vasudhaiva Kutumbakam, como dizem os Vedas; e que as diferenças de raça e de religião, de nacionalidade e de ideologia, de sexo e de preferência sexual, de status econômico e social, embora significativas em si mesmas, precisam ser vistas no contexto mais amplo da unidade global.
2. Que a ecologia do Planeta Terra precisa ser preservada da destruição estúpida e da exploração comercial implacável, e enriquecida para o bem-estar das gerações que ainda não nasceram; e que precisa haver um padrão de consumo mais justo e imparcial, que se baseie nos limites do crescimento, e não no consumismo desenfreado.
3. Que o ódio e a intolerância, o fundamentalismo e o fanatismo, a ganância e o ciúme, seja entre indivíduos, grupos ou nações, são emoções corrosivas que precisam ser superadas conforme ingressamos no próximo século; e que o amor e a compaixão, o cuidado e a caridade, a amizade e a cooperação são os elementos que precisam ser encorajados à medida que transitamos para a nossa nova percepção global.
4. Que as grandes religiões do mundo não precisam mais guerrear umas com as outras por supremacia, mas cooperar mutuamente pelo bem-estar da raça humana, e que, em vez de alimentar o dogma e o exclusivismo que as dividem, um contínuo e criativo diálogo interconfessional precisa estimular e fortalecer o fio de ouro da aspiração espiritual que as mantém unidas.
5. Que uma nova educação holística precisa reconhecer as dimensões múltiplas da personalidade humana - física, intelectual, estética, emocional e espiritual - e procurar um desenvolvimento harmonioso do ser humano integrado. Desde que a vi pela primeira vez há duas décadas, fiquei fascinado pela maravilhosa fotografia tirada da Lua e mostrando

o nosso planeta como ele realmente é: uma minúscula mancha de luz e de vida, tão bela e, no entanto, tão frágil, inflamada com o fogo da consciência contra o negrume do espaço externo. Esta Terra, que tantas culturas olharam como a Mãe, nutriu a evolução da consciência desde o lodo do oceano primordial há bilhões de anos até onde permanecemos hoje. Agora, numa dramática reversão, somos nós que precisamos nutrir esta Terra, reparar as cicatrizes que, em nossa arrogância, nós infligimos a ela e proteger o bem-estar de todas as criaturas que a habitam atualmente e que a habitarão nos milênios por vir. Essa evolução futura de nossa consciência precisa, com certeza, ser a visão que guiará a todos nós na tentativa de estruturar uma sociedade humana no século XXI.

Thomas Berry ... sobre a missão histórica do nosso tempo

Resumo meu pensamento numa única sentença com sete frases: a missão histórica do nosso tempo consiste em reinventar o humano no nível da espécie, com reflexão crítica, dentro da comunidade dos sistemas de vida, em um contexto de desenvolvimento temporal, por meio da história e da experiência de compartilhar sonhos.

Em primeiro lugar, eu digo “reinventar o humano” porque as questões com que estamos preocupados parecem estar além da competência de nossas atuais tradições culturais. Como seres humanos, nós, mais do que qualquer outro modo de ser, damos forma e fôrma a nós mesmos em nossas configurações culturais. Somos geneticamente codificados para uma codificação transgenética ulterior por meio da qual nós articulamos o modo humano de ser. Somos geneticamente codificados para pensar. Não temos uma escolha entre pensar ou não pensar. Temos uma escolha relativa ao que pensamos e a como modelamos nossos padrões de vida, nossos códigos morais, nossas instituições sociais e nossas tradições artísticas e literárias. O que é necessário é algo além das nossas tradições existentes para nos trazer de volta ao aspecto mais fundamental do humano. O problema nunca foi tão crítico quanto é agora. O ser humano está em um impasse. Estivemos usando nossa liberdade de determinação para nos colocar em desacordo com toda a comunidade não humana da existência terrestre. Precisamos dar a nós mesmos uma forma cultural que seja coerente com a comunidade maior da existência.

Em segundo lugar, precisamos trabalhar “no nível da espécie” porque os

nossos problemas estão além de qualquer solução cultural existente. Precisamos retornar à nossa codificação genética. Nossos problemas ocorrem no nível da espécie e no nível interespecies. Isso é claro em cada aspecto do humano. No que se refere à economia, não precisamos simplesmente de uma economia nacional ou global, mas de uma economia da espécie e interespecies. Atualmente, nossas escolas de negócios ensinam as habilidades por meio das quais o maior número possível de recursos naturais é processado o mais rapidamente possível, confiado à economia do consumidor e, em seguida, atirado na pilha de lixo onde, na melhor das hipóteses, é inútil, e na pior, tóxico para cada um dos seres vivos. A espécie humana tem necessidade de desenvolver relações econômicas recíprocas com outras formas de vida, fornecendo um padrão sustentável de apoio mútuo, como acontece com outros sistemas de vida.

No que se refere ao direito, precisamos de uma tradição legal da espécie que forneça os direitos legais de componentes geológicos e biológicos, assim como humanos, da comunidade da Terra. Um sistema legal exclusivamente para os seres humanos não é realista. Por exemplo, o habitat precisa receber *status* legal como lugar sagrado e inviolável para cada um dos modos de ser.

Em terceiro lugar, eu digo “com reflexão crítica” porque essa reinvenção do humano precisa ser realizada com competência crítica. Precisamos de todo o nosso conhecimento científico. Não podemos abandonar as nossas tecnologias. Precisamos, entretanto, ver se nossas tecnologias são coerentes com as tecnologias do mundo natural. Nosso conhecimento precisa ser uma resposta criativa ao mundo natural, e não uma dominação do mundo natural.

Em quarto lugar, precisamos reinventar o humano “dentro da comunidade dos sistemas de vida”. Como a Terra não é adequadamente compreendida nem por nossas tradições espirituais nem por nossas tradições científicas, o humano se tornou um adendo ou uma intrusão. Achamos que essa situação está ao nosso gosto porque ela nos permite evitar o problema da presença integral para a Terra. Essa atitude nos impede de considerar a Terra como uma sociedade única com relações éticas determinadas basicamente pelo bem-estar da comunidade total da Terra.

Mas, embora a Terra seja uma comunidade integral única, ela não é uma uniformidade global. Ela é altamente diferenciada em comunidades biorregionais - no ártico, bem como nas regiões tropicais, em montanhas,

vales, planícies e regiões litorâneas. Essas biorregiões podem ser descritas como áreas geográficas identificáveis de sistemas de vida interativos que são relativamente autossustentáveis nos processos da natureza em constante renovação. Sendo as unidades funcionais do planeta, essas biorregiões podem ser descritas como comunidades autopropagadoras, autoalimentadoras, autoeducadoras, autogovernadoras, autocurativas e autorrealizadoras.

Em quinto lugar, a reinvenção do humano precisa ocorrer “em um contexto de desenvolvimento temporal”. Nós agora entendemos o universo e o planeta Terra não simplesmente como uma sequência sempre renovável de transformações sazonais; ela também é um processo emergente que passa por uma sequência irreversível de episódios de transformação, que geralmente se movem de uma complexidade de estrutura menor para uma maior, de modos de consciência menores para maiores, de liberdades menores para maiores. Isso constitui o que poderia ser chamado de dimensão cosmológica do programa do Clube de Budapeste. Nosso sentido de quem nós somos e de qual é o nosso papel precisa começar onde o universo começa. Não apenas o nosso modelamento físico, mas também o nosso modelamento espiritual e cultural começa com a formação do universo.

Em sexto lugar, com base no que acabamos de dizer, nós podemos apreciar o papel diretor e energizador desempenhado pela “história do universo”. Essa história que nós conhecemos por meio da observação empírica é nosso recurso mais valioso para o estabelecimento de um modo de ser viável para a espécie humana, bem como para todos aqueles estupendos sistemas de vida por meio dos quais a Terra obtém sua grandeza, sua fertilidade e sua capacidade para a autorrenovação contínua. Essa história - como é narrada em sua expansão galáctica, em sua formação da Terra, em sua emergência da vida, e em sua manifestação da consciência nos seres humanos - desempenha em nosso tempo o papel dos relatos míticos sobre o universo que existiam em tempos antigos, quando a percepção humana era dominada por um modo de consciência espacial. Nós nos movemos do cosmos para a cosmogênese, da viagem na mandala para o centro de um mundo permanente, para a grande viagem irreversível do próprio universo como a jornada sagrada fundamental.

Essa jornada do universo é a jornada de cada ser individual no universo. A grande jornada é uma instigante história reveladora que nos dá a nossa

identidade macrofásica - as dimensões mais amplas de significado de que necessitamos. Ser capaz de identificar a microfase do nosso ser com o modo macrofásico do nosso ser é a quintessência do que precisa ser obtido.

O atual imperativo do humano é que essa jornada prossiga em direção ao futuro na integridade dos sistemas de vida que se desdobram na Terra, e cuja sobrevivência está atualmente ameaçada. Nosso grande fracasso é o fim da jornada para um tão grande número das mais brilhantes espécies da comunidade da vida. Esse fato horrendo é que nós estamos, como Norman Myers indicou, em um espasmo de extinção que provavelmente produzirá “o maior retrocesso isolado na abundância e na diversidade da vida desde que as primeiras centelhas da vida se manifestaram há quase 4 bilhões de anos”. Todo o trabalho e o cuidado gastos ao longo de um bilhão de anos e de incontáveis bilhões de experimentos para trazer à luz uma Terra tão deslumbrante podem ser negados por algo equivocadamente considerado progresso em direção a uma vida melhor em um mundo melhor.

O sétimo e último aspecto da minha declaração referente ao imperativo ético da nossa época é a “experiência de sonho compartilhado”. O processo criativo, seja ele de ordem humana ou cosmológica, é demasiadamente misterioso para uma explicação fácil. No entanto, todos nós temos a experiência da atividade criativa. Os processos humanos envolvem muita tentativa e erro, com sucessos apenas ocasionais em qualquer alto nível de distinção, e nós podemos muito bem acreditar que o processo cosmológico também passou por um período de experimentação muito longo a fim de atingir os processos ordenados do nosso universo atual.

Em ambos os casos, alguma coisa é percebida de maneira indistinta e incerta, alguma coisa radiante e com significado, que nos atrai para um esclarecimento ulterior da nossa compreensão e da nossa atividade. Subitamente, a partir da condição sem forma, aparece uma realidade formada. Esse processo pode ser descrito de muitas maneiras, como um tatear ou como um sentimento ou como um processo imaginativo. Pelo que parece, a maneira mais apropriada de descrever esse processo é o da realização de um sonho. O universo parece a realização de alguma coisa tão altamente imaginativa e tão esmagadora que precisa ter sido um sonho cuja existência foi concretizada.

Mas se o sonho é criativo, também precisamos reconhecer que algumas coisas são tão destrutivas como um sonho ou arrebatamento que perdeu a integridade do seu significado e se tornou uma manifestação exagerada e

destrutiva. Isso tem ocorrido com muita frequência com as ideologias políticas e com os visionários religiosos, mas não há sonho ou arrebatamento na história da Terra que tenha forjado a destruição que está ocorrendo em consequência do arrebatamento ao qual a civilização industrial se entrega. Tal arrebatamento precisa ser considerado como uma profunda patologia cultural. Ela só pode ser tratada por uma terapia cultural correspondentemente profunda. Essa terapia de cura só poderá ser bem-sucedida se estiver associada com uma visão criativa capaz de dar origem a uma expressão nova e mais integral de todo o processo planetário.

Tal é a nossa situação presente. Estamos envolvidos não apenas com uma questão ética, mas também com uma perturbação sancionada pelas próprias estruturas da própria cultura em sua fase atual. O sonho destrutivo do século XX aparece como um tipo de manifestação definitiva dessa profunda raiva interior da sociedade ocidental contra sua condição terrestre como membro de importância vital da comunidade da vida. Como acontece com o ganso que pôs o ovo de ouro, a Terra é violada em um esforço inútil de possuir não simplesmente os magníficos frutos da Terra, mas também o próprio poder por meio do qual esses esplendores emergiram.

Em tal momento, uma nova experiência reveladora é necessária, uma experiência na qual a consciência humana desperta para a grandeza e a qualidade sagrada do processo da Terra. Esse despertar é nossa participação humana no sonho da Terra, o sonho que é conduzido em sua integridade não em qualquer uma das expressões culturais da Terra, mas também nas profundezas da nossa codificação genética. Nesse sentido, a Terra funciona em um nível de profundidade que está além da nossa capacidade de percepção consciente. Só podemos ser sensibilizados por aquilo que nos é revelado. Nós provavelmente não temos uma tal participação no sonho da Terra desde os nossos antigos tempos xamânicos, mas nisso reside nossa esperança para o futuro, para nós mesmos e para toda a comunidade humana da Terra.

Robert Muller ... sobre a consciência e a emergência global

Em 50 anos de serviço nas Nações Unidas, eu vim a considerar o nascimento da consciência planetária, juntamente com a criação de instituições globais e a convocação de conferências mundiais, as maiores esperanças para permitir à humanidade estar à altura de responder aos

problemas agudos que enfrentamos. Em face da atual resistência, lentidão, e, até mesmo, oposição de muitos governos em tomar uma iniciativa em favor dos vários acordos intergovernamentais sobre o meio ambiente, e de ser membro do Clube de Budapeste, considero meu dever fazer as seguintes recomendações:

1. Declarar um estado de emergência da Terra.
2. Considerar a presente situação como uma guerra total: uma Terceira Guerra Mundial contra a natureza e os seus elementos, uma guerra que precisa acabar agora.
3. Solicitar uma segunda conferência mundial sobre a biosfera, 30 anos depois da primeira, em 1978, para avaliar o estado atual da biosfera.
4. Apoiar a extensão a outros países do World Party of Natural Law já existente em 85 países por iniciativa de cientistas britânicos.
5. Colocar o nosso peso por trás de uma mudança radical no sistema político do nosso planeta, um sistema que, atualmente, oferece serviços e recursos financeiros a comunidades locais, metrópoles, províncias e nações, mas deixa a Terra e a família humana quase inteiramente sem serviços e recursos financeiros adequados em uma época em que esses são urgentemente necessários.
6. Em vista do caos do sistema da nação-Estado, de sua colossal duplicação de serviços e de seus custos financeiros (por exemplo, os establishments militares nacionais), concordar urgentemente sobre a necessidade absoluta e imperativa de criar, mais cedo ou mais tarde, mas inevitavelmente, um Governo Terrestre adequado na forma de um Governo Federal, de um Estados Unidos do Mundo, ou de uma União baseada no modelo da União Europeia de cinco Uniões continentais com uma superestrutura global, ou de um governo padronizado em modelos biorregionais ou bio-organizacionais sugeridos pela própria natureza.

Na ausência de tais iniciativas, é provável que vejamos o desaparecimento da maior parte das formas de vida, inclusive da vida humana, deste planeta no decorrer do século XXI.

Riane Eisler ... sobre a parceria e a nova consciência

A comunidade humana se defronta com um desafio sem paralelo: como criar as mudanças na consciência necessárias para que tenhamos um futuro mais equitativo e sustentável. A consciência humana não emana no vácuo: ela é modelada pela cultura. É por isso que nesta encruzilhada evolutiva - quando nós e o nosso habitat natural estamos sendo, como nunca estivemos antes, remodelados pela tecnologia - a evolução cultural é tão importante quanto a evolução biológica, e sob certos aspectos ainda mais.

Ao longo dos últimos 300 anos, vimos que ocorreram grandes mudanças na consciência: desafios a crenças e instituições que, não faz muito tempo, eram consideradas como “a exata maneira como as coisas são”. Esses desafios foram iniciados por minorias pequenas, impopulares e, com frequência, perseguidas, conscientes de que nós, seres humanos, temos alternativas - conscientes de que a dominação exercida pelo homem sobre a natureza, as mulheres e os homens “inferiores” não é divinamente ordenada nem biologicamente prefigurada.

À medida que essa consciência se difundia, movimentos de massa se manifestaram, desafiando o direito dos reis, supostamente ordenado por decreto divino, de governar seus “súditos”, o dos homens de governar mulheres e crianças nos “castelos” de seus lares, o de raças “superiores” de governar raças “inferiores”, o de tribos e nações aguerridas de conquistar outras mais pacíficas, e, mais recentemente, o de nossa espécie de povoar em excesso, saquear e poluir o habitat planetário.

Embora ainda não pensemos nesses movimentos dessa maneira, eles não são aleatórios e desconexos, nem o é a resistência a eles. Sob as correntes e contracorrentes da história, ocorre a tensão dinâmica entre duas possibilidades básicas da cultura humana: parceria e dominação. Cada um desses modelos tem uma configuração muito diferente, que fica visível quando nos tornamos conscientes de uma dinâmica sistêmica interativa, geralmente ignorada: a de que as relações nas esferas privada e pública estão inextricavelmente entrelaçadas. De fato, é por meio de nossas relações íntimas que nós primeiro aprendemos e, em seguida, praticamos continuamente o respeito pelos direitos humanos, ou a violação desses direitos, bem como o respeito pelo habitat natural, ou a negligência por ele. Por meio dessas relações que envolvem tocar o corpo, nossas relações sexuais íntimas, bem como nossas relações na primeira infância, nós internalizamos, em um nível neurológico profundamente inconsciente, como dois corpos devem se relacionar. Se nós devemos efetivamente mudar

a consciência na direção necessária para a sobrevivência humana e planetária, é preciso abordar a questão crítica de como a consciência é culturalmente formada e replicada.

Um dos grandes desafios com que nos defrontamos é o de como despertar a consciência contemporânea para a possibilidade - e a urgente necessidade - de relações baseadas fundamentalmente na parceria em vez da dominação, tanto na esfera privada como na pública. Com relação a isso, precisamos banir alguns mitos predominantes a respeito do que é popularmente chamado de “natureza humana” - nossas restrições e possibilidades biológicas. Apesar de certos mitos afirmarem que nós, seres humanos, somos abjetos, falhos por causa do pecado original ou de genes egoístas, o mais profundo anseio humano arraigado em nossa evolução biológica é pela conexão afetiva. De fato, apesar de nosso condicionamento, durante milhares de anos, a relações de dominação e não de parceria uns com os outros e com a natureza, temos uma capacidade inerente, na verdade um impulso inerente, para relações baseadas na parceria. Apesar de crenças e instituições que recompensaram, e até mesmo idealizaram, a crueldade e a violência (como em nossos épicos “heroicos”), temos uma enorme capacidade para comportamentos afetivos e altruístas - como é demonstrado, por exemplo, pelas mulheres e homens que, durante a era nazista, arriscaram suas vidas e as de suas famílias para salvar judeus. Não obstante os mitos de que homens naturalmente querem dominar mulheres e mulheres naturalmente querem ser dominadas, mulheres e homens em todo o mundo estiveram se movendo em direção a relações baseadas na parceria tanto na esfera pública como na privada. Apesar de provérbios tais como “criança mimada, criança estragada” (Em inglês *spare the rod and spoil the child*, isto é, “se você poupar a palmatória, estragará a criança”. N. do T.) e da noção de que a violência pode ser o instrumento da nossa libertação (ainda propagada por algumas autoridades religiosas fundamentalistas), a instituição da guerra, assim como formas institucionalizadas de violência íntima, como o ato de bater no cônjuge e nas crianças, têm sido cada vez mais contestadas. E, como este livro mostra, apesar da idealização persistente da “conquista da natureza pelo homem”, a consciência das nossas interconexões com todas as formas de vida neste planeta está começando a reemergir.

Durante os três últimos séculos, vimos a manifestação de uma das principais revoluções na consciência: vimos emergir, em fragmentos e pedaços, a consciência de que uma maneira de estruturar a sociedade e a

cultura humana com base na parceria é uma possibilidade viável. Também começamos a ver o reconhecimento de algo mais: que os seres humanos são a única espécie conhecida que tenta conscientemente criar uma sociedade mais equitativa e mais sustentável - mais uma vez, sugerindo não apenas que uma forma de organização social baseada na parceria é essencial no presente momento da nossa evolução cultural e tecnológica, mas também que ela é a forma de que precisamos se devemos desenvolver nossos potenciais especificamente humanos.

É essa emergente consciência *Holos* - e os esforços ativos de cada um de nós para difundi-la através de todas as nossas instituições, da família e da religião para a política, a economia, a educação e os meios de comunicação de massa -, que nos oferece uma esperança realista para o nosso futuro e o das gerações que virão.

Edgar Morin ... sobre o caminho evolutivo

Uma situação globalizada pede uma resposta global. Tal resposta terá de ser preparada, iniciada e estimulada por iniciativas locais. Estamos em um movimento dialético de partes e totalidades: as partes contribuem para o todo. Nesse sentido, os estados nacionais podem desempenhar um papel decisivo - contanto que, em seu próprio interesse, eles abandonem pretensões de soberania absoluta com relação às grandes questões de interesse comum, questões de vida e morte. Essas questões vão muito além da sua própria competência nacional. A era produtiva das nações-Estados empunhando poder absoluto passou. Isso não significa que as nações-Estados precisam ser desintegradas. Em vez disso, elas precisam ser integradas em totalidades maiores com relação aos imperativos vitais do planeta dos quais elas mesmas constituem uma parte.

A questão é ainda mais crucial porque, como consequência indireta, o processo de globalização dá lugar à balcanização e à recalcitrância nacional e etnocêntrica. Um caminho evolutivo pode se esclarecer somente na dialética do local e do global, do nacional e do mundial, a partir da conjunção e da sinergia de várias forças e tendências que progridam em uma direção salutar. Esse caminho precisa permitir:

1. A difusão universal da providência social do Estado (que requer a desburocratização da pesada maquinaria estatal).

2. A regulação ou a desaceleração da competição econômica internacional. Isso pressupõe a ação de autoridades internacionais “trinitárias” (econômicas, ecológicas, culturais) que sejam tão competentes para combater a degradação ecológica resultante do crescimento descontrolado quanto para combater a degradação cultural ocasionada pela ocidentalização crescente.
3. O planejamento de uma política intensificadora de civilização para interromper os processos de destruição e autodestruição gerados pela globalização da sociedade ocidental. Essa política precisa regenerar e promover as virtudes humanistas, racionais, civis, críticas e autocríticas que foram criadas nesse processo, virtudes que são ingredientes necessários na reforma da civilização.
4. A emergência de uma cidadania planetária com ramos em todo o mundo por meio de associações humanitárias e ecológicas e organizações não governamentais preocupadas com o desenvolvimento, os direitos das mulheres, a proteção das minorias, e iniciativas semelhantes.
5. O fortalecimento da consciência das pessoas de que elas pertencem à Terra como nosso lar compartilhado. Essa consciência Holos implica não somente uma percepção aguçada da nossa comunidade e do nosso destino terrestre, mas também uma percepção de nossas origens comuns e de nossa identidade comum. Ela constitui a unidade na multiplicidade nas esferas biológica e psicológica, bem como nas esferas culturais. Arraigando a nossa consciência em nosso sentimento de pertencer à Terra-Lar, podemos desenvolver um sentido de responsabilidade e de solidariedade mútua, e civilizar as relações humanas em todas as partes do globo.

Uma nova maneira de pensar está estreitamente ligada com uma nova consciência. Isso não significa que temos de nos “desalienar” (até certo ponto, precisamos nos alienar de outras pessoas para nos tornarmos nós mesmos); em vez disso, significa que temos de nos desfazer do egocentrismo e do etnocentrismo enquanto salvaguardamos nossas raízes.

Ignazio Masulli ... sobre a consciência da espécie

Estamos sendo chamados a dar um passo historicamente sem

precedentes, um passo que não pode sequer ser imaginado exceto depois que tenhamos atingido uma nova fase da consciência histórica - uma consciência de nós mesmos como espécie. Eioje, até mesmo a vida e a perpetuação da vida se tornaram problemas de dimensões históricas. A responsabilidade pela evolução não pode mais ser deixada nas mãos dos mecanismos de defesa instintivos do indivíduo, que são atualmente os únicos fundamentos de nossos julgamentos de valor. Essa responsabilidade se tornou um problema de decisões históricas, um problema que envolve toda a espécie.

Ao longo de grande parte de sua história, a evolução da espécie humana seguiu de mãos dadas com tentativas feitas pela sociedade para se defender contra contingências que surgem de calamidades naturais, assim como de ameaças que se originam de seu ambiente interno. Isso trouxe para a linha de frente as forças do egotismo, expressas em atos de dominação e de antagonismo. A paisagem da história está emporcalhada com evidências inequívocas de selvagens comportamentos competitivos na forma de armas, fortificações, fronteiras e todos os tipos de instrumentos e símbolos de poder. Correspondendo a esses, num disfarce não material, encontramos as demarcações não menos rígidas perpetradas por símbolos de identidade, às vezes sobrepostos uns aos outros: o indivíduo, o clã, o grupo étnico, a nação, a raça.

Hoje, essas barreiras e discriminações se tornaram muros que nos aprisionam. Em vista dos atuais problemas mundiais com suas interdependências globais, toda a nossa vontade e energia serão requeridas se precisamos quebrar os muros que erguemos ao nosso redor e dentro de nós mesmos.

É importante que nos lembremos da advertência de Jonas Salk: Nossa evolução futura não será decidida pela sobrevivência do mais forte, mas pela sobrevivência do mais sábio. Um impulso antropológico essencial, o do Ser, precisa prevalecer sobre as pressões do Ego. É essa a transformação que nós somos convocados a empreender. Dificilmente Ervin Laszlo poderia ser mais claro do que o foi. Aqui, devo apenas enfatizar três pontos.

O primeiro diz respeito à natureza global dos problemas com que nos defrontamos. Nos anos recentes, testemunhamos um grande número de estudos e debates, de fontes institucionais e outras fontes, relativas ao desequilíbrio crítico causado pela nossa exploração comercial e desperdício dos recursos naturais, a explosão demográfica, que impactam, acima de

tudo, as áreas mais pobres do mundo, e a crescente, e cada vez mais séria, divisão entre riqueza e pobreza. E quem entre nós não experimentou uma sensação de frustração, e até mesmo um total pessimismo, ao sentir que todas as palavras despendidas sobre esses assuntos têm probabilidade muito pequena de serem seguidas por ação concreta? O que emerge das páginas deste livro é a sua visão global. Isso não é apenas uma questão de colocar um problema ao lado de outro. Em vez disso, essa visão deriva da capacidade para rastrear os problemas até as suas origens históricas; isto é, ao pensamento e à ação pelos quais eles foram gerados. A partir de tal ponto de vista, é possível imaginar soluções exequíveis.

O segundo ponto, intimamente ligado com o primeiro, se refere ao fato de que Laszlo identifica os pontos-chave sobre os quais se deve agir a fim de se obter uma nova perspectiva. Ele fala muito claramente: as respostas aos problemas não podem ser delegadas à elite tradicional, seja ela econômica, política, científica, ou outra. Elas podem apenas surgir de uma nova consciência, progressivamente mais profunda e abrangente, que deve se tornar a propriedade comum dos povos do mundo. Ele afirma explicitamente que, embora numerosas visões inovadoras para tentar resolver problemas desse tipo tenham sido produzidas por indivíduos e grupos - embora esses sejam uma minoria na comunidade científica - eles permanecem muito afastados da opinião pública. As novas abordagens não foram apresentadas ao público de modo a se tornar inteligíveis a ele, e as concepções amplamente difundidas tenderam a ficar obsoletas.

Eu poderia acrescentar que a difusão de visões e abordagens inovadoras que impactam sobre a consciência da maioria requer uma mudança nas relações entre ciência e sociedade. Não menos significativa é a advertência, feita à elite econômica e política, de que, a não ser que repensemos a ética da economia e da política, será impossível obter uma relação diferente entre aqueles que detêm o poder e aqueles que são afetados por eles. É preciso encontrar espaço para decisões que não são decretadas por interesses documentados e regionais. Tendo em vista que somos solicitados a fazer escolhas diferentes daquelas que foram feitas antes, nossas decisões precisam se dirigir para os objetivos gerais da humanidade como um todo. Isso só será possível se reconhecermos as exigências realmente fundamentais.

O terceiro ponto se refere à busca pelas fontes da nova consciência *Holos*. Com relação a isso, a arte e a ciência estão novamente ligadas. A

arte está envolvida porque é capaz de sondar as profundezas da importância da condição humana e das relações que ligam às pessoas umas às outras e ao mundo vivo como um todo. A ciência está envolvida porque ela contribui para recuperar um significado unitário do mundo. Esses potenciais da arte e da ciência precisam de uma atenção focalizada e de um desenvolvimento cuidadoso. A revolução científica do século XVII preparou o caminho para os surpreendentes avanços científicos e técnicos da nossa época, mas adotou maneiras de pensar instrumentais e regionais. A tarefa histórica dos cientistas contemporâneos é reconstruir uma concepção unitária e orgânica da realidade.

Gary Zukav ... sobre a transformação evolutiva sem precedentes

A espécie humana ingressou em um período de mudança profunda, fundamental e sem precedentes. Sua capacidade perceptiva está se expandindo além dos cinco sentidos. Ela está adquirindo a capacidade de ver a si mesma como parte de um tecido de vida maior. O universo está se tornando visível a ela como um empreendimento espiritual em vez de material.

Até recentemente, a percepção da humanidade esteve limitada aos cinco sentidos, e evoluiu por meio da exploração do mundo físico. A nova humanidade emergente não está limitada à percepção dos cinco sentidos. Ela é altamente intuitiva, e seus meios de evolução são totalmente diferentes. A humanidade emergente evolui por meio da escolha responsável. Uma escolha responsável é uma escolha que produz consequências para as quais quem escolhe está disposto a assumir responsabilidade.

Isso muda tudo. Primeiro, a percepção do poder está mudando da capacidade de manipular e de controlar para o alinhamento da personalidade com a alma. Seres humanos multissensoriais veem a si mesmos como mais do que mente e corpo. Eles veem a si mesmos como almas imortais que evoluem voluntariamente em um ambiente de aprendizagem especial: o domínio dos cinco sentidos. A percepção do poder como a capacidade de manipular e de controlar não é atraente para eles, nem dotada de precisão. Eles reconhecem o alinhamento da personalidade com a alma como poder autêntico, e a escolha responsável como o meio de criá-la. A modalidade evolutiva da humanidade emergente

é o alinhamento da personalidade com a alma por meio da escolha responsável.

O ativismo social separado da criação do poder autêntico é a procura do poder externo - a tentativa de impor uma vontade sobre outra. A procura do poder externo produz somente violência e destruição. O que antes serviu para a evolução da humanidade é agora contraproducente e perigoso. Velhas maneiras de responder aos desafios de uma vida sobre a Terra não funcionam mais. Os desafios nunca foram maiores ou mais numerosos: a deterioração do controle das armas nucleares, a poluição maciça, a extinção rápida de espécies e de culturas, a violência crescente, uma vida de duração mais longa, e uma população humana que cresce exponencialmente com uma base de recursos finita para sustentá-la.

Os velhos meios são manipulação e controle com a assistência do intelecto. Os novos meios - e os únicos que agora oferecem um futuro à humanidade - são escolhas responsáveis de harmonia, cooperação, partilha e reverência pela vida com a assistência do coração.

Qualquer causa que identifique um vilão contribui para o problema, e não para sua solução. O problema é interno; somente suas ramificações são externas. O externo espelha o interno. Nenhum esforço para mudar o reflexo mudará a fonte da reflexão. Nenhuma guerra para pôr fim às guerras porá fim às guerras, nem jamais o fez. Nenhuma campanha contra a ganância porá fim à avareza a não ser que seja empreendida onde a ganância vive - no coração de quem empreende a campanha. Toda mudança requer uma mudança de consciência. Sempre foi assim. Agora a humanidade está desenvolvendo a capacidade de reconhecer essa dinâmica e cooperar com ela.

Essa é a transformação evolutiva sem precedentes que está a caminho: a expansão da consideração humana para além de suas próprias necessidades, rumo ao universo sem limites da sabedoria e da compaixão do qual ela é parte. É nossa capacidade emergente para colaborar, pela primeira vez como espécie, com formas de vida não físicas, e no entanto reais, que são avançadas com relação à nossa própria espécie. Ela está em parceria com o universo pelas vias mais conscientes e responsáveis, e com a alegria e a realização que daí resultam. É a responsabilidade pessoal radical pelo todo por meio do autocultivo da compaixão e da bondade, por meio da procura do poder autêntico. No cerne desse empreendimento, o que se requer é o cultivo da consciência. Cabe a cada indivíduo empreendê-lo e completá-lo.

É o maior desabo e a maior alegria que hoje preenche a nossa vida.

Os comentários dos parceiros

Franz-Josef Radermacher - Diretor da Initiative for a Global Marshall Plan (Alemanha)

Com este novo livro, Ervin Laszlo, presidente do Clube de Budapeste, nos oferece uma importante contribuição para o entendimento da presente situação global. Laszlo, o Clube de Budapeste, o World Wisdom Council e outros *think tanks* como o Clube de Roma, o Eco-Social Forum of Europe, a Foundation for Global Contract e a Initiative for a Global Marshall Plan lidam todos com um mundo *problemático*, e argumentam que o nosso mundo se encontra hoje numa situação extremamente difícil; as tendências estão apontando na direção errada. Esse não é o caminho para a sustentabilidade; esse é um caminho para lacunas sociais, pobreza, desequilíbrio cultural, terrorismo, guerra e destruição. Recentes ataques terroristas, a inundação catastrófica em New Orleans e a guerra no Iraque dão uma indicação de que as coisas estão indo na direção errada.

Note, entretanto, que nós estamos em apuros não porque a ciência não é suficientemente poderosa ou porque nossos meios tecnológicos não são suficientes em alcance e em variedade. Não, é porque nós usamos nossas ideias da maneira errada, impelidos como somos por arcabouços globais que contradizem todas as experiências que temos com relação a como organizar sistemas que funcionem. Alguns grupos poderosos são bem-sucedidos em implementar um regime global de livre comércio seletivo que é atraente para pessoas e organizações em posições de poder, mas que causam tensões na natureza, bem como na maioria dos povos sobre o globo. Isso está fadado a levar ao desastre e ao conflito.

Porém, ainda não está decidido se nós iremos prosseguir nesse caminho até o fim ou escolher um caminho mais iluminativo. Partirmos para um caminho mais esclarecido não é, em princípio, um problema. O que nós precisamos é uma maneira diferente de pensar, baseada na experiência de estados bem-sucedidos. Uma filosofia mais iluminativa é ilustrada no processo de expansão da Comunidade Europeia, um modelo de globalização que pode ser o único que atualmente funciona.

Ervin Laszlo descreve a situação de maneira convincente. O que está em

jogo e quais são as alternativas? Com referência à teoria sistêmica e à teoria do caos, ele descreve o que significa ter alcançado uma fase crítica de bifurcação - um Ponto do Caos. Estamos perto desse ponto de mudança irreversível, e isso significa que as coisas que fazemos - que cada indivíduo faz - pode fazer uma diferença. É na janela de decisão que precede o ponto de mudança irreversível que as atividades de pequenos grupos e até mesmo de indivíduos se tornam da máxima importância.

Há uma chance de que milhares logo agirão, pois a perspectiva do desastre que se aproxima os faz cientes da necessidade de tal ação. É como a onda que, na frente de um barco, sinaliza a todos os que a veem que alguma coisa “grande” está vindo. Hoje, os sinais visíveis do desastre que se aproxima são a migração, a inanição, as mudanças climáticas, as catástrofes naturais, os limites dos recursos e a poluição excessiva. A melhor perspectiva que se abre quando se alcança um ponto de inflexão irreversível é a de coordenar milhões de pessoas, todas as quais, individualmente, dão pequenos passos, mas se forem passos esclarecidos e que se reforçam mutuamente, eles se tornarão a onda que mudará o mundo.

Ervin Laszlo é certamente uma pessoa que nos dá esperança, que motiva a mudança, que trabalha no sentido de fazermos uso do ponto da mudança irreversível para escolhermos o caminho certo para o futuro. Seu livro se junta a outros que abordam esse tópico, mas ele dá a sua própria contribuição particular elaborando os elementos e as dimensões do caos na transformação. Mas Laszlo dá ainda um outro passo unindo a busca pelo caminho em direção a um futuro melhor e as descobertas de suas próprias pesquisas anteriores relativas às ligações entre as pessoas, e entre as pessoas e a natureza.

Espero que, graças a este livro, muitos e muitos leitores se tornem parte ativa do ponto da mudança irreversível que pode nos levar para um futuro melhor.

James O'Dea - Presidente do Instituto de Ciências Noéticas (Califórnia)

Dois fatos definem e modelam a experiência humana:

- Somos criaturas vivas encaixadas em uma biosfera e emaranhadas em uma complexa teia da vida.
- Temos uma vida interior que deriva sua vívida existência do fato de

fazer significado.

Quer você argumente que nós somos, essencialmente, seres espirituais que têm uma experiência biológica para o propósito do crescimento da nossa alma, que nós emergimos de, e somos sustentados por, um campo de consciência que antecede a vida biológica, ou quer você acredite que a nossa percepção autorreflexiva emergiu do lodo primordial e é um subproduto da complexidade evolutiva, todos nós podemos concordar com o fato de que *os seres humanos são criaturas biológicas que requerem significado em suas vidas, tanto quanto requerem o oxigênio que respiram e os nutrientes que colocam em seus corpos.*

O problema, como vemos agora, no despontar do século XXI, é que nós, enquanto espécie, parecemos completamente dominados pela nossa incapacidade para estabelecer entre esses dois fatos de nossa existência uma relação coerente e harmoniosa. De fato, esses dois aspectos fundamentais da vida humana parecem estar em guerra cada vez mais acirrada um contra o outro, precipitando crises em sistemas inteiros e aumentando o número de cenários convincentes que questionam nossa sobrevivência no longo prazo.

Desse modo, como pôde a nossa primorosa capacidade para construir significado ficar tão fora de alinhamento com as exigências biológicas para a sustentabilidade da vida no planeta Terra? Como os significados predominantes passaram a tal ponto à nossa frente que eles nos destruirão a não ser que os transformemos? Por que a natureza é tão desvalorizada ao mesmo tempo em que se coloca valor excessivo nas máquinas e em sua miríade de funções?

A resposta longa envolve uma análise que procura entender as razões pelas quais o materialismo se tornou o princípio organizador dominante em todo o mundo, dizimando com velocidade sempre crescente a sutileza, a beleza e a diversidade das culturas, dos ofícios e dos comércios, as paisagens e os incontáveis números de espécies, e pondo em perigo, cada vez mais, a qualidade do ar, dos alimentos e da água. Isso envolve uma análise da divisão mente-corpo, da divisão mente-matéria, a rachadura que fraturou a ordem natural e os ritmos da natureza, e o reputado papel que uma multidão de filósofos e cientistas têm desempenhado em modelar o materialismo científico dominante, as iniquidades econômicas sistêmicas e a persistente violência que ocorre no mundo atual. Também envolve uma análise de como o significado se organiza e condiciona a nossa percepção,

criando filtros altamente seletivos e pontos cegos. Finalmente, a resposta longa envolve a melhor compreensão disponível a nós a respeito da natureza e da fonte da consciência e de sua capacidade para transformar sistemas de significado disfuncionais e obsoletos, e seus comportamentos derivados.

A resposta curta à pergunta: “Como podemos nos adiantar tanto à frente de nós mesmos a ponto de estarmos agora ameaçados em nossa própria saúde, bem-estar, e até mesmo em nossa sobrevivência?” é esta: “O ego.”

O ego tem sido o assunto de muitas análises desde que os seres humanos demonstraram pela primeira vez capacidade para cultivar a sabedoria. Ao longo de todas as eras, afirmou-se que o ego precisa ser transcendido. Mas o ego acha que é profundamente confuso reconhecer que o seu papel é limitado e transitório, e ele repele esse reconhecimento em ambos os níveis, individual e coletivo, com consequências negativas. Um enorme sofrimento resulta de nossa incapacidade para apreender a função do ego, que é a de colocar em casulo uma autopercepção suficiente para catalisar a transformação de um estado do ser em outro. Em vez de ser a casca do casulo onde somos incubados para, rompendo-a, renascermos na consciência superior, ele se torna a prisão da autoilusão descrita de modo tão belo em textos espirituais antigos. Ele se torna a barreira para o desenvolvimento superior e bloqueia a transformação. O que o ego valoriza com tanto afeto precisa ser renunciado, liberado, em favor de algo de valor maior, que ele não pode perceber, e em favor de um significado mais inclusivo, que ele não pode compreender!

Esse alinhamento de conceitos ao redor de significados, valores, ego e estágios de desenvolvimento tem consequências para a transformação individual, social e global.

O significado constela em torno de valores. O que nós valorizamos se tornou um prognosticador daquilo que iremos comprar, do quanto consumiremos, de como votaremos, de com quem nos relacionaremos ou não, e com quase cada manifestação de comportamento e de crença privada e social. Ao longo de todo o globo, os valores se tornaram um assunto atualíssimo. Aglomerados de valor-significado receberam exames minuciosos, de psicólogos do desenvolvimento a sociólogos, de empresários a estrategistas políticos. Nossos valores são procurados, interpretados, manipulados, debatidos, desafiados, bombasticamente exaltados e até mesmo tomados como a base para conflitos violentos,

terrorismo e guerra.

Depois da Segunda Guerra Mundial, as nações do mundo se reuniram e criaram, com um profundo grau de consenso, a Declaração Universal de Direitos Humanos. A carnificina e a destruição provocadas pela guerra ao redor do mundo precipitaram uma decisão de procurar um terreno superior. Desse modo, esse documento pioneiro proclamou o valor de todos os seres humanos e afirmou seus direitos como nunca isso havia sido feito antes. A história dos direitos humanos foi marcada por inclusões em número cada vez maior: direitos que não haviam sido concedidos a mulheres, crianças, populações minoritárias, refugiados, pessoas física e mentalmente invalidadas, e aqueles que têm uma orientação sexual divergente têm sido gradualmente incluídos. O direito de cada pessoa à saúde básica, educação, segurança e processo legal devido tem aumentado constantemente. A partir do trauma da conflagração global, o imperativo de renunciar a valores menores em proveito de valores universais maiores foi forjado com poder visionário e consequências universalmente positivas.

Existe algum acordo a respeito do fato de que valores e significados se aglomeram em estágios que vão da ordem e da disciplina rudimentar à consciência universal, de necessidades básicas de alimentação e segurança à autorrealização, de pequenos clãs autoprotetores ao serviço universalmente orientado. Uma visão de mundo que sintetiza crenças, valores e significado em vários estágios de desenvolvimento traz coerência a essa fase enquanto a mantém coesa. Em seguida, novas e profundas percepções, informações ou maneiras de ser desafiam a estrutura de crença existente de maneira suficientemente significativa para impeli-la a uma nova fase. Esse processo é sempre mais do que a mudança linear, ele é transformador. Mudanças na opinião e na moda populares (o assunto de intermináveis pesquisas de mercado) são mudanças lineares; elas mudam apenas as aparências superficiais e não mudam níveis e paradigmas. A transformação é o processo que facilita o movimento de formas limitadoras e constritivas de identificação para algo mais amplo, mais inclusivo e mais total.

Agora, o nosso dia chegou. O dia em que damos um passo para além da imaginação mais estreita das nações-Estados invocando sua inclusão numa corajosa colaboração em favor de toda a vida: uma colaboração que foi outrora o sonho de idealistas é agora o chamado de um realismo desperto, desperto pela compreensão de que a próxima mudança de fase é um imperativo. Essa mudança de fase tem sido assimilada a uma transição

coletiva da espécie da adolescência à maturidade: ao se chegar a um acordo com a realidade dos limites, ingressamos na plenitude de nosso poder criativo.

Teremos de desistir de alguns dos nossos brinquedos! Teremos de assumir mais responsabilidade, com um conhecimento do que os céus, os oceanos, as florestas e toda a vida que eles contêm estão inextricavelmente entretecidos na qualidade da nossa vida e de toda a vida que virá. Teremos de aprender a viver e a dialogar com diferentes pontos de vista e perspectivas. Teremos de compartilhar.

Por outro lado, dar apoio à nossa mudança coletiva da adolescência à maturidade é uma ciência que está atingindo a maioridade. É uma ciência que traz uma percepção profunda e revigorada que vem da exploração das raízes da consciência humana. Ela nos diz, com base em muitas boas pesquisas, que somos feitos de amor, de relações estimulantes e nutritivas, de gratidão, de perdão, de altruísmo e até mesmo de riso. Ela nos diz que o ressentimento, o comportamento que não perdoa, a raiva persistente, a ansiedade e o isolamento aumentam a energia negativa, que prejudica a nossa saúde, rompe relacionamentos e desencadeia violência. Ela nos diz que temos capacidades curativas e que os nossos pensamentos se estendem para dentro do mundo sensorial. Isso não é uma prescrição moral a respeito de vício e virtude; isso é ciência integral, a ciência que olha tanto para o ser interior como para os fenômenos externos. Graças a essa ciência, agora sabemos muito mais a respeito da relação causal entre ideias, atitudes, emoções, percepções, intenções, crenças e o que vemos manifesto no mundo.

Estamos até mesmo avançando firmemente para teorias de entrelaçamento quântico e consciência que poderão transformar totalmente a nossa noção do relacionamento entre o individual e o coletivo.

A ciência integral explora o desenvolvimento ideal da nossa vida e capacidades interiores e a tradução da percepção e da criatividade humanas subjetivas em sistemas iluminativos. É uma ciência que alinha o exterior e o interior. Ela reúne mundos que hoje parecem perigosamente desconectados. Ela examina mais profundamente a natureza verdadeira do nosso ser, explora as estruturas profundas e o planejamento do universo, e os projetos mais adequados e satisfatórios para se viver. Ela confirma que os seres humanos existem em uma consciência espaçosa cujos limites são desconhecidos, bem como em uma realidade interconectada e ricamente

sensorial que, por sua vez, afeta profundamente sua saúde e seu bem-estar. Ela é fascinada pelo grau em que o mundo subjetivo da nossa experiência influencia e interage com o mundo das frequências, energia, espaço, tempo e matéria.

Para que essa ciência integral esteja ao nosso alcance, precisamos ousar catalisar uma educação integral que permita, às gerações que virão, estabelecer uma ligação com suas dimensões internas, que estimule e nutra a percepção expandida da totalidade humana e que desencadeie a criatividade tão necessária para transformar o nosso mundo. E a medicina integral está apenas começando a emergir, com sua visão e sua prática expandidas em torno da totalidade e da cura. As atividades comerciais integrais também estão entrando em cena, definindo o sucesso em função dos benefícios ecológicos, dos valores socialmente responsáveis e do bem-estar dos funcionários. A política integral parece um sonho distante no qual políticos realmente competirão para servir ao bem maior ecológico, social e global; quando políticos serão nomeados porque são habilitados agentes de transformação cujos valores e cuja maturidade não são, demonstravelmente, baseados no ego.

E, desse modo, a maré montante da transformação que é atualmente convocada está se infiltrando no coração e na mente das pessoas ao redor do mundo - pois, para realmente ser a transformação a que estamos nos referindo, ela não pode ser algum novo empreendimento colonial ou missionário. Ela precisa vir de dentro de uma paixão espiritual que seja inspirada pela unidade. Ela precisa ser uma resposta a uma necessidade primitivamente sentida e precisa vir de um lugar interior que saiba diretamente o que ela é, no melhor interesse do todo. Ela precisa se erguer na consciência coletiva, e precisa ser expressa e incorporada. Ela não é uma transformação mental, mas uma transformação que ressoa completamente através do espírito, da mente e do corpo. Essa é uma transformação que, de início, expõe as mentiras que são uma completa disparidade entre o que é professado e o que é praticado; ela tem de fazê-lo a fim de assegurar o terreno para uma verdade muito mais plena e para uma integridade maior. Seja cuidadoso, pois é um tempo em que, para cada um de nós, o pensamento, a palavra e o ato precisam estar coerentemente alinhados, caso contrário as inconsistências se tornarão dolorosamente evidentes.

Será que nos transformaremos a tempo?

Encontre a mão de alguém, e em seguida outra, e mais outra. Não se

preocupe com idade, raça, sexo ou *status* social daqueles com os quais você entra em contato; apenas confie em seus instintos. Perguntem uns aos outros a respeito do que vocês realmente mais valorizam e do que vocês estão dispostos a abandonar a fim de se colocarem em pleno alinhamento com tudo o que seja mais precioso para todos nós. Lembre-se, o significado é um grande organizador que configura e adquire grande *momentum* ao redor dos nossos valores. O que milhões de pessoas estão começando a sentir profundamente em seus corações poderá muito bem estar nas manchetes de amanhã. Isso não acontecerá se o seu coração estiver entorpecido ou se a sua cabeça estiver inconsciente; simplesmente, não existe fingimento quando se trata de uma transformação dessa ordem.

Quando você der o salto, você estará tão feliz que terá olhos para ver, mãos para tocar e coração para sentir a beleza de um mundo transformado.

E se você não der, eu também não estarei por perto. Esse é o verdadeiro significado do Ponto do Caos descrito por Ervin Laszlo neste livro. E quando você lê-lo, você compreenderá que eu estou profundamente comprometido em dar esse salto junto com você.

Hiroo Saionji, presidente, e Masami Saionji, presidenta, da Goi Peace Foundation (Japão)

Este novo e importante livro de Ervin Laszlo, fundador da filosofia sistêmica e da teoria geral da evolução, chega em um momento extremamente crítico da evolução da humanidade. Nossa civilização está em uma encruzilhada neste preciso momento. Estivemos sentindo uma inquietação crescente a respeito de uma crise que paira sobre o meio ambiente, as lutas étnicas e religiosas, a agressão e o terrorismo, e o uso potencial de armas nucleares. Na base de todas essas crises, assoma uma séria crise na consciência humana.

A consciência humana é uma força criativa. Como prestamos tão pouca atenção à maneira como estamos dirigindo nossa própria consciência, nós, seres humanos, temos impulsionado o mundo ao longo de um caminho perigoso. Agora, resultados desastrosos estão irrompendo por toda a nossa volta. O mundo se tornou econômica, social e ecologicamente insustentável, e a própria civilização humana está em risco. Muitas pessoas se sentem apreensivas, confusas e impotentes quanto ao seu futuro. Como nós criamos essa situação? Como podemos mudar de direção? Para responder a essas

perguntas, precisamos olhar profundamente em nossa própria consciência e observar os nossos próprios valores e crenças.

Ao longo de todo o século XX, o que nós, seres humanos, valorizamos? Na maior parte, valorizamos coisas materiais, e lutamos para criar vidas materialmente afluentes para nós mesmos. Focalizamos todos os nossos esforços e a nossa energia no desenvolvimento e na produção, promovendo estilos de vida governados pela velocidade, pela ganância e pelo consumismo. Embora essa preocupação com objetivos e valores materialmente orientados promovesse uma grande expansão da civilização material, ela criou uma montanha de problemas globais e o mundo não sustentável onde nos encontramos hoje.

Acreditamos persistentemente que temos inimigos. Abrigamos conflito e desarmonia em nossa mente, tal como bem *versus* mal, saúde *versus* doença, vida *versus* morte, riqueza *versus* pobreza, e eu *versus* Deus. Como acreditamos que tínhamos inimigos, nossa energia de vida polarizou o mundo. Hoje, ainda estamos lutando para derrotar os inimigos que criamos em nossa própria consciência. A guerra contra o crime, a guerra contra o terrorismo, a guerra contra a pobreza, a guerra contra a doença - lutas como essas são forçadas a continuar enquanto os seres humanos continuarem a perceber a vida como uma luta sem fim entre forças opostas.

Se quisermos reverter essa situação, precisamos, antes de tudo, livrar o nosso próprio coração do conflito e da divisão. Somente quando conseguirmos obter a totalidade e a cura em nosso próprio eu, nós seremos capazes de obter paz e harmonia no mundo.

Em *O Ponto do Caos*, Ervin Laszlo nos alerta para o enorme potencial que cada um de nós possui para nos libertar de nossas crenças errôneas. Como ele corretamente assinala, estamos vivendo em uma época única, quando cada ser humano pode criar uma grande mudança evolutiva *na* consciência humana.

O despertar interior e a emergência da criatividade em indivíduos são as forças que modelarão nosso futuro coletivo. Se erguermos nossa consciência para um nível superior e experimentarmos a interconectividade de toda a vida, nossos comportamentos e prioridades mudarão drasticamente. As ciências limítrofes podem desempenhar um importante papel quanto a isso, dando lugar a novas visões do mundo e a uma nova compreensão da vida.

De fato, a crise que enfrentamos atualmente é, ao mesmo tempo, uma

oportunidade sem precedentes para que seja dado um salto da maior importância na evolução da humanidade. Há numerosas iniciativas inovadoras e atividades criativas emergindo ao redor do mundo para facilitar a transformação da civilização. Agora, mais do que nunca, cada um de nós é chamado a se tornar um agente pró-ativo para uma mudança positiva.

A Goi Peace Foundation considera que é sua missão construir a cooperação entre indivíduos e organizações em todos os campos no interesse de se obter a compartilhada meta da paz sobre a Terra. Estamos comprometidos com o propósito de trabalhar em parceria com organizações de mentalidade semelhante, tais como o Clube de Budapeste, o Clube de Roma, o World Wisdom Council, a Global Marshall Plan Initiative e o Universal Forum of Cultures de Monterrey de modo que a humanidade possa transitar com segurança pela atual janela de decisão e, alcançando o Ponto do Caos, inclinar a evolução do nosso mundo para uma civilização de respeito, harmonia e unicidade.

Ashok Gangadean, fundador-diretor do Global Dialogue Institute, e coconvocador da World Commission on Global Consciousness and Spirituality

Em todas as eras, tivemos profecias, visões e previsões que mostravam o nosso mundo chegando ao fim. Nosso contexto bíblico, por exemplo, nos oferece revelações de um fim apocalíptico no desdobramento do seu drama providencial de Justiça Divina e de escatologia. Vários calendários indígenas convergem para a década vindoura como uma transição crucial para a condição humana e a nossa vida na Terra. E em décadas recentes, com uma percepção progressivamente mais ampla das megatendências e padrões em uma escala planetária, tornamo-nos familiarizados com várias advertências urgentes de crises ecológicas, econômicas e ideológicas que ameaçam a sustentabilidade do nosso mundo e nossa própria sobrevivência neste planeta.

Há uma sensação crescente em vários círculos de que o pavio está curto e se nós não fizermos agora mudanças dramáticas poderá ser tarde demais para reverter as coisas. No que devemos acreditar? Será que o mundo como o conhecemos está chegando ao fim? Será que estamos hoje em um momento crítico de nossa evolução que é agir ou morrer? Será que existe

uma validade objetiva no diagnóstico de que nós estamos no meio de uma crise monumental que determinará nosso destino?

Em *O Ponto do Caos: Contagem Regressiva para Evitar o Colapso Global e Promover a Renovação do Mundo*, Ervin Laszlo adota uma postura decisiva a respeito. Ele se fundamenta em aguçadas e profundas percepções que apresentou em obras anteriores, *Macroshift* (2001), *You Can Change the World* (2003) e *Science and the Reenchantment of the Cosmos* (2006), e mostra claramente que nós atingimos um momento decisivo crítico em que nos defrontamos com encruzilhadas e escolhas que determinarão o nosso destino. Ele vê esse “Ponto do Caos” como uma situação em que nos defrontamos com o espectro do colapso global, mas também como uma oportunidade para uma renovação de proporções globais.

Laszlo sugere que nos próximos anos a humanidade se defrontará com decisões e escolhas de importância crucial para reverter megatendências não sustentáveis, que nos levam ao limiar de um ponto de mudança irreversível, além do qual não poderá mais haver retorno. Como ele vê a situação, nós precisamos ou evoluir conscientemente para uma civilização sustentável na qual toda a família humana possa coexistir de uma maneira mais segura, florescente e pacífica, ou então se defrontar com um cenário terrível no qual ocorre uma implosão sem precedentes de nossos sistemas sociais, econômicos, políticos e ecológicos. A mensagem de Laszlo é a de que cabe a nós imaginar e cocriar esse novo mundo. Ele sugere que cada um de nós tem o poder e o potencial para desempenhar um papel decisivo.

Minha própria jornada como filósofo ao longo das últimas quatro décadas me levou a uma notável convergência com a visão de Laszlo da condição humana atual. A nova fronteira do pensamento global nos leva para além de perspectivas localizadas, tradições, visões de mundo e orientações disciplinares, em direção a um espaço racional de ordem superior, uma dimensão superior de racionalidade e de ciência integral que revela espantosos padrões planetários. Quando nos aventuramos nesse horizonte global, descobrimos uma tradição que emerge há longo tempo, uma tradição de visão e de sabedoria que fundamenta, corrobora e valida o diagnóstico profundo da atual crise planetária revelada e narrada de maneira única por Laszlo.

A fim de entender a verdadeira natureza da crise planetária que enfrentamos atualmente, precisamos recuar e ganhar uma distância crítica

com relação às nossas perspectivas, visões de mundo, ideologias e orientações disciplinares localizadas. Quando rompemos os poderosos circuitos de nossas visões de mundo que usualmente exercem sobre nós um domínio esmagador e realizamos a mudança dimensional na consciência para dentro do espaço mais expansivo onde nossas diversificadas visões de mundo, culturas e disciplinas surgem conjuntamente, onde nossa mente é dilatada e uma lente global abre-nos aquilo que é intersperspectivista. Nessa perspectiva expandida de ordem superior, padrões espantosos tornam-se evidentes na evolução da condição humana.

As diversas crises com que nos defrontamos hoje no planeta são o resultado cumulativo de práticas mentalistas (*mindings*) individuais e coletivas ao longo das eras. A partir da perspectiva integral da lente global torna-se claro que os efeitos combinados do egomentalismo nos levaram ao mundo atual, indefensável e não sustentável. Mas também se torna claro que o efeito cumulativo das forças da consciência que despertam também está crescendo em *momentum* numa contraforça que se opõe às forças fragmentadoras e desintegrativas (*disintegral*) do mentalismo egocêntrico.

Para reconhecer realmente a enormidade do grande drama que agora estamos vivendo, precisamos da abertura integral de longo alcance da visão e da sabedoria globais. Os poderes da lente global nos permitem ligar os pontos, fazer conexões significativas e discernir megapadrões que não estão disponíveis aos hábitos desconectivos e desintegrativos do egomentalismo. Visionários como Laszlo, que têm a capacidade de ligar os pontos e discernir o funcionamento de todo o sistema, são capazes de ver o que foi negligenciado pelos olhos do ego e que agora se apresenta urgentemente diante de nós. Nessa perspectiva, é evidente que as culturas egomentalis seguiram o seu curso, mas agora são disfuncionais, estão em decadência e desintegração, e estão enfrentando seu término evolutivo e histórico. Quando uma massa crítica de seres humanos neste planeta despertar e ascender para o mentalismo global, os padrões disfuncionais do egomentalismo serão inevitavelmente deixados para trás. O desafio para o cidadão global que desperta consiste em empreender uma auto-organização e um trabalho em rede, bem como uma construção comunitária, sem precedentes, de modo a cocriar uma massa de seres humanos despertados em proporção suficiente para reverter as atuais megatendências destrutivas.

As apostas são altas: nossa sobrevivência neste planeta está em risco. As forças egomentalis estão no seu pico e estão atingindo o “ponto da mudança

irreversível”, mesmo que as contraforças do despertar integral estejam atingindo um ponto de ignição sem precedentes. Ocorre que mais e mais pessoas estão sentindo, de uma maneira exponencial, que os velhos hábitos e práticas estão nos fazendo descer pelo caminho errado, e estão prontas para avançar em direção a um terreno mais alto.

Claramente, neste momento de nossa evolução, enfrentamos graves perigos. Mas esta crise é também um limiar de novas e surpreendentes possibilidades, onde se pode ganhar tudo. Temos uma escolha quando temos uma visão clara do que está desmoronando, e de como podemos mudar o mundo com novos padrões de mentalismo. A principal crise do nosso tempo é uma crise de consciência. Quando ascendemos juntos com consciência integral, temos a oportunidade de gerar culturas sustentáveis e um mundo sustentável. Uma nova civilização planetária nos espera.

Quando examinamos nossa atual situação mundial através da visão integral da lente global, percebemos o alcance, a validade e a fundamentação contextuai do profundo diagnóstico e da prescrição de Laszlo. O poder, a urgência e a significação históricos de sua obra tornam-se evidentes. Estamos no meio de uma crise planetária que faz surgir um despertar global individual e coletivo sem precedentes; estamos em uma “janela de decisão”. Nossa sobrevivência coletiva estará em perigo se nós não despertarmos, prestarmos atenção e compreendermos o nosso enorme poder de escolha, agindo com sabedoria, previdência e coragem.

Essa compreensão é a *raison d’être* de várias de nossas iniciativas com relação a uma nova civilização planetária. A World Commission on Global Consciousness and Spirituality, o Clube de Budapeste, o World Wisdom Council e iniciativas aliadas como o Global Marshall Plan, a Goi Peace Foundation e o Universal Forum of Cultures Monterrey estão essencialmente focalizados em cuidar da crise de consciência à nossa frente e facilitar a mudança para uma civilização planetária desperta.

Com sua visão global, Laszlo nos ajuda a obter uma compreensão mais profunda da crise histórica com que estamos hoje nos defrontando. Quanto mais esclarecidos somos a respeito dessa crise, mais eficientes podemos ser em responder a ela. Nosso futuro gira em torno disso.

**Gaston Melo - Diretor-geral do Universal Forum of Cultures
Monterrey (México)**

Na encruzilhada que simultaneamente junta e separa as possibilidades gêmeas e associadas do colapso e do avanço revolucionário, em que a esperança pode se converter em desespero e o desespero retornar à esperança, se estende a mais profunda e sensível das associações, a associação que emana da congenialidade de pensamento em considerações paralelas e, no entanto, simultâneas a respeito do que precisa ser feito em face da monumental tarefa de inclinar a balança em favor da sobrevivência planetária e da transformação da consciência e da civilização humanas.

Na encruzilhada reside o profundo elo que liga o Clube de Budapeste e o Universal Forum of Cultures Monterrey, uma ligação conceitual e pragmática nascida de uma missão compartilhada, e no entanto diferenciada, de criar um futuro que não precisa ser a hecatombe para a qual muitas pessoas em conformidade com a moda, mas superficialmente, concluem que nós estamos inevitavelmente nos encaminhando. Essa associação nasceu de uma convicção compartilhada, e profundamente arraigada, segundo a qual ainda é possível pensar, e pensar profundamente, sobre possibilidades alternativas de habitar este planeta, possibilidades associadas com os cursos de ação existentes e com nossas mais profundas concepções sobre a existência.

Alguns serão céticos porque a própria tarefa parece, embora não precise ser, exorbitante. Essa própria percepção é apenas o resultado de um modo de consciência e um modo de ser que, errando por meio de uma racionalidade instrumental, ainda percebe que a tarefa é exatamente esta: singular, dominadora e irrevogavelmente exorbitante.

Tal percepção parece preencher a nós, pós-trágicos, anti-heroicos e cínicos modernos, não apenas com assombro, mas também com desespero fatalista, mesmo quando isso é disfarçado como tédio. E nesse lugar reside a poderosa contribuição de Laszlo. Pois, embora os teóricos do caos já tenham discutido o chamado efeito borboleta por meio do qual minúsculas flutuações geram mudanças no nível de sistemas, Laszlo nos leva a considerar esse efeito sobre nós mesmos e o nosso planeta. E, ao fazer isso, ele demonstra a verdadeira possibilidade da transformação, despojando-nos de nossas caras desculpas que se ancoram na aparente exorbitância da tarefa, e por ela são justificadas. Pois, se estamos de fato em uma janela de decisão, em que até mesmo pequenas flutuações podem criar grandes efeitos, então “pequenas” flutuações farão isso. Não precisamos nos desesperar. Ainda melhor, podemos permitir que o desespero se converta

em esperança. Aqui, nesta encruzilhada, a própria consciência é transformada na maneira como ela concebe a tarefa que está diante de nós como a tarefa real, mas não exorbitante, de gerar futuros alternativos.

A espécie humana está novamente dotada de poder, dessa vez não instrumentalmente, mas por meio de um rigoroso holismo antimecanicista, uma perspectiva graças à qual podemos conceber um equilíbrio dinâmico positivo criado por indivíduos que, juntos, percebem um risco que eles querem superar.

Dentro desse arcabouço, o Universal Forum of Cultures, realizado na cidade de Monterrey, em 2007, com o apoio da UNESCO, contribui com novos horizontes e novos paradigmas para enriquecer a discussão em andamento. O Forum aspira a funcionar como mediador para ajudar a construir um novo equilíbrio dinâmico na sociedade e fortalecer o diálogo de modo a nos deixar mais bem preparados para lidar com o ponto crítico de mudança irreversível que se aproxima.

Estamos convencidos de que não há receitas fáceis para abordar essas questões. Mas acreditamos, como Ervin Laszlo, que precisamos encontrar novas maneiras de promover o intercâmbio de ideias construtivas e de atingir o público interessado que está emergindo em todo o mundo.

Apêndice C

A respeito do Clube de Budapeste e dos documentos do Clube de Budapeste

O Clube de Budapeste é uma associação informal de pessoas criativas em diversos campos da criatividade humana: arte, literatura, os domínios espirituais, bem como o mundo dos negócios e toda a sociedade civil. Ele é dedicado à proposição segundo a qual apenas se mudarmos a nós mesmos nós poderemos mudar o nosso mundo, e que para mudar a nós mesmos precisamos de uma percepção aguçada e profunda e de criatividade genuína. Os membros do Clube de Budapeste usam sua criatividade e percepção para intensificar a consciência e a compreensão dos problemas globais e das oportunidades humanas. Eles comunicam suas visões em palavras e imagens, em sons e movimentos, e na miríade de novas mídias e tecnologias. Eles são reconhecidos como líderes mundiais em seus campos; seus nomes são garantia de acuidade perceptiva, e sua condição de membros um testemunho de sua dedicação ao nosso futuro comum.

O desafio e a missão

A compreensão básica em vista da qual o Clube de Budapeste foi fundado é a de que o mundo de hoje é uma totalidade interconectada onde o que uma pessoa faz afeta todas as outras pessoas. Este mundo está passando por um processo de transformação rápida e fundamental. O resultado dessa transformação ainda está em aberto. Desse modo, o nosso futuro não deve ser previsto; ele precisa ser criado. As possibilidades são imensas, e a escolha entre elas é uma decisão que cabe a nós. Os novos mundos que poderíamos criar vão desde um mundo inumano de frustrações, conflitos e violência até um mundo de paz e equidade, capaz de oferecer condições para a realização pessoal e o desenvolvimento social. O mundo que nós criaremos na realidade concreta depende de nós. Ele depende do pensamento, dos valores e das percepções de pessoas em todas as posições sociais e profissionais, em todas as partes do mundo. A alternativa a um mundo governado “a partir de cima” só pode ser um mundo que se

autogoverna, um mundo que escolhe “a partir de dentro” a forma das coisas que virão. O fator crítico na escolha do nosso destino comum é o pensamento, a valorização e a percepção de pessoas criativas de todas as classes e profissões. É a forma da nossa consciência individual e coletiva.

Ninguém pode moldar a nossa consciência a não ser nós mesmos. Para desenvolver o tipo de consciência que poderia garantir que o nosso futuro seja brilhante, precisamos apreender a nossa situação neste planeta em todas as suas dimensões - senti-la com o nosso coração e a nossa alma. Pessoas criativas em todas as esferas do pensamento e da ação inovadores constituem o maior recurso da humanidade contemporânea. Esse recurso não pode, necessariamente, deixar de ser aproveitado para satisfazer o desabo sem paralelo: transformar o mundo injusto e não sustentável de hoje em um mundo humanitário e sustentável.

O Clube de Budapeste é dedicado à proposição segundo a qual a “revolução da consciência” é talvez a última, e certamente a melhor, esperança da humanidade. O Clube é dedicado a aproveitar o poder de criatividade de artistas, escritores, líderes dos negócios e da sociedade civil, e inovadores em todas as esferas da atividade humana, de modo que todos catalisem essa revolução pacífica e vital no interesse compartilhado de nossa geração e das gerações que virão.

Os membros honorários

Chingiz Aitmatov, escritor

Oscar Arias, estadista/ganhador do Prêmio Nobel da Paz

A. T. Ariyaratne, líder espiritual budista

Maurice Béjart, dançarino/coreógrafo

Thomas Berry, teólogo/cientista

Sri Bhagavan, líder espiritual indiano

Sir Arthur C. Clarke, escritor

O 14º Dalai Lama, estadista/líder espiritual

Riane Eisler, historiadora feminista/ativista

Vigdís Finnbogadóttir, líder político

Milos Forman, cineasta

Peter Gabriel, músico

Rivka Golani, músico

Arpád Göncz, escritor/estadista

Jane Goodall, cientista/ativista
Krishna Gopala, líder do comércio justo
Mikhail Gorbachev, líder político
Václav Havel, escritor/estadista
Hazel Henderson, ativista/economista
Bianca Jagger, ativista de direitos humanos e ambientalista
Miklós Jancsó, cineasta
Ken-Ichiro Kobayashi, diretor de orquestra
Gidon Kremer, músico
Prof. Shu-Hsien Liu, filósofo
Eva Marton, cantora de ópera
Federico Mayor, cientista/ativista
Zubin Mehta, diretor de orquestra
Edgar Mitchell, cientista/astronauta
Edgar Morin, filósofo/sociólogo
Robert Muller, educador/ativista
Gillo Pontecorvo, cineasta
Mary Robinson, líder política e de direitos humanos
Mstislav Rostropovich, diretor de orquestra
Peter Russell, filósofo/futurista
Karan Singh, estadista/líder espiritual hinduísta
Sir Sigmund Sternberg, líder espiritual ecumênico
Rita Süßmuth, líder política
Liv Ullmann, atriz de cinema/cineasta
Richard von Weizsäcker, estadista
Elie Wiesel, escritor/ganhador do Prêmio Nobel da Paz
Betty Williams, ativista/ganhadora do Prêmio Nobel da Paz
Prof. Muhammad Yunus, economista/líder financeiro

Os membros do World Wisdom Council

Presidentes Honorários Mikhail Gorbachev (Rússia)

Robert Muller (Costa Rica)

Membros

Hafsat Abiola (Nigéria)

Akbar Ahmed (Irã/Estados Unidos)

Suheil Bushrui (Líbano/Estados Unidos)

Peter Gabriel (Inglaterra)
Ashok Gangadean (Jamaica/Estados Unidos) Jane Goodall (Inglaterra)
Jonathan Granoff (Estados Unidos)
Prabhu Guptara (Índia/Suíça)
Hazel Henderson (Estados Unidos/Inglaterra) Audrey Kitagawa (Estados Unidos)
Takashi Kiuchi (Japão)
Michael Laitman (Israel)
Ervin Laszlo (Hungria/Itália)
Angaangaq Lyberth (Canadá)
Wangari Maathai (Quênia)
Ekaterina Mojaeva-Köstler (Alemanha/Rússia) Lady Fiona Montagu (Inglaterra)
Bibi Russell (Bangladesh)
Elisabet Sahtouris (Grécia/Estados Unidos) Masami Saionji (Japão)
Wei-ming Tu (China/Estados Unidos) Ernst-Ulrich von Weizsäcker (Alemanha) Johannes Witteveen (Holanda)
Vadim Zagladin (Rússia)

O manifesto da consciência planetária

Uma nova maneira de pensar se tornou a condição necessária para o viver e o agir responsáveis. Desenvolvê-la significa promover e estimular a criatividade em todas as pessoas, em todas as partes do mundo. A criatividade não é um dote genético, mas cultural dos seres humanos. A cultura e a sociedade mudam depressa, enquanto os genes mudam lentamente: não mais de metade de 1% do dote genético humano tem probabilidade de sofrer alteração em todo um século. Por isso, a maior parte dos nossos genes data da Idade da Pedra ou é ainda mais antiga; eles podiam nos ajudar a viver nas selvas da natureza, mas não podem fazê-lo nas selvas da civilização. O ambiente econômico, social e tecnológico da atualidade é nossa própria *criação*, e apenas a criatividade da nossa mente - nossa cultura, espírito e consciência - nos permitirá estarmos à altura de enfrentá-lo com sucesso. A criatividade genuína não permanece paralisada quando se defronta com problemas inco- muns e inesperados, mas os confronta abertamente, sem preconceitos. Cultivar a criatividade é uma pré-condição para encontrar o nosso caminho em direção a uma sociedade

globalmente interconectada na qual os indivíduos, as empresas, os Estados e toda a família de povos e nações podem viver juntos pacificamente, cooperativamente e com benefícios mútuos.

Um chamado pela responsabilidade

No decorrer das várias décadas passadas, pessoas em muitas partes do mundo tornaram-se conscientes de seus direitos, bem como de muitas violações persistentes desses direitos. Esse desenvolvimento é importante, mas em si mesmo não é suficiente. Precisamos agora nos tornar conscientes do fator sem o qual nem os direitos nem outros valores podem ser efetivamente salvaguardados: nossas responsabilidades individuais e coletivas. Não é provável que cresçamos em uma família humana pacífica e cooperativa a não ser que nos tornemos atores sociais, econômicos, políticos e culturais responsáveis.

Nós, seres humanos, precisamos mais do que comida, água e abrigo - mais até mesmo do que o trabalho remunerado, a autoestima e a aceitação social. Também precisamos de algo pelo qual viver: um ideal a realizar, uma responsabilidade a aceitar. Como estamos cientes das consequências das nossas ações, podemos e precisamos aceitar a responsabilidade por elas. Tal responsabilidade é mais profunda do que muitos de nós podemos pensar. No mundo de hoje, todas as pessoas, independentemente de onde elas vivem e do que elas fazem, se tornaram responsáveis por suas ações como:

- Indivíduos privados
- Cidadãos de um país
- Colaboradores em atividades comerciais e econômicas
- Membros da comunidade humana
- Pessoas dotadas de mente e de consciência

Como indivíduos, somos responsáveis por procurar nossos interesses em harmonia com os interesses e o bem-estar de outras pessoas, e não à custa deles; somos responsáveis pela condenação e pelo impedimento de qualquer forma de assassinato e brutalidade; somos responsáveis por não trazer mais filhos ao mundo do que aqueles de que realmente precisamos e que podemos sustentar; e somos responsáveis por respeitar o direito à

vida, ao desenvolvimento e à igualdade de *status* e dignidade de todas as crianças, mulheres e homens que habitam a Terra.

Como cidadãos de nosso país, somos responsáveis por exigir que os nossos líderes “transformem espadas em arados” e se relacionem pacificamente com outras nações e em um espírito de cooperação; que eles reconheçam as aspirações legítimas de todas as comunidades da família humana; e que eles não abusem de poderes soberanos a fim de manipular pessoas e o meio ambiente para fins míopes e egoístas.

Como colaboradores em atividades comerciais e atores na economia, somos responsáveis por garantir que os objetivos corporativos não fiquem exclusivamente centralizados no lucro e no crescimento, mas incluam uma preocupação pelo efeito de produtos e serviços, que deverão responder a necessidades e demandas humanas sem causar danos nas pessoas nem prejudicar a natureza; que eles não sirvam a fins destrutivos e a propósitos inescrupulosos; e que respeitem os direitos de todos os empresários e empresas que competem de modo justo no mercado global.

Como membros da comunidade humana, é nossa responsabilidade adotar uma cultura de não violência, solidariedade e igualdade econômica, política e social, promovendo o entendimento e o respeito mútuo entre pessoas e nações, sejam elas semelhantes a nós ou diferentes de nós, exigindo que a todas as pessoas por toda parte seja facultado o poder de responder aos desafios com que se defrontam com os recursos materiais, bem como os espirituais que lhes sejam necessários para empreenderem essa tarefa sem precedentes.

E, como pessoas dotadas de mente e de consciência, nossa responsabilidade consiste em encorajar a compreensão e a apreciação da excelência do espírito humano em todas as suas manifestações, e em inspirar assombro e maravilha por um cosmos que gerou a vida e a consciência e que oferece a possibilidade de sua evolução contínua em direção a níveis progressivamente mais elevados de acuidade perceptiva, compreensão, amor e compaixão.

Um chamado pela consciência planetária

Em quase todas as partes do mundo, o verdadeiro potencial dos seres humanos é, infelizmente, subdesenvolvido. A maneira como as crianças são criadas avilta e debilita suas faculdades para a aprendizagem e a

criatividade; a maneira como os jovens experimentam a luta pela sobrevivência material resulta em frustração e ressentimento. Em adultos, isso leva a vários comportamentos compensatórios, viciosos e compulsivos. O resultado é a persistência da opressão social e política, da guerra econômica, da intolerância cultural, do crime e da negligência em relação ao meio ambiente.

A eliminação de doenças e frustrações sociais e econômicas requer um considerável desenvolvimento socioeconômico, que não é possível sem melhor educação, informação e comunicação. Estas, entretanto, são bloqueadas pela ausência de desenvolvimento socioeconômico, de modo que um círculo vicioso é produzido: o subdesenvolvimento cria frustração, e a frustração, produzindo comportamentos defeituosos, bloqueia o desenvolvimento. Esse círculo precisa ser quebrado em seu ponto de maior flexibilidade, e esse é o desenvolvimento do espírito e da consciência dos seres humanos. Para realizar esse objetivo, não é necessário passar por cima da necessidade de desenvolvimento socioeconômico com todos os seus recursos financeiros e técnicos, mas requer uma missão paralela no campo espiritual. A menos que o espírito e a consciência das pessoas evolua para a dimensão planetária, os processos que provocam tensão no sistema sociedade-natureza globalizado se intensificarão e criarão uma onda de choque que poderá pôr em perigo toda a transição para uma sociedade global pacífica e cooperativa. Isso seria um retrocesso para a humanidade e um perigo para todos. A evolução do espírito e da consciência humanos é a primeira causa vital compartilhada pela totalidade da família humana.

A consciência planetária está conhecendo, e também está sentindo, a interdependência vital e a unicidade essencial da humanidade e a adoção consciente da ética e do etos que esses fatos acarretam. Sua evolução é o imperativo básico para a sobrevivência humana neste planeta.

Declaração sobre a guerra

A guerra é um fenômeno exclusivamente humano: nenhuma outra espécie mata em massa sua própria espécie. Tal massacre nunca foi justificado, mas tinha uma justificativa marginal em um tempo em que a guerra era travada entre grupos vizinhos com o propósito da conquista de território com recursos naturais e humanos, e podia ser limitada aos territórios dos protagonistas e aos seus guerreiros. Numa época em que os

recursos não são limitados a territórios definidos e em que as hostilidades não podem ser contidas, a guerra não é justificada nem política nem economicamente. Uma vez que a guerra moderna mata civis inocentes, inflige sérios danos ao ambiente de suporte à vida e pode levar a uma escalada até uma conflagração global, travar uma guerra é um crime contra toda a humanidade. Ela precisa ser reconhecida como tal. Nenhuma nação-Estado devia ter o direito legítimo de declarar guerra contra qualquer outra nação-Estado.

O estoque de armas de destruição em massa não é uma justificativa para uma nação-Estado empreender uma guerra contra outra. Armas de destruição em massa - sejam elas nucleares, químicas, biológicas ou convencionais - são uma ameaça à vida humana e ao habitat nas mãos de quem quer que as possua. Elas não são toleráveis nas mãos de nenhum Estado, seja ele grande ou pequeno, rico ou pobre, encabeçado por um ditador ou por um político eleito. Tais armas precisam ser eliminadas dos arsenais de todo e qualquer Estado, tarefa que não requer travar uma guerra e que não é a prerrogativa autodeclarada de qualquer governo, mas que é responsabilidade da comunidade global de todos os povos e Estados.

Não haverá paz duradoura sobre a Terra até que as próprias armas de destruição em massa sejam destruídas, a sua produção e estocagem proscritas e as estratégias que requerem o seu uso substituídas por estratégias de diálogo, por negociações e, se necessário, por sanções econômicas e políticas internacionalmente acordadas. Os *agressores potenciais e os terroristas precisam ser detidos, mas a guerra não é a maneira de detê-los*. Combater a violência com a violência é agir com base no princípio do olho por olho, dente por dente, e isso (como disse Gandhi) pode acabar deixando todos cegos e desdentados.

Chegou a hora de a comunidade mundial reconhecer que a guerra, em vez de ser um instrumento para a eliminação de terroristas e agressores, é em si mesma um ato de agressão que ameaça a vida humana e a integridade do meio ambiente do qual a vida humana e toda a vida na Terra dependem.

A resposta sábia à violência

O ataque suicida de 11 de Setembro contra o World Trade Center, em Nova York, e o Pentágono, em Washington, foi uma afronta contra toda a vida humana e contra toda civilização. Nós condenamos esse ato de

terrorismo e pedimos às pessoas éticas e amantes da paz em todo o mundo para se juntarem e porem um fim ao terrorismo e à violência em todas as suas

formas. Não há solução para os problemas do mundo no assassinato de pessoas inocentes e na destruição de seus locais de trabalho e de seus lares.

Se quisermos ser bem-sucedidos em erradicar do mundo a violência e o terrorismo, precisamos agir com sabedoria. A violência e o terrorismo não serão vencidos por retaliação, com base no princípio do olho por olho, dente por dente. As raízes últimas da violência são mais profundas que o compromisso fanático dos terroristas e as alegações religiosas dos fundamentalistas. Matar um grupo de terroristas não resolve o problema: enquanto as raízes estiverem lá, outros crescerão em seu lugar.

O terror que surge à tona no mundo de hoje é um sintoma de frustrações que existem há muito tempo e que estão profundamente arraigadas, de ressentimentos e de injustiça percebida, e eliminar o sintoma não cura a doença. O Clube de Budapeste está comprometido com a procura das causas da violência no mundo. Até que, e a não ser que, as causas sejam eliminadas, não haverá paz no mundo, mas apenas um interlúdio incerto entre atos de violência e hostilidades de maior escala. Quando as pessoas estão frustradas, elas nutrem ódio e desejo de vingança, e não podem se relacionar umas com as outras em um espírito de paz e de cooperação. Quer a causa seja o ego ferido de uma pessoa ou o autorrespeito ferido de um povo, e quer seja um desejo de vingança pessoal, ou uma guerra santa pela defesa de uma crença, o resultado é a violência, a morte e a catástrofe. Atingir a paz nos corações das pessoas é uma condição prévia para se atingir a paz no mundo.

O Clube de Budapeste sustenta que a resposta sábia à violência e ao terrorismo consiste em ajudar as pessoas a estar em paz consigo mesmas e com seus companheiros humanos perto e longe. A promoção da solidariedade e da cooperação na causa compartilhada da equidade e da justiça é o único caminho possível para uma paz duradoura sobre a Terra.

Declarações do World Wisdom Council

A Declaração de Budapeste: Sabedoria no ponto da mudança irreversível - Mudando para um novo pensamento e para uma nova civilização

1. Nós, os membros do World Wisdom Council, estamos comprometidos com a reversão das tendências atuais para o caos e a destruição. Acreditamos que o mundo pode ser mudado construtivamente. Uma nova civilização pode ser criada. Apelamos aos governos, homens de negócio, educadores, artistas, ativistas e todos os cidadãos preocupados a juntar o seu compromisso ao nosso. Apelamos às pessoas em todas as posições sociais e profissionais a se tornarem cientes da natureza crítica da situação mundial e a usarem o poder do novo pensamento e da nova ação para realizarem as mudanças necessárias.

2. As pessoas sábias de todas as tradições nos aconselhavam a ver a humanidade como uma única família, a honrar a santidade da vida e da criação, a nutrir amor e compaixão, e a aplicar a regra de ouro de tratar os outros como queremos ser tratados. Pela primeira vez na história, a aplicação dessa sabedoria é não apenas uma condição prévia para o crescimento e a realização pessoal, mas também uma condição prévia para a sobrevivência humana.

3. Nem o colapso no caos e nem o avanço revolucionário rumo a uma nova civilização são decretados pelo destino. O futuro não deve ser previsto; ele deve ser criado. Ele pode ser decisivamente formado por todo ser humano dotado de consciência e senso moral. Existem alternativas praticáveis às maneiras como fazemos as coisas no mundo atualmente e que poderiam nos ajudar a desviar as tendências que nos movem em direção à crise e a abrir caminho para uma nova civilização, mais sustentável e pacífica.

4. Uma causa básica da não sustentabilidade é o pensamento disfuncional e egocêntrico que dá lugar a percepções e prioridades que levam à conduta destrutiva. O remédio básico é a transformação da mentalidade predominante. Nesse contexto, mentalidade abrange elementos intuitivos, cognitivos e emocionais: a gama completa da consciência humana.

5. As grandes tradições de sabedoria da humanidade, do Oriente e do Ocidente, do norte e do sul, concordam em que fazer perguntas fundamentais é um passo de suma importância no despertar da sabedoria, pois nos ajudam a ver e a experimentar a ligação essencial entre nossa consciência e seu efeito tangível imediato em nossa vida. Essas perguntas despertam formas de inteligência superiores e mais integrais que podem dar início à solução, à dissolução e à resolução dos problemas com que nos

defrontamos atualmente.

6. Existem algumas perguntas fundamentais que precisamos ponderar. Elas incluem as seguintes:

- Podemos fazer a riqueza, o poder e a tecnologia nos servir, em vez de nos escravizar?
- Podemos ter paz dentro de nós e entre nós sem viver em paz com a natureza?
- Podemos ter um mundo pacífico e sustentável sem compreender como outros veem o mundo?
- Podemos nos permitir ignorar a sabedoria intrínseca presente nas culturas tradicionais, e também presente em crianças pequenas, quando se trata de conduzir nossa vida nas sociedades modernas?
- Será que as práticas modernas realmente trazem justiça à lei, cura à medicina e sustentabilidade à conduta de políticos e de homens de negócios?
- Poderemos transformar a tempo a glorificação predominante da ganância, da concupiscência e do poder em uma mentalidade caracterizada pela dedicação à justiça para todos e pelo respeito por todas as pessoas, quer elas vivam em nossa cultura e em nossa sociedade ou em outras?

Há também perguntas mais práticas que deveríamos fazer. Por exemplo, onde está a sabedoria em um sistema que:

- Produz armas que são mais perigosas do que os conflitos que elas se destinam a resolver, e substituem uma cultura de paz por um culto de violência?
- Continua a subvalorizar mulheres e abandona metade de seus filhos na pobreza e na fome?
- Cria uma superprodução de alimentos, mas fracassa em torná-los disponíveis para os famintos?
- Ignora os próprios princípios da equidade e da justiça que nós pedimos aos nossos filhos para seguir?
- Espera que os indivíduos permaneçam fiéis à regra de ouro de tratar outras pessoas como eles gostariam de ser tratados e, no entanto, ignora essa regra elementar de imparcialidade nas relações

entre Estados e entre atividades comerciais?

- Enfrenta toda uma gama de tarefas e desafios e, no entanto, gera cada vez mais desempregos?
- Requer um incessante crescimento econômico e financeiro para funcionar e não se despedaçar?
- Enfrenta problemas estruturais e operacionais de longo prazo, mas baseia seus critérios de sucesso em períodos contábeis de curto prazo e no comportamento diário da bolsa de valores?
- Avalia o progresso social e econômico em função do Produto Interno Bruto e deixa fora desse cálculo a qualidade de vida das pessoas e o nível de realização de suas necessidades humanas básicas?
- Dá prioridade total à maximização da produtividade da mão de obra (mesmo que milhões estejam desempregados ou subempregados) em vez de melhorar a produtividade dos recursos (apesar de a maior parte dos recursos naturais ser finita e de muitos deles serem escassos e não renováveis) ?
- Combate o fundamentalismo religioso, mas entesoura o “fundamentalismo de mercado” (a crença em que o mercado pode corrigir todos os erros e resolver todos os problemas) ?

7. Concluimos que a questão não é mais se uma mudança fundamental está vindo, mas se a mudança será para melhor ou para pior, quando ela virá e a que preço. Quanto antes abrirmos caminho para a mudança positiva, menos traumática será a transformação e menor o seu custo humano, econômico e ecológico. Todos nós partilhamos agora da responsabilidade de entender que estamos vivendo no ponto da mudança irreversível da civilização contemporânea, e de reconhecer que o pensamento informado e a ação responsável são necessários para nos levar até o limiar de uma civilização que seja verdadeiramente pacífica e sustentável.

A Declaração de Hanôver: Sabedoria global em ação dirigida para uma nova civilização global

1. Nós, os membros do World Wisdom Council, por meio deste documento, reafirmamos nosso mandato, que reconhece a poderosa força

transformadora da nossa sabedoria global coletiva para abordar, da maneira mais efetiva, as diversas áreas problemáticas que a humanidade enfrenta atualmente, e assim criar as mais poderosas soluções práticas para as crises urgentes que se avolumam diante de nós em escala planetária. Nesse espírito, nós incorporamos aqui nossa “Declaração de Budapeste: Sabedoria no Ponto da Mudança Irreversível - Mudando para um Novo Pensamento e para uma Nova Civilização” e “O Mandato do Conselho”, que é o seu preâmbulo.

2. Além disso, examinando agora de modo mais profundo a série de desafios e crises que ameaçam nossa sustentabilidade e nossa sobrevivência coletiva, descobrimos que a questão global mais urgente é a importância vital de reconhecermos que a nossa mentalidade importa: que a maneira como conduzimos nossa mente com hábitos de pensamento e padrões de consciência é o único fator mais poderoso para a criação de nossas realidades vivas. Desse modo, reafirmamos que esse axioma global de nossas grandes tradições de sabedoria precisa ser nossa prioridade mais alta na abordagem e na resolução de nossas diversas crises.

3. Sob essa luz, reconhecemos que há uma sabedoria global que está profundamente arraigada em nossos ensinamentos antigos, mas que agora têm nos levado a dimensões novas e sem precedentes de consciência global e de inteligência integral na fronteira onde o pensamento científico mais avançado encontra terreno comum com a mais alta espiritualidade global. A sabedoria coletiva das eras revela que a Realidade é um campo unificado, dinâmico e holístico de relações onde tudo é interativo e interconectado. Padrões de consciência egocêntricos causam diretamente dinâmicas patológicas crônicas de fragmentação, alienação, separação, polarização e colapso nas relações, produzindo assim um mundo no qual disfunções e doenças pessoais e culturais de todos os tipos são abundantes.

4. Essa sabedoria global também nos ensina que temos uma escolha na maneira como conduzimos nossa mente e nossa consciência, e que podemos autotransformar nossa mentalidade em padrões mais totais, maduros e integrais, que fluem em harmonia com a interconectividade da Realidade objetiva. Essa mudança para uma nova mentalidade integral significa uma forma superior de cultura, que incorpora os ensinamentos da sabedoria global - uma nova civilização global baseada na consciência global desperta, no diálogo profundo e perceptivo, na compaixão, no respeito e cuidados mútuos, na liberdade pessoal e na aquisição pessoal de

poder, e na harmonia e não violência entre culturas e religiões e com as nossas ecologias vivas.

5. Além disso, o Conselho acredita que este é o contexto mais apropriado para situar as diversas áreas com problemas urgentes e as diversas crises com que a humanidade se defronta no século XXI. Desse modo, descobrimos que não é suficiente especificar por itens, catalogar ou inventariar a lista, hoje bem mapeada, das áreas problemáticas: conflito religioso, malogro do governo global, (in)segurança humana, militarização e ameaça de armas nucleares, educação inadequada, esgotamento de recursos não renováveis, pobreza e fome globais, abuso dos direitos humanos, degradação do meio ambiente, e abuso de mulheres e de crianças, para nomear alguns. Em vez disso, descobrimos que todas as diversas áreas problemáticas estão holística e sistemicamente interconectadas e originam-se de uma causa central primordial comum, a saber, a mentalidade fragmentada que é a fonte geradora das várias disfunções e patologias culturais. Esse diagnóstico mais profundo da causa fundamental de nossas diversas crises é o fator mais importante para o movimento em direção às soluções mais poderosas e efetivas.

6. Em conformidade com isso, como uma expressão direta da mais alta força transformadora da sabedoria e visão globais, nós, por meio deste documento, incitamos todos os cidadãos planetários a reconhecer a interconectividade e interdependência holísticas de nossas diversas aflições pessoais e culturais. Precisamos reconhecer o papel que a mentalidade desempenha na causa e na geração desses problemas, e assumir responsabilidade pessoal e coletiva direta por nossa conduta mental e pelo papel que nós, deliberadamente ou não, desempenhamos na contribuição para os nossos problemas planetários. Nós, por meio desse reconhecimento, nos tornamos plenamente investidos de poder como cidadãos planetários que podem fazer uma diferença direta em transformar a mentalidade e os hábitos do coração e da mente que produzem nossas aflições. Tornamo-nos qualificados para juntar forças através de todas as nossas fronteiras a fim de cocriarmos um campo de energia ressonante de uma nova humanidade ao incorporamos a consciência global que resolverá nossas crises em sua própria fonte e dará origem a uma nova civilização global.

7. Desse modo, essa mudança dimensional de mentalidade, que tem sido, há muito tempo, prescrita pelas nossas grandes tradições de sabedoria talvez possa resolver criativamente em suas fontes as crises mais crônicas e

intratáveis que afligem nossa condição humana:

- Problemas de conflitos e de violência religiosos poderiam ser resolvidos por meio da implementação de padrões de genuíno diálogo profundo entre mundos religiosos - um diálogo global entre diversas crenças.
- Disfunções crônicas na educação poderiam ser corrigidas por meio de mudanças criativas para padrões superiores de educação integral, que educam a criança, em seu todo, como um ser sagrado.
- Os padrões progressivos de militarização e armamentismo, que criam insegurança humana crônica, poderiam ser substituídos por políticas e práticas mais sadias, que sejam baseadas na sabedoria da segurança humana.
- Os padrões de violência que causam o abuso dos direitos humanos, a violência contra as mulheres e crianças, e todas as formas de violência humana são abordados em sua fonte supondo-se a mentalidade egocêntrica e fragmentadora que vê os seres humanos como objetos e gera esses abusos.

8. Sob essa luz, o Conselho reconhece que a corporificação individual e coletiva de nossa sabedoria global na emergência de uma nova sociedade civil será a força mais poderosa do governo global. Reconhecemos que a lógica da sabedoria global implica estrategicamente que a mais alta prioridade para produzir essa mudança maciça na mentalidade e na consciência consiste em focalizar a transformação de nossos instrumentos primários de reprodução cultural - a saber, nossas instituições e práticas educacionais, inclusive cuidados paternais e maternos e assimilação da cultura pelos nossos jovens. A prevista mudança para uma nova cultura e civilização planetária deverá considerar como sua mais alta prioridade a renovação e a transformação apropriadas de todas as áreas da educação e da aprendizagem, bem como a criação de novos ambientes de aprendizagem, com foco na delegação de poder aos jovens.

A Declaração de Tóquio

Nós, os Membros do World Wisdom Council, com base em nossas Declarações de Budapeste e de Hanôver, na tarefa de promover nossa

missão e realizar nosso mandato, constatamos que

CONSIDERANDO QUE a humanidade se defronta hoje com uma oportunidade sem precedentes para o diálogo, o entendimento em âmbito mundial e a renovação, uma vez que as crises globais, acelerando tendências e padrões disfuncionais em todos os aspectos da vida, ameaçam nossa sustentabilidade e a própria existência sobre este planeta;

Que essas diversas tendências e padrões atingiram um perigoso ponto de mudança irreversível que poderá precipitar, nos próximos anos, um colapso catastrófico e a implosão das nossas estruturas e instituições econômicas, políticas, sociais, ecológicas e culturais;

Que as crises catalisadas por essas tendências e padrões estão sistemicamente interconectadas e constituem o efeito cumulativo de modos de pensar cronicamente disfuncionais, valores ultrapassados e crenças obsoletas que têm dominado a vida humana durante as várias gerações passadas;

Que a sabedoria coletiva da humanidade ao longo das eras deixa claro que o tipo de mundo em que nós vivemos é uma consequência direta de nossa mentalidade e, desse modo, que para realmente mudar o nosso mundo nós precisamos transformar a mentalidade dominante da civilização atual;

Que, em conformidade com isso, as diversas crises que nós agora enfrentamos são, em seu cerne, uma crise de consciência e, desse modo, a maneira mais poderosa e eficiente de transformar a civilização ainda dominante consiste em abordar e corrigir suas causas raízes, criando uma transformação oportuna das mentalidades e padrões de consciência que a produzem;

Que, além disso, as forças criativas da sabedoria e da visão humanas também estiveram presentes na vida das pessoas ao longo do planeta e têm sido o motor fundamental de importantes avanços no desenvolvimento da condição humana, em particular no avanço dos valores éticos, da espiritualidade e das inovações políticas, sociais, econômicas, científicas, artísticas, tecnológicas, educacionais e outras, que servem ao aperfeiçoamento da humanidade;

E que, em consequência, as forças criativas de evolução da *consciência* ao longo de todo o nosso desenvolvimento social e cultural exerceram um efeito cumulativo, contrapondo-se às mentalidades e formas destrutivas de consciência que nos levaram ao atual ponto crítico, e levaram a humanidade ao limiar de um grande despertar planetário;

Que, finalmente, à luz da compreensão de que nada menos do que as forças transformadoras positivas em nossa cultura podem lutar contra a maré das tendências e dos padrões destrutivos da civilização dominante e chegar às causas raízes das crises econômicas, sociais e ecológicas que agora ameaçam o bem-estar, a prosperidade e a sobrevivência dos seres humanos –

QUE ISSO SEJA SOLUCIONADO

Que nós, daqui para a frente, consideremos como nossa mais alta prioridade fazer tudo o que estiver em nosso poder para ativar e desencadear a iminente, e rapidamente emergente, consciência evoluída na vida das pessoas em uma escala planetária, de modo a facilitar e acelerar o florescimento de uma forma superior de civilização que incorpore a sabedoria global da humanidade, a fim de que as gerações que vivem atualmente possam gerar um mundo no qual toda a família humana possa florescer em harmonia com toda a natureza neste precioso planeta;

Que, para isso, nós devemos concentrar nossos esforços na construção de redes poderosas e sustentáveis e de parcerias cocriativas, procurando ativar e atrair, reunindo numa causa comum, a enorme e crescente diversidade de iniciativas que operam atualmente ao redor do planeta para produzir uma civilização recém-desperta pacífica e sustentável;

Que as resoluções acima se destinam a focalizar nossa atenção no empenho de fazer surgir uma massa crítica de cidadãos globais despertos, que construam uma comunidade global de pessoas investidas de poder, que aproveite o enorme potencial de nossos jovens, das mulheres e das pessoas de todas as idades que reconheçam a crise global sem precedentes e a oportunidade com que agora nos defrontamos, e que estejam prontos, graças à sua consciência desperta e revigorada, para assumir responsabilidade pessoal pelo seu próprio pensamento, por seus próprios valores e por sua mentalidade, fazendo escolhas cuidadosas ao confrontar e transformar as tendências não sustentáveis atualmente ameaçadoras originadas de formas de pensamento, valores e consciência obsoletos;

E, como uma urgência maior, utilizar as mídias, o poder da Internet e as multimídias digitais, bem como todas as formas de comunicação apropriadas, para construir uma rede global de solidariedade a fim de cocriar uma massa crítica de cidadãos despertos e ativar a energia criativa

ressonante da consciência de massa que é essencial para superar a inércia da complacência, do medo e do pessimismo paralisantes e desviar o curso da humanidade para uma nova civilização planetária como uma realidade concreta, viva;

Com esse objetivo em mente, hoje, em Tóquio, quando lançamos uma parceria com organizações animadas por propósitos semelhantes, com a meta de criar uma nova civilização planetária, resolvemos focalizar nossas energias no desenvolvimento da Sabedoria-em-Ação: um plano de ação estratégico tangível e abrangente, para ajudar a inflamar uma massa crítica emergente de cidadãos globais despertos.

Referências e leituras complementares

- Artigiani, Robert. "From Epistemology to Cosmology: Post-Modern Science and the Search for New Cultural Cognitive Maps", in Ervin Laszlo, Robert Artigiani, Allan Combs e Vilmos Csanyi. *Changing Visions: Human Cognitive Maps Past, Present, and Future*. Westport, CT: Praeger, 1996.
- Enslin, Daniel J. *Spiritual Healing: Scientific Validation of a Healing Revolution [Healing Research, Vol. 1]*. Southfield, MI: Vision Publications, 2001.
- "Survey of spiritual healing research." *Contemporary Medical Research* 4:9 (1990).
- Armstrong, David. *Wholeness and the Implicate Order*. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1980.
- Beck, W. e M. Schlitz. "Psychokinetic influence on electrodermal activity." *Journal of Parapsychology* 47 (1983).
- Chen, E., R. Schuster, M. Heiblum, D. Mahalu e V Umansky. "Dephasing in electron interference by a 'which-path' detector." *Nature* 391 (26 de fevereiro de 1998).
- Delella, Gerald. "Global simplicity." *Trends Journal* 6:1 (inverno de 1997).
- Day, Jason. *World Agriculture and the Environment*. Washington, DC: Island Press, 2004.
- Dick, Francis. *The Astonishing Hypothesis: The Scientific Search for the Soul*. Nova York: Scribner, 1994.
- Feynman, Paul. *God and the New Physics*. Nova York: Simon & Schuster, 1983.
- The Mind of God*. Nova York: Simon & Schuster, 1992.
- John Gribbin. *The Mather Myth*. Nova York: Simon & Schuster, 1992.
- Ossey, Larry. *Recovering the Soul: A Scientific and Spiritual Search*. Nova York: Bantam, 1989.
- Healing Words: The Power of Prayer and the Practice of Medicine*. San Francisco, CA: HarperSanFrancisco, 1993.
- Peres, S., T. Nonn e G. Rempe. "Origin of quantum-mechanical complementarity probed by a 'which-way' experiment in an atom interferometer." *Nature* 395 (3 de setembro de 1998).
- Wojcik, Duane. *Awakening Earth: Exploring the Evolution of Human Culture and Consciousness*. Nova York: Morrow, 1993.

Global Consciousness Change: Indicators of an Emerging Paradigm. San Anselmo, CA: Millenium Project, 1997.

Bin, A. P. (Adolphus Peter). *The Australian Aborigines*. Sydney: Angus & Robertson, 1942.

Fund for Global Awakening. *In Our Own Words 2000 Research Program*. Point Reyes Station, CA: Fund for Global Awakening, 2001.

Card d'Estaing, Olivier. *Enterprise Ethique*. Paris: Le Cercle d'Ethique des Affaires, 1998.

Odwin, Brian. "Development and evolution." *Journal of Theoretical Biology* 97 (1982).

Organisms and minds as organic forms." *Leonardo* 22:1 (1989).

re, Al. *Earth in the Balance: Ecology and the Human Spirit*. Boston: Houghton Mifflin, 1992.

inberg-Zylverbaum, Jacobo, M. Delaflor, M. E. Sanchez-Arellano, M. A. Guevara e M. Perez. "Human communication and the electrophysiological activity of the brain." *Subtle Energies* 3:3 (1993).

of, Stanislav. *The Adventure of Self-Discovery*. Albany: State University of New York Press, 1988.

The Cosmic Game. Albany: State University of New York Press, 1998.

Hal Zina Bennett. *The Holotropic Mind*. San Francisco, CA: HarperSan-Francisco, 1992.

nsen, G. M., M. Schlitz e C. Tart. "Summary of Remote Viewing Research." In Russell Targ e K. Harary. *The Mind Race*. Nova York: Villard, 1984.

roche, Serge. "Entanglement, decoherence and the quantum/classic boundary." *Physics Today* (julho de 1998).

alth of the Planet: A Survey. International Environment Monitor Ltd. (IEMML). Ottawa, 1997.

, Mae-Wan. *The Rainbow and the Worm: The Physics of Organisms*. River Edge, NJ: World Scientific, 1993.

The Physics of Organisms and the Naturalistic Ethics of Wholeness." In David Lorimer, Chris Clarke, John Cosh, Max Payne e Alan Mayne (orgs.). *Wider Horizons: Explorations in Science and Human Experience*. Gibliston Mill, Escocia: Scientific and Medical Network, 1999.

norton, C., R. Berger, M. Varvoglis, M. Quant, P. Derr, E. Schechter e D. Ferrari. "Psi-communication in the Ganzfeld: Experiments with an automated testing system and a comparison with a meta-analysis of earlier

studies.” *Journal of Parapsychology* 54 (1990).

yle, Fred. *The Intelligent Universe*. Nova York: Holt, Rinehart, and Winston, 1984.

man Development Report 1996. United Nations Development Programme. Mah- bub ul Haq e Richard Jolly, coordenadores principais. Nova York: Oxford University Press, 1996.

szlo, Ervin. *The Creative Cosmos*. Edimburgo: Floris Books, 1993.

he Choice: *Evolution or Extinction?* Nova York: Tarcher/Putnam, 1994.

he Interconnected Universe. River Edge, NJ: World Scientific, 1995.

volution: *The General Theory*. Cresskill, NJ: Hampton Press, 1996.

he Systems View of the World. Cresskill, NJ: Hampton Press, 1996.

he Whispering Pond. Rockport, MA: Element Books, 1996.

he Connectivity Hypothesis: *Foundations of an Integral Science of Quantum, Cosmos, Life, and Consciousness*. Albany: State University of New York Press, 2001.

science and the Akashic Field: *An Integral Theory of Eveyiything*. Rochester, VT: Inner Traditions, 2004. [A *Ciência e o Campo Akáshico: Uma Teoria Integral de Tudo*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 2008.]

Science and the Reenchantment of the Cosmos. Rochester, VT: Inner Traditions, 2006.

tanislav Grof e Peter Russell. *The Consciousness Revolution: A Transatlantic Dialogue*. Boston: Element Books, 1999.

hristopher Laszlo. *The Insight Edge: An Introduction to the Theory and Practice of Evolutionary Management*. Westport, CT: Quorum, 1997.

velock, James. *The Revenge of Gaia*. Londres: Penguin, 2006.

ye, David (org.). *The Evolutionary Outrider: The Impact of the Human Agent on Evolution. Essays Honoring Erwin Laszlo*. Westport, CT: Praeger, 1998.

ntecuccio, Nitamo. “Ricerche Olistiche.” *Cyber* (Milão), novembro de 1992.

vers, David G. “The Social Psychology of Sustainability” in Ervin Laszlo e Peter Seidel, orgs., *Global Survived: The Challenge and Its Implications for Thinking and Acting*. Nova York: Select Books, 2006.

lson, John E. *Healing the Split*. Albany: State University of New York Press, 1994.

therton, Morris e Nancy Shiffrin. *Past Lives Therapy*. Nova York: Morrow, 1978.

rose, Roger. *The Emperor's New Mind*. Nova York: Oxford University Press, 1989.

singer, M. A. e S. Krippner. "Dream ESP experiments and geomagnetic activity " *Journal of the American Society for Psychical Research* 83 (1989).

thoff, Harold A. "Source of vacuum electromagnetic zero-point energy." *Physical Review A*, 40:9 (1989).

russell Targ. "A perceptual channel for information transfer over kilometer distances: Historical perspective and recent research." *Proceedings of the IEEE* 64 (1976).

y, Paul H. "American lives." *Noetics Sciences Review* (primavera de 1996).

herry Ruth Anderson. *The Cultural Creatives: Plow 50 Million People Are Changing the World*. Nova York: Harmony, 2000.

yner, J. H., George Laurence e Carl Upton, revisto por Keith Suter, com prefácio de Ervin Laszlo. *Psionic Medicine*. Saffron Walden, Essex, RU: C. W. Daniel, 2001.

ssell, Peter. *The Global Brain Awakens: Our Next Evolutionary Leap*. Palo Alto, CA: Global Brain, 1995.

chs, Jeffrey. *The End of the Poverty*. Nova York: Penguin, 2005.

effer, Marten, Steve Carpenter, Jonathan A. Foley, Carl Follce e Brian Walker. "Catastrophic shifts in ecosystems." *Nature* 413 (11 de outubro de 2001).

g, Russell e Keith Harary. *The Mind Race*. Nova York: Villard, 1985.

Harold A. Puthoff. "Information transfer under conditions of sensory shieldind." *Nature* 251 (1974).

nas, Richard. *The Passion of the Western Mind*. Nova York: Ballantine, 1993.

t, Charles T. *States of Consciousness*. Nova York: Dutton, 1975.

ylor, Angus. *Magpies, Monkeys, and Morals: What Philosophers Say about Animal Liberation*. Orchard Park, NY: Broadview Press, 1999.

oreau, Henry David. "Life without principle." Disponível na Internet em: [http:// www.transcendentalists.com/life_without_principle.htm/](http://www.transcendentalists.com/life_without_principle.htm/)

vards a Global Ethic, Chicago: Council for a Parliament of the World's Religions, 1993.

man, M. e S. Krippner. *Dream Studies and Telepathy: An Experimental Approach*. Nova York: Parapsychology Foundation, 1970.

Universal Declaration of Human Responsibilities. The InterAction Council, 1² de setembro de 1997. <http://www.interactioncouncil.org/>.

Wackernagel, M. e J. D. Yount. "The ecological footprint: An indicator of progress toward regional sustainability." *Environmental Monitoring and Assessment* 51 (1998).

Ellsberg, T. Walter e Alastair M. Taylor, *Civilization Past and Present*. Chicago: Scott Foresman and Co., 1956.

World Wildlife Fund. *Living Planet Report*. Gland: WWF International, New Economics Foundation, and World Conservation Monitoring Centre Gland, 1998.